

seara vermelha

JORGE AMADO



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Projeto Democratização da Leitura

www.portaldetonando.com.br

JORGE AMADO

SEARA VERMELHA

Digitalizacao: Argonauta, o "**cao-chupando-manga**"

www.portaldetonando.com.br/forumnovo/

Para Ze

Para Luis Carlos Prestes, amigo dos camponeses

Para Tourinho e Gildete, Ivan e Elisabeth

e para Joao Amazonas

"Cai, orvalho de sangue do escravo

Cai, orvalho na face do algoz

Cresce, cresce, seara vermelha

Cresce, cresce, vinganca feroz..."

(Castro Alves)

"... esta no latifundio, na ma distribuicao da propriedade territorial, no monopolio da terra, a causa fundamental do atraso, da miseria e da ignorancia do nosso povo".

(Luis Carlos Prestes)

"A liberdade e o conhecimento da necessidade".

(Engels)

Prologo

**

A Seara

A Festa

1

O vento arrastou as nuvens, a chuva cessou e sob o céu novamente limpo crianças começaram a brincar. As aves de criação saíram dos seus refúgios e voltaram a ciscar no capim molhado. Um cheiro de terra, poderoso, invadia tudo, entrava pelas casas, subia pelo ar. Pingos de água brilhavam sobre as folhas verdes das árvores e dos mandiocais. E uma silenciosa tranquilidade se estendeu sobre a fazenda -- as árvores, os animais e os homens. Apenas as vozes alacres das crianças, pelos terreiros, cortavam a calma daquele momento:

"Chove, chuva choverando

Lava a rua do meu bem..."

Vestidas de trapos sujos, algumas nuas, barrigudas e magras,, as crianças brincavam de roda. Farrapos de nuvens perdiam-se no céu de um azul claro onde primeiras e leves sombras anunciavam o crepúsculo. Depois da chuva tudo parecia ter uma fisionomia mais alegre. Artur olhou as árvores que se estendiam por detrás da casa-grande, os galhos docemente agitados pela brisa, e sorriu imaginando que as árvores estavam satisfeitas após a chuva tão esperada. -- Tive medo esse ano... -- resmungou para si mesmo.

Mas a chuva viera bastante em tempo e as colheitas seriam fartas. Artur calculou a alegria que deveria reinar nas casas dos colonos e dos meeiros e foi então que decidiu ir a festa. Esperaria a chegada do rapaz que fora ao arraial, buscar a correspondência e levar umas encomendas e então daria um pulo na casa do Ataliba, beberia um trago de cachaca em honra da noiva, dancaria uma polca. Andou

para a frente da casa-grande onde sua mulher, Felícia, cuidava de uns canteiros de flores.

-- Vamos na festa de Ataliba...

-- Tu se decidiu?

Fez que sim com a cabeça, saiu devagar para os lados do armazem. Iria a festa, sim. Os homens estariam satisfeitos, o receio da seca, temor que se renovava a cada ano, estava agora afastado, talvez ainda voltasse a chover naquela mesma noite, apesar de que no céu limpo nem mais uma única nuvem restasse. Artur aspirou o cheiro que subia da terra, sorriu novamente. Talvez agora os homens o olhassem com melhores olhos. Quando recebera o convite para a festa na casa de Ataliba disse que ia. Casamento e festa não eram coisas muito comuns pela fazenda e quando se anunciava uma brincadeira em qualquer das casas não se falava noutro assunto nas rocas, durante dias, nas conversas do fim da tarde em casa dos trabalhadores, e para Artur sempre havia o problema de que todos queriam algum dinheiro, tinham sempre compras a fazer. Ele recebia os convites, prometia ir. Raramente ia, parecia-lhe que bastava com sua chegada para as festas perderem muito da alegria reinante, os homens não simpatizavam com ele. A esse pensamento Artur suspendeu os ombros num gesto característico. Não era culpa sua. Cumpria com sua obrigação, apertava os homens no trabalho, apertava os meeiros na hora das contas, pagava os preços estipulados, puxava pela fazenda e bem verdade, mas afinal não era para isso que ele era o capataz?

Qualquer outro que estivesse em seu lugar, como agiria? Gozava da confiança do dr. Aureliano, que se deixava ficar no Rio de Janeiro, vindo a fazenda uma vez na vida, e procurara provar ao patrão ser digno dessa confiança. Nunca a fazenda dera tanto lucro, nem mesmo no tempo do coronel Inácio que morava lá, tomando conta de tudo, decidindo as mínimas coisas. Os meeiros reclamavam, os trabalhadores olhavam-no com olhos cheios de ameaças, mas Artur

nao se preocupava, costumava dizer que "nao tinha medo de caretas".

No entanto certas coisas doiam-lhe e sabia que na fazenda moravam alguns que, com muito prazer, lhe fariam uma desfeita. Nao era segredo para ele que, as escondidas, diziam a seu respeito cobras e lagartos e que muitos homens bebiam em sua tencao. Aquilo nao o alegrava tampouco. Gostaria de se dar bem com trabalhadores e colonos, fora trabalhador ele mesmo no tempo do coronel Inacio, se sentiria satisfeito se os homens fossem seus camaradas, viessem, sem ser chamados, tirar um dedo de prosa na varanda da casa-grande, nao fechassem a cara quando ele entrasse nas festas. Por isso nao ia quase nunca a nenhuma daquelas raras festas, apesar de Felicia gostar de uma danca e ele mesmo, Artur, ser doido por uma conversa, amigo de virar um trago de cachaca.

Chegou ao armazem de grandes portas fechadas, onde estavam os mantimentos para vender a trabalhadores e meeiros. Num quarto aos fundos guardavam os arreios da tropa. Tirou uma chave do bolso, abriu a porta. Os homens nao tardariam a chegar do trabalho e como era dia de festa naturalmente haveriam de querer comprar alguma coisa. Pulou o balcao, o livro de assentamento estava em cima da mesa. Tomou maquinalmente dele e comecou a virar-lhe as folhas. A conta de Mario Gomes estava grande, nem com muito tempo de trabalho ele poderia pagar. Tinha que limitar o fornecimento. Mais um que lhe iria amarrar a cara, olha-lo de banda, cuspir depois dele passar. Que poderia fazer? Virou a folha do livro. Jeronimo comprava pouco, quase so o que vestir, tinha sua mandioca, seu milho, sua batatadoce. Homem de juizo. Tambem lavrava o melhor pedaco de terra da fazenda. Se Artur fosse o dono daquela terra, ela nao estaria em maos de colono. Mas vinha com Jeronimo desde o tempo do coronel Inacio e o dr. Aureliano, mais preocupado com o Rio que com a fazenda, deixara tudo como encontrara quando da morte do velho. Enfim, isso era com o doutor que era o dono, a Artur bastava a raiva que ja lhe dedicavam so por ele cumprir as ordens.

Espiou o ceu que escurecia:

-- Estao largando o trabalho...

Pulou novamente o balcao, atravessou a porta, sentou-se numa pedra que havia proximo ao armazem. Via de longe os meninos, seus filhos, brincando de roda em frente a casa-grande. Ali estavam tres, os dois maiores encontravam-se na cidade, no colegio. Seus filhos nao seriam ignorantes como os homens que ali viviam, como ele mesmo, Artur que apenas sabia ler e fazer as quatro operacoes. Que lhe importava o odio dos trabalhadores e dos colonos se podia educar seus filhos, manda-los para o colegio, fazer de um deles doutor, quem sabe?

Mario Gomes vinha andando, o machado na mao. Estava derrubando, junto com outros, um resto de mata da fazenda. Os meninos cantavam e suas vozes infantis chegavam ate Artur, penetravam-lhe no coracao.

Mario acocorou-se perto da pedra:

-- Boas tardes, seu Artur.

-- Boas tardes, Mario. Afinal choveu...

-- Deus seja louvado...

Mario Gomes queria comprar alguma coisa mas estava sem, jeito, bem se via. As vozes das criancas:

"Chove, chuva chuverando".

-- A festa vai ser boa, Mario?

-- Festao... -- riu.

-- Tou com vontade de ir...

-- Vosmece? Ataliba vai ficar contente... E o casamento da menina dele e, se vosmece for ir, ele vai engravidar de contente...

Podia nao ser verdade mas Artur ouvia as vozes dos filhos cantando, recordava os dois que estavam no colegio interno. Mario Gomes devia muito, mas nao era homem para fugir da fazenda e deixar a divida por pagar:

-- Tu quer comprar alguma coisa?

Mario olhou espantado:

-- Era so um feijao e um litro de cachaca...

Artur levantou-se, andou para o armazem. Mario o seguiu; ainda desconfiado:

-- Vai ser uma festa falada... Comecavam a cair as sombras do crepusculo.

2

Zefa resmungou as costumeiras palavras ininteligiveis e se dirigiu para os fundos da casa. O

crepusculo caia, demorado e triste, sobre os campos. O vulto do velho Jeronimo, tangendo a criacao para o pequeno curral, desenhava-se contra o horizonte e uma sombra longa ondulava sobre o capim rasteiro. A vaca parou seu tardo caminhar para arrancar umas folhas da plantacao de mandioca que ja começava a crescer. Jeronimo soltou entao seu grito de boiadeiro -- recordacao de um tempo distante quando conduzira grandes rebanhos para as feiras de gado -- inutil grito porque os jumentos, as cabras e os porcos, sete cabeças ao todo, iam pacificamente para o seu destino noturno. E, quanto a vaca, era tao velha e mansa que mais parecia uma pessoa da familia, de tal maneira se encontrava ligada aquelas existencias. Mas Zefa estremeceu com o grito, era como se lhe

recordasse uma obrigacao indeclinavel. Murmurou novas palavras, agitou-se, animaram-se seus olhos parados. A velha Jucundina, sem largar o menino, voltou toda a sua atencao para os movimentos de Zefa. Aquilo durava ha muitos anos, mas a velha nao se acostumara ainda de todo, esperava sempre uma surpresa, qualquer coisa como um estranho milagre, um fato assombroso. Nascera naquelas bandas, ali crescera, casara, tivera filhos e netos, conhecia cada palmo de terra, tinha as maos calosas do plantio e da colheita, vira as secas e os jaguncos, o assassinato na casa-grande que provocara tanto rebulico, mas nada se comparava com aquilo. Estava certa de que um espirito encostara no corpo de Zefa para cumprir ali sua sentenca de sofrimento, pagando os malfeitos do tempo de vivo, e essa era uma opiniao generalizada pela gente da fazenda, agregados e colonos. Quando chegava a hora das rezas, marcada pelo grito saudoso de Jeronimo tangendo a criacao, a velha Jucundina ficava sempre na expectativa, pois poderia acontecer de repente. O

que, ela mesma nao sabia. Talvez o espirito se fosse, seu tempo de sentenca tivesse terminado, e pudesse ele enfim retomar o caminho das regioes celestes onde nao havia nem fome, nem doencas, nem lagrimas. E Zefa, que, algum dia, num passado esquecido, fora uma bonita moca, cobicada pelos trabalhadores, de pernas grossas e cupidos olhos, talvez retornasse a razao e reconhecesse os seus parentes, seu irmao Jeronimo, sua cunhada Jucundina, seus sobrinhos e primos. Como iria acontecer, Jucundina nao sabia. Apenas esperava que o fato se desse, e a cada crepusculo, quando Zefa se agitava para o inicio das suas oracoes, a velha ficava a espreita, porque com certeza seria naquela hora solene do fim do dia, quando as sombras comecavam a cair criando um clima de misterio, quando as velas se acendiam, os ruidos se modificavam, e a cor do mundo era outra, que o milagre sucederia. Esperava ja sem susto e quase sem emocao. Mas esperava. Tanto podia ser hoje, como amanha ou no fim da semana, porem alguma vez seria e, quando acontecesse, a velha Jucundina ver-se-ia livre de um peso que estava de ha

muito sobre o seu coração.

Era um momento importante no dia trabalhoso da velha Jucundina, porque sempre sucedia que juntavam-se na sua memória, ao grito do velho Jeronimo, os fatos referentes a Zefa, a expectativa dos acontecimentos milagrosos que poderiam suceder, e a recordação dos três meninos que haviam partido. Eram já rapazes quando se foram, cada um por seu caminho, cada um para uma vida diversa. Menos Nenen, cujo nome era Juvencio, quase uma criança ainda quando fora assentar praça. Os outros dois já

eram homens feitos, mas para Jucundina continuavam sendo os "meninos" e neles pensava todos os dias naquela mesma hora do fim da tarde, talvez porque tivesse sido ao cair do crepúsculo que deram por falta de Nenen (so tempos depois viriam a saber que ele assentara praça na polícia militar) e até hoje a voz desencantada do velho Jeronimo ressoa aos ouvidos de Jucundina no amargo e único comentário do acontecido:

-- Num fica nenhum cum nois, veia... So nois e que vai morrer nessa terra, cumo os bichos e os pe de pau...

Apontava Agostinho, criança ainda:

-- Um dia vai esse também...

Os anos tinham passado e nenhum dos três rapazes voltara. Essa era outra secreta esperança da velha Jucundina. Ve-los regressar para que ajudassem Jeronimo no trabalho da terra. E, apesar de que haviam partido em datas diversas, cada um por sua vez, cada um por um caminho, cada um para um destino, imaginava -- eram poucos e pequenos quadros, formados no correr do tempo, que se sucediam inalteráveis na sua imaginação -- que regressariam juntos, juntos atravessariam a cancela e juntos lhe diriam a bênção. Onde se encontrariam nessa viagem de regresso, a velha não sabia e já refletira mesmo sobre o assunto algumas vezes. Mas não conseguira marcar um lugar que aos três servisse e desistira pois lhe

dava um cansaco na cabeça, e aumentava a tristeza, ja que assim tinha que pensar sobre o que poderia ser a vida atual de cada um dos meninos. Como marcar o umbuzeiro para o encontro se Jose nao tinha pouso nem caminho certo, podia vir por qualquer estrada, sempre como um fugitivo amedrontado? E Jao por onde chegaria, se a velha Jucundina nao sabia direito a cidade onde ele estava destacado? Ao demais ela nao queria pensar no presente dos rapazes, no que lhes estaria sucedendo naquele dia e naquela hora. Bom era ve-los chegando, no rastro de Jeronimo e dos animais, juntos os tres, os sacos de viagem cheios de coisas de outras terras, de coisas ate da cidade, e a voz, aspera mas calida, pedindo a bencao. A voz que ela ouvia, mistura das tres vozes, era a de Nenen, o menor dos tres, o mais querido tambem. E como tudo podia acontecer -- "Deus e grande" -- num mesmo dia, quem sabe se, quando os meninos chegassem de regresso, nao partisse para sempre o espirito que perturbava Zefa, que enchia sua boca de palavras diferentes e escabrosas, que tornava fixos e amedrontados os seus olhos, que derramava aquela tristeza pelo corpo antes alegre e robusto? Foi aos poucos, devagarinho, que a velha Jucundina juntou numa unica data os dois acontecimentos. Antes pensava num ou noutro separadamente. "Pode que hoje o espirito va embora, tenha cumprido sua pena." "Pode que hoje cheguem os meninos de volta, tenham cumprido seu destino." E os dias se passavam e os crepusculos sucediam-se, repetia-se monotono o grito melancolico de Jeronimo, Zefa rezava suas oracoes sem nexo e a porteira nao se abria ao passo dos fugitivos. E uma e outra esperanca foram-se fundindo, se misturando no passar do tempo, e agora tudo ia suceder num so dia, numa unica tarde, e entao -- pensava a velha Jucundina -- ela poderia morrer descansada. Porque tudo que desejava nesse mundo, onde se esta para sofrer, teria sucedido, e nao lhe restaria mais nada em que pensar, pois de ha muito aprendera que desejar a posse da terra que trabalhavam era um sonho impossivel e irrealizavel.

Tonho estava com treze anos e mal ouvira o grito de Jeronimo abandonara a companhia de Noca, a irmazinha de sete anos. Correria para o curral, ia ajudar o avo a tirar leite. Ficava segurando o bezerrinho pela corda para que ele nao se aproximasse demasiado das tetas da vaca. Depois chegaria a vez da cabra, Noca e Ernesto -- o menorzinho -- tomavam desse leite, Jucundina afirmava que nada melhor que leite de cabra para criar menino. Tonho gostava daquele trabalho, a vaca era a propria mansidao e por vezes ele a cavalgava, apesar dos ralhos do avo. Brincava tambem com o bezerrinho, imitava seus mugidos, bulia com o jumento, unica das criacoes que tinha nome, pois se chamava Jeremias e, ao ouvir chamar-se assim, logo vinha no seu passo demorado. Com a chuva, pocas de agua suja enchiam a estrada e Tonho pisava em cada uma delas, diversao melhor nao podia haver. Espiava para tras, Noca era uma tola que ficava na porta da casa em companhia da gata amarela, a Marisca. Nao sabia o bom que era o trabalho no curral, tirar leite, bulir com Jeremias.

Noca estava com medo. Segurava a gata contra o peito magro e sujo. Tonho lhe dissera que naquela noite, que era a da festa de Ataliba, eles iam ficar sozinhos em casa, os dois e mais o pequenininho, e que o bicho viria com certeza e comeria Noca.

-- Come tu tambem...

-- M'iscondo...

E saiu rindo pros lados do curral. Noca se aperta contra Marisca, sua gata, sua amiga, sua boneca, sua unica ternura na casa pobre. Seus olhos amedrontados fitam com amor a gatinha amarela e remelenta. Marisca mia ao aperto da menina e Noca conversa com ela:

-- Tu fica comigo... Se o bicho vier nois bota ele pra fora...

Junto de Marisca ela nao tem medo. Marisca e valente, da nas galinhas, rosna para o cachorro de tio Joao Pedro quando ele vem de visita, pula na cerca, ate ja cacou umas preas pelo campo. E um

dia Marisca matou uma cobra bem na frente da casa, cobra pequena mas venenosa e naquela noite Jucundina deu-lhe um pires de leite. Marisca é valente, junto dela Noca não tem medo, não se importa de ficar sozinha. Malvadeza dos outros, irem para a festa, deixarem ela e os irmãos, os três sozinhos, quando existe o bicho que pega meninos, que os leva ninguém sabe para onde. Noca se encolhe ante a recordação, aperta mais a gata contra o peito. Marisca, incomodada com a pressão das mãos da criança, estira-se, solta-se, pula para o chão. Mia longamente para as sombras do crepúsculo e fica logo atenta a voz de Zefa que chega da cozinha nas suas imprecisões. O dorso da gata se alteia como se ela visse um inimigo. Mas a pequena e suja mão de Noca a acaricia e ela se agacha para melhor receber o carinho, anda sob a mão da menina e rosna baixinho, docemente. Volta a saltar para o colo de Noca. A noite vem chegando trazida pelas sombras e Noca descobre subitamente no alto dos céus a figura do bicho. Seu corpinho raquitico treme sob o vestido de burgariana. E só em Marisca encontra consolo e coragem, alegria e ternura.

Nunca tivera uma boneca, nem mesmo uma dessas bruxas de pano que vendem na feira. Nunca tivera um brinquedo, nem mesmo um desses de madeira que os amadores fabricam. Nunca ouvira música nem assistira aos teatros de títeres, nada tivera além de Marisca. Resume para ela a boneca que viu na mão da filha de Artur, o automóvel de Flandres que tanto encantara a ela e a Tonho na casa-grande, resume o mundo inteiro, as personagens das histórias que por vezes Jucundina contava, nada mais ela tem além da sua gata.

Vai ficar sozinha essa noite com os irmãos pequenos, e Tonho disse que o bicho vira. Se Agostinho estivesse ali, Noca lhe perguntaria se era verdade. Agostinho tem uma garrucha, podia dar um tiro no bicho. Ele vem numa nuvem, bufando de raiva, ele come menino. A gata salta do colo de Noca atrás de um besouro que apareceu com o crepúsculo. A pata se agita no ar mas o besouro é mais rápido, engana Marisca. E mia zangada, o besouro está pousado na parede, fora do alcance do pulo da gata. Noca vai de mansinho, tapa o

besouro com a mao, derruba-o no terreiro, Marisca salta, Noca bate palmas com as maos, maos magras e sujas, boca suja tambem mas que riso mais doce!

4

A vida era dificil e ruim, metade da farinha, do milho e da batata era para a fazenda, alem do dia de trabalho gratuito, obrigatorio pelo contrato do meeiro. Mas, nem mesmo as crianas que morriam, as doencas que se sucediam, a falta eterna de dinheiro, nada disso era capaz de entristecer Ataliba. Nascera alegre, amigo de festas e brincadeiras, e assim estava envelhecendo. Mesmo nos anos mais dificeis, mesmo naquele ano da seca quando tudo esturricou e ele ficou endividado ate os cabelos, mesmo entao Ataliba festejara o Sao Joao, que era o dia do santo de sua mulher, Joana. Nenhuma festa porem se poderia comparar a esta de agora, do casamento de sua filha Teresa com Cosme, um trabalhador que era cego de um olho, motivo por que o conheciam como Cosme Doca. Pela cozinha as mulheres trabalham. Joana, a propria Teresa que tirou os sapatos, despiu o vestido novo com que foi ao arraial se casar, e veio ajudar no preparo do porco, das galinhas, do doce de mamao verde. Vieram mocas e mulheres de outras casas, Marta e Feliciano, Mundinha e Cacula, Dinah e Gertrudes. Vai um movimento pela cozinha, e quando as mulheres, passada a chuva e limpo o ceu, deram conta que a noite estava chegando, se alarmaram e redobraram o trabalho.

Ataliba corta lenha para o fogo. As mulheres conversam enquanto trabalham e ate ao colono chegam sua vozes. Ataliba esta feliz. Pouco importa que haja gasto nessa festa todas as economias do ano passado e que ficasse encravado no armazem. Trabalho nao lhe metia medo e nao ia deixar sua filha casar-se sem festejar o acontecimento e com uma festa que ficasse falada como a melhor da fazenda. Bastiao viria tocar e em todas aquelas propriedades em redor, nessa noite, nenhum homem, nenhuma mulher deixaria de vir arrastar os pes e comer seu pedaco de porco, beber seu copo de

cachaca a saude da noiva. Ataliba assovia enquanto corta a lenha. Apesar das clausulas drasticas do contrato de meeiro, ele tira sempre no fim do ano algum saldo. Comem do que a terra produz, planta seu feijao, seu aipim, sua batata-doce. Se o armazem da fazenda, onde compram o que vestir, nao roubasse tanto, ele ate poderia juntar algum dinheirinho para atender a uma doenca ou a um ano ruim...

Mario Gomes vem vindo pelo caminho. E cedo para a festa, pensa Ataliba. As mulheres ainda estao na cozinha trabalhando. Mas repara logo que Mario nao mudou sequer a roupa. Traz na mao uma garrafa e um saco, deve vir do armazem. Ataliba descansa o machado, fica esperando.

-- Bas tardes...

-- Nosso Senhor Jesus Cristo lhe de boa tarde...

Mario Gomes arria o saco onde conduz o feijao. Estende a garrafa de cachaca:

-- Trouxe pra festa de vosmece...

Ataliba agradece:

-- Leve sua cachaca, seu Mario. Obrigado a vance mas festa minha, eu faco e cum meu dinheiro...

-- Nao e pra vosmece se ofender...

-- Num tou ofendido, tou agradecendo a vance. Mas e que tenho essa quizilia, festa minha nao aceito ajuda... Sei que a tencao de vance e boa, mas leve sua cachaca e depois venha se adivirtir... Mario Gomes silencia um minuto, nao esta ofendido com a recusa, ele conhece bem Ataliba. Antes de partir para mudar a roupa, avisa:

-- Seu Artur vai vir...

Ataliba abre a boca numa admiracao:

-- Vai vir? Na festa?

-- Inho, sim. Ele mesmo me disse faz minutinho. As vez a gente se engana, faz mau juizo de um vivente... Eu nao ia com esse seu Artur... Tinha ele atravessado aqui... -- botava a mao na altura da garganta. -- Mas ele nao e homem ruim... Botou conversa comigo agora la no armazem... Nao e

homem ruim...

Ataliba ainda nao acreditava:

-- Vai vim?

-- Me disse... Nao e homem de orgulho...

Levantou o sacco onde levava o feijao, completou:

-- Cada qual sabe de seus pedacos... As vez o sujeito parece uma coisa e e outra... Cada um padece suas tristezas, as vez e isso que engana a gente... Num e homem ruim, num e... Mesmo antes do vulto de Mario Gomes desaparecer no crepusculo Ataliba gritava para as mulheres na cozinha:

-- Sabe da novidade? Seu Artur vai vim...

Agora eram elas que se admiravam:

-- Na festa?

-- Pois e...

E a voz de Joana, cansada e lenta:

-- Vamos trabaiar minha gente, ta tudo ainda atrasado...

Ataliba foi espiar a meia duzia de foguetes que comprara no arraial para soltar nessa noite. Que importa o dinheiro, comparado com a satisfacao que um homem pode ter?

5

Talvez em toda a fazenda fossem Zefa e a velha Jucundina as unicas pessoas que naquele crepusculo nao pensavam na festa da noite, em casa de Ataliba. O proprio Gregorio, que vinha curvado sob o peso do saco de milho, nao podia deixar de se recordar que era o dia da festa, pois tinha visto quando os noivos voltavam, junto com Ataliba, Joana e mais alguns, do povoado onde haviam ido se casar. Gregorio nao desejava ser visto e se escondeu na capoeira para deixa-los passar. Cosme, que era o noivo, cego de um olho, levava os sapatos na mao, naturalmente arrancara-os na estrada. Dava o braco a Teresa e riam os dois, felizes, enquanto atras ia um converseiro animado sobre a festa:

-- Bastiao e home de palavra. Diz que vinha, vem mesmo... -- era Ataliba que afirmava para um dos que iam com ele. Gregorio conhecia Bastiao, o tocador de harmonica mais afamado daquelas cinco leguas. Nao era a toda festa que ele vinha. Fazia-se de rogado, dava desculpas -- doenca, trabalho, cansaco -- mas festa sem ele perdia metade da animacao. Enquanto o grupo passava, Gregorio desejou que Bastiao estivesse presente. Alias em festa em casa de Ataliba ele ia sempre e tocava a noite toda. Gregorio desejava que Bastiao estivesse presente nao porque pretendesse ir a festa, nao iria. Mas gostava de Ataliba e sabia que o velho festeiro sofreria muito com a ausencia do tocador. Afinal era rara uma festa por aquelas bandas e quando havia uma nao se comentava outra coisa muitos dias antes e muitos dias depois.

O bando ia longe, Gregorio voltou a fazer o seu caminho, o saco as costas, furtando-se aos olhares, evitando passar pela estrada real. E ia pensando na festa, em Ataliba, em Cosme, em Teresa. Bonita cabrocha. Ele mesmo, Gregorio, andara de olho nela quando

chegara por ali e ela era ainda meninazinha, apenas botando os peitos mas ja de sorriso facil e interesseiro. Porem Gregorio tinha outros projetos, nao era tempo ainda de trazer mulher para casa. Era um caboclo forte e decidido, de rosto sombrio onde as grandes sobancelhas fechavam-se sobre olhos pequenos. Casar so quando tivesse terra sua, com escritura passada no cartorio, e era para consegui-la que trabalhava dia e noite, sem descanso. Enquanto Militao, que era seu socio no plantio da roca, gastava o saldo com as mulheres do arraial ou comprando presentes para a noiva, em cachaca ou em festas, Gregorio guardava seu dinheiro e naqueles cinco anos ja havia juntado algum. Comprar um pedaco de terra era tudo o que desejava.

Gregorio deu um jeito nas costas, soltou o saco de milho no terreiro em frente a casa de barro batido. Frangas se agitaram inquietas na goiabeira onde se haviam empoleirado. Gregorio espiou pela porta aberta da casa, Militao nao chegara ainda. Voltou-se entao para a estrada e assoviou. A resposta veio entre o mandiocal e ele distinguiu o vulto de Militao que vinha andando com a foice ao ombro. Sentou-se em cima do saco de milho e esperou. Havia no seu rosto fechado um quase sorriso como quem houvesse regressado triunfante de uma luta dificil.

Militao era um mulato alto e sorridente, andava descansado. Colocou a foice em pe, arrimada contra a parede da casa, acocorou-se ao lado de Gregorio e seu primeiro comentario foi sobre a festa:

-- Ta u'a animacao que nunca vi igual...

Gregorio nao respondeu e so entao Militao reparou no saco de milho. Admirou-se:

-- Arranjou, hein?

O sorriso abriu-se de todo no rosto de Gregorio. Ainda assim era um sorriso pequeno que logo desapareceu:

-- Nao disse... Oito mil-reis mais barato... Valeu a pena...

-- Ninguem viu?

-- Me enfiei pela capoeira, ate cortei os pes nos espinhos. Nao encontrei alma vivente... E

Leocadio nao vai piar que ele nao e besta...

Militao riu, boca sem dentes, escancarada:

-- Oito mil-reis... Valeu a pena... So que se Artur desconfiar e capaz ate...

-- Capaz de que?

-- De botar a gente pra fora...

As sombras do crepusculo caiam sobre os dois homens, Gregorio levantou-se de cima do saco de milho, aproximou-se de Militao. Frangas pularam da goiabeira, vieram beliscar o saco, Militao tangeu-as com um pe:

-- Sai, dianho...

Gregorio olhou o mandiocal que se estendia alem do terreiro, em derredor da casa:

-- Vou te dizer uma coisa, Militao -- agora nem um resto de sorriso em seu rosto novamente fechado e sombrio. -- Nem a policia me bota pra fora daqui...

Militao suspendeu os olhos, fitou o companheiro, viu a decisao estampada no seu rosto. Estendeu os bracos como se aquela decisao pouco importasse ante o fato indiscutivel:

-- E so ele querer... A terra e mesmo do doutor Aureliano...

Gregorio olhava o mandiocal vicejante, sobre o qual boiavam as sombras crepusculares:

-- Mas a mandioca e de nos dois... Quem derrubou a mata e rocou a capoeira? Isso aqui tava mesmo abandonado.

Tangeu as galinhas que teimavam junto ao saco de milho.

-- E em junho vai ta um milharal de da gosto...

Bateu com a mao sobre o saco de milho novamente, um sorriso cortou seu rosto fechado:

-- Se Artur desconfiasse ficava se mordendo de raiva...

Eram obrigados a comprar no armazem da fazenda. Fora Militao nas suas andancas em busca de festa quem descobrira que poderiam comprar milho para o plantio bem mais barato se o fizessem em maos de Leocadio. E quando contara a Gregorio logo este se decidiu:

-- Vou comprar na mao dele. Artur que se dane...

Gregorio nao era de muitas palavras mas poucos como ele para o trabalho. Chegara ali fazia cinco anos, antes fora tropeiro numa outra fazenda. Como aparecera sem parentes nem aderentes corriam diversas historias sobre seu passado, falavam em mortes, em homens assassinados a faca num barulho, mas era tudo vago e inconsistente. Militao tambem andava buscando trabalho, a seca o atirara para aquelas bandas, e os dois haviam conseguido o arrendamento daquela capoeira onde existia ainda um resto de mata, terreno considerado ruim pela maioria. Estava num dos extremos da fazenda, e o coronel Inacio, quando ainda era vivo, nunca plantara por ali. Gregorio entendia de terra e quando Artur lhe propos arrendar-lhe aquela capoeira, ele silenciou o protesto de Militao e aceitou de imediato. A principio trabalhavam quatro dias da semana para a fazenda, um de graca conforme mandava o contrato,

os outros tres para ter com que comprar a carne-seca, o feijao e a farinha. No resto da semana caiam de machado e foice na capoeira e na mata. Venderam lenha, plantaram mandioca, todos os anos renovavam o contrato. Agora nao havia em toda a fazenda plantacao mais bem cuidada e pela redondeza diziam de Gregorio que

"era um boi para o trabalho". Enquanto Militao ria e noivava a filha de Afonso, um trabalhador assalariado, Gregorio se jogava na roca sem descanso. Para ele nao existia nem festa nem dia de domingo. Nunca comprara um par de botinas, roupa nova nao possuia, ia ao arraial uma vez na vida, mulher-dama nao levava seu dinheiro. E aos que se admiravam de tanto trabalho, Militao explicava que Gregorio queria comprar aquele pedaco de terra, aquele ou outro qualquer onde pudesse dizer que estava em terra sua.

-- Ainda acaba fazendeiro... -- comentavam.

E novamente aquelas historias incompletas circulavam e aos poucos iam crescendo em detalhes, a fama de Gregorio aumentando, novas valentias e malvadezas incorporando-se as narracoes. O proprio Artur tinha-lhe um certo respeito e raramente discutia com ele, tratava-o nas palmas da mao e mais de uma vez lhe oferecera o lugar de ajudante de capataz.

Quando Militao fizera a descoberta do preco do milho, eles debateram longamente as vantagens e desvantagens da compra. Militao achava que nao valia a pena arriscar-se, era demasiado perigoso. Existiam leis na fazenda que nao estavam escritas mas que todos respeitavam religiosamente e uma delas era a que obrigava colonos e trabalhadores a comprar ali tudo o que necessitassem. Mas Gregorio estava disposto e aos poucos foi convencendo Militao. Naquela tarde, apos o almoco, partira pelos atalhos, evitando passar ante a casa-grande, esquivando-se dos encontros.

-- Vi o pessoal voltando do casamento...

-- Cosme?

-- Ele mais Teresa e o veio Ataliba. Mas eles nao me viram...

-- Vai ser um festao... Tu devia de ir...

Porem Gregorio ja pensava noutra coisa:

-- Em junho vai ta um milharal vistoso...

Militao levantou-se, arrastou o saco de milho para dentro de casa. Gregorio o acompanhou:

-- Nos precisa falar com Joao Pedro... Combinar pra nois fazer a farinha... A casa de farinha tinha sido levantada por Joao Pedro e todos os colonos a utilizavam, pagando em farinha ou em dinheiro o uso da prensa e do forno.

Militao concordou:

-- Hoje na festa eu falo com ele... Ele vai ta com a mulher.

Tres pedras num canto formavam o fogao. Numa lata empretecida pelo fogo havia um resto de cafe da manha. Gregorio enfiou um pedaco de carne-seca num espeto, acendeu o fogo. Pela porta entreaberta entrava a noite que cobria as plantacoes. As labaredas cresciam no fogao sobre os gravetos. Iluminavam os rostos dos homens. Os primeiros grilos saltavam la fora e a brisa que corria trouxe para dentro de casa um cheiro familiar de mato e terra. Militao falou:

-- Faz pirao so pra tu. Vou comer carne de porco na festa... Tu devia vir... Acendeu o fogo, uma luz vermelha se projetou sobre as paredes da casa:

-- Vou lavar os pes pra botar as botinas...

Andou para os fundos da casa. A voz de Gregorio o acompanhou:

-- Fala com Filinha pra ajudar na farinhada... -- Filinha era a noiva de Militao.

-- Ela e a irma. A gente pode falar tambem com Marta, de seu Jeronimo.

-- Gertrudes pode vir tambem...

Houve um silencio, depois Militao veio chegando la dos fundos, calcado de botinas:

-- Hoje vou me acabar de tanto dançar...

Parou diante de Gregorio que virava a carne no espeto:

-- Tu nao quer vim?

-- Num vou nao...

-- Tu precisa de vim... Vai ter cachaca a vontade e Bastiao vai tocar...

-- Num vou ir...

Os grilos invadiam o terreiro. A carne chiava nas brasas. Militao murmurava algo sobre a festa, ainda tentando convencer o companheiro a acompanha-lo. Gregorio tomou de uma lata, dirigiu-se para a porta. Ia buscar agua para fazer o pirao de farinha. Mas na porta parou, ficou espiando as plantacoes mal entrevistadas na noite que se completara. Voava um vaga-lume perto da goiabeira onde agora as galinhas estavam quietas. Militao ia dizendo qualquer coisa sobre a beleza que a festa prometia ser mas calou-se porque a voz de Gregorio atravessava o escuro da porta, ressoava dentro da casa, amedrontadora:

-- Botar a gente pra fora... Nao tem homem que me bota daqui pra fora, eu te digo, Militao... A brisa soprou, a luz do fifo era vacilante,

um cheiro de terra enchia a casa:

-- Nem que eu me desgrace e desgrace um comigo.

Os grilos multiplicavam-se na noite recém-chegada e na lonjura da caatinga uns sons de harmonica cortaram o silencio.

6

Os sons da harmonica silenciavam os grilos pelo atalho. No grupo -- varios homens, algumas mulheres -- tambem silenciaram as conversas, os comentarios, as risadas. Bastiao comecara a tocar. Era antiga e passada de moda a polca, aquele fim de mundo as coisas chegavam com muito atraso, as musicas tambem. Se o dr. Aureliano morasse na casa-grande talvez houvesse por la um radio de bateria mas o fazendeiro residia no Rio, onde se formara e tinha interesses comerciais. O coronel Inacio durante anos fizera projetos de comprar um mas ficara satisfeito com o velho gramofone de segunda mao que um sirio mascate lhe empurrara e que nao tardou a quebrar a mola. Enquanto esteve funcionando sinha Angela passava horas inteiras, quando nao estava mandando as negras na cozinha, dando corda na maquina e tocando os tres unicos discos nos quais Caruso cantava trechos de opera. Terminara pelos cantos da casa, coisa inutil, de dificil conserto. "Dinheiro jogado fora", concluia o coronel Inacio olhando a maquina agora apenas decorativa na sala de moveis pesados da casa-grande.

Alem do gramofone toda a musica resumia-se nas harmonicas, nos violes e nos cavaquinhos dos colonos e trabalhadores. Perto da fazenda morava Pedro da Restinga, cego violeiro afamado, cantador de desafios, e nos tempos do coronel Inacio ele costumava vir a casa-grande nos dias de festa, tirar trovas na viola, para deleite do velho fazendeiro. Mas todas essas coisas eram do passado, depois que Inacio e Angela morreram Pedro da Restinga teve suspensa sua conta no armazem -- conta que ele nao pagava nunca, especie de esmola que o coronel lhe dava. Tinha direito de comprar toda

semana feijao e farinha, uma garrafa de cachaca e um pedaco de carne-seca. Era anotado no livro mas todos ja sabiam que nao era para pagar, ele pagava era com suas trovas, seus versos na viola, suas rimas em ao, suas tiradas que faziam Inacio rir. Aureliano nada dissera sobre a conta de Pedro da Restinga e Artur -- que passou a habitar na casa-grande -- a cortou no primeiro sabado. Aquilo foi a causa inicial da antipatia que lhe votavam os trabalhadores e os colonos. No entanto Artur nao se sentia culpado, ate lembrava que poderia ter cobrado a divida que se tornara enorme no correr dos anos. Pedro da Restinga deixara de vir a fazenda e na feira do arraial -- onde brilhava com sua viola e sua cuia de esmolos -- cantara umas trovas onde dizia o que pensava sobre Aureliano e Artur:

"Esmola pro pobre cego

que perdeu seu de comer...

.....

"Seu Inacio era homem bom,

Don'Ana melhor nao ha.

Na viola eu busco um tom

Pra sua bondade louvar.

"O filho nao lhe puxou

A bondade sem igual.

Em doutor ja se formou

Mas aos pobres so faz mal...

"Ruim que nem Satanas

Homem de mau coracao,

E Artur, seu capataz

Incapaz de u'a boa acao

.....

"Esmola pra um pobre cego

que perdeu seu de comer..."

Ja Bastiao nao perdera seu pedaco de terra, aquele com que Inacio o presenteara em certa festa, contente de ter em sua fazenda um tocador de harmonica como ele. Quando do inventario, Aureliano demorara-se na fazenda e ao partir dera suas ordens. Artur lhe perguntara:

-- E Bastiao?

-- O que e que ha com Bastiao?

O negro estava perto, se aproximou:

-- Seu coronel me deu o pedaco de terra onde ta minha rocinha... -- e comecou a contar a historia.

Mas Aureliano que ainda estava sob a emocao da morte quase simultanea dos pais, o interrompeu:

-- Fica com tua terra, negro.

Bastiao teve vontade de pedir que ele botasse a coisa no papel. Ao velho Inacio nao sentira necessidade de fazer tal pedido. A palavra do coronel era uma so, nao voltava atras. Nao pediu, no entanto. Teve receio de ofender o doutor, deixou para outra vez. Vez que nunca chegou pois Aureliano deixara-se , ficar pelo Rio, era Artur quem fazia e desfazia na propriedade. Velha polca suficiente para alegrar os que iam no grupo, cercando Bastiao, ja no gozo da festa. Os pes do negro que levava o cavaquinho moviam-se na estrada

como se ele bailasse no ritmo daquela polca antiga. O sarara conduzia um violão, mas não tocavam, nem um nem outro, porque era mestre Bastião quem estava com a harmônica e seu nome era respeitado, tocador que se lhe comparasse não havia por ali. Sua carapinha começava a embranquecer, seus dedos já não eram tão ágeis no teclado como antigamente, mas continuava igual a sua resistência, tocando noites inteiras, quanto mais bebia melhor. Os sons da polca rolavam sobre os matos e sobre os grilos, as estrelas enchiam o céu de lua cheia. Havia uma beleza densa pelos campos mas os homens nem reparavam nela, seus pensamentos estavam na festa e andavam depressa. Mais depressa que todos ia o negro do cavaquinho, vontade de apertar, nas voltas da dança, o corpo de Marta batendo os pés no chão de barro. Ia mais rápido que todos no seu passo de baile que tornava leve e elegante seu corpo enorme, seus disformes pés. Voltaria Marta ao som da música de Bastião, seria uma noite gloriosa, cabrocha bonita como aquela Deus não pusera outra no mundo. E os sons rolavam e, levados pela brisa vespertina, eram ouvidos, como um insistente e alegre convite, nas casas todas da fazenda. No silêncio em torno vibrava a harmônica nas mãos sábias de Bastião, anunciando a festa do casamento de Cosme e Teresa.

Era noite de alegria na fazenda. Não havia homem ou mulher, solteiro, casado ou amigado, que não estivesse contente, que não se reparasse para palmilhar os caminhos da casa de Ataliba. So Gregório mastigava em silêncio sua carne-seca com pirão de água fria, pensando no milharal que ia plantar, enquanto Militão, de botinas rangedeiras, partia para a festa, o cabelo alisado a força de brilhantina de 500 reis a lata. Também Zefa, soturna em frente aos seus santos que uma lâmparina iluminava, tinha o pensamento distante da festa do casamento. Não eram festas que ela enxergava com seus olhos de medo, não eram acontecimentos felizes, não eram boas notícias as que ela tinha para dar. Via coisas terríveis, enxergava desgraças indescritíveis.

Mas eram os unicos, Zefa, Jucundina e Gregorio, que nao tinham o pensamento na festa e nao se preparavam para ela. Os demais ou ja tinham partido ou estavam trocando de roupa, lavando os pes, para ser mais facil calcar as botinas. So os tres nao ouviam os sons convidativos da harmonica que chegavam do atalho e enchiam a noite da fazenda. Porque ate os grilos silenciavam para escutar a musica daquela polca. Era Bastiao quem tocava e nenhum tocador como ele, ai nenhum!

7

Ai! nenhum tocador como ele em todas aquelas terras, nas fazendas que se sucediam por leguas e leguas no sertao do Nordeste! De dentro do quarto onde trocava de roupa, Felicia disse para Artur que, na mesa, esperava o jantar, atrasado com a decisao de ir a festa:

-- Nao ha quem toque como ele...

Outro que nao gostava dele, o negro Bastiao. Longamente conversara Artur com Mario Gomes. Fora como um desabafo. Que fizera ele, por exemplo, ao negro Bastiao? Nao lhe fizera mal nenhum, inclusive puxara com o doutor Aureliano o assunto das terras do tocador, ajudara a feliz solucao. Mas Bastiao era de dificil tratamento, cheio de orgulho, e so porque era dono do seu pedaco de terra -- dono so no nome, refletia Artur -- queria vender sua farinha no arraial, vender seu milho a outros fazendeiros, comprar fora do armazem da fazenda. Mais de uma vez Artur discutira com ele, mas que estava fazendo com isso, se nao cumprir sua obrigacao?

Quando Artur viera trabalhar na fazenda simples, alugado como os demais, ja Bastiao era velho por ali, ja sua fama de tocador corria de boca em boca. Desde rapazinho era bom na harmonica, fazia as delicias do coronel Inacio. Quando o velho tinha visitas em casa, quando pelas ferias chegavam os amigos de Aureliano que vinham

em sua companhia passar uns dias no campo, Bastiao, que por aquele tempo era homem feito, nao saia da casa-grande, espalhando com suas musicas a monotonia das noites sem que fazer. Era a diversao das mocas e rapazes da cidade que dancavam ao som das suas velhas melodias, rindo do antiquado das dancas, namorando, as mocas muito gentis com Bastiao, dando-lhe gorjetas e presentes.

Fora noutra festa de casamento que, o coronel Inacio dera a Bastiao o pedaco de terra que ele cultivava. Artur ainda nao chegara a fazenda quando o fato sucedera mas o conhecia em todos os seus detalhes, pois era narracao sempre repetida quando o nome do coronel vinha a discussao. Quando queriam provar que ele era um homem bom logo narravam o acontecido com Bastiao na festa do casamento de Julieta. Essa Julieta era filha de criacao do fazendeiro. Viera para a sua companhia aos nove anos, filha de um compadre seu que morrera de febre a vista do coronel. Antes de morrer pediu-lhe que cuidasse da filha. Foi assim que Inacio chegou a casa trazendo a crianca amedrontada. Aureliano ja

andava no colegio interno, na capital do Estado, e dona Angela, prodiga de carinhos, afeicoou-se a orfa e em vez de criada fez dela uma pessoa da familia. Para Inacio, a menina fora a filha que ele sempre desejara e nunca possuira. Estavam, ele e Angela, em idade de ter netos quando ela chegou e encheu a casa com o eco das suas risadas e travessuras. Aureliano so vinha pelas ferias e, logo depois de academico, tendo ido estudar no Rio, rareou as visitas a fazenda, escrevendo espacadas cartas aos pais. Quando, de dois em dois anos, aparecia, era por quinze dias, numa pressa de voltar que o fazia acumular pretextos quando o verdadeiro motivo era quase sempre um par de olhos feiticeiros e de pernas bem feitas. Assim foi Julieta quem encheu de juventude, quem espalhou um calor de afeto na velhice dos fazendeiros. A preocupacao de Inacio quando ela ficou mocinha foi casa-la bem. Temia que, com a sua morte, a moca regressasse a sua condicao de filha de trabalhador. Nao admitia que um colono ou um tropeiro olhasse para ela com olhos

cobicosos. Homem que o fizesse podia considerar-se despedido daquelas terras. E foi o proprio coronel quem lhe escolheu o noivo. Enoch possuia uma loja na cidade, bem sortida, e uma fraqueza no peito fizera-o hospede da fazenda durante um mes. Inacio conhecia o pai de Enoch desde crianca, ajudara mesmo o rapaz em certas dificuldades no inicio da sua vida comercial.

"Bom marido para Julieta", disse ele a dona Angela enquanto o rapaz engordava a custa de leite e do ar puro do sertao.

O casamento reuniu os fazendeiros proximos, gente da cidade, comerciantes amigos de Enoch. Veio tambem um deputado, politico que obtinha os votos com que Inacio contava. O dote de Julieta deu que falar pela sua largueza. E o vestido de noiva veio do Rio, presente de Aureliano, era uma beleza de vestido. Bastiao ainda se lembra e gosta de contar:

-- Ela parecia uma boneca...

Bastiao tocou ate quando raiou a manha e foi na satisfacao daquele dia, daquela festa inesquecivel, que o coronel Inacio, que bebia champanha com o deputado, lhe dera, de palavra, a terra que o negro trabalhava. Bastiao plantava aquela roca fazia uns quatro anos, antes trabalhara a soldo na fazenda. Sua mae fora escrava do pai do coronel e ele nascera na senzala e ali crescera. Conhecera o coronel ainda rapaz, moco bonito que derrubava as negras pelo mato e seduzia mulheres casadas na cidade, e, se bem nao houvesse tocado na festa do casamento de Inacio (era ainda meninote e mal se iniciava nos segredos da harmonica), tocara ja no batizado de Aureliano, outra festa de estrondo, com padre vindo da cidade, politicos na mesa de jantar, doutores e coroneis.

E desde entao, em festa da casa-grande ou em festa de pobre pela fazenda e pelas fazendas vizinhas, Bastiao era figura indispensavel. Quando o dono da festa fazia o convite nao esquecia de acrescentar:

-- Bastiao vai tocar...

No fim da noite, naquela festa do casamento de Julieta, o coronel, talvez um pouco tocado pela champanha, satisfeito com o casamento da moça e triste porque ela se ia embora, vaidoso da presença do deputado, chamara Bastiao quando a musica cessou e os pares pararam de valsar:

-- Negro, ja tou perto de morrer...

-- T'esconjuro... Deus guarde vosmece, meu patroa...

-- ... ja tou perto de morrer e antes de ir prestar contas a Deus quero te dar um presente...

-- Vosmece diz, coronel Inacinho...

-- Essa terra onde ta tua roca fica sendo tua. Nao e so de boca, nao. Um dia desses boto no papel...

Mas nunca botou, que nao houve occasiao, o coronel pouco viveu depois da festa. Tambem Bastiao jamais julgou necessario lembrar-lhe. Para ele bastava a palavra de Inacio. Se ele dissera que a terra era sua entao nao havia como discutir, o coronel nao tinha duas palavras. Somente na occasiao do inventario e

que ele pensou em pedir a Aureliano que lavrasse a escritura da terra. Mas nao quis ofende-lo e deixou as coisas como estavam. Nao pagava aforamento nem dava metade da sua producao para a fazenda. Apenas Artur exigia que ele vendesse produtos a casa e comprasse no armazem. Dai as turras, as zangas de Bastiao, os desaforos resmungados pelo negro, principalmente quando se excedia na cachaca.

-- Negro besta... dizia Artur.

Tinha certo orgulho, sem duvida, o negro Bastiao, tocador de harmonica. Mas era por ser dono do seu pedaco de terra. E so por isso que se faz de rogado quando o convidam para tocar numa festa

qualquer. Ele tem a sua terra, e pessoa importante, não paga aforamento nem trabalha um dia de graça para a fazenda como mandam os contratos dos colonos. Não é por ser o melhor tocador de harmonica de toda a zona que ele trata os outros um pouco por cima. Que isso de tocar bem é um dom que ele possui, nem ele mesmo sabe como é que seus dedos são tão ágeis e seu ouvido tão fino e sensível. Tocar é para ele como comer e beber, nunca cobrou um real numa festa, porque ele, o negro Bastião, tem sua terra que lhe dá o que comer. Terra que ele trabalha com sua mulher e seus filhos desde que o sol nasce até que chega a noite com grilos e vaga-lumes. À noite, sim, e para a harmonica, para música, polcas esquecidas: alegria da fazenda, porque, em dez leguas em redor, nenhum tocador como ele, aí nenhum!

8

"Desgracados... Desgracados...", Zefa repetia a palavra com ódio e espiava em torno, os olhos esbugalhados. Estavam enormes, e, à medida que as sombras caíam pesadas sobre a casa de barro, mudavam de expressão como se as emoções fossem ditadas e dirigidas pelas cambiantes do crepúsculo.

"Desgracados...", disse, mas agora com a voz cheia de pena, pois os sentimentos mais diversos sucediam-se rápido e inesperadamente, desde a incontida alegria até o medo mais pânico, e o espanto, o desejo e o ódio. Era o momento da revelação cruel e terrível, sua única realidade, a que devia transmitir aos homens incrédulos, a que devia espalhar pelo vasto mundo do sertão pois de outros mundos Zefa não tinha notícia.

Sabia vagamente da cidade, distante e pecadora, irremediavelmente condenada, para a qual nenhuma salvação era possível. Inútil seria estender até a cidade as palavras que trazia dentro do peito e que, na hora do entardecer, tentava levar ao conhecimento dos que a rodeavam para que assim a nova se espalhasse e os homens estivessem preparados para o momento augusto e inadiável. Ali,

ante os quadros dos santos, sozinha na sala, observada apenas pela cunhada, Zefa se prepara mais uma vez para proclamar o segredo que lhe foi transmitido. Não é a única assim nesse sertão de imensas fazendas e de fome. Outros homens e mulheres, espalhados pela vastidão da caatinga, tiveram a mesma tremenda revelação. E fazem o mesmo idêntico esforço de Zefa para convencer os que os rodeiam. Um dia todos se convencerão e os instrumentos de trabalho serão abandonados, as mãos largarão as foices e os machados, se elevarão para os céus, os joelhos dobrados sobre a terra, as cabeças inclinadas.

As sombras escorregam sobre as árvores, o pasto, a casa, a caatinga longínqua. E os sentimentos se precipitam no coração angustiado de Zefa. Tão alegre está ela agora, seus olhos derramados em doçura, os lábios quase sorrindo, como os de noivas em dia de bodas, as mãos apertadas uma na outra como se apertassem mãos bem-amadas, e de súbito fica terrível, transtornada, olhando com ódio, parecendo querer, a boca crispada, cuspir ou amaldiçoar, agitadas as mãos, o corpo tenso, em defensiva. E logo serão os dentes apertados, o terror nas pupilas dilatadas, o corpo jogado para trás, as mãos aparando algum invisível assassino. Para depois regressar, cansada como alguém que chega de interminável caminhada, ao doce olhar de carinho, ao apertado terno de mãos, enquanto sob o céu sertanejo as sombras variam arrastando a noite profunda. O mugido da vaca anunciou a sua entrada no curral. Despedia-se do campo, da liberdade ao sol. Para Zefa era um sinal. Aqueles ruídos que se repetiam quase inalteráveis a cada tarde tinham para ela um valor que escapava aos demais, não eram vozes de animais e homens -- o mugido da vaca, o grito de Jerônimo -- eram sinais divinos, avisos daquele mundo ao qual ela estava ligada desde que tivera a revelação.

Estendeu a cabeça a espera de que o mugido se repetisse. Ficou em expectativa, na ansia de acontecimentos que não sucederam. Começou então a mastigar palavras, arrancadas com dificuldade do seu íntimo, pronunciada cada uma delas aos pedaços, como se o

fizesse a medo. Olhava em torno a si para ver se não havia ninguém, pois as pessoas da casa e os demais moradores da fazenda costumavam rir do que ela dizia, não lhe davam importância, e aquilo a irritava ao extremo. Se bem lhe importasse pouco que estivessem perto ou longe, que ouvissem ou não. As suas palavras terminariam por ser respeitadas quisessem ou não, pois eram palavras de Deus as que ela repetia. Ficavam incredulos e distantes quando ela falava. Jeronimo e Jucundina, Marta e Agostinho, todos os demais também. Mas um dia haviam de se convencer e talvez então já fosse tarde, já não desse tempo para o arrependimento e para a salvação. Como ventos de tempestades esses pensamentos, em confusão, atravessam o coração de Zefa, mudam as expressões dos seus olhos e alteram a sua fisionomia.

Fora, em certo tempo, moça como as outras, apenas mais calada, mais para seu canto, curvada sobre os bilros da almofada de rendas quando para isso havia vagar, carregando latas de água, ajudando o irmão no trabalho do roçado de mandioca. A mudança começou depois da Santa Missão, quando o coronel Inácio fizera vir um padre capelão para rezar missa, casar e batizar, e pregar para todos os moradores da fazenda. Zefa ouviu os sermões com os olhos abertos, guardando cada palavra -- muitas não entendia --

compreendendo que os homens estavam em pecado e o castigo de Deus se aproximava. Não tardou e veio a morte de Claudionor, assassinado a faca por uma questão de terras, a vinte leguas dali, noutra fazenda. Quando a notícia chegou Zefa soltou um grito e seu corpo estremeceu no primeiro daqueles ataques que, a princípio, tanto impressionavam os parentes.

E desde então ficara assim lesa, como diziam na fazenda, andando de um lado para outro, ajudando quase nada nos trabalhos da casa e do campo, se transformando na hora do entardecer, cheia de presságios e agouros. Por vezes, nos domingos, os vizinhos chegavam para tomar uma pinga e contar uns casos e se demoravam pela cozinha, ouvindo algum tocador de violão ou de

harmonica, trocando impressões sobre parentes que haviam emigrado para São Paulo e dos quais tinham vagas e otimistas notícias. "Dizque Maneca Fulo enricou de fazer medo, cumpadre." "Dizque em pouco tempo..." "Isso e que e terra, cumpadre, pra um homem de trabalho..." Zefa escutava as conversas, mas era variável na sua atenção, retinha apenas pedacos soltos de frases e por vezes os repetia, porém eles tomavam na sua boca delirante nova significação, em vez de afirmações eram quase sarcasmos. E quando chegava a hora de recolher a criação espalhada no pasto ralo, os vizinhos sentiam-se invadidos de um indefinido respeito. Era como se Zefa não fosse aquela mesma figura de moca doente, que estava parada entre eles, ouvindo o que diziam, repetindo pedacos de conversas, rindo das coisas com seu riso demente. Naquela hora em que ela se levantava e marchava, erecta e decidida, para junto dos quadros dos santos (havia um São Jerônimo, um Senhor do Bonfim, e São Cosme e São Damião, esses dois numa só estampa), o medo atravessava por todos os presentes, alguns desejavam partir, a viola silenciava e as conversas morriam mesmo quando estavam falando dos parentes enriquecidos em S. Paulo. Acompanhavam cada olhar, cada gesto, cada palavra, cada terrível aviso da moca que, subitamente, era para eles o indecifrável mistério, era o sobrenatural. Riam depois alguns, buliam com a própria Zefa, havia quem gostasse de vê-la raivosa. Mas quando as murmurações que duravam o dia inteiro se transformavam nos gritos do fim da tarde, só o respeito e o medo marcavam a fisionomia dos ouvintes casuais. E os que a ouviam pela primeira vez, levavam dias e dias pensando naquela face onde tantos sentimentos se refletiam precipitadamente, e continuavam a ouvir pela noite as palavras pronunciadas por aquela boca que ora sorria com tanto amor, ora se abria em ódio para com todos os homens e mulheres, para com todo ser vivente, inclusive as crianças, inclusive os animais de criação, e as aves do céu, os bichos da terra, todos, sem exceção de nenhum.

"Desgracados... desgracados..." repetia Zefa e sua voz vinha cheia de pena e de ternura. Fitava alguém em sua frente. Seus olhos refletiam então o terror, fugia com o corpo, gritava de medo. E logo

era o odio, as mesmas palavras mas agora ditas como uma praga, "desgracados... desgracados..." Sabiam de antemao o que ela iria anunciar, pois a sua mensagem nao se modificava, era a mesma desde ha muitos anos, quotidianamente lembrada, mas como que ia ganhando forca a cada tarde, ia se tornando mais impressionante a cada repeticao. E os homens, passado o acesso, quando Zefa serenada se recolhia, apos as preces sem nexos, bebiam mais cachaca e voltavam as conversas com certo nervosismo. E havia sem duvida aqueles que, apesar dos risos e das gracolas, acreditavam que era a voz de Deus que falava pela boca de Zefa. Outros homens e mulheres repetiam, pelo sertao esfomeado, palavras semelhantes e alguns iam mesmo, arrimados em bordoes caminheiros, transmitindo de lugar em lugar aquelas mensagens. E quando alguem, chegado de viagem, dizia aos colonos da fazenda que um beato na caatinga anunciava para breve o fim do mundo, entao eles faziam o pelo-sinal e confirmavam que tambem ali havia certa moca, tomada de um espirito, que todas as tardes, invariavelmente, transmitia essa noticia e mandava que os homens se preparassem para o momento proximo. Foi assim que o nome de Zefa comecou a circular alem dos limites da fazenda, que era uma daquelas imensas fazendas do sertao, grandes como Estados, separada do resto do mundo como se em torno dela se elevassem muralhas. Alguns daqueles homens que ali trabalhavam jamais haviam saido dos limites da propriedade. Porem ja o nome de Zefa atravessava as cancelas e as cercas e nas outras fazendas e pelos caminhos e estradas se falava das suas profecias. O dr. Aureliano, que era o dono daquelas terras, certa vez que viera do Rio de Janeiro (quando de uma eleicao estadual), desejou ver Zefa e assistir a uma das suas manifestacoes. E como Zefa tivesse se recusado terminantemente a ir ate a casagrande, ele veio no fim da tarde, em companhia de um amigo que estava parando na fazenda, e ouvira os gritos terriveis e as alucinadas palavras. Depois falou em histeria, murmurou palavras cientificas. O

outro riu e comentou:

-- Tu de medico so tens o diploma, Aureliano. Para que esse palavreado? A mulher e louca e acabou-se...

O dr. Aureliano riu-se tambem, disse que ainda se lembrava das aulas, deu dez mil-reis a Jeronimo e voltou para a casa-grande. Demorou-se pouco na fazenda, sua vida era no Rio, para ele aquelas terras herdadas significavam pouco diante dos interesses maiores de dinheiro que o prendiam na capital do pais. No entanto foi Zefa com suas palavras ilogicas que salvou a fazenda do saque no dia em que o bando de Lucas Arvoredo aparecera por ali. Ja se dispunham os cangaceiros a levar o que houvesse nas casas dos colonos e trabalhadores, a saquear a casa-grande, quando Zefa comecou a anunciar o fim do mundo. Para ela o dia era chegado. Aqueles jaguncos armados, dando tiros para o ar, modificando tao totalmente o seu inalteravel quotidiano, deram-lhe a sensacao de que enfim chegara o momento em que os pecadores iam pagar a sua culpa. Atirou-se pela porta da casa, ante o espanto a velha Jucundina, e saudou os cangaceiros como enviados de Deus. Lucas Arvoredo, ao ve-la, gritou:

-- Que demonio e isso?

Mas logo silenciou e ordenou a seu homens que calassem a boca porque Zefa comecara a anunciar o fim do mundo, repetindo as tropegas palavras de cada crepusculo. Lucas Arvoredo fitou a moca mais parecida com um bicho, os cabelos ha anos sem pentear, onde andavam soltos os piolhos, as maos de grandes unhas, a boca profetica. Entao dobraram-se os joelhos do cangaceiro, fez o sinal-da-cruz, curvou a cabeça e os seus homens o imitaram em silencio. Bico Doce que ja apontara a repeticao para o peito de Zefa, baixou a arma e tambem ele ajoelhou-se. Zefa gritou sua mensagem, esperou qualquer coisa que nao aconteceu, voltou para casa, Lucas mandou restituir o dinheiro que ja havia arrebanhado, nao quis levar nada da fazenda. Tudo que aceitou foi um cafe com aipim em casa do velho Jeronimo. E partiu. Uma unica coisa ele levou. Foi Jose que naquela noite fugiu para se juntar ao bando de jaguncos. Durante certo

tempo Zefa ficou ainda mais atrapalhada, como se houvesse sido roubada, e levou alguns dias a voltar a regularidade de sua vida, a atender as variantes do crepusculo, a iniciar sua revelacao ao grito de boiadeiro de Jeronimo.

"Os homens ja pecou demais", gritou ela, "o mundo vai se acabar". Estende as maos e avisa:

-- O castigo de Deus ta perto, ninguem vai se salvar... E repete as palavras como um refrao:

-- Desgracados... Desgracados...

9

Felicia saiu do quarto ja pronta, as faces pintadas de papel vermelho, os cabelos esticados, o melhor vestido. Artur a olhou com carinho. Os meninos ja estavam deitados, apos o jantar o capataz e a esposa iriam para a festa. Foi entao que Artur lembrou-se do moleque que mandara ao correio, no arraial, buscar a correspondencia. O telegrama do dr. Aureliano chegara por um portador, avisava que a carta tratava de assunto importante. O telegrafista, que devia o lugar a protecao do doutor, enviara o telegrama com um recado. E na quarta-feira, dia de correio, Artur mandara o moleque ao arraial. Que noticia seria essa tao importante? Aureliano nao era homem de escrever muitas cartas. Artur enviava-lhe relatorios, na sua escrita atrapalhada, dizendo das coisas da fazenda. Ele respondia em bilhetes curtos, ordens sucintas. Nao ligava muito para a fazenda, fora feliz em outros negocios do Rio, soubera empregar o dinheiro herdado, acumulado nos bancos pelo coronel Inacio. O velho nao conhecia outro emprego de capital que terras e quando achara que sua fazenda atingira o tamanho desejado, comecara a deixar os lucros nos bancos para render. Aureliano empregara esse dinheiro logo que o encontrou a sua disposicao. E hoje bem mais importantes para ele eram seus negocios no Rio que a fazenda do sertao, distante e quase

esquecida. Felicia serve a janta pouco melhor que a dos trabalhadores. Aipim cozido, feijao, carne-seca, batatadoce, farinha de mandioca. Senta-se ao lado do marido, nao tem quase apetite, seu pensamento esta na festa e por isso nao compreende a principio a pergunta de Artur:

-- Que sera que ele quer?

-- Ataliba? E um vivente alegre, nunca vi gostar assim de uma festa... Artur esclarece:

-- Tou falando e do doutor Aureliano. A tal de carta muito importante... Felicia reflete, com o garfo suspenso no ar:

-- Isso e coisa que ele vem por ai com uma rencada de-amigos... -- suspira -- Trabalhadeira pra gente...

-- Sera?

Artur fica pensando mas Felicia quer falar e sobre a festa:

-- A gente devia levar um presente pra noiva...

-- Pra Teresa?

-- E. A gente nao pode ir de mao vazia...

-- So vendo uma coisa no armazem...

-- Que e que pode ser?

-- Um corte de chita?

-- Podia ser uma coisa miozinha...

-- Que? Aqui nao tem mesmo nada que preste...

-- Podia ser aquele espelho cum pente e escova...

-- So se for...

Artur se recorda do estojo. O coronel comprara a um arabe Para dar de presente a dona Angela mas ela nao chegara a usar. Ficara no armazem, estranha mercadoria entre a carne-seca, a chita, a burgariana, a cachaca e o feijao.

-- Ate que um dia isso houvera de ter serventia...

-- Ela vai ficar babosa...

Artur esta alegre. Essa ideia de dar o estojo a Teresa vale para ele como uma completa reconciliacao com os colonos. Nao sabe mesmo por que durante todo o fim da tarde e nesse comeco de noite aquela ideia o inquietou: os colonos nao gostavam dele. Ia a festa, daria o estojo a Teresa, beberia com os homens, dancaria com as mulheres. E talvez entao as suas relacoes nao continuassem tao tirantes, nao lhe voltassem mais o rosto, nao falassem mal dele pelas costas. Afinal que e que ele lhes fazia? Cumpria a sua obrigacao de capataz quando os apertava no trabalho, quando puxava para a fazenda na hora dos precos, quando discutia com os homens seus debitos e seus saldos. Mas nao lhes queria mal e gostaria de viver em boa harmonia com eles, ter amigos entre os colonos e trabalhadores, poder conversar a tarde na hora do armazem, fazer visitas.

Agora tudo marcharia melhor. Ele o sentia desde a conversa com Mario. Sua ida a festa, o presente que Felicia levaria seriam a marca definitiva de nova etapa nas suas relacoes com os colonos e trabalhadores. E isso o alegra. Diz para Felicia, como se respondesse a sua frase inicial:

-- E boa pessoa esse Ataliba. Festeiro mas trabalhador...

Felicia se espanta mais do ar do marido que mesmo das suas palavras:

-- Tu dizia que ele era um desperdicado...

-- Isso e coisa dele... Cada um e de um jeito... Ganha seu dinheiro, e dele, gasta la como entender... A gente nao tem nada com isso...

-- Nao tou dizendo nada... Era tu quem dizia...

La fora alguem grita:

-- Seu Artur! Seu Artur!

-- Quem e?

-- E Militao...

-- Que e que quer?

-- Nao vai a festa?

-- Vamos, sim.

-- Entonces nao demore que tao esperando vance pra soltar os foguetes... E na hora do senhor chegar...

Artur volta-se risonho para Felicia:

-- Ta vendo?

Grita para fora:

-- Vou ja, Militao. Tou so acabando de fazer uma boquinha....

-- Entonces ate logo...

Perde-se a voz na noite e Artur sorri. Vao espera-lo com foguetes, soltarao na hora que ele chegue. Talvez algumas vezes ele os tenha tratado mal, brutalmente, aos gritos. Talvez tenha mesmo feito contas atrapalhadas para pagar menos do valor das safras aos colonos, talvez tenha vendido mais caro do que o valor das mercadorias do armazem. Mas para isso era o capataz. Isso nao

deve importar nas suas relações com os homens. Vai tratá-los melhor de agora em diante, vai procurar agradar a cada um, fazer amigos...

Levantam-se da mesa.

-- Você lava os pratos quando a gente vier... -- diz Artur para Felícia que já se dirigia para a cozinha. Esta com pressa, os foguetes subirão aos ares quando ele chegar a casa de Ataliba. Boa pessoa, esse Ataliba...

-- Vou buscar o presente...

O moleque vem chegando, antes mesmo de dar boas noites vai se desculpando:

-- O correio chegou atrasado, o caminhão que encrencou no caminho...

Artur recebe a carta volumosa:

-- Felícia, traz o candeeiro...

A luz vermelha ilumina a carta dactilografada. Lá na última página está a assinatura do doutor Aureliano, primeira coisa que Artur foi espiar. Começa a ler, a boca pronunciando as palavras em surdina. E seus olhos vão se abrindo, sua face vai se alterando. Felícia se alarma:

-- Que foi, Artur? Alguma desgraça? Que sucedeu ao doutor?

A voz de Artur é pesada:

-- Vendeu a fazenda...

-- Vendeu?

-- E diz que e pra despachar todos os colonos. Liquidar as contas de todos, ate de Bastiao e mandar embora antes do novo dono chegar...

O mesmo pensamento, triste e sombrio, atravessa o coracao de Felicia:

-- E agora, meu Deus, como vai ser?

Artur guarda a carta:

-- Nem vale a pena levar o presente...

Os passos no caminho sao de Jeronimo com a mulher e a irma louca. Zefa vai resmungando suas profecias. Artur ouve o murmurio em frente a casa-grande. Felicia suspira:

-- Tao indo pra festa... E melhor eu nem ir...

-- E melhor mesmo... Deixa que eu vou so, dou a noticia...

A voz de Zefa corta o silencio. Ninguem entende direito o que ela vai dizendo mas Felicia sente um peso no coracao. Aquelas palavras sao pragas e as pragas de Zefa tem um terrivel poder. Artur se levanta:

-- Seja o que Deus quiser...

A voz de Zefa ressoa na estrada:

-- Desgracados... Desgracados...

10

A musica da harmonica e agora acompanhada pelo violao e pelo cavaquinho. Bastiao esta sentado, parece um rei no seu trono, um largo sorriso corta-lhe o rosto negro. Ali estao, na festa de Ataliba, no casamento de Teresa, todos os colonos da fazenda, todos os meeiros e trabalhadores. Esse e um dia de festa, acontecimento raro

na triste monotonia daquelas vidas. Falou-se nela durante muito tempo antes, muito tempo depois se falara ainda. São homens e mulheres que trabalham dia e noite, mourejam na enxada, cavoucam a terra, plantam e colhem, são semi-escravizados a fazenda, a qual têm que vender sua colheita e onde têm que comprar seus mantimentos, mas nessa noite não pensam em nada disso, em nenhuma tristeza, em nenhuma desgraça. Nem mesmo Jeronimo que vem entrando com Jucundina, trazendo Zefa que é louca, nem mesmo ele pensa na loucura da irmã nem nos filhos que partiram em rumo ignorado. Hoje só pensam e na festa, na alegria de dançar, de beber, de rir, de conversar, de ouvir o negro Bastião na harmônica.

Ataliba grita para Jeronimo:

-- Cumpadre, teja em sua casa.

Zefa senta-se no banco, seus olhos alucinados sorriem, sua face está quase tranquila ao som da música. Ataliba quer saber:

-- Cumpadre, tu que veio das bandas da casa-grande não sabe se seu Artur já saiu?

-- Parece que tá vindo. Quando travessei vi movimento de gente se preparando... Dançam na sala. Os pés desacostumados das botinas ainda assim não param nos passos do baile. Cosme dança com Teresa, Militão com sua noiva, dança Marta e dança Agostinho, negros, brancos e mulatos. Ataliba serve cachaca, há com fartura, Deus seja louvado.

-- Um trago, cumpadre...

-- A saúde da noiva...

Joana larga o par para ir a cozinha dar uma espiada nas comidas. Está tudo pronto, no meio da noite os quitutes serão distribuídos. O melhor prato será para Artur que é capataz e vem à festa apesar

disso. Será que ele vai trazer um presente? É bem capaz, uns metros de fazenda ou um frasco de cheiro. A música enche a sala pequena, o suor escorre dos rostos dos homens, há um cheiro penetrante que vem das mulheres suadas, dos negros risonhos. Trocam-se ditos, risadas soltas, e mais que tudo alegam os homens os pés nos passos do baile, a harmônica, o violão, o cavaquinho. Ninguém pensa em tristezas, a noite é de festa.

Artur vem pela estrada. Vem devagar, como vai dizer aos colonos, dar-lhes a notícia? Vem armado, quem sabe o que pode acontecer? O que lhe dói são os foguetes. Vem de dentes trancados, como anunciar as novidades?

A festa vai num crescendo de animação. É a dança do peru, ruidosa e divertida. Todos os pares estão completos, menos um ao qual falta a mulher, o cavalheiro sem dama segurando um bordão. Quando a música para todos soltam suas damas, o do bordão toma de uma e é a correria em busca do par, ninguém quer ficar dançando com o bordão. E riem e bebem, cachaca correndo, a catinga aumentando, bôdum de mulato, a alegria crescendo. Ataliba sorri: festa assim, de tanta animação, nunca houve por ali. Só falta mesmo a chegada de Artur para soltarem os foguetes.

Alguém, de ouvido mais fino, ouve os passos na estrada:

-- Lá vem seu Artur...

Ataliba se precipita para a porta. Leva o fife, aproxima a chama, os foguetes sobem para o céu. Espoucam no alto, todos vieram para ver, a música silenciou mas não a alegria. Artur olha para o céu, sobem os foguetes, e em sua homenagem. Como transmitir as notícias que traz? A voz de Ataliba gritando por ele:

-- Se aproxime, seu Artur...

Artur para na estrada, meu Deus, que fazer? Espoucam os foguetes, um grito de festa:

-- Viva seu Artur!

Meu Deus, que fazer?

LIVRO PRIMEIRO

OS CAMINHOS DA FOME

A caatinga

1

Agreste e inospita estende-se a caatinga. Os arbustos ralos elevam-se por leguas e leguas no sertão seco e bravo, como um deserto de espinhos. Cobras e lagartos arrastam-se por entre as pedras, sob o sol escaldante do meio-dia. São lagartos enormes, parecem sobrados do princípio do mundo, parados, sem expressão nos olhos fixos, como se fossem esculturas primitivas. São as cobras mais venenosas, a cascavel e o jararacucu, a jararaca e a coral. Silvam ao bulir dos galhos, ao saltar dos lagartos, ao calor do sol. Os espinhos se cruzam na caatinga, e o intransponível deserto, o coração inviolável do Nordeste, a seca, o espinho e o veneno, a carencia de tudo, do mais rudimentar caminho, de qualquer árvore de boa sombra e de sugosa fruta. Apenas as umburanas se levantam, de quando em quando, quebrando a monotonia dos arbustos com a sua presença amiga e acolhedora. No mais são as palmatorias, as favelas, os mandacarus, os columbis, as quixabas, os croas, os xiquexiques, as coroas-de-padre, em meio a cuja rispidez surge, como uma visão de toda beleza, a flor de uma orquidea. Um emaranhado de espinhos, impossível de transpor. Por leguas e leguas, através de todo o Nordeste, o deserto da caatinga. Impossível de varar, sem estradas, sem caminho, sem picadas, sem comida e sem água, sem sombra e sem regatos. A caatinga nordestina.

E através da caatinga, cortando-a de todos os lados, viaja uma inumerável multidão de camponeses. São homens jogados fora da terra pelo latifúndio e pela seca, expulsos de suas casas, sem trabalho nas fazendas, que descem em busca de São Paulo, Eldorado daquelas imaginações. Vem de todas as partes do Nordeste

na viagem de espantos, cortam a caatinga abrindo passo pelos espinhos, vencendo as cobras traicoeiras, vencendo a sede e a fome, os pes calcados nas alpargatas de couro, as maos rasgadas, os rostos feridos, os coracoes em desespero. Sao milhares e milhares se sucedendo sem parar. E uma viagem que ha muito comecou e ninguem sabe quando vai terminar porque todos os anos os colonos que perderam a terra, os trabalhadores explorados, as vitimas da seca e dos coroneis, juntam seus trapos, seus filhos e suas ultimas forcas e iniciam a jornada. E enquanto eles descem em busca de Juazeiro ou de Montes Claros, sobem os que voltam, desiludidos, de Sao Paulo, e e dificil, se nao impossivel, descobrir qual a maior miseria, se a dos que partem ou a dos que voltam. E a fome e a doenca, os cadaveres vao ficando pelo caminho, estrumando a terra da caatinga e mais vicosos nascem os mandacarus, maiores os espinhos para rasgar novas carnes dos sertanejos fugidos. Familias numerosas iniciam a viagem e quando atingem Pirapora a doenca e a fome as reduziu a menos de metade. Ouvem-se, nessas cidades que bordejam a caatinga, as mais incriveis historias, sabe-se das desgraças mais tremendas, aquelas que nenhum romance poderia conter sem parecer absurdo. E a viagem que jamais termina, recomecada sempre por homens que se assemelham aos que os precederam como a agua de um copo a agua de outro copo. Sao os mesmos rostos de indefinida cor, os pes gigantescos, de dedos abertos, sobrando das alpargatas, o cabelo ralo, o corpo magro e resistente. As mesmas mulheres sem beleza nas faces cansadas. Enchendo o deserto da caatinga com suas vidas desesperadas, com seus ais de dor, seu passo abrindo picadas que logo se fecham em espinhos.

Aqui, na caatinga, habitam os cangaceiros. Os soldados da vinganca, os donos do sertao. Nao tem paz nem descanso, nao tem quartel nem bivaques, nao tem lar nem transporte. Sua casa e seu quartel, sua cama e sua mesa, sao a caatinga para eles bem-amada. Os soldados da policia que os perseguem nao se atrevem a penetrar por entre os arbustos de espinhos, os pes de xiquexiques e croas. Ao lado das serpentes e dos lagartos, vivem os cangaceiros na

caatinga e também eles, por vezes, liquidam no tiro das suas repetições os sertanejos que descem e que sobem na contínua migração. E aqui surgem, no coração seco da caatinga, os beatos mais famosos, aqueles que arrastam multidão dramática no seu passo, enchendo o sertão de orações estranhas, de ritos supersticiosos, anunciando pela boca repleta de profecias o fim do mundo e do sofrimento dos camponeses. Na caatinga habitaram Lucas da Feira, Antonio Silvino, Corisco e Lampião, hoje habita Lucas Arvoredo com seus jaguncos. Na caatinga surgiram Antonio Conselheiro e o beato Lourenço. Do mais distante do deserto surge agora, com as mesmas alucinadas palavras de profecias, o beato Estevão.

Só os imigrantes são os mesmos, os nomes podem mudar, mas são idênticos rostos, a mesma fome, o mesmo fatalismo, a mesma decisão no caminhar. Atravessando a caatinga, sobre as pedras, os espinhos, as cobras, os lagartos, para frente, indo para São Paulo onde dizem que existe terra de graça e dinheiro farto, voltando de São Paulo onde não existe nem terra nem dinheiro.

La vão eles, são centenas, são milhares, na viagem de espantos. Durante meses atravessam a caatinga. Os cadáveres vão ficando pelos caminhos improvisados e nem mesmo eles modificam a paisagem desolada onde, ao sol causticante, dormem indiferentes lagartos. Água, só lá embaixo, onde termina a miséria da caatinga e começa a miséria do rio São Francisco.

2

Na madrugada úmida de orvalho a voz de Jerônimo comandou, rouca e cortada:

-- Vam'bora, gentes...

Estavam ele e seu irmão João Pedro, as duas famílias tinham se reunido para a viagem. Militão fora o único que viera se despedir.

Chegara de fifo na mao, a luz vermelha fazendo fosca a claridade matutina:

-- Nosso Sinho Jesus Cristo acompanhe a vosmece e a sua famia...

E deu noticias:

-- Bastiao seguiu ontem com a famia dele... Dizque se Gregorio nao atirasse quem atirava era ele...

-- Num tem noticia?

-- Nenhuma. Caiu no mato, quem e que pega ele?

Jucundina fez uma promessa:

-- Ja prometi duas velas a Nosso Senhor do Bonfim se ninguem pegar ele...

-- Tu nao vai memo? -- perguntou Jeronimo a Militao.

-- Num vou nao. Fico de trabaiador. O dinheirinho da terra vou guardar que e pro casamento... Militao fora o unico dos colonos a ficar na fazenda apos a entrega das terras. Gregorio atirara em Artur mas nao matara o capataz. A bala penetrara no ombro esquerdo, Artur ja estava de pe, e o tiro servira para liquidar o sentimentalismo com que ele recebera a noticia. O novo proprietario, ao saber da violencia de Gregorio, louvou-se de haver exigido a entrega da fazenda sem colonos. So veio tomar posse depois que o ultimo tinha partido e que novos trabalhadores lavravam toda a terra. Conservou Artur como capataz e so muitos anos depois veio a permitir novamente colonos e meeiros na fazenda. Gregorio sumira no mundo, apos atirar, e havia quem dissesse que se incorporara ao bando de Lucas Arvoredos. O crime se dera quando Artur voltara da festa de Ataliba, onde comunicara aos colonos as novas trazidas pela carta do doutor Aureliano. A festa se acabou em seguida, num rosario de lamentacoes. Bastiao afirmava que ia matar Artur

enquanto Joao Pedro contemporizava: -- Cachorro mandado nao tem culpa...

Ouviram o tiro, ninguem sabe como a noticia chegara aos ouvidos de Gregorio se ele nao havia saído de sua casa, nao viera a festa, nao estivera com Artur. Conheceram que tinha sido Gregorio porque ele desapareceu levando uma repeticao da fazenda. Nunca mais ouviram falar nele e dois dias depois eram chamados todos a casa-grande para o acerto de contas. Artur tinha o ombro enfaixado, viera um medico do arraial, retirara a bala, dissera que aquilo nao tinha maior importancia. A policia deu batidas no rastro do colono desaparecido, o rastro se perdia na caatinga.

Jeronimo vendeu o mandiocal, os pes de milho, a criacao. Desta so ficou o jumento que ia servir para a viagem. Pela casa Artur nao quis dar nada. Por nenhuma das casas dos colonos. E quando reclamaram ele contentou-se em dizer:

-- Levem as casas nas costas, se puder...

So deu mesmo algum dinheiro pela casa de farinha de Joao Pedro. Tambem esse devia muito a

fazenda e se nao fosse a casa de farinha nem poderia se retirar com a familia, teria que ficar trabalhando na enxada ate pagar. Foi o que sucedeu com Ataliba que estava em debito. Tomaram-lhe terras, casa, galinhas e porcos e ainda estava ele obrigado a trabalhar com mulher, filhos e genro, ate que pagasse os seiscentos mil-reis do seu debito.

Militao se despede:

-- Ate outra vez, seu Jeronimo...

O jumento ja esta pronto, carregado com o que eles levam. O menino pequeno vai no colo de Jucundina, os dois outros vao

andando. Agostinho leva um saco de mantimentos. Marta esta com o mesmo vestido novo com que fora a festa de Ataliba:

-- Ate quando Deus quiser...

A madrugada irrompe nos ceus, Jeronimo da voz de partida:

-- Vam'bora, minha gente...

Militao fica sozinho, olhando, suspenso o fifo da mao direita, acenando com a esquerda um adeus que ninguem responde. Os vultos somem-se na luz da manha ainda difusa. Militao apaga o candeeiro, a fumaca escura fica boiando no ar.

3

Noca aperta a gata contra o peito. Feriu o pe num espinho logo no comeco da viagem mas nao chorou nem se queixou, deseja que ninguem preste atencao a sua pequena pessoa. Basta com o que ja

sofreu, com as lagrimas que derramou nesta manha por causa de Marisca. Quando ja estavam prontos para partir, as trouxas arrumadas, os cacuas cheios nas cangalhas sobre Jeremias, Militao chegando para as despedidas, surgiu a discussao sobre Marisca. Foi Marta quem alertou os pais. Noca ia saindo silenciosamente, a gatinha sob o braco. Tapava-lhe a boca para ela nao miar. A vaca, a cabra, as galinhas tinham sido vendidas a Artur. A gata sobrara pela casa, em verdade ninguem pensara nela ate a hora da partida. Marta perguntou:

-- Tu ta querendo levar essa gata, Noca?

Antes mesmo que ela respondesse a velha Jucundina reclamou:

-- Solta essa gata, menina. Que diabo se vai fazer com uma gata nesses caminhos?

Tonho, agitado com a partida desde a noite da vespera, como se aquilo fosse para ele uma festa, comecou a saltar em frente da irma:

-- Solta a gata, deixa a gata, solta a gata...

As lagrimas encheram os olhos de Noca. Chegou a baixar a mao que segurava a gata no gesto de larga-la no chao. Mas revoltou-se e deixou escapar um grito, mais pungente nao podia haver:

-- Deixa eu levar ela...

-- Quer apanhar? Solta a gata, ja disse... -- Jucundina olhou Noca com olhos que anunciavam chineladas.

Mas Noca apertou a gata contra o peito e repetiu seu pedido numa voz de choro, misturada com as lagrimas.

-- Eu tomo conta dela, deixa eu levar ela...

Agostinho se meteu:

-- Deixa ela levar... O que e que tem?...

Noca engoliu um soluco, correu para junto do tio, sentindo-se protegida ao lado do rapaz. Porem a voz de Jucundina voltou a amedronta-la:

-- Que e que a gente vai fazer com esse trambolho?

Noca, com a mao livre, segurou nas calcas do tio:

-- Nao deixe vovo soltar ela...

-- Deixa a menina levar a gata, mae... nao tem mal...

-- Para que serve? -- perguntou Jucundina.

-- Quem havera de saber? Ate pra comer se a fome apertar no caminho e se acabar o mantimento... Noca apertou ainda mais Marisca contra o peito. Sentia-se num mundo de ameaças e de perigos. Seus olhos estavam esbugalhados de susto e as lagrimas nao paravam de correr. A discussao continuou e em breve todos tomavam parte nela enquanto Noca soluçava, sem, no entanto, soltar a gata que rosnava no seu colo, indiferente ao barulho em torno. Finalmente Jeronimo, com sua autoridade de chefe de familia decidiu a favor de Noca:

-- Deixe ela levar... Se der trabalho, a gente solta na estrada... Em que estrada?, pensa Noca, nesse fim do primeiro dia da viagem. A estrada verdadeira ficou para tras, agora e um atalho entre os matos que deve conduzi-los a fazenda Primavera onde planejaram dormir nessa noite. O pe cortado doi, a gata tenta saltar e ir correr pelos matos. Isso e o mais perigoso de tudo. Noca ja a soltou uma vez e teve muito trabalho para conseguir pega-la. Foi preciso que Agostinho a ajudasse e ainda assim tiveram que parar todos e Jucundina aproveitou para dizer:

-- Ta vendo... Pra que trazer a gata?... So serve pra atrapalhar... Mas como Noca comecasse novamente a chorar nao disse mais nada e ate largou a trouxa que trazia e tambem ela correu atras de Marisca cujos instintos cacadores despertavam ao contacto com a caatinga. Nao soltou mais a gata. Dava mais trabalho do que ela pensava. Tinha que prende-la contra o peito e Marisca arranhava, procurava fugir. Noca nao podia prestar atencao aos tocos e barrancos do caminho estreito, espinhento e dificil. Enquanto Tonho corria, se divertia puxando o cabresto de Jeremias, parando para ver os passarinhos, Noca cerrava a fila ao lado de Zefa que repetia suas incompreensiveis palavras e que parecia nao ver a crianca cujo pe ferido a obrigava a capengar levemente. Certa hora que Agostinho se aproximou, Noca perguntou-lhe com a voz tremente:

-- Ainda esta longe, tio?

Entao Agostinho tomou-a nos bracos, a ela e a gata, e Noca sorriu, do alto via os pes dos demais afundando na lama do caminho.

4

Os colonos despedidos da fazenda estavam espalhados pelas estradas de caatinga. Iam todos no rumo do sul, em busca do pais de Sao Paulo. Muitos outros haviam ido antes, os contratantes de trabalhadores apareciam pelas fazendas, contavam historias, diziam coisas de assombrar. Nao havia gente pobre naquela terra paulista, onde se plantava e colhia cafe. Cada trabalhador que chegava era fazendeiro em poucos anos, virava coronel, homem influente na politica. Assim diziam e sempre havia quem acreditasse apesar dos que voltavam mais pobres ainda do que quando haviam partido. Eram esses mesmos caminhos, essas trilhas abertas na caatinga, que Jeronimo e seu irmao Joao Pedro trilhavam agora com suas familias. Dinah, mulher de Joao Pedro, que era muito supersticiosa, contara as pessoas e os bichos da pobre comitiva: -- T'esconjuro... Treze vivente...

Ela, o marido e a filha, Gertrudes, de quinze para dezesseis anos, mulata bem escura, de nariz chato. Puxara a mae, era um touro no trabalho, apesar da pouca idade. Parecia mais um homem do que mesmo uma crianca. E a familia de Jeronimo. Ele, Jucundina, os dois filhos e os tres netos, os orfaos da filha mais velha. Faziam onze mas Dinah contava tambem Jeremias e Marisca.

Jeremias ia na frente, Jeronimo puxava do cabresto, as vezes entregava a Tonho. Ia carregado com dois cacuas, onde levavam quase tudo o que possuiam. O resto estava nas trouxas que mulheres e homens conduziam, a pouca roupa, a quase nenhuma comida. Jeremias marchava no seu passo tardo, sem pressa, arrancando de quando em vez uma folha, parando nas pocas maiores de agua para beber. Naquele primeiro dia eles fizeram cinco leguas compridas, que eram quantas os separavam da fazenda Primavera. Chegaram com a noite quando Jeremias comecava a

empacar pelo caminho. Noca ia atras de todos, quase nao se aguentava de cansada, a gata apertada contra o peito. Chegaram por detras do curral. Mal despontaram no terreiro da casa-grande, uma voz forte gritou:

-- Quem vem la...

-- E de boa paz... -- respondeu Jeronimo.

Um homem apareceu, trazia uma lanterna na mao. Vestia calcas de montar, calcava umas botas altas, revolver na cintura. Parou em frente a eles. Joao Pedro cumprimentou:

-- B'as-tarde...

-- Onde vem?...

Jeronimo adiantou-se:

-- Nos ta vindo da fazenda do doutor Aureliano...

-- Pra onde vao?...

-- No rumo de Sao Paulo...

-- Sao imigrantes?

-- Inho, sim.

O homem nao alterou a voz para dizer:

-- Nao podem pousar aqui... E proibido... Toquem pra frente... Noca ja estava sentada no chao, cocando o pe machucado enquanto Marisca miava ao lado.

-- Por essa noite so, meu senhor...

-- Nao pode... E ordem...

-- E pra onde a gente vai?

O homem encolheu os ombros. Ficou um instante parado, esperando. Vendo que os outros não partiam, disse:

-- Mais para diante. Tem um roçado, e da fazenda do seu Moura. Podem dormir lá, ele não se importa. Mas cuidado com o fogo pra não queimar o roçado...

-- Vamos minha gente...

Noca levantou-se num gemido:

-- Por que nós não fica aqui...

Jeronimo não respondeu. Puxava Jeremias que não queria andar. A noite dos viajantes cobria os caminhos da caatinga próxima.

5

Em meio a clareira elevava-se um oitizeiro e foi para lá que Jeronimo dirigiu os passos lerdos do jumento:

-- Anda, Jeremias... Anda, Jeremias... Vam'bora, bicho desgracado...

Mas não falava com raiva, ao contrário, havia certo acento carinhoso na sua voz. Jeronimo ouvia os gemidos abafados de Noca, não compreendia por que a criança não gemia em voz alta, não ligava aquela sua atitude ao incidente em torno a gata. Agostinho andara um longo pedaço de estrada com a menina as costas, Dinah também a carregara durante algum tempo e Jeronimo a pusera nas cangalhas sobre o jumento nos trechos mais difíceis do caminho. Agora ouvia os seus gemidos abafados, e sentia raiva do homem que não os deixara pousar na fazenda Primavera, obrigando-os a andar mais meia legua, meia legua das grandes, de quatro quilômetros pelo menos. Igual a Artur, aquele outro capataz. Pensando em Artur, pensou em Gregorio fugido nos matos, talvez no

bando de Lucas Arvoredo. Talvez naquela noite conversando com Jose, o segundo dos seus filhos que havia partido e que, segundo todos diziam, era cangaceiro de Lucas Arvoredo. Fugira de casa no dia em que o bando atacou a fazenda e nunca mais voltaram a ter noticias concretas sobre ele. Um nome novo, porem, surgiu no bando de Lucas, a policia falava de um jagunco apelidado de Ze Trevoada, de pontaria certa e coragem a toda prova. Conhecidos diziam que Ze Trevoada era o mesmo Jose, filho de Jeronimo e Jucundina. Bem que podia ser, Jose

sempre fora esquisito, arredio, gostando de se afundar nos matos para cacar, falando em ir embora. Bateu com as maos nas ancas do jumento para anima-lo. Jeremias manteve o mesmo passo vagaroso, ainda assim estavam distanciados dos demais, os gemidos de Noca haviam desaparecido. A noite caira completamente e Jeronimo pouco enxergava da picada recente. Gravetos e espinhos furavam-lhe os pes mas ele nem os sentia. Pensou que a viagem estava apenas comecando e que muita terra teriam que atravessar antes de chegar a cidade de Juazeiro, no Estado da Bahia, onde tomariam o navio para descer o rio. Esse Sao Paulo era distante, era no fim do mundo. Em Juazeiro venderia o jumento, ia sentir falta de Jeremias, fazia seis anos que o possuia e muito ele o ajudara. Em meio as trevas ele via o brilho das brasas. Um cheiro apetitoso de resto de comida encheu-lhe as narinas. Havia gente por perto, com certeza. Parou, esperando que os outros, que vinham muito atrasados, se aproximassem. Ouvia os passos quebrando os gravetos no caminho e a voz de Jucundina ralhando com Noca:

-- Cala a boca, menina...

Ela nao devia brigar com a menina, devia compreender que a pobrezinha estava cansada, a caminhada era de extenuar um homem quanto mais uma crianca. Jeronimo sentiu vontade de dar um grito na mulher mas se recordou que ela tambem devia estar mais morta que viva, o dia todo com o pequeno no braco, descansara apenas na hora de almocar. Marta e Gertrudes ajudaram

a levar a criança mas Jucundina confiava pouco na filha e na sobrinha para deixar com elas, durante muito tempo, o neto mais querido.

Eram as tres criancas orfas de Ernestina, a filha mais velha de Jeronimo e Jucundina. Casara com um trabalhador, Pedro Ribeiro, e morreria de parto. O marido nao demorou na fazenda, ganhou o mundo deixando com os avos as tres criancas. A ultima, de cujo parto morreria Ernestina, foi, desde o primeiro dia, criada por Jucundina. Tinha agora seis meses e toda capacidade de carinho da velha parecia se concentrar no pequeno orfao. Nao ligava muito para Tonho e Noca, em compensacao nao largava o pequenino no qual haviam posto o nome de Ernesto em lembranca da mae morta. As vozes e os passos se aproximam. Zefa esta agitada. Aquele primeiro dia foi terrivel para ela. Durante as primeiras horas estivera alegre, cantara velhas modas que ha mais de quinze anos aprendera, quando moca, em meio as outras mocas da fazenda. Catava flores do campo, arrancava-lhes as petalas, jogava-as na estrada. Mas, a proporcao que a tarde foi caindo, quando a hora do crepusculo se aproximou e nao se repetiram aqueles movimentos quotidianos aos quais ela estava "habituada e que dirigiam sua loucura, comecou a ficar impaciente, parando no caminho, ouvido a escuta, os labios tremendo, as maos para o alto. Silenciosa, com um silencio mais terrivel que mesmo suas palavras agoniadas e ameacadoras. Os olhos fixos nos parentes como a acusa-los daquela transformacao em sua vida. Era preciso trabalho para convence-la a andar e Agostinho e Joao Pedro desesperavam-se por vezes:

-- Vamo' Zefa, vamo' que ta ficando tarde...

E ela parada, silenciosa e brusca, as maos para o ceu, os olhos nas primeiras sombras da noite. O

ouvido a espera do grito de boiadeiro que Jeronimo nao soltava naquele crepusculo. Joao Pedro teve de empurra-la certa hora e ela o fitou com tais olhos que o colono estremeceu, um medo subito da

irma. Os passos estao mais proximos e Jeronimo ja distingue a sombra dos caminhanes. Agostinho vem na frente e leva Zefa por um braco. Ela vem se estremecendo, vai ter um dos seus ataques, com certeza. Tonho vem ao lado deles, ja perdeu a alegria com que iniciou a jornada, agora so o cansaco aparece nos seus pequenos olhos aventureiros. Marta carrega Noca e vem arfando com o peso da menina. Nao e forte nem resistente essa moca que e a preferida do pai. Moca bonita, na fazenda nao havia nenhuma que se comparasse com Marta, de pernas bem feitas, mulata bem clara, de cabelos quase lisos, os peitos empinados. Pouca ajuda dava ela no trabalho na roca, que sempre fora doentinha quando menina. Tem dezoito anos mas aparenta menos que Gertrudes, se bem sinta-se nela a mulher ja feita, nos olhos derramados, nos seios pontiagudos.

Jucundina, Dinah e Joao Pedro fecham a marcha. Param todos juntos a Jeronimo. Ele aponta para diante:

-- Ali teve fogo... Ainda tao as brasas...

E tange Jeremias naquela direcao. O grupo segue atras dele, ha um pesado silencio de cansaco e Jeronimo volta a recordar-se de Artur. Para Jeronimo tudo se resumia numa questao de homens: o coronel Inacio era um homem bom, consentia que eles lavrassem as terras da fazenda. O doutor Aureliano era homem ruim, mandara-os expulsar. E pior que todos era Artur, que antes fora trabalhador como eles, e que roubara a todos eles na hora do acerto de contas. A unica coisa que o consola e que Gregorio nao tenha sido preso.

Vao se aproximando do fogo mas de repente param porque um homem se levantou adiante com uma repeticao na mao:

-- Quem vem la?

-- E de paz... -- a voz de Jeronimo esta cheia de cansaco.

O homem não baixou a repetição mas abrandou a voz:

-- Flagelados?

-- Não vai pra São Paulo... Na fazenda Primavera dissero que a gente podia pousar aqui essa noite...

João Pedro e Agostinho haviam se juntado a Jerônimo e estavam os três homens em torno ao jumento. O homem da repetição ainda perguntou:

-- Vocês vêm de longe?

-- Inho, não. Nós tá vindo de pertim, cuma seis leguas daqui.

O homem baixou a repetição murmurando:

-- Então ainda tem mantimento...

E completou, como numa explicação, ao abrir caminho:

-- Nós quase não tem mais...

Era uma família que estava acampada sob o oitizeiro. Além do homem que os recebera havia mais dois rapazes e quatro mulheres, sendo que duas delas eram mocinhas e ficaram espiando de longe Marta e Gertrudes. Jerônimo foi tocando o jumento até o oitizeiro onde o amarrou. Agostinho baixou os cacuas, tirou a cangalha. Estavam todos silenciosos. Noca, que Marta soltara no chão, correu, num último esforço para junto das grandes raízes onde sentou-se. Pos Marisca ao seu lado. A gata miou longamente. Havia um silêncio de parte a parte, as duas famílias estavam separadas pelo tronco da árvore e estudavam-se pelo rabo dos olhos. Desarrumadas as coisas soltaram Jeremias. O jumento, livre do cabresto, zurrou alegremente e saiu pastando nas proximidades. , Havia ainda algum capim, esturricado pelo sol, mas para Jeremias bastava. João Pedro que desamarrava um saco de estopa onde traziam a carne-seca, a

farinha, o café e a rapadura, dirigiu-se ao homem que antes sustentava a repetição:

-- Vosmece permite que use o fogo?

Referia-se ao braseiro que ainda ardia no lado onde estava a família chegada antes. Ali com certeza haviam preparado o jantar. O homem disse que sim e falou para as mocas:

-- Que é que vocês fazem aí que não vão ajudar as donas?

As duas mocas levantaram-se pouco dispostas. Jucundina adiantou-se:

-- Não faz falta. Obrigado a vosmece mas a gente mesmo se arranja.

João Pedro avivava o fogo. Agostinho, com uma lata na mão, perguntou onde havia água. Um dos rapazes respondeu:

-- Descendo aí essa ribanceira tem um pouco...

As duas mocas estavam paradas ante Jucundina que cortava a carne-seca e separava farinha noutra lata.

-- Num precisa vances se incomoda. Vão descansar que deve tá precisando se e que andar tanto coma gente hoje...

Agostinho voltava com a água. Jucundina pediu-lhe que preparasse um espeto para a carne. As mocas não se moviam e Jucundina levantou os olhos para espia-las. E notou que os das mocas elas os tinham fitos no pedaço de carne que a velha lavava para tirar o sal. "Estão com fome", pensou. Pos o espeto com a carne sobre as brasas. Isso a levou ao outro lado, para perto da outra família. Eles estavam todos próximo ao fogo e quase a rodearam quando ela acocorou-se ao lado do braseiro para tomar conta do espeto. Marta veio também com uma lata pequena cheia de água que pos para ferver. As duas mocas acompanharam Jucundina e agora olhavam a

carne chiar sobre as brasas, os olhos acendidos de desejo. O menino pequeno comecou a chorar nos bracos de Dinah, separada deles pelo tronco da arvore. Jucundina gritou:

-- Tonho, traz a farinha...

Preparou o mingau de farinha de mandioca para a crianca. Era um mingau ralo, sem substancia, escuro e sem gosto. Mas nao havia outra coisa, tinha sido impossivel trazer a cabra. A crianca parou de chorar, agora era Marta sozinha que via os olhos das mocas e de todo o resto da familia pousados sobre a carne que assava e sobre o saco onde estava a farinha. Aquilo a incomodava, ficava sem jeito, sem palavras para puxar conversa. Jucundina voltou, acabara de dar de comer a crianca que acomodara na rede armada por Jeronimo nos galhos da arvore. Disse para Marta:

-- Vai tomar conta do menino. Depois tu come...

Para Marta foi um alivio. Sentia aqueles olhos todos acompanhando seus gestos ao virar a carne no fogo, eram olhos cheios de pedidos, avidos e tristes.

O jantar nao tardou a ficar pronto. Alem da carne-seca, tudo que havia era um pirao de farinha. No resto da agua posta a ferver, Jucundina colocou um pedaco de rapadura que era para o cafe. Vieram todos acocorar-se nas raizes da arvore, proximo ao fogo e ficaram lado a lado com a outra familia. Nem deram por falta de Noca ja que Marisca miava em torno a eles, esfomeada.

Jeronimo convidou:

-- Vosmeces sao servidos?

Houve um gesto impreciso de uma das mocas. Como se quisesse marchar para diante e aceitar. Jucundina teve medo. Tinha ainda muito caminho pela frente e pouco mantimento. O dinheiro era contado para as passagens no navio ate Pirapora. Podiam dispor de

pouco e o que levavam mal daria se fizessem a viagem com a rapidez que pretendiam. Ficou olhando a moça que não chegou a sair do lugar, apenas o pescoco estendeu-se para logo se recolher.

Foi o homem que antes empunhava a repetição quem respondeu:

-- Obrigado. Nos já comeu vai pra mais de meia hora...

Jucundina dividiu a carne. Deu pedaços maiores aos três homens. Zefa silenciara e mastigava num canto, benzendo-se de quando em vez. Dinah deu um pedaço de sua carne a Gertrudes e pediu a João Pedro que armasse a rede. Jucundina começou a coar o café.

As latas eram poucas e só havia dois canecos. Serviu primeiro a Jerônimo e João Pedro. As moças olhando, os rapazes olhando também. O homem da repetição havia baixado a cabeça, talvez para não olhar ele também, talvez para não ver as filhas e os filhos de olhos puxados para o café. Mas não resistiu até o fim. Quando Jucundina estava servindo a Zefa e a Marta, ele falou:

-- Se vosmece pode dar, eu aceito um pingão de café pras duas meninas... E antes mesmo que Jucundina respondesse, ele explicou, as mãos balancando, a voz distante:

-- E que faz muito tempo que a gente tá viajando. Nos vem do Ceará e já acabou tudo que a gente trouxe. Faz três dias que não tem café. Só tem mesmo rapadura e farinha... Todos tomaram café. E Jucundina ainda deu um pedaço de carne. Pequeno mas que foi recebido num silêncio que valia mais que qualquer ruidosa manifestação de alegria.

-- Deus ajude vosmece...

Começaram a lavar as latas. E, de repente, Marta deu por falta de Noca:

-- Cade Noca? Ela num comeu?

Sairam procurando, a menina dormia junto a raiz da árvore, no outro lado.

-- E melhor não acordar... -- disse Jerônimo.

Marta sentou-se ao lado da sobrinha que respirava docemente. Tomou da gata que corria ali perto, colocou-a no calor da menina. Noca semi-acordou, puxou Marisca com a mão, apertou-a contra si. No outro lado conversavam. O homem da repetição contava.

-- Ficarei com tudo que era de nós. Só pro modo nós não pode pagar o arrendamento... Ninharia de dinheiro, foi uma mesquinhez. Nós arresolveu vir também pra São Paulo. Só que nós vai por Montes Claros que lá tem um contratante esperando a gente... Faz dois meses que nós viaja...

-- Nós saiu hoje, támo começando... -- era a voz de João Pedro.

Alguém jogou um resto de água fora. Marta tinha as pernas cansadas e as mãos doíam. E aquela noite no mato derramava-lhe uma desconhecida moleza pelo corpo. As brasas morriam aos poucos enquanto o homem contava:

-- Nós já passou tanta desgraça que nem merecia...

Marta ouvia de olhos cerrados. Lembrava-se do doutor Aureliano. Era um moco bonito, alto e bem penteado, com o cabelo cheiroso. Por que ele os botara para fora? Quando estivera na fazenda, há dois anos, Marta era quase menina ainda e fora ajudar Felícia na casa-grande. O doutor pegara-lhe nos peitos que nasciam, dera-lhe um dinheiro de presente. Por que os botara para fora? Parecia tão bom moco, dizia que ela era mais bonita que as mulheres da cidade. Marta recorda a carícia do doutor. Ficara com medo naquele dia mas nessa noite no mato ela se estremece ao recordar.

O homem contava no outro lado:

-- Dizque e o fim do mundo... Toda essa desgraça que tá sucedendo... Não sou eu quem dizque, e um homem santo, um beato que apareceu pras bandas do sertão. O nome dele é Estevão e dizque faz milagres, cura doente que nem Padre Cícero... Apareceu num faz muito tempo, vem andando pro lado do mar. Dizque já tem mais de quinhentos homens atrás dele... Ele tá avisando que o mundo vai se acabar, convidando os homens pra fazer penitência...

Marta viu a sombra passar ao seu lado. Era Zefa que se levantava ao ouvir o nome de Estevão e a relação dos seus feitos. Marta pensava no doutor Aureliano. Era risonho e afável, suas camisas tinham um perfume fino, Marta gostava de cheirá-las quando as levava para lavar. A voz do homem chega no escuro:

-- Dizque ele tá procurando Lucas Arvoredo pra obrigar ele fazer penitência... Dizque o fim do mundo tá chegando.

E o grito de Zefa cortou a noite, mais uma vez. As palavras do homem ela se reencontrava e começava a transmitir sua mensagem que não era outra senão a que o beato Estevão proclamava pelo sertão de flagelados e imigrantes, de jaguncos e crianças morrendo.

Noca cordou com o grito, estranhou o lugar onde estava. Marta se levantou, as brasas estavam apagadas e o homem da repetição espiava Zefa, amedrontado. João Pedro explicava:

-- É lesa, coitada...

7

Bem que eles desejaram viajar junto com Jerônimo e os seus. Porém Jucundina estava atenta e desde a noite anterior imaginara que eles proporiam que fizessem a viagem num só grupo enquanto o seu caminho fosse o mesmo. Não só imaginara como avisara Jerônimo. Eles não tinham mais comida, a carne-seca acabara, o café também, não possuíam um caroco de feijão, tudo que levavam era um resto de farinha e rapadura. Que vantagem havia então em juntarem-se

com eles num grupo so? Nao e que Jucundina nao tivesse pena. Tinha pena e na vespera dera-lhes ate um pedaco de carne se bem soubesse que ia lhe fazer falta. O que nao podia era tirar, como ela disse a Jeronimo, da boca dos filhos e netos para dar a estranhos.

Pela madrugada, antes mesmo do sol nascer, quando Jeronimo botava a cangalha em Jeremias, o homem propos.

-- Nois vai em rumo diferente... -- disse Jeronimo.

Mas o homem insistiu. Grande trecho de caminho podiam fazer em companhia, e quanto maior o grupo melhor seria, maiores as garantias contra os jaguncos, mais gente para rasgar picadas na caatinga cuja aproximacao sentiam com pavor. Jeronimo estava sem resposta que dar quando Jucundina se interpos:

-- Nois tem pouca manutencao. Se nois vai so pode que de pra gente se arranjar... Nois nao pode com mais nenhum...

Sua voz era severa se bem nao houvesse nela nem o mais longinquo traco de rispidez. Dizia quase como quem pedisse desculpas de ser tao pobre, tao incapaz de ajudar, mas, ao mesmo tempo, com absoluta firmeza, era para cortar a conversa.

Marcharam antes. Da volta do caminho Jucundina nao pode deixar de espiar. E viu que o homem falava com a mulher enquanto as mocas espiavam os que partiam. Jucundina quase se arrependeu. Mas olhou para a frente e viu os seus que andavam, acompanhando o passo demorado do jumento, e seu coracao trancou-se a qualquer piedade. Seu passo foi mais firme e logo ela alcançou Marta e Zefa que iam atras dos outros.

8

Cinco dias depois estavam em plena caatinga, buscando entre o intrincado dos espinhos o rastro das picadas que outros viandantes haviam aberto antes. Ja estavam acostumados a dormir ao relento,

debaixo das arvores, pois so existiam duas redes, numa das quais ficava Jucundina com o neto mais moco e na outra repousava Dinah. Mas naquela primeira noite da caatinga nao havia arvores onde prender as redes, a muito custo conseguiram um pequeno descampado onde arriar as trouxas e jogar o corpo. Haviam feito pouco caminho naquele dia. Os homens iam de facao na mao, cortando o mato, alargando a quase invisivel picada. Estavam tao cansados que nao sentiam fome. Dinah se encarregou do jantar, ajudada por Marta.

Jucundina fez uma cama com a rede, no chao, para o menorzinho e sentou-se ao seu lado. Estirou as pernas, tambem ela estava terrivelmente cansada. Se bem o menino pesasse cada vez menos, estava emagrecendo a olhos vistos. Na roca Jucundina o alimentava com leite de cabra e ele ia se criando sem maiores novidades. Gordo nunca fora mas quem ja viu filho de colono que fosse gordo? Agora, porem, emagrecia nesse regime de angu de farinha de mandioca, tomado quase a pulso, chorando, batendo as maozinhas em sinal de protesto. "Devia ter trazido a cabra", pensa Jucundina, "por maior que fosse o sacrificio". Ficou olhando a face palida da crianca. Os ossos estavam a mostra, os olhos saltados, podiamse contar as costelas nas costas finas. "Devia ter trazido a cabra." Jucundina espiava com medo para o neto. Achava impossivel que ele pudesse resistir a viagem. Todos os dias quando a crianca defecava, ela examinava os detritos com medo de que ele obrasse verde. Ansiava pelo dia em que chegassem a Juazeiro da Bahia, onde conseguiria leite para a crianca. No lenco de flores vermelhas ela conduzia um dinheirinho amarrado num no, numa das pontas, e ninguem sabia daquele dinheiro, estava reservado para comprar leite durante a viagem. So que na caatinga nao encontravam nem rastro de gado. Talvez quando chegassem a cidade e descessem o rio... Devia haver fartura por aquelas bandas ja que sobrava agua, nao era uma terra seca como aquela por onde caminhavam. A crianca dorme ao seu lado e Jucundina pensa que e uma injustica que o neto, tao inocente ainda, ja sofra tanto. Que sofram ela e Jeronimo, Joao Pedro e Dinah, ainda se aceita. Estao velhos e acostumados as desgracas da

vida. Mas por que sofrer uma criança de poucos meses que ainda não fez mal a ninguém? Que pecados ela está pagando, por que Deus não tem piedade?

Os seus pensamentos são subitamente cortados pelos gemidos que chegam até ela. A princípio são medrosos, em surdina, um choro aflito e monótono. Mas logo se elevam, são gritos de dor. Jucundina reconhece a voz de Noca. Há dias que ela vinha capengando, se queixando do pé, de onde Marta arrancara um pedaço de espinho. Choramingava o caminho todo, viajava a maior parte do tempo no braço de um ou de outro, ou então na cangalha do jumento, sem largar a gata amarela. "Diabo de gata, devido a ela é que Noca se feriu." Jucundina está tão cansada que se demora a levantar para buscar a neta que soluça. "Em vez da gata podiam ter trazido a cabra, o trabalho não seria muito maior." Ouviu a voz de Jerônimo ralhando com Noca:

-- Cala essa boca, diabo... Não para de chorar... Se não calar eu te dou uma coca... Mas Noca desobedeceu e Jucundina estranhou o acontecimento. Noca era medrosa, de fácil obediência, silenciava ante qualquer ralo ou ameaça. Levantou-se ao mesmo tempo que a chamava:

-- Noca, vem cá...

Ela veio, capengando, os olhos em lágrimas, a gata contra o peito, espiando com medo para a avó.

-- Larga essa gata no chão...

Soltou a gata que logo correu para os matos. Jucundina tomou a menina nos braços, colocou-a no colo:

-- Que é que tu tem?

-- Meu pé tá doendo...

O fife iluminava mal. Jucundina via a sua luz a face magra de Ernesto que dormia. Chamou Marta:

-- Chega aqui...

-- Tou assando a carne...

-- Gertrudes! Gertrudes!

Veio a sobrinha e segurou o fife. Jucundina tomou do pe doente com a mao, passou o dedo sobre a ferida. Estava inchado, todo o pe, uma cor escura, feia. Buliu na casca que cobria a ferida e o pus se espalhou. Noca segurava-se no pescoco da avo com os dois bracos, soluçando baixinho. Jucundina sentou-se, ajeitou Noca no seu colo, mandou que Gertrudes se acorasse para iluminar melhor. Começou a espremer o pus que era muito.

-- Vai buscar um pano... Anda depressa...

Gertrudes voltou com um trapo, pedaco de um velho vestido. Apesar de lavado conservava uma indefinida cor de sujeiras antigas. Dividiu-o em dois pedacos, com um limpou o pus, espremeu mais, a crianca gemia.

-- Diz a Joao Pedro ou a Agostinho pra procurar um pe de mastruz por ai... Enquanto esperava comecou a alisar de manso a cabeça de Noca a quem o tratamento aliviara. Tambem ela sofria, coitadinha, que mal fizera nesse mundo? Jucundina sente um estranho desanimo, de repente nao compreende por que esta naquele caminho estreito da caatinga, com os pes cortados de espinhos, as maos cansadas, o corpo moido como se houvesse levado uma surra. Por que saíram da sua terra, por que deixaram sua casa, o curral, a vaca mansa, os pes de mandioca e milho? Por que botaram eles para fora? Alisa a cabeça da crianca ate que os passos de Agostinho, que volta acompanhado por Gertrudes, se fazem ouvir bem proximos.

Machuca o mastruco numa pedra. Coloca-o sobre o pe da crianca, amarra com o pano. Jeronimo vem chegando:

-- Que e que tem?

-- Ta uma ferida feia... Postumou...

Marta grita que a carne esta assada e eles veem o alto vulto de Zefa atravessando o mato para os lados do fogo. Seus cabelos estao soltos, enormes, e agora, na viagem, ela fala o tempo todo, ja nao ha

hora para repetir que o mundo vai acabar e os homens devem fazer penitencia dos seus pecados. Jucundina pensa, enquanto deita Noca ao lado do irmaozinho, que maior penitencia eles nao podiam fazer. Nasce a lua cheia no ceu.

9

Zefa cada vez dava mais trabalho. Antes, quando estava na fazenda, ela se habituara a fazer no mato as suas necessidades, e, a excecao da hora do crepusculo quando inevitavelmente se entregava ao seu estranho ritual, passava o dia quase normalmente, ate ainda ajudava no trabalho da roca, se bem pequeno fosse o seu auxilio. Mas, desde o segundo dia de viagem, mudara seus habitos, era necessario exercer constante vigilancia sobre ela pois sumia pelos caminhos, falando em voz alta, acenando para arvores << passaros, amedrontando as pessoas, que casualmente encontrava, com suas palavras inexplicaveis e seus gestos atemorizadores. E Ja nao se preocupava de ir ao mato fazer suas necessidades, defecava e mijava no vestido, e era Marta, paciente e boa, quem a limpava, mudava sua roupa debaixo quase sempre suja. E como era quase impossivel faze-la banhasse (inclusive a agua era dificil naqueles caminhos), um odor fetido desprendia-se das roupas e do corpo de Zefa, completando o extravagante da sua figura e o indecifrável das suas palavras loucas. Apenas Marta e Jucundina tinham paciencia com ela. Tonho passava o dia bulindo com Zefa, puxando-Ihe os

vestidos, mostrando-lhe a lingua, dizendo-lhe nomes. Jeronimo lhe dera umas bofetadas mas o menino nao se corrigia, cansara-se de puxar o jumento e de correr pelos caminhos, nao tinha outra diversao senao atenuar a vida da tia lesa. Tambem Joao Pedro e Agostinho, Dinah, Gertrudes e o proprio Jeronimo por vezes perdiam a paciencia, davam-lhe gritos, ameacavam-na.

-- So da trabalho...

Apenas Jucundina e Marta cuidavam da pobre. Marta parecia-se cada vez mais com a mae, na boniteza que recordava aquela moca Jucundina de outros tempos quando conhecera Jeronimo, que era tropeiro por aquele sertao, e na coragem para o trabalho, em certo fatalismo ao encarar os fatos, em nao se desesperar. Era ela quem conduzia Zefa durante quase toda a viagem, tomando sentido para a louca nao desaparecer, dizendo-lhe palavras carinhosas, limpando as sujeiras do vestido dela, lavando-lhe os pes quando havia agua de sobra, tocando Tonho para longe.

Jeronimo espia a filha naquele trabalho paciente e todo o seu coracao se comove. Ama aquela filha sobre todas as coisas.

Ao contrario de Jucundina ele nao pensa demasiado nos filhos que partiram. Era o destino deles, destino nao e coisa que se mude na terra, cada qual nasce com sua sina, tem de cumpri-la. Admira-se ate

de Agostinho nao ter partido, de ter ficado com ele. Concentrou toda a sua ternura na filha, para ela ele trabalhava o pedaco de terra que arrendara do coronel Inacio, para que pudesse fazer um bom casamento, com um rapaz de respeito, ter sua casa em ordem, nao precisar talvez lavrar a terra. De outras ele sabia que ate com rapazes do comercio tinham casado. Marta era bonita, e mais que bonita era boa, obediente e trabalhadora, bem merecia ser feliz. La vai ela ao lado da tia, guiando-lhe os passos incertos, como se conduzisse uma crianca ou um cego. E Jeronimo se arrepende do

modo brusco com que, por vezes, trata Zefa. Recorda as palavras definidoras de Jucundina quando ele gritou com a irma, impaciente:

-- E uma inocente...

Os ultimos soluços de Noca confundem-se com o seu rressonar. As palavras magicas de Zefa espantam as cobras e os lagartos da caatinga. A lua se derrama cor de oiro sobre os mandacarus. Jeronimo, apos mastigar seu pedaco de carne, vai cuidar de Jeremias que arranca cascas de arbustos, quanto mato verde encontra, quanta folha passa a altura da sua boca. Ao seu lado Jeronimo sente-se seguro e confiante. O jumento e o que ha de mais solido e inalteravel nessa viagem. Parece incapaz de sentir cansaco, e o unico que sabe descobrir agua nas folhas e evita toda erva venenosa como se houvesse nascido e se criado em plena caatinga. Jeronimo esta lhe tomando cada vez mais amizade, faz-lhe agrados no focinho. A lua ilumina a caatinga, ao longe silvam as cobras venenosas.

10

Os gemidos de Noca acordam Jucundina que dormia ao lado dos dois netos. Semilevantou-se, pos a mao na testa da crianca. A febre era alta. Olhou em redor, a luz da lua. Devia ser quase meia-noite, calculou. A crianca movia-se inquieta no leito improvisado, queimava de febre. Jucundina incorporou-se totalmente, pensava em que trouxa estariam as folhas de erva-cidreira que trouxera. Ainda haveria por acaso alguma brasa acesa?

Levantou-se procurando nao fazer ruido. Mas ainda assim Marta acordou. Dormia junto com Gertrudes e Dinah, Tonho entre elas. Apoiou-se no cotovelo, viu o vulto de Jucundina movendo-se entre os arbustos. Primeiro pensou que a velha estivesse procurando um lugar no mato onde fazer as suas necessidades. Mas ela se dirigia para as trouxas, acumuladas junto aos homens que dormiam. A lua iluminava todo o pequeno descampado e Marta observou, durante

um momento, a velha Jucundina desatando as cordas que prendiam uma das trouxas. E ouviu o gemido de Noca. Compreendeu de imediato o que se passava. Saiu, ainda mais silenciosa e levemente, de entre as companheiras de sono, e encaminhou-se para junto de Jucundina:

-- Mae...

A velha assustou-se:

-- E tu?

Falava em voz apenas ciciada:

-- Nao faz barulho pra nao acordar os outros...

-- Que e que vosmece ta fazendo?

-- Noca ta com febre... E da ferida no pe...

-- Que e que vosmece ta procurando?

-- Erva-cidreira... Pra fazer um cha... Va avivar o fogo.

Ja nao havia brasas, foi preciso buscar gravetos, os fosforos estavam com os homens. Marta andou de mansinho, tocou no braco de Agostinho. Os tres homens dormiam proximos uns dos outros, e a repeticao descansava ao lado de Joao Pedro. Estavam largados, pareciam mortos. Agostinho se moveu, Marta segurou-o pelo braco, falou-lhe ao ouvido:

-- Nao faz barulho pra nao acordar Pai e tio Joao Pedro....

Agostinho esfregava os olhos.

-- Os fosforos...

-- Pra que e?

-- Noca ta com febre... Mae vai fazer cha...

-- Se precisar tu me chama... -- deu os fosforos, deitou de novo, mas nao dormiu. Ficou espiando para os lados onde dormiam as mulheres. Dinah estava na frente mas ainda assim ele distinguia o vulto de Gertrudes, grande para os seus quinze anos, era uma mulher feita, se Agostinho a pegasse a sos... Era sua prima mas que importava isso? Podia ate casar com ela, o dificil era esperar que aparecesse um padre ou um juiz. Levantou meio corpo, assim podia ver as coxas da moca que sobravam do vestido curto, grossas e escuras. Voltou a deitar, esperaria que chegasse a ocasio. Ferveram as folhas numa lata d'agua. Noca continuava a gemer, Zefa havia acordado e estava em pe

ao lado da crianca. Olhava-a com seus olhos de desvario, nada sabia da ferida nem da febre, mas tinha um sorriso tal nos labios que amedrontou as duas mulheres.

-- Va dormir, tia Zefa... -- disse Marta.

Zefa apontou a crianca com seu dedo de unha enorme e negra:

-- Vai morrer!

-- T'esconjuro... Deus nao seja servido...

A crianca gemia. Jucundina levantou-a nos bracos, comecou a dar-lhe o cha. Noca sorvia a bebida doce -- Jucundina pusera um pedaco de rapadura -- em grandes sorvos. A febre aumentara os seus olhos que pareciam nao pertencer aquele rosto chupado e assustado.

-- Tou cum frio, vo...

-- Vai buscar o paleta de teu pai...

Marta voltou com o velho paleta de casimira. Nele Jucundina embrulhou a crianca. Deitou-a novamente:

-- Dorme...

Zefa continuava de pe, ao lado. O luar batia sobre seu rosto sorridente. Doce sorriso com que ela acompanhava as palavras cheias de definitiva certeza:

-- Vai morrer...

Marta a tomou pelo braco:

-- Vem dormir...

Zefa a acompanhou obedientemente. Ia repetindo pelo caminho, a cabeça voltada para tras espiando a crianca:

-- Vai morrer... Vai morrer...

E Jucundina que a ouvia deixou-se encher por aquela certeza. Noca ia morrer... E talvez o pequeno, e Tonho tambem, e Gertrudes, e Marta, e Dinah, depois os homens, todos eles nesses caminhos desgraçados. Recordou-se de que os mantimentos diminuiam rapidamente, nao chegariam nem para a metade da viagem. Sentiu um no na garganta mas nao chorou. Atendeu a menina que gemia.

11

Na frente iam Joao Pedro e Agostinho aparando os galhos mais agressivos dos arbustos. Quem visse a estreiteza do caminho diria que ha muito nao passava gente por ali. E que os espinheiros logo se entrecruzavam, fechando a picada quase imediatamente depois da passagem dos homens. Havia rastros pelo chao, muitos pes haviam pousado sobre as pedras e o po daquela estrada. Por ali cortavam caminho. Jeronimo, no tempo que trabalhava de boiadeiro acostumara-se a percorrer todos esses atalhos da caatinga e os conhecia passo a passo durante grande extensao. Caminhava logo apos o irmao e o filho, tocando o jumento. As mulheres iam atras, em fila, porque a picada nao dava para mais de um. Dinah, que

conduzia a criança pequena, defendia-se com o braco contra os espinhos.

Noca viajava agora num dos cacuas que Jeremias levava sobre a cangalha. Haviam-no esvaziado e ali Jucundina colocara a menina doente, sentada, o pe cada vez mais inchado, a febre cada vez mais alta. Parara de gemer, numa indiferenca por tudo, e era Gertrudes quem conduzia a gata. Nos primeiros dias de febre Noca ainda sorria ao ver Marisca e gostava de leva-la consigo, de acariciar seu dorso sedoso, de ouvir os seus miados. Mas, com o suceder do tempo, foi caindo num torpor que amedrontava Jucundina. Ao demais, desde a primeira noite de febre, Zefa nao cessara de repetir aquelas palavras como uma praga:

-- Vai morrer...

Parecia ter esquecido todos os demais termos do seu pequeno vocabulario de maldicoes e ameaças. Reduzira-se a essa previsao da morte de Noca e a principio foi intoleravel para os viajantes o constante ressoar daquelas palavras, era um agouro que todos desejavam afastar. Mas foram se habituando e se convencendo. Desde a noite em que os gemidos de Noca acordaram Jucundina, a menina so fizera piorar. Nao havia mastruco nem cha que desse jeito, "a ferida arruinara", como dizia Jeronimo. Dentro de cada um deles as palavras de Zefa foram se transformando numa certeza indiscutivel: vai morrer. E ficaram a

espera de que a hora chegasse, quando Noca fechasse os olhos e deixasse de sofrer. Dois dias passaram parados junto a um poco numa agonia diante da criança doente. E como ela nem melhorasse nem morresse, resolveram no terceiro dia continuar a viagem pois nao podiam gastar mantimento inutilmente. E agora fazem por nao se lembrar de Noca que vai no cacua. Apenas Jucundina e Marta chegam de vez em quando e dao uma espiada no rosto amarelo da doente, de olhos semicerrados, a respiracao arfante. Zefa repete, nao pensando mais sequer em Noca, maquinalmente, as palavras

agourentas. E os demais, depois de todos esses dias de espera, já estão, cada um para si, achando que era melhor que ela morresse logo porque está atrasando a viagem, tem que andar no passo mais lento, o sofrimento se arrasta e a comida se acaba.

12

E naquele dia não houve água em todo o percurso. O sol escaldava, as pedras da estrada mais pareciam brasas acendidas, as cobras moviam-se entre os arbustos, João Pedro matou uma cascavel com o seu bordão e Tonho apareceu correndo, branco de susto, certa hora, porque encontrara um jararacucu na estrada. Andavam com cuidado e a sede ia aumentando. A pouca água que levavam, um moringue pela metade, Jucundina a reservava toda para Noca.

Em determinado momento foi necessário colocar Tonho em cima da cangalha. O menino já não aguentava andar. E a marcha se fez mais vagarosa, os olhos de Noca mais fechados, e o cansaço de todos cada vez maior.

Pelas três horas da tarde Dinah arriou:

-- Não aguento mais...

Pararam todos, João Pedro e Agostinho baixaram os facões. Nenhuma árvore nas proximidades, nenhuma casa a vista, nem uma clareira, nem um descampado. Somente a caatinga, agressiva e inospita. Até mesmo Zefa, a quem o delírio sustentava, se deixou sentar e pediu de beber. Os homens se espalharam em busca de água.

Agostinho aproximou-se do jumento, olhou a sobrinha no cacua:

-- Não passa dessa noite...

E dizia com um alívio na voz.

Porem na noite daquele mesmo dia, na continuacao da viagem, eles encontraram, numa clareira de onde partia uma larga estrada -- em busca da qual andava Jeronimo -- um grupo grande de imigrantes, aos quais se haviam juntado trabalhadores da fazenda a que pertenciam aqueles terrenos. Eram umas vinte pessoas, entre homens, mulheres e criancas e estavam improvisando uma festa. Havia um tocador de violao -- imigrante ele tambem -- e bebiam cachaca. Os trabalhadores da fazenda tinham vindo nao tanto pelos caminheiros pois diariamente passavam flagelados pela fazenda, que iam e vinham de Sao Paulo. E que na fazenda aparecera um magico, sobrado de uma pequena companhia de teatro que falira na cidade proxima. O magico se jogara para as fazendas na esperanca de conseguir com os fazendeiros, em paga das suas exibicoes, o dinheiro com que viajar novamente para o Rio de Janeiro. Nas grandes cidades, nos anuncios espalhafatosos, costumava intitular-se Professor Fluvio, o Grande. Mas ali, de roupas sujas (havia vendido o guarda-roupa para pagar a pensao, conservando apenas o terno que vestia, o baralho para as magicas e um que outro instrumento dos mais baratos), de cabelo comprido e barba por fazer, voltara a ser simplesmente Jose Duarte. Chegara a mais extrema miseria e ia de fazenda em fazenda, exibindo-se primeiro para os coroneis, depois para os trabalhadores e colonos, catando magros niqueis, sem nunca poder juntar o suficiente para um percurso maior que mais rapido o pusesse na capital. Ha mais de dois meses que vai assim, atravessando a caatinga, nem mesmo ele sabe da alegria que tem espalhado por estas fazendas de homens que desconhecem o cinema e o teatro. Ja se exibira ante o proprietario e o capataz. Ante os trabalhadores tambem. Preparava-se para tocar para diante quando soube que um grupo de imigrantes parara em terras da fazenda e resolveu buscar ali mais alguns niqueis.

Quando Jeronimo chegou com a familia, o magico ia iniciar o espetaculo. Mas como todos se voltassem para observar os

viajantes, ele também parou e resolveu repetir o discurso com que iniciava seus trabalhos. Jeronimo cumprimentava:

-- B'as tardes...

Havia umas quantas árvores, viam-se as pastagens que se estendiam ao longe, o criatório de gado. Distantes estavam a casa-grande, os currais, casas de trabalhadores. Porém o simples encontro com aquele grupo de gente revigorou o coração dos que chegavam.

Jeronimo pediu licença para pousarem ali. Um trabalhador explicou que era preciso ir lá em cima falar com o coronel. Mas outro disse que não era necessário, o coronel já permitira aos que haviam chegado de tarde, a ordem podia valer também para a família de Jeronimo. Começaram a descarregar o jumento e todos viram a criança doente quando foi retirada do cacua. Jucundina a deitou junto ao tronco de uma árvore, a gata veio miar perto, rondando a dona, querendo brincar com ela. O menorzinho iniciou o choro reclamando comida.

Uma mulher separou-se de entre os que cercavam o mágico e veio perguntar o que a menina tinha. Então todos se movimentaram, interessados, e o próprio mágico, baixando novamente as mangas da camisa, aproximou-se. A conversa logo estendeu-se a todos, Jucundina e Dinah dando explicações, enquanto Marta e Gertrudes aproveitavam o fogo onde os imigrantes haviam preparado o seu jantar para assar a carne-seca. Agostinho comprou uma penca de bananas de um homem. Enquanto Jucundina dava de comer ao pequeno, Dinah descrevia para as mulheres reunidas a doença de Noca. Deram conselhos e uma trouxe um remédio, pomada que um médico receitara para um caso assim acontecido com um filho dela. Dinah aplicou a pomada mas Noca nem parecia sentir, o corpo mole, os olhos cerrados. O mágico esperava pacientemente que o movimento acalmasse para iniciar o seu espetáculo. Não deixava de estar comovido com a visão da criança doente mas o sentimento

que predominava nele era o medo de que a atencao dos imigrantes se desviasse inteiramente para os recém-chegados. Homens se haviam oferecido para ir buscar agua, outros ajudavam Jeronimo a retirar os cacuas e a cangalha do jumento, as mulheres buscavam encontrar qualquer coisa que fosse util a Noca, uma delas conversava muito animadamente com Zefa que a ouvia silenciosa, os olhos fixos nos labios da mulher. Foi preciso que Agostinho avisasse que Zefa era lesa. Outra narrava para Jucundina que ja havia perdido dois filhos pequenos naquela viagem, ambos levados pela febre contraida no caminho. O magico se afastara um pouco e olhava desconfiado toda aquela agitacao. Viu a familia se reunir para comer, assistiu a Jucundina adormecer Ernesto e deita-lo na rede que voltaram a armar naquela noite. Na outra ficou Noca, e Marta a balancava levemente.

Finalmente foram todos se juntando em torno do magico. Ele batia palmas com a mao, a noite ia se fazendo escura, a lua caminhava para o quarto minguante. Se demorasse a comecar o espetaculo, grande parte das magicas perderia o efeito e os niqueis seriam poucos.

-- Atencao! Atencao! Vai comecar!

Agostinho havia conseguido chegar ate a primeira fila, levando Gertrudes com ele. Tambem os outros estavam misturados com os demais imigrantes na curiosidade de assistir ao trabalho do magico. Apenas Jucundina estava sentada ao lado de Ernesto. Marta, que balancava a rede onde Noca agonizava, disse:

-- Va vosmece tambem, Mae. Va se distrair... Eu tomo conta dos meninos... Jucundina estava com vontade de ver. Ernesto dormia tranquilamente, na outra rede Noca parecia calma. A velha foi andando, como que indecisa, colocou-se ao lado de Jeronimo. Marta ficou em pe e de cima das raizes via as maos do magico segurando o baralho, o seu rosto barbado, seu sorriso vitorioso. Fez um baralho diminuir de varios tamanhos. As mulheres riam, os homens

comentavam. Fez desaparecer um ovo da sua mão e foi busca-lo atrás da orelha de Gertrudes. Os risos aumentavam. Fez mais outra magia, a do dinheiro rasgado dentro do lenço, aparecendo inteiro depois. Parou, anunciou que ia fazer um intervalo de poucos minutos para percorrer o distrito público em busca do agradecimento. Não foram muitas as moedas recolhidas mas o professor Flávio já estava acostumado, sabia que eles davam o que podiam dispor na sua miséria, e sentia também certo prazer ao proporcionar-lhes aquela alegria. Retornou ao centro da roda, perguntou quem possuía um relógio. Um dos homens lhe entregou um grande e velho relógio que emitia um tique-taque alto que todos ouviam. O mágico tomou do lenço, botou o relógio dentro, mandou que os da primeira fila pegassem no lenço, para constatar que o relógio ali estava. Logo depois deu um nó, enrolou o lenço, bateu com ele repetidas vezes numa pedra. O dono do relógio não pode conter um grito de medo. Mas o mágico sorria e pilheriava. Anunciou que o relógio estava todo quebrado mas que ele ia fazê-lo aparecer inteiro. Estavam todos de olhos presos nele, inclusive Zefa que o mirava como a um deus, inclusive Marta que esticava o pescoco para ver melhor. Havia ficado na ponta dos pés sobre a raiz da árvore e equilibrava-se segurando o cabo da rede onde dormia Noca. Seus olhos estavam pregados no mágico mas sentiu na mão os estremecimentos da rede e voltou o olhar. E então viu que Noca estava morrendo, convulsa na rede, batendo os pés e as mãos, parecia um pequeno animal ferido. No mesmo momento em que o mágico fazia aparecer o relógio ante as vistas atônitas dos camponeses, Marta gritou, sua voz estrangulada:

-- Mãe, tá morrendo...

E Jucundina veio numa carreira e os demais ficaram suspensos até que a mulher repetiu:

-- Já perdi dois nessa viagem...

Então andaram para a rede e Jerônimo sustentou Jucundina que soluçava. O corpo de Noca estava de costas, no estertor da morte

ela se virara. Marta a retirou da rede e colocou no chão. Era um fiapo de gente, os ossos quase rasgando a pele de tão magra. Tonho chegou, sentou ao lado da irmazinha morta, pos-se a chorar.

14

Não houve muito tempo para a memória de Noca. Só tiveram o resto da noite para chorar e rezar por ela. Velaram o pequeno cadáver numa sentinela entremeada de conversas tristes, casos acontecidos com aquela gente, cada qual contando suas desventuras, histórias de secas, de terras tomadas, de lutas com coroneis poderosos, de crianças morrendo, de doenças e remédios do mato. Foi naquela noite que eles voltaram a ouvir falar no beato Estevão. Diziam que o beato andava por perto, vinha vindo no caminho da cidade, muitos sertanejos armados o acompanhavam, homens sem terra, trabalhadores despedidos de fazendas, outros batidos pela seca, fugitivos da justiça e mais aqueles que fugiam para não pagar dívidas aos armazéns. Vinham todos fazendo penitência, rezando salmos e padrenossos, também outras orações que o beato inventava, e anunciavam o fim do mundo. Zefa ouvia atentamente todas as histórias do beato, naquele momento nem parecia louca, desinteressada até do cadáver de Noca que tanto a intrigara a princípio. Logo depois que haviam estendido a criança morta no chão, Zefa se apossara do cadáver e o comprimira contra o peito, começara a nina-lo, cantando-lhe cantigas que os parentes não julgavam possível que ela soubesse. Como se acalentasse o filho que nunca tivera, como se o adormecesse ao som de uma voz doce e carinhosa. Jucundina retirou a criança dos seus braços:

-- Rogou tanta praga, agora e que vem agradecer a bichinha...

Mas Zefa não entendia as palavras, era indiferente ao seu significado, e estendeu as mãos pedindo o corpo:

-- Da ele pra mim...

Foi preciso que Agostinho a levasse dali, com o auxilio de Marta. Ela teve entao um dos seus ataques, gritou e xingou, ameaçou a todos, aos parentes e aos desconhecidos que a espiavam de longe. So

serenou quando a conversa recaiu no beato Estevao. Do beato Passou para Lucas Arvoredo que era personagem obrigatoria de todas as historias daquele pedaco de sertao, contaram dos seus feitos, das suas valentias e malvadezas. Tinham-lhe medo, sem duvida, mas nao lhe tinham odio, era um campones como eles, saira tambem das fazendas, das terras tomadas, do trabalho de sol a sol. E alguem citou Ze Trevoada.

-- Dizque tem um jagunco que e o mais valente de todos. Um de nome Ze Trevoada, dizque porque nao para de atirar, e o mesmo que um trovao...

Jucundina agucou os ouvidos. Chegou a esquecer o cadaver de Noca ao seu lado porque ouvira falar do filho. Durante todo esse caminho que ja haviam feito, ela muito se recordara dos tres meninos. Ah! se eles estivessem ali muita coisa seria mais facil, muito trabalho tirariam das costas de Jeronimo e Joao Pedro. Principalmente Nenen que sabia remediar tudo, que tinha um jeito especial para conseguir as coisas, amigueiro como ele so, capaz de resolver qualquer situacao. Tinham ido os tres embora e ela nao se esquecia deles um so minuto. Para os demais e como se eles ja nao existissem, era preciso que alguem falasse, como esse homem que agora fala em Jose, num deles, para se recordarem. Fazia anos que tinham partido, um apos o outro, desaparecendo de noite. Um estava com Lucas Arvoredo, os outros dois eram soldados, um da policia, outro do exercito, mas Jucundina nao estabelecia diferenca entre os tres, nao achava que Jose fosse um bandido e Jao e Nenen fossem pessoas direitas. Direitos eram os tres, cada um seguiu seu caminho, seu destino diferente. Tudo que ela desejava era poder ve-los novamente, novamente te-los em torno de si. Tudo isso se tornara muito mais dificil desde que haviam sido postos fora da terra de

onde os rapazes tinham partido. A Jao ela fizera Dinah -- a unica que escrevia melhorzinho na familia

-- escrever uma carta, contando-lhe o sucedido e avisando que iam partir para Sao Paulo, de la

escreveriam novamente. A Jose como avisar, se ele era Ze Trevoada do bando de Lucas Arvoredado, sem rumo nem pouso certo, vivendo pela caatinga, matando gente, saqueando povoados? De Nenen tampouco sabia o endereco. Uns tempos estivera em Sao Paulo brigando numa guerra, depois parece que fora para o Amazonas, nunca mais nenhuma noticia. Era o mais querido dos tres, o mais distante tambem, aquele do qual nada se sabia. Um conhecido fazia tempos falara dele, que ja era cabo, ganhara a divisa na tal guerra em Sao Paulo. O homem o encontrara na cidade, ia passando num navio com destino a Manaus. Disse que ia pra dentro, pra zona dos indios, patrulhar a fronteira. Jucundina esperou inutilmente uma carta que jamais chegara.

Jeronimo puxa pelo homem que fala sobre Ze Trevoada. Mas o homem pouco sabe, apenas que se trata de um cabra valente, dizem que foi ele quem matou o tenente Anselmo num tiroteio. E mais nada soube dizer. O coracao magoado de Jucundina nao se satisfaz com tao poucas noticias. Deixa Marta ao lado do cadaver, aproxima-se do homem:

-- Que e que vosmece sabe mais desse Ze Trevoada...

O homem esta um pouco encabulado de nao ter mais noticias, ante tanto interesse demonstrado. Busca na memoria, pensa em atribuir a Ze Trevoada um crime que houve em sua terra, mas silencia ante a confissao de Jucundina:

-- Ele e meu filho, sabe? Por isso quero saber...

-- Num sei mais nada, sia dona, so o que contei. Dizque e um homem valente, nao tem medo de nada...

Ela entao voltou ao cadaver mas agora estava em companhia dos tres filhos, ja nao se sentia tao desesperada. Tonho, silenciados os soluços pelo cansaco, dormia sentado. Jucundina o deitou, cobriu-o com os trapos que antes serviam para Noca. E foi ver Ernesto que dormia na rede. O magico estava la, espiando a crianca. Quando viu Jucundina se aproximar nao a reconheceu. Apontou para o menino dormindo.

-- Esse tambem nao dura...

Estranhou a falta de resposta, olhou para o rosto proximo da mulher. E quando viu que era Jucundina ficou sem jeito, procurando uma palavra com que se desculpar, sem encontra-la, a mao parada no ar num gesto incompleto.

-- Se Deus quiser ele nao morre...

O magico abriu os bracos, murmurou:

-- E isso mesmo... E capaz de ficar bom... Tomara...

E se afastou, seguido pelo olhar de Jucundina. Misturou-se entre os homens que lhe pediam explicacoes das magicas. A velha espiou a crianca. Cada vez mais magra. Ali porem eles tinham conseguido leite, e Jucundina enchera o moringue com leite fervido, dava para todo o dia seguinte. O

angu de farinha estava comendo as carnes da crianca. Mas Deus nao ia permitir que os filhos de sua filha, que ela tomara para criar quando a mae morrera, morressem todos em sua mao. Nao, Deus nao havia de permitir...

15

E os dias rolam sobre os viajantes cujos pes chagaram, as feridas criaram casca e secaram, novas chagas se abriram e o caminho nao terminava. Jeronimo havia anotado o dia da partida e todas as

noites fazia a conta de há quanto tempo estavam viajando. Fazia porém mais de uma semana que deixara de contar, como quem abandona uma tarefa por inútil e cansativa. Não sabiam mais há quanto tempo viajavam, rasgando a caatinga, parando de quando em vez em fazendas, mas devia ser bem mais de mês porque o mantimento que tinham calculado para trinta dias se acabara totalmente. E eles haviam feito economia, diminuído a ração de carne distribuída a cada um, nos últimos dias tinham suprimido o jantar, apenas tomavam um pouco de café antes de dormir. Estavam magros e rotos, quando partiram pareciam camponeses pobres, agora se assemelhavam a bandidos ou mendigos, os cabelos caindo pelas orelhas, as barbas enormes.

Quando acontecia darem-lhe pousada numa fazenda sempre podiam comprar o que comer e alguma coisa para a continuação da viagem. Isso era raro, porém. Quase sempre os atalhos levavam para longe das casas-grandes e eles não desejavam dar voltas.

Certa tarde, no entanto, desembocaram no terreiro de uma fazenda, bem distante da casa de moradia do proprietário. Foram atendidos por uma velhinha que consentiu que eles pousassem numa casa de trabalhadores que estava vazia. Os agregados ainda estavam pelas plantações trabalhando e eles conseguiram, antes que o sol caísse, comprar carne-seca, café, feijão, farinha e rapadura no armazém. A velhinha deu-lhes também um pouco de leite. E os trabalhadores quando chegaram pela noite trouxeram notícias do beato Estevão. Constava que ele, com seus penitentes -- quase mil no dizer dos trabalhadores -- chegara a menos de uma légua dali e acampara numa fazenda vizinha onde começara a pregar. Mas que soldados de polícia o perseguiram, pois os seus homens já estavam saqueando e depredando as propriedades por onde passavam.

Naquela noite Jucundina fez um verdadeiro jantar. Feijão com carne-seca, pirão de farinha, bastante café. Achava que os homens bem mereciam comer melhor naquele dia. Vinham de meia ração há mais de uma semana, e nos últimos dois dias mal tinham provado carne,

quase que se sustentaram de café. Depois de terem comido deitaram pelo chão da casa, de mistura homens e mulheres. Agostinho deitou-se próximo de Gertrudes na intenção de convidá-la a sair para os matos com ele mas o sono o venceu e ele dormiu antes mesmo do movimento da casa terminar.

Jeronimo avisara que deviam partir pela manhã bem cedo, desejava evitar um encontro com os homens do beato Estevão. E realmente acordou ainda com a noite e tratou de ir buscar Jeremias que pastava o gordo capim da fazenda. Alisou o focinho do jumento, pilheriou, tratava-o como a um semelhante, com carinho e estima:

-- Ta tirando a barriga da miséria, hein, Jeremias...

O jantar da véspera, a dormida sob um teto, e as provisões conseguidas, haviam-no posto de bom humor, confiante e resolutivo. Pos o cabresto e a cangalha no jumento, tocou-o para frente da casa. Entrou para acordar os outros. Faltavam João Pedro e Zefa. Imaginou que estivessem pelo mato fazendo as suas necessidades. Mas logo depois encontrou João Pedro em frente a casa metendo uns aipins num dos cacuas. As mãos estavam sujas de terra e Jeronimo compreendeu que ele fora roubar a mandioca na roca. Aquilo doeu-lhe. Considerava-se um homem de bem, incapaz de um roubo. Quis reclamar com o irmão mas pensou na fome que tinham passado, no caminho que ainda restava pela frente e não disse nada. Perguntou por Zefa:

-- Tu viu Zefa?

-- Não... -- João Pedro observava o rosto do irmão mais velho e sentiu-se obrigado a uma explicação sobre o caso do aipim. -- Tu num ve que fartura de macaxeira... Ontem falei de comprar umas raiz, o capataz disse que só falando com a veia que é a dona da fazenda mas ela já tava drumindo... Levantou a cabeça:

-- A gente tem mulher e filho, se não fizer assim vai morrer tudo pela estrada... Num chega nenhum...

-- Nao disse nada...

E para mudar de assunto voltou a perguntar:

-- Tu hao viu Zefa?

-- Quando sai ela nao tava mais...

Agostinho foi procura-la. Bateu inutilmente as rocas em torno, foi ate os fundos da casa-grande, andou perguntando aos agregados que se preparavam para partir no rumo das rocas onde trabalhavam. Foi tudo inutil. Quando ele voltou sem noticias, Jeronimo quis partir:

-- Se nao a gente perde o dia...

Mas Jucundina nao consentiu e obrigou a que voltassem os tres e dessem uma batida completa pelas proximidades. E depois ela mesma foi a casa-grande, relatou o caso a senhora que era proprietaria e conseguiu ordem para demorar mais um dia na fazenda. Porem todas as buscas foram infrutiferas. Pela noite os homens estavam derreados e nao traziam sequer uma informacao. Tudo o que puderam saber nao se referia a Zefa e, sim, ao beato Estevao que partira pela manha da fazenda onde estava e novamente se internara na caatinga. E segundo contavam, fizera milagres e adivinhara o futuro.

16

Jucundina nao dizia nada mas bem reparava que entre Agostinho e Gertrudes havia algum segredo. Dinah tambem parecia desconfiada e dera para vigiar a filha. Era descuidar-se um pouco e la estavam os dois caminhando juntos lado a lado, numa conversa comprida. Quando paravam para almoçar ou dormir, sempre encontravam, o rapaz e a moca, algum jeito de escapulir da vista dos demais e, quando voltavam, Gertrudes tinha um ar entre espantado e satisfeito, ficava cheia de risinhos sem proposito, enquanto Agostinho ia deitar-se no seu canto, calado, procurando evitar

conversas. Jucundina não estava gostando daquilo. Agostinho não tinha idade para se casar e quanto a Gertrudes era ainda menina. Ao demais casar como, se não tinham sequer um pouso onde descansar, nem de que viver, nem mesmo trabalho? Se ainda estivessem na roca ela não diria nada, a não ser que Gertrudes precisava esperar ainda uns dois anos para pensar em cuidar de filho e de casa. Compreendia porém que era difícil de evitar o desenvolvimento do caso. Agostinho, apesar de rapazola, já dera suas fugidas ao arraial em busca de mulher. Naquela caminhada havia de sentir falta e a proximidade da prima, com suas risadas largas, as coxas aparecendo sob os vestidos curtos, era uma tentação permanente.

Jucundina ficava pensando no que diriam Jeronimo e Joao Pedro se desconfiassem do que se estava passando. Não tinham nem tempo de notar, o dia todo ocupados nos trabalhos da viagem, a noite mortos de cansaco, querendo apenas dormir. Não escapava, isso sim, as mulheres. Dinah estava de orelha em pe, Marta já sorria quando via o irmao e a prima se afastarem. Jeronimo era um homem pacato e bom mas fazia medo quando se enraivecia. Por um caso semelhante Jao partira de, casa para nunca mais voltar. Comecara um namoro com a filha de um compadre deles, o velho Maneca, e ia conversar com ela na margem do rio, todas as tardes. Maneca interrogara Jeronimo sobre o assunto. Se o rapaz queria casar, estava certo, ele não tinha o que dizer. Mas não queria a sua filha falada, sua honra servindo de pasto para os maldizentes. Jeronimo ouviu em silencio, disse que ia tomar uma providencia. Joao não completara ainda os vinte anos, o buco apenas assomava sobre seus labios.

Em casa, a noite, Jeronimo o interrogou:

-- Tu não pode casar, ainda não tem meio de vida...

O rapaz respondeu que não tinha satisfacoes a dar, era muito dono da sua vida, trabalho não lhe faltava se quisesse ir embora.

Jeronimo se enraiveceu, tomou de uma tabua, correu em cima de Jao. Jucundina olhava a cena sem coragem de intervir. Marta amedrontada num canto, era uma menina de treze anos. Jao gritara para o pai:

-- Nao me bata, pai, pelo amor de Deus...

E como Jeronimo continuasse a persegui-lo, acrescentou:

-- Se vosmece me tocar eu vou embora desta casa...

Jeronimo nao ouvia nada. Perdera a cabeça e rebentou a tabua nas costas de Joao. O rapaz nao reagiu. Olhava para Jucundina ate que ela sentiu-se tontear e avancou em cima do marido:

-- Larga meu filho, desgraçado...

So entao Jeronimo parou, ofegante. Soltou a tabua, saiu calado para os fundos da casa. Jucundina apalpou os bracos, a cabeça, as costas do filho. Jao disse:

-- Mae, vou embora...

-- Nao faca isso, Jao... Seu pai tava com raiva, ele tinha razao, voce respondeu a ele... Filho nao responde a pai...

-- Vou embora, mae, nao fico aqui... Vou tratar de minha vida... Quero sua bencao... Ficou diante dela, decidido. Ela compreendeu que ele nao ficaria de jeito algum. Entao foi buscar os cem mil-reis que tinha guardado para o caso de uma doenca ou de uma necessidade inadiavel e os entregou ao filho:

-- Quando esfriar a cabeça tu volta...

-- Nao volto mais, Mae.

Andou para a porta. Nao levava nada nas maos, so o dinheiro, uma nota rasgada pelo meio, os pedacos colados com sabao. Antes de

atravessar o umbral, voltou-se e falou:

-- Diga a Pai que me adisculpe...

Os olhos de Jucundina estavam cheios de lagrimas. Dirigiu-se tambem para a porta a tempo de ver a sombra de Jao perder-se no escuro. Foi o primeiro que partiu. O outro foi com Lucas Arvoredo e Nenen desapareceu uma noite, sem motivo, sem deixar um recado, sem que, durante muito tempo, soubessem o que tinha sido dele. Ficara apenas Agostinho, o mais moco dos quatro. E agora estava ele metido com Gertrudes, nas conversas nos escondidos, com encontros pela mata. Aquilo nao ia terminar bem. Jucundina murmurava para si mesma:

-- E melhor casar antes que ela se perca...

O que nao faria Jeronimo se isso acontecesse? Nem queria pensar...

17

E foi assim, entre a inquietacao e os tremores de Jucundina e Dinah, que o amor se processou na caatinga. A comida faltara de todo e eles perdiam uma parte do dia para buscar o que comer. Um tatu, de quando em vez uma paca, uma prea. Mas na caatinga era dificil cacar. Tinham que gastar horas no rastro do bicho e a viagem arrastava-se. Agostinho chegava a pensar que o pai perdera o rumo e so quando encontravam gente que lhes informava que seguiam na rota certa, ele ficava mais descansado e confiante. Tudo que desejava era chegar quanto antes a uma cidade, ou a uma fazenda, onde conseguisse trabalho e fosse viver com Gertrudes. A fome o fazia irritadico e mesmo com a prima ele brigava, ja que ela comecara a se recusar a acompanhá-lo ao mato. No prolongamento da caminhada e com o aumentar das intimidades com o corpo jovem de Gertrudes -- os apertos, os encostamentos, as caricias com a mao

-- ele foi se tornando cada vez mais exigente, disposto a possuir a moça ali mesmo pelas estradas, apesar de que antes lhe prometera só tomar dela depois que encontrassem um padre que os casasse e um lugar onde ficar. Agostinho já não pensava em viajar até São Paulo. Em fazendas por onde passavam ofereciam-lhe trabalho, muito mal pago, e verdade, mas ele estava por tudo desde que pudesse ficar com Gertrudes.

Certa tarde a moça apareceu com o lábio partido. Não parecia ferimento produzido por espinho, como ela disse. Dinah a pôs em confissão e ela terminou contando que fora Agostinho que lhe dera um soco. Quisera pega-la a pulso, ela resistira, ele então lhe batera. Dinah ficou como louca. Parecia Zefa nos seus piores dias. Jerônimo e João Pedro tinham partido no rastro de um tatu e Agostinho sumira. Estavam apenas as mulheres e Tonho. Quando Jerônimo e João Pedro saíram atrás da cacá -- ainda não haviam comido naquele dia -- Agostinho deixara-se ficar a pretexto de velar pelas mulheres. Já estava de plano feito, seu sangue fervia.

Dinah, depois da confissão de Gertrudes, foi diretamente a Jucundina. Davam-se bem as duas, e se tratavam de comadre, se bem fossem apenas concunhadas, sem que nenhum parentesco de sangue as ligasse realmente. Porém, João Pedro e os seus, sempre haviam vivido um pouco na dependência de Jerônimo que os ajudara nos anos mais difíceis, que era o irmão mais velho, aconselhava, dava a última palavra nos negócios e nos casos complicados. Dinah chegou ainda cheia de raiva, a fome os tornava a todos agressivos e impetuosos. Estavam magros, todos eles, parecendo figuras imaginadas, os cabelos pedindo corte, os piolhos pulando, os corpos sujos, os vestidos e as roupas em farrapos, como se fossem restos de uma população batida pela guerra. Qualquer coisa os irritava. A própria Jucundina sentia-se doente e de fácil raiva, resmungando o tempo todo, reclamando contra tudo, trocando asperas palavras com o marido. Apenas Marta conservava-se mais calma, era ela quem aparava os choques, quem ainda tinha

cabeça para atender os meninos -- o pequenininho cada vez mais fraco. Tonho com uma tosse seca,

"tosse de cachorro", como classificava Jucundina. Dinah veio gritando do outro lado:

-- Comadre! Comadre! Chega aqui...

Mas foi ela mesma quem andou até onde estavam Jucundina e Marta tentando dar um pouco de angu a Ernesto. Tonho tomava conta do jumento que arrancava cascas dos arbustos, aqueles que seu instinto lhe apontava como os que mais continham água. O menino já se habituara a mastigar e engolir, nos dias de mais fome, pedaços de cascas de árvores arrancados por Jeremias.

-- Que é, comadre?

Jucundina pos-se de pé, tal o estado de Dinah. Teria sido mordida por uma cobra? Um dos receios maiores de Jucundina: que uma cascavel ou uma jararaca mordesse algum deles. Era morte certa e vivia recomendando aos homens que tomassem cuidado. Muitas cobras já haviam matado no decorrer da viagem e uma delas quase mordeu Tonho, se o menino não pulasse rapidamente do bote o teria alcançado. As primeiras palavras de Dinah compreendeu o que se passava. Tinha que suceder, até já estava demorando. Dinah ameaçava:

-- Se ele fizer mal na menina, João Pedro mete bala nele e é bem feito...

-- Cala a boca, mulher sem juízo...

Esquecia-se que ela também se entregara a João Pedro nos matos, que vivera amigada com ele muitos anos, que só muito depois casara, quando um padre fora celebrar Santa Missão na fazenda. O grito de Jucundina teve um bom efeito sobre os nervos de Dinah.

Calou-se e as lágrimas começaram a correr pelos seus olhos. Jucundina continuava com raiva, falando agressivamente:

-- Tu acha que meu filho não é bom pra tua filha? Ele é até bom demais... Que marido melhor tu pode encontrar...

A voz de Dinah veio baixa e calma:

-- Num tô dizendo que ele é ruim... Se ele quer casar com a menina num vou dizer não... O que não quero é ver a menina se desgraçar pelos matos, ficar uma perdida por aí... O resto da conversa decorreu tranquila. Combinaram que Jucundina falaria com Agostinho, acertaria que o casamento seria feito na igreja da primeira cidade onde passassem.

-- É mais mio, assim.

Os homens voltaram pela noitinha, não tinham cacado nada. Agostinho só chegou mais tarde, pelo olhar dos demais compreendeu que não havia o que comer. Procurou enxergar Gertrudes na escuridão que o fogo não conseguia romper e a viu num canto encorujada, o lábio inchado. A criança pequena chorava e a gata miava, havia crescido durante a viagem, estava magra e bravia, era uma dificuldade para pega-la mas os acompanhava pela estrada como se fosse um cão. Mais de uma vez trouxera preas caçadas e as atirara aos pés de Marta que, após a morte de Noca, ficara cuidando dela. É verdade que quando trazia uma prea e que já havia comido outra, estava de barriga cheia. Ainda assim aquele seu instinto de caçadora impedira que eles a abandonassem pelo caminho.

Agostinho sentia fome. Nada comera durante todo o dia, a última refeição que havia tomado fora um pirão de farinha e um pedaço de rapadura comidos no meio-dia da véspera. O que ainda restava de farinha Jucundina guardava avaramente para Ernesto. Dera uma sova tremenda em Tonho porque o encontrara roubando um pouco de farinha que restava no fundo do saco.

Jucundina chamou o filho:

-- Agostinho, senta aqui...

Antes de sentar, espiou a face de Ernesto. Nem assemelhava-se mais a uma criança. O proprio Agostinho nao sabia como o menino ainda resistia. Os ossos quase furavam a pele, era um molambo envolto em trapos. Agostinho respeitava Jucundina mas tinha medo desta conversa de agora. Eram todos eles de poucas palavras, de curto vocabulario e nao sabiam se expressar bem, as palavras nao revelavam quase nunca a verdadeira extensao dos seus sentimentos.

Acocorou-se em frente a Jucundina e ficou esperando. Ela nao sabia como começar, nao era facil, nao sabia jogar com os vocabulos e tinha medo de que o filho se irritasse como acontecera com Joao. Decidiu-se finalmente, quando o silencio ja se tornava pesado e desagradavel, a ir diretamente ao assunto:

-- Tu quer casar com Gertrudes?

Agostinho fechou o rosto, rugas cortaram sua testa. Baixou os olhos, com um graveto remexia a terra seca da caatinga:

-- Casar, amigar, juntar com ela... Qualquer coisa...

-- Tu nao pode esperar ate a gente chegar em Sao Paulo, ta com a vida arrumada? E mio pra todo mundo... A gente pode fazer um casamento direito, com padre e juiz... Num pode ta longe de Juazeiro, Jeronimo diz que mais uns dias nos chega la... Depois e de navio e trem de ferro, num demora... Agostinho sacudiu a cabeça:

-- Num vou pra Sao Paulo... Vou ficar na primeira fazenda que encontrar e quiser trabalhador.

-- Dizque em Sao Paulo um homem ganha dinheiro, trabalhador e gente, por aqui trabalhador nao vale nada, ta sobrando, eles so quer pagar porcarias...

Agostinho cocou a cara, impaciente:

-- Num tem nada, mae. Vosmeces vao, Pai ja ta na tencao de Sao Paulo. Pode ser que chegue la e seja feliz. Pode ser tambem que morra tudo pelo caminho, e o mais certo... Mas eu nao quero morrer, tenho meus bracos, vou trabaiar onde houver trabaio. E levo Gertrudes comigo... Jucundina sentiu que era uma decisao definitiva, tao definitiva quanto a de Jeronimo de alcancar Sao Paulo e ganhar a dinheirama que havia por la. Conhecia os seus filhos, eram todos assim, haviam saido ao pai. Nao adiantava discutir, nem pedir, nem rogar, muito menos ameaçar. Era o ultimo que ia embora, que os abandonava, que ia cumprir seu destino. E esse levava mulher, menina que ainda nao servia para nada, quando tivessem filhos como iria ser? Pensou nos tres que haviam partido antes, Jose, Jao e Juvencio. Estariam casados? Teriam mulher e filhos? Jose ela sabia que nao, cangaceiro nao pode se casar, nao tem o direito de pensar em filhos. Sua vida e uma corrida sem fim, e agora, que esta viajando pela caatinga, ela sofre ainda mais pelo filho cujo cotidiano e esse, alem dos tiroteios e dos assaltos. Agostinho espera que ela fale. Tem receio das suplicas, dos pedidos que ela possa lhe fazer. Armouse contra tudo isso com uma decisao inabalavel. E se comecarem a aborrece-lo ele os largara ali mesmo. Tomara de Gertrudes e irao os dois em busca de uma fazenda. Jucundina fala mansamente, Agostinho nao se recorda de ter ouvido sua mae tao terna e carinhosa:

-- Se tu quer casar com ela que case... Ninguem tem direito de impedir... Mas tu tambem nao tem direito de largar a gente assim, no mato, de mochila nas costas, feito penado, pra ir embora, so cuidar de tu mesmo. Eu posso falar assim porque fui eu quem te pariu e te deu de mamar nos meus peitos... Se tu quer ir embora entao tu vai esperar que a gente chegue em Juazeiro e tome o vapor... E mais uns dias so, que e que te custa? Tu nao vai ter coracao tao ruim que largue mae e pai na estrada como uns bichos do mato...

Agostinho concordou:

-- So tava querendo ir embora se me aborrecessem, se começasse todo mundo a se meter na minha vida... Já tou homem, posso procurar minha melhora... Vosmecês vai pra São Paulo, eu não quero ir...

-- Tu tá de cabeça virada... Eu não tô dizendo que tu vá com nois pra São Paulo. Só que vá até

Juazeiro...

-- Tá bom. Até Juazeiro...

Jucundina ainda não estava satisfeita:

-- Tem outro porque...

-- Que é?

-- Tu vai deixar a menina em paz até chegar lá... Quando chegar tu casa ou faz o que quiser... Mas não vai fazer mal a ela no caminho que é para evitar uma desgraça... É completa:

-- Se acontecesse eu não queria... Era capaz de morrer só do desgosto... Ele levantou-se sem dizer nada. Mas ela leu nos seus olhos e no seu gesto com a mão que concordava e sabia que em Agostinho podia confiar. Ainda assim ficou esperando uma palavra e só sorriu quando ele disse:

-- Tá combinado, Mãe. Vosmecê pode ficar descansada...

Andou para onde estavam os homens, ela o acompanhou com o olhar. O estômago doía com fome.

Joao Pedro foi devagarinho, na ponta dos pes, mas a gata fugiu a tempo. Agostinho compreendeu o que ele queria e gritou para o pai, enquanto tomava posicao em frente a Marisca:

-- Cerca do lado de la, Pai...

A gata vigiava cada movimento. Estava parada, os olhos indo de um para outro homem, esperando a occasiao para o salto. Jeronimo se colocara num dos angulos do terreno e entre os tres, apertaram o cerco. A gata tambem parecia ter compreendido a intencao deles. Nao haviam trocado palavras, o gesto de Joao Pedro fora suficiente para que os dois outros se lancassem a cacca da gata. Mais de uma vez haviam planejado come-la. Nos dias de maior fome olhavam para ela com olhos cupidos, apesar de sua magreza. Mas encontravam sempre a resistencia de Marta e, como durante a viagem a moca fora adquirindo uma certa influencia sobre todos eles, os projetos nao passavam dos olhares e da intencao. Naquele dia, porem, a fome estava por demais. E Marta nao se encontrava perto, andava cuidando de Tonho e de Ernesto, era a occasiao mais propicia. Nao falavam, colocavam um pe adiante do outro, paravam observando a reacao da gata. Estava magra e ainda nao completara o crescimento, seria um pobre jantar mas era melhor que nada, era melhor que aquela dor no estomago que parecia ratos roendo e dava uma tontura na cabeca, um amargor na boca. Como o fumo de corda tinha acabado antes dos mantimentos nao podiam, fumando, enganar a fome. De tudo o que faltava o que mais desesperava Joao Pedro era o fumo. Gostava de amassar seu cigarro de palha e nos primeiros dias em que nao teve o que fumar parecia que ia sair doido. Aos poucos, porem, a fome foi superando a falta do fumo e agora ele so

pensa na gata em sua frente. Tao proximos estao uns dos outros que podiam se dar as maos e fazer uma roda. Agostinho vai se curvando sobre a gata, as maos estendidas. Marisca esta atenta e salta no momento exato em que ele a ia pegar. Salta para o lado. Jeronimo se adianta, ela passa entre suas pernas, se esconde atras

dos arbustos. Para ela agora é uma brincadeira, quando Noca era viva gostava de correr com ela, tentar pega-la, Marisca a engana-la com seus saltos.

A corrida entre os arbustos atrai as mulheres. Percebem o que tá se passando e não dizem nada. Antes mesmo de Marta abrir a boca, Jeronimo atalha:

-- Não tem outro jeito... Nois não vai morrer de fome... -- e ordena que vão botar água para ferver...

Vem conduzindo água com grande sacrifício. Conseguiram um barril numa fazenda e o enchem em quanto pouco encontram, trazem-no num dos cacuas nas costas do jumento. Enquanto perseguem a gata, de arbusto em arbusto, ouvem como Dinah enche a lata, põe a ferver sobre as brasas antes inúteis. Aquilo os anima, faz com que prossigam com mais coragem aquela ridícula cacada, a gata a escapar-lhes das mãos, passando entre as suas pernas. O tempo decorre e os homens não conseguem pega-la. Tonho veio se juntar a eles e se feriu todo nos espinhos. Foi chorar junto de Marta que espia, sem palavras, a corrida dos parentes e os saltos da gata.

Quem primeiro desiste é Jeronimo. Passou o dia atrás de caca, no mato, e muita coisa para um velho com fome. Diz um palavrão e fica quieto, vendo os outros dois que ainda persistem. Afinal a gata se cansa da brincadeira, foge pela caatinga. Agostinho ainda tenta acompanhá-la, olha com raiva para o lado de Marta como se a considerasse responsável pelo fracasso. Também João Pedro a olha mas seu olhar tem outro significado. Bem que ela poderia pegar a gata, sem nenhum esforço, se assim o desejasse. Marisca confia nela, dorme ao seu lado, no calor do seu seio. Marta entende o olhar do tio. Será que lhe irá pedir?

Mas nenhum tem coragem de pronunciar palavra. Apenas a fome está presente em cada face, na do menino que chora, de Dinah que ferve a água inútil, de Jucundina que atende ao menino pequeno. Os

homens estão na dependência do seu gesto. Esperam e ela sabe que não pode suportar durante muito tempo aqueles olhos parados, insistentes, suplicantes.

A gata mia entre os arbustos. Marta se decide. Vai andando lentamente para o lado onde ela está

chamando-a com sua voz amiga:

-- Marisca... Psiu -- psiu... Marisca...

A gata sai de seu esconderijo. E corre confiante para Marta.

19

E, em meio a fome, a sede e o cansaço, Dinah caiu doente. A febre veio a tardinha, quatro dias depois de haverem comido a gata. Jantar insuficiente. Marisca estava quase tão magra quanto eles, e mastigaram os ossos, apenas Marta se recusara a comer apesar de todos os rogos de Jucundina e de todas as palavras duras de Jerônimo. O velho não gostava de brigar com a filha, a cada hora se acarinhava mais com ela, sentia todo o auxílio que ela lhes estava dando. Dinah não podia mais ajudar, queixando-se de dores, no trabalho com os dois meninos, não conduzia mais nenhuma das trouxas, ia quase se arrastando pelo caminho. E Marta tomara para si a sua parte no trabalho.

Quando a febre chegou, anunciada pelos arrepios, Dinah se esforçou para continuar a andar. Faziam poucas leguas por dia, o passo era lento, faltavam as forças para uma caminhada mais longa. Dinah não disse nada nem mesmo a Gertrudes que ia a seu lado (desde que descobrira o namoro da filha com Agostinho não a deixara afastar-se de si, trazia-a vigiada, não lhe bastavam as promessas de Jucundina). Continuou a andar. Foi naquela tarde que Agostinho matou a jiboia na picada. A cobra digeriria qualquer volumoso animal que comera horas antes, estava adormecida e foi fácil mata-la.

Pararam para cozinhar um pedaco da carne, levaram outro para comer depois.

-- Isso nao e comida de cristao... -- disse Jucundina, mas nao podia discutir. Se nao fosse a jiboia nao sabia como poderia ter continuado.

Apos terem comido levantaram-se para continuar a jornada. Jeronimo achava que, tendo matado a fome, bem podiam fazer um pedaco de caminho, ate que a noite se cerrasse completamente. Tangeu Jeremias, gritou para os parentes:

-- Toca, gente...

Dinah nao conseguiu por-se de pe. Foram os chamados de Gertrudes que fizeram a caravana parar. Joao Pedro veio correndo saber o que era.

-- Febre ruim...

Na bagagem ainda tinham umas pilulas com que Joao Pedro se tratara de uma febre assim. Nao sabia que febre era, o medico falara em paratifo. E agora era Dinah quem a febre pegava e derrubava na estrada. Aquela febre que nao perdoava, que eles temiam sobre todas as coisas. Dinah tremia de frio apesar do calor que reinava em torno, no fim da tarde.

Juntaram todos os trapos em cima dela. E ali ficaram seis dias comendo o resto da jiboia, cacando umas preas, descansando tambem. Ficaram seis dias que foi o tempo que a febre durou. Dinah morreu pela manhazinha, justo no dia em que novamente havia acabado o que comer e ja nao havia sequer uma gota de agua. Enterraram-na quase a flor da terra, nao tinham forcas para cavar fundo. Os urubus voavam agora em grandes grupos sobre eles, eram sua unica companhia na viagem. Jucundina os olhava como um agouro.

-- Tao esperando que a gente nao possa mais enterrar defunto...

20

Os urubus ficaram para tras. Nao custou muito trabalho remover a pouca terra que cobria o corpo de Dinah. Tambem eles nao encontravam muito que comer no desolado da caatinga. Juntaram-se num bando irrequieto e barulhento, trocando bicadas entre si, sobre o cadaver. Adiante Jeronimo que nao os via no ceu, a persegui-los, imaginava o que se estava passando. Tambem Joao Pedro sabia que eles estavam devorando o cadaver de sua mulher. Mas nao tinha coragem de voltar, de perder mais tempo como nao tinha mais forcas para sofrer nem lagrimas para chorar. Aos poucos iam se compenetrando de que nao chegaria nenhum ao fim da viagem, a nenhum seria dado ver a fartura que existia por Sao Paulo. Mas marchavam para diante que pior seria voltar. E voltar para onde se ja nao tinham terra, nem casas, nem mandiocal nem milharal?

Pelo meio da tarde novamente os urubus os alcancaram e voavam em circulos sobre eles.

21

So nao morreram todos de sede porque Joao Pedro, batendo as redondezas, encontrou um resto de agua num poco que secara. Beberam quanto puderam mas o que restou nao deu sequer para encher o barril. Agora que nao tinham de parar para almocar e jantar, comiam quando conseguiam encontrar frutas do mato ou algum animal, agora paravam varias vezes pelo caminho. Andavam dois e tres quilometros e tinham de descansar, as forcas faltavam. Apenas Jeremias mostrava ainda disposicao para continuar. Jeronimo costumava dizer que "abaixo de Deus eles deviam ao jumento ainda estarem vivos". Nao era apenas Tonho que fazia atualmente parte do caminho no lombo de Jeremias, montado na cangalha. Tambem Jucundina, quando as pernas se negavam a caminhar, era

encarapitada entre os cacuas e o jumento a conduzia. Jeronimo chegou a estima-lo como a qualquer dos parentes que iam com ele. Nas longas horas do percurso, sob o sol ardente, as costas cansadas como se levasse um peso de quatro arrobas, gostava de falar para Jeremias, dizer-lhe palavras animadoras. Segurava no focinho do jumento, dava-lhe tapinhas, prometia-lhe um pasto gordo quando chegassem. Se bem soubesse que mal avistassem Juazeiro o que lhe restava fazer era vender o jumento que dai em diante seria inutil. Apesar de magro ainda daria algum dinheiro para ajudar o resto da viagem. Se Jeronimo pudesse o levaria consigo para Sao Paulo, soltava-o no pasto e o deixaria livre para o resto da vida. Ja trabalhara demais, bem merecia descansar os anos que lhe restassem, com bom capim, eguas bonitas para ele se divertir, nada para fazer. Mas nem sequer o pode vender em Juazeiro porque, quando a sede apertou de novo, o pouco de agua que restava sendo apenas para Ernesto, dada gota a gota, quando eles pensaram que ja nao poderiam suportar e sentiam inveja de Jeremias que mastigava cascas de arbustos onde a agua se conservava, o jumento comeu erva venenosa, no desespero de nada encontrar com que matar a sede e a fome. Seu instinto lhe advertia mas nao adiantou. Durante toda a viagem, enquanto encontrou casca de arvore, espinho de mandacaru e xiquexique Jeremias se guardara de comer tingui, a erva verde e convidativa. Mas -- assim sucede com todos os da sua raca na caatinga -- chega um momento em que a fome e a sede superam tudo. Zurrou longamente, seus olhos muito abertos como que se despedindo da paisagem seca. Viram os urubus que voavam sobre ele. Mesmo antes do animai cair ja o picavam. Alias os urubus estavam ficando cada vez mais atrevidos, pousavam ao lado dos caminhantes, rondando, e era preciso tange-los com paus e pedras para que alcassem voo. A sombra que eles projetavam sobre a terra era a unica naquele solo de vegetacao rala e miuda, sem animais e sem verdura. Viram os urubus voando com pedacos do animal no bico, nem tinha morrido de todo. Os soluços de Jucundina estremeceram os arbustos.

O que doia a Jeronimo como uma injustica e que se Jeremias houvesse resistido mais um dia nao teria morrido. Porque no dia seguinte chegaram a uma fazenda que era uma beleza. Tinha um acude e parecia muito pouco afetada pela seca. Estavam em plena colheita e necessitavam de trabalhadores. Todos eles trabalharam alguns dias para assim poderem comprar mantimento suficiente para o resto da viagem. Foi ali que Jeronimo soube que errara o caminho, que ja poderia estar em Juazeiro se tivesse seguido direito. Agora tinha que varar para o leste, andar como umas trinta leguas que era a distancia que o separava da cidade. Por outro lado, porem, ia viajar em terras ferteis, nao necessitava se embrenhar novamente na caatinga. Cruzaria um ou outro trecho mas quase toda a viagem seria por estradas largas onde passavam ate caminhoes.

Quando voltava do trabalho na lavoura (tinham lhes dado uma casa onde dormir) sentiu a picada nas costas. Uma dor fina e aguda. Empinou o corpo mas a dor nao passou, era como se alguem lhe enfiasse uma agulha entre as costelas. Sentiu um amargor na boca, cuspiu vermelho. Seu rosto tornou-se sombrio mas nao disse nada em casa, no outro dia voltou para o trabalho. A dor se renovava de quando em vez e ele se sentia febril nos fins das tardes. Era aquela caminhada sem comida. Passaram uma semana na fazenda, trabalhando. No sabado fizeram as contas, com o saldo ganho compraram mantimentos. Nao queriam bulir no dinheiro contado que levavam, era para as passagens no navio. Com a estada na fazenda Ernesto melhorara e, se a viagem nao fosse ruim dali para diante, nao haveria perigo dele morrer. Jucundina encontrava-se quase alegre na vespera da partida. Apesar de que Jeronimo parecia mais cansado e magro do que nunca, uma tristeza nova em sua face. Naquela noite reuniram-se todos na casa para o jantar. Gertrudes estava de olhos baixos e nao quis comer.

-- O que e que tu tem, menina? -- perguntou Jucundina...

-- Nada, nao, sinhora...

Joao Pedro falou aspero:

-- Ta doente?

-- Inho, nao...

Jucundina procurou com os olhos a Agostinho. Ele respondeu ao seu olhar com um gesto. Ela ficou a espera do que sucedesse. O filho comia seu pirao com carne-seca, sem falar, procurava um jeito de comecar. Jeronimo tossiu.

-- Pai...

-- Que e que tu quer...

-- Vosmeces ja tao perto de chegar... De Juazeiro pra la e de navio e de trem... Jeronimo esperava que ele completasse. Gertrudes foi saindo as escondidas para a frente da casa. Joao Pedro ouvia atento as palavras de Agostinho.

-- Eu vou ficar por aqui... Peguei uma empreitada pra colher uma roca, nao vou com vosmeces...

-- Tu vai ficar?

Se nao se sentisse doente e fraco, Jeronimo teria sido capaz de rebentar Agostinho de pancada. Onde ja se viu largar a familia assim quando estao todos viajando para longe? Mas a viagem mudou em muito o velho Jeronimo. Sua familia esta desmantelada. Morreu gente pelo caminho, outros estao doentes, ele mesmo com aquela dor nas costas e aquele calor no rosto...

-- Tu quer ficar, pode ficar... Eu te deito minha bencao pra Deus te ajudar... Nois vai pra frente, isso aqui nao tem futuro...

-- Quem sabe depois eu nao vou encontrar com vosmeces? Se nao me der bem por aqui...

-- Vamos dormir... -- completou Jeronimo.

-- Pere ai, Pai...

-- Que e?

-- Gertrudes quer ficar cum eu...

-- Hein?

-- Nois vai casar logo que o padre apareca por aqui. Dizque vem pra uma festa... Jeronimo olhou para Joao Pedro. Nao havia nenhum protesto no rosto do outro que levantava as maos:

-- Antes seja com ele que com outro qualquer... So quero e que case, nao quero ter filha perdida por ai... E uma vergonha que a finada nao desejava...

-- Nois vai casar...

-- Tu ja fez mal a ela?

-- Nao. Prometi a Mae arrespeita e arrespeitei... Mas agora nos vai ficar... Jucundina falou pela primeira vez:

-- Tu me garante que casa? Pela alma da mae dela?

-- Juro pra vosmece... E logo o padre chegar...

No outro dia partiram sem eles. Gertrudes nao chorou. Parecia contente na sua casa. Agostinho ia para o campo, levava uma foice. Jeronimo se perguntava, como iriam se arranjar em Sao Paulo, ele doente, o irmao com pouca iniciativa, Jucundina, Marta e as criancas? Se vivesse ate ve-los assentados num pedaco de terra onde Joao Pedro fosse colono, pelo menos morria satisfeito. E novamente lembrouse de Artur e do doutor Aureliano mas ja nem tinha odio de tao cansado estava, de tao desanimado.

Os imigrantes acampavam por detras da igreja. Sempre havia muitos, a cidade era passagem obrigatoria de todos os que iam para Pirapora de onde partia o trem para Sao Paulo. Em frente, do outro lado do rio, ficava a cidade de Petrolina, era o Estado de Pernambuco. Mas, mesmo os que chegavam daquele lado, logo atravessavam nas canoas para Juazeiro onde estavam as agencias de navios, onde podiam comprar passagens. E seu interesse era embarcar quanto antes, deixar para tras a lembranca da viagem pela caatinga, a saudade dos mortos, a recordacao de tanto sofrimento. Nao havia entre tantas familias acampadas na praca quase nenhuma que contasse com o mesmo numero de pessoas com que partira. Todos tinham historias que narrar e nenhuma delas era alegre. Por tudo isso o que desejavam era embarcar quanto antes. Os navios partiam com as terceiras classes abarrotadas e por vezes os imigrantes tinham que esperar vaga porque eram muitos e os vapores comportavam pouca gente apesar de que na terceira classe os sertanejos seguiam amontoados quase que uns por cima dos outros. Era uma tarde quente de verao. O sol levantava a poeira nas ruas e as janelas da maioria das casas estavam fechadas. Homens passavam em manga de camisa e no acampamento dos imigrantes a vida fervia apesar das doencas, do cansaco e das dificuldades em conseguir passagem. Junto ao mercado havia sempre uma pequena multidao que comprava e vendia. Montes de alpargatas, compra obrigatoria dos imigrantes que chegavam com os sapatos em ruinas, roupas de mescla, vestidos baratos para as mulheres, carne de boi, alguma hortaliza. Foi bem na porta central que o jumento veio se bater. Quem primeiro o enxergou foi um moleque que pensou que ele pertencesse a algum sitiante das proximidades. Tangeu-o mas o jumento estava com sede e pretendia beber agua numa tina que estava na frente do mercado. Por pura curiosidade, gratuitamente, o moleque espiou para dentro do cacua, a ver o que o jumento conduzia. Viu a primeira crianca morta, ficou apavorado, sem fala. Tocou no braco do cego que pedia esmola na porta.

-- Que e?

Viu que era o cego, afastou-se, chamou a mulher que vendia inhame e puba. Logo juntou gente, havia uma crianca morta em cada um dos cacuas. Foram em busca do delegado. Nao existia misterio que resolver. Tratava-se de alguma familia de imigrantes que tinha se acabado pelo caminho. Era facil sairem doze ou vinte do alto sertao e ficarem todos pela estrada. O jumento resistira e andara ate a cidade. Formaram uma caravana para voltar sobre o rastro do jumento ver o que tinha acontecido. Iam uns sete homens, levavam armas, remedios e leite. Com hora e meia de caminho encontraram a familia de Jeronimo que descansava sob uma arvore. O velho tinha vomitado sangue e estava exangue. Foram eles que deram noticia dos mortos mais adiante, os donos do jumento. Haviam deparado com um casal morto a fome uns quilometros para frente. E eles estavam tambem proximos a morrer. Os homens deitaram Jeronimo na rede, apenas dois continuaram o caminho em busca dos cadaveres. Iam fazer a caridade de enterra-los, era fato comum nas proximidades de Juazeiro a morte de flagelados. Conduziam a rede nos ombros. Jucundina levava Ernesto nos bracos, um homem teve pena, tomou a crianca, ficou admirado que vivesse ainda, tao magra estava. Joao Pedro e Marta mais se arrastavam do que mesmo andavam. O mais animado de todos eles, o que ainda podia andar, era Tonho. Um dos homens que estavam com as maos livres o colocou nos seus ombros:

-- Pobrezinho...

E assim entraram na cidade. Jucundina olhava a rede onde ia Jeronimo. No sertao de onde chegavam era assim que enterravam os mortos. Levavam nas redes, balancando, leguas e leguas em busca do cemiterio. Seu coracao se apertava ao ver o marido sem forcas, botando sangue pela boca, sendo levado como um defunto. So faltavam as velas e as oracoes.

Foram diretamente para o Hospital. Uma enfermeira os atendeu, um dos homens explicou, Jucundina ouvia as palavras:

-- Tuberculose... Ta ruim...

Houve uma discussao da qual ela nada percebeu. Tinham vindo homens la de dentro, vestidos com uma bata branca, eram medicos, conversaram na porta. O Hospital estava superlotado, Joao Pedro que acompanhava a conversa veio explicar. Ainda assim tinham consentido em deixar Jeronimo ficar para o examinarem e verem o que podiam fazer por ele. Jucundina assistiu a rede ser levada para dentro. Um dos homens que viera com eles explicava como chegar ao acampamento dos imigrantes e onde era o mercado para se abastecerem. Podiam vir visitar Jeronimo no outro dia, naquele era impossivel. Nao era permitido. Nao havia nada no mundo de que Jucundina tivesse tanto medo como de hospital. Pobre quando entra em hospital nao sai mais a nao ser para o cemiterio. Aprendera isso ainda menina e a longa experiencia da sua vida so fizera que essa conviccao se arraigasse em seu espirito. Quando finalmente desceu as escadas do hospital foi como se estivesse se despedindo de Jeronimo para sempre. Tinha certeza de que nao mais o voltaria a ver.

Mas, contra toda a sua expectativa, tres dias depois ele saia. Menos por ter melhorado do que pela dificuldade de leitos na casa de saude. Passada a crise, os medicos constataram que a doenca ainda estava na fase inicial. Deram uns poucos remedios e muitos conselhos. Descansar, dormir apos o almoco, nao se dedicar a trabalhos pesados, alimentar-se muito e bem. Tudo o que ele nao podia fazer ou tudo o que ele nao podia deixar de fazer.

O rio

1

O homem das passagens lhe havia explicado que a viagem no rio demorava em media uma semana. Que nao podia, no entanto,

afirmar com certeza porque as vezes os navios encalhavam e levavam dias parados, os marinheiros ocupados no trabalho de arranca-los do banco de terra. Deu todas essas explicacoes de ma vontade, passava o dia atendendo a imigrantes que queriam passagem e nao encontrava nada de agradavel naquela tarefa.

Quando Jeronimo, acompanhado de Joao Pedro, chegou para adquirir os bilhetes, o guiche estava ocupado por outro imigrante. Ouviu o final do dialogo:

-- Vosmece nao pode fazer um abatimento?

Aquele pedido devia ser muito familiar ao vendedor de passagens:

-- Aqui nao e loja de turco. O preco e fixo...

-- Nem uma diferencazinha?... -- gemeu o homem.

Nem obteve resposta. Mas nao largava da frente do guiche, esperando que o coracao do empregado se abrandasse.

-- Desocupa o lugar para outro, meu velho... Tenha paciencia...

-- Pelo amor de Deus, meu sinho, me venda as passagens... So falta onze mil-reis pra completar... Depois eu venho e pago...

-- Ja lhe disse que nao posso... Eu nao sou o dono disso...

Pensava que se fosse o dono, nem em Juazeiro habitaria e assim estaria livre de ouvir os absurdos pedidos dos flagelados.

-- E onde esta o dono? Quero falar com ele, ele deve ser bom, vai ter pena...

-- O dono e o Estado da Bahia...

E como o velho nao saisse, o vendedor levantou a cabeça no guiche, chamou Jeronimo:

-- Voce ai... Sai, meu velho, vai arranjar os onze mil-reis e volte... O velho ainda murmurou algumas palavras mas desocupou o lugar. Enquanto Jeronimo contava o dinheiro para pagar as passagens, ele explicava aos que esperavam:

-- Dissero que era um preco, agora ta outro... Como vou fazer pra arranjar o que falta? Aqui num ha mesmo trabaio onde se ganhar... So se pedir esmola...

A ideia o horrorizou e ao mesmo tempo se apegou a ela:

-- Um homem veio dessa idade, de vergonha na cara, pedindo esmola que nem aleijado... Os outros nao respondiam. Nao que faltasse solidariedade. Mas e que tinham medo que o velho lhes pedisse e eles tinham o dinheiro contado, alguns estavam em identica situacao, mas ainda assim, apesar de haverem ouvido as respostas do moco da bilheteria, queriam tentar.

Jeronimo possuia o dinheiro necessario. Ate sobrava algum, pois trouxera um pouco mais do que o preco da passagem de todos, inclusive a passagem inteira de Dinah e a meia passagem de Noca. Gastaram algum pelo caminho, mais do que esperavam, ainda assim nao necessitara rogar ao homem um abatimento como o velho que o precedera. Por isso, apos pagar, o dinheiro tirado da ponta do lenço, sentiu-se no direito de fazer varias perguntas. O dia certo da saida do navio o vendedor de passagens nao sabia. Estava marcado para a proxima terca-feira mas ia depender da data em que o vapor chegasse, da descarga e da carga. O homem explicou, as primeiras perguntas respondera mesmo com paciencia, ainda estava sob a impressao do velho a quem faltavam onze mil-reis para completar as passagens. Mas Jeronimo queria saber muita coisa e acabou por impacientar o vendedor:

-- Uma semana, dez dias ou mes, depende do rio... A gente sabe quando sai, nao sabe quando chega...

Agradeceu e saiu. A dor nas costas desaparecera quase por completo com os remédios e a febre cessara. No acampamento cozinham, havia carne bastante para comprar, leite para a criança, como que renasciam nos dias que passavam ali.

Ao voltar para o acampamento Jeronimo ia fazendo calculos, contas que exigiam esforco para nao errar. "Se Agostinho e Gertrudes tivessem vindo, o dinheiro nao ia dar para as passagens". E verdade que deixara cento e vinte mil-reis com eles, mandara Jucundina entregar. Nao devia ter dado, eles estavam trabalhando, muito mais precisavam os que iam continuar viagem. Mas nao queria deixar o filho e a sobrinha sem dinheiro nenhum, dependendo so do saldo do fim do mes, saldo dificil ja que o salario era muito baixo e Agostinho tivera que comprar os instrumentos de trabalho. O dinheiro nao chegaria para todos se os quatro que faltavam tivessem vindo tambem. Pelo caminho haviam gasto mais do que imaginaram. Tudo estava pela hora da morte e teriam que fazer muita economia nesta semana que eram obrigados a demorar em Juazeiro. Se nao, chegariam sem um tostao a Pirapora e Jeronimo ja soubera que muitas vezes levavam mais de mes esperando conducao -- a passagem de trem era paga pelo Estado de Sao Paulo -- pois eram centenas e centenas os que aportavam ali para viajar. Alcançou o acampamento, andou para o canto onde os seus haviam arriado as trouxas no dia da chegada. Passava entre homens e mulheres, junto a fogoes improvisados com pedras, tropeçava em criancas que corriam. Quantas pessoas estariam ali? Talvez trezentas, talvez mais, Jeronimo contava com dificuldade, seus calculos eram sempre exagerados para mais ou para menos. Jucundina levantou-se quando o viu. Tinha o menino nos bracos e ele recordou-se de certa tarde na fazenda, a tarde que precedeu a festa de Ataliba e a noticia de que tinham de entregar suas terras. Tambem naquela tarde desde o curral ele a vira assim, de pe, com a crianca nos bracos, enquanto Zefa rezava suas oracoes. Nao distava ainda tres meses desse dia e no entanto parecia que muitos anos se haviam passado, sentia aquele tempo tao distante que o recordava com a mesma saudade com que na roca se lembrava dos dias de sua juventude,

quando era boiadeiro pelos caminhos e conhecera Jucundina, moça bonita e faceira.

Acocorou-se, deu as passagens para Jucundina guardar. Era o que de mais precioso possuíam e ela as colocou dentro do seio. Sentou-se depois ao lado dele:

-- Ta mais mio?

-- Hum! Hum! A dor passou de todo...

-- Isso foi a canseira do caminho...

-- E, sim...

Tirou o resto do dinheiro que trazia no lenço. Dava um no na ponta, o dinheiro ficava amarrado dentro. Pediu a Jucundina:

-- Conta pra ver quanto sobrou...

Começou a picar fumo para um cigarro. E atrapalhou a lenta contagem de Jucundina perguntando:

-- Onde ta Joao Pedro?

-- Foi no mercado comprar que comer...

-- Marta?

-- Ta por ai, ajudando um e outro... Nao sabe ficar de bracos cruzados... Jeronimo sorriu. "Marta tinha um coracao de ouro, ate nisso saira a Jucundina." Esperava que ela fosse feliz em Sao Paulo, casasse com um rapaz direito, que tivesse alguma coisa de seu, que a merecesse.

-- E Tonho?

-- Foi com Joao Pedro...

Levantou a vista do dinheiro:

-- Tu me trapaizou de novo...

Ele porem pensava noutra coisa:

-- A famia ficou pequena...

Ela nao disse nada, baixou os olhos para o chao. O crepusculo da cidade era curto porque as lampadas eletricas chamavam a noite mais rapidamente. Houve um minuto de silencio.

-- Ajuda a contar o dinheiro... -- pediu Jucundina. Contaram cento e trinta e oito mil e quatrocentos.

2

Havia qualquer coisa de inexplicavel que os atraia a noite para a beira do rio. Viam as luzes de Petrolina defronte, a sombra da catedral majestosa, unico predio grande e rico da cidade pernambucana. Ali havia um bispo, alguem explicara, e por isso a catedral era tao bonita, vitrais vindos da Franca, fazendo inveja a Juazeiro, maior, mais progressista e movimentada, mas sem uma catedral sequer parecida. Alguns imigrantes perdiam o amor a um niquel de quatrocentos reis e tomavam a canoa para ir ao outro lado admirar de perto a catedral. Porem o sacristao nao os deixava entrar com medo que fossem roubar os objetos de ouro que sobravam pela igreja. Em torno eram as casas pobres, caindo de velhas, choupanas arruinadas.

Mais que a igreja, porem, o rio os atraia. Era o Sao Francisco, ouviam falar dele em suas terras de sol e seca. Nunca tinham visto tanta agua e associavam a visao da agua a ideia de fartura, imaginavam que aquelas terras proximas seriam de uma fertilidade assombrosa. E se admiravam que os camponeses chegados da beira do rio fossem andrajosos e fracos, os rostos amarelos de seza, piolhentos e sujos. Com aquele farturao de agua era de esperar que

toda gente por ali estivesse nadando em dinheiro. Não tardaram, no entanto, em descobrir que todas aquelas terras uberrimas pertenciam a uns poucos donos e que aqueles homens magros e paludados trabalhavam em terras dos outros, na enxada de sol a sol, nos campos de ouricuri, nos carnaubais e nas plantações de arroz e algodão, ganhando salários ainda inferiores aqueles que pagavam pelo sertão.

A maioria dos imigrantes vinha do Ceará, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, de regiões desoladas pela seca e seus rostos resplandeciam ao enxergar o rio sem medidas, a água sobrando por todos os lados. Ficavam na balaustrada do cais, onde os pequenos navios de roda dormiam a espera da hora de partir, e ouviam embevecidos o barulho que o rio fazia no seu caminhar sem descanso.

-- Ta andando pro mar... -- disse alguém.

E ficavam imaginando como seria o mar. Se o rio São Francisco já tinha tanta água que até parecia mentira, o mar então quanta água não teria? Os mais viajados, que haviam estado em cidades próximas a

costa, contavam casos sobre o mar. Que era de perder de vista, ninguém enxergava o outro lado. Assim afirmava um mulato baixote que garantia já ter estado em Fortaleza.

-- E quando bate na terra fica branco cor de leite que até da vontade de beber... Outro queria saber se era verdade que a água tinha gosto de sal. Diziam isso mas como que podia ser?

-- Salgada de não suportar...

-- E serve para temperar? -- indagou uma mulher velhusca.

Não, não servia. Ficaram pensando naquele mistério. Por que seria que, sendo tão salgada, não servia a água de mar para temperar?

-- Bem que era uma economia...

Raros ficavam no acampamento quando a noite caia. Iam saindo aos grupos -- as famílias e mais as relações feitas na convivência daqueles dias -- e a direção era sempre a mesma: o balaustre do cais. Os habitantes os viam passar sem curiosidade pois aquele era um espetáculo habitual da vida da cidade, renovava-se todos os anos. Por vezes no acampamento havia dois grupos bem distintos: os que desciam para São Paulo, tendo chegado da caminhada através da caatinga, e os que voltavam de São Paulo e se preparavam para atravessar o sertão. Esses quase sempre seguiam logo viagem, dormiam uma noite em Juazeiro para ganhar forças e se atiravam para dentro do sertão. Os outros, os que iam, e que demoravam mais a espera do navio. Havia alguns, sem sorte, que ficavam um mês ou mais, antes que a embarcação, encalhada em qualquer ponto do rio, chegasse. Terminavam muitos por tomar passagens nas grandes barcas que demoravam semanas na viagem entre Juazeiro e Pirapora.

Mais talvez que os navios, com suas rodas, seu casco de ferro, sua chamine e seu apito, as barcas de madeira, com esculturas primitivas na proa -- cabeças de mulher ou de animais -- parecendo imensos animais fantasmagóricos, impressionavam os sertanejos. Muitas chegavam pela noite, enquanto eles estavam debruçados na amurada, uma luz vermelha junto ao leme, os gritos estranhos dos patrões, parecendo outra língua de outra gente em outro país.

Desconfiados e amedrontados, os imigrantes não faziam relações na cidade. Muito menos com os embarcadores, que mantinham um certo ar de superioridade como se a existência sobre as águas do rio fosse uma aventura tão heroica que os colocasse acima daqueles magros e doentes sertanejos ansiosos por água. Admiravam os negros e caboclos que iam de pé, o peito nu, nos costados das embarcações. Levavam compridas varas que afundavam no rio até atingir o leito, ajudando as barcas a se arrastarem sobre os bancos de terra lodosa. A ponta da vara encostada no peito que virava um

calo sempre sangrante. Aquele servico espantoso enchia os sertanejos de incontida admiracao:

-- Trabalho de macho... -- diziam.

E ouviam os risos, as cancoes, a musica dos embarcadores. Era uma raca diferente da deles, com certeza. No entanto eram tao parecidos, tinham a mesma palidez no rosto, as mesmas faces encovadas, os mesmos pes enormes de se assentarem sobre a terra!

A barca parava finalmente e o vozerio aumentava, eram ordens gritadas pelo mestre, homens caiam na agua com a ancora, outros com as varas, depois a barca ficava imovel como uma enorme ave adormecida sobre o rio.

-- Parece um pato... -- disse um homem.

Mas a escultura na proa representava a cabeca de uma mulher, de loiros cabelos rolando para as aguas, de olhos azuis de conta, de labios vermelhos e carnudos, bons para um beijo, de rosadas faces. A luz vacilante do barco iluminava a escultura e mais de um coracao de flagelado bateu rapido, com subito e intenso amor por aquela mulher feita de madeira e que so possuia a cabeca e o pescoco mas que era tao linda, tao linda que parecia viva e capaz de falar.

A barca ficou proxima a amurada, e o rapaz que estava ao lado de Marta, um sertanejo alto de nome Vicente, lhe disse:

-- E sua xara...

-- O que?

-- Essa moca da barca...

Marta nao entendia e ele soletrou o nome da embarcacao:

-- M... a... r... Mar... t... a... ta... Marta.

Ela espiou mas agora a embarcacao bordejava e saia do circulo de luz da lampada eletrica e ja nao se podia ler. Mas ficou contente. O rapaz fitou seu rosto moreno, emagrecido da viagem, os olhos fundos, os seios saltados. Nao era tao bonita quanto a moça loira da barca, mas ainda assim era uma beleza, cabrocha que valia bem um casamento. Vicente dirigia-se tambem para Sao Paulo, seu pai estava em Fernando de Noronha cumprindo pena porque matara um senhor de terras que tomara sua lavoura, sua casa e suas terras, inventando umas coisas no cartorio. A familia se dispersou, a mae ficara com os irmaos mais velhos que estavam de trabalhadores numa fazenda. Vicente preferiu vir para Sao Paulo, la podia ganhar dinheiro, botar um bom advogado para tirar seu Pai da cadeia. Assim lhe havia dito o padre do lugar e ele partira e andara leguas e leguas, com fome e com sede, trabalhando aqui e ali para continuar a viagem, quase fica com o beato Estevao a quem encontrara e em cujas palavras tambem acreditara. Mas, mais forte que tudo, era o desejo de ganhar o suficiente para pagar um advogado que defendesse o velho e o libertasse. O padre dissera que com uns dois contos ele poderia contratar o melhor advogado da Paraiba. Dois contos e muito dinheiro mas com alguns anos de trabalho um homem economico e com sorte pode reuni-los. Se esse Sao Paulo for mesmo assim, tao farto de trabalho e de pagamento, ele nao tem duvidas que cumprira o prometido. O velho estava condenado a trinta anos.

A barca, no balanço das águas, colocou-se de novo com a proa sob a luz. O nome estava escrito com letras vermelhas, mal desenhadas. Mas era bem legível, até mesmo para Marta que estivera na escola apenas seis meses.

-- E mesmo -- disse ela e bateu palmas.

-- Vosmece e mais bonita que ela -- falou Vicente.

-- Que coisa... Isso e conversa de vosmece...

Não se fartavam de admirar o rio, as águas rolando sem cansaco, aquele barulho continuo que era tao doce aos ouvidos. Marta e Vicente, os outros todos tambem, vindos de onde não havia água, onde a terra era seca e agreste, onde só os animais mais bravos resistiam, e o homem que era o mais bravio de todos. O rio seguia indiferente e das barcas paradas chegavam as musicas marinheiras, falando em amor e separacao, em ciúme e saudade, em engano e morte. Ficavam em silencio, escutando.

3

Na balaustrada conversavam pouco. Demoravam olhando o rio, tomando o fresco da noite, espiando o profundo das águas escuras e barrentas. Tudo era novidade e quase misterio, dai o silencio apenas cortado por uma ou outra frase, de admiracao ou de assombro. Raros eram os dialogos e logo morriam superados pelo interesse das minimas coisas sucedidas no rio. E quando, por acaso, um navio largava, a terceira classe atestada de imigrantes, eles se debrucavam todos no balaustre, uma inveja dos que, mais felizes, já partiam naquele navio, as mãos acenando timidos adeuses, os olhos espichados na esteira do vapor, na espuma que as rodas faziam de cada lado do rio. Era uma coisa de ver-se, grandiosa para eles, que os enchia de respeito e certo temor. Esse distante Sao Paulo devia de ser terra de muita riqueza realmente para exigir tanto sacrificio dos que para lá viajavam.

No acampamento -- que era onde conversavam largamente -- não havia melhor motivo para as prosas do que fazer projetos sobre Sao Paulo. Quando apareciam, rotos, e ainda mais pobres que eles, os que voltavam da terra que idealizavam de toda fartura, e contavam das dificuldades que havia por lá, eles se encolhiam, com pouca vontade de ouvir, e quase sempre davam razao ao comentario fatal de um mais otimista:

-- Isso e homem que não guenta o trabalho... Quer e vagabundar, ganhar dinheiro facil... Nenhum esperava que o dinheiro de Sao

Paulo fosse facil, esperavam e que houvesse e que a terra nao fosse tao arida e, principalmente, tao dificil de conseguir quanto aquela de onde chegavam.

-- Dizque um chega, logo dao terra pra ele cultivar... E lavoura de cafe... Dao muda ja crescida, dizque dao de um tudo... Ferramenta e animais...

Eis o que alimentava a esperanca naqueles coracoes cansados. A promessa de terra para cada um, livre de dificuldades, de processos posteriores revelando donos antes desconhecidos, quando ja a terra estava lavrada, as benfeitorias levantadas. No acampamento estabeleciam-se relacoes a base de troca de imprecisas informacoes sobre Sao Paulo.

Nos primeiros dias cada familia que chegava apenas queria contar o que havia sofrido na viagem, a fome e a sede que havia passado, as doencas e os mortos. Mas logo depois era o interesse por saber do navio, do trem de ferro em Pirapora, de Sao Paulo finalmente. Mortos e sofrimentos todos tinham para lamentar. Mas era coisa que ficava para tras, ninguem pode levantar os mortos dos seus tumulos, muitos deles nem tumulos tinham, estavam no papo dos urubus, feito carnica. Como que o rio, com suas aguas rumorosas, cor de barro, punha uma fronteira entre o passado e o futuro. Se tinham sofrido tanto, penado pelas picadas da caatinga, bem mereciam a fartura e o sossego que estavam a espera-los em Sao Paulo. Por vezes desconfiavam dessa fartura e dessa paz. Havia sorrisos ironicos nos labios dos que regressavam de la:

-- Vao pra la ver como e...

As mulheres eram de facil desanimo. Em geral, porem, durava pouco esse pessimismo, e as provas apresentadas pelos que voltavam, eles contrapunham as conversas no acampamento. Sempre existia alguem que possuia um parente que enriquecera em Sao Paulo. Um

ate tinha um tio que emigrara ha doze anos e estava tao rico que possuia casa na capital e ganhara o titulo de coronel.

-- So tratam ele de coronel... Foi ele que mandou dinheiro pra gente vim... Vamos trabaia em terra dele... Dizque so pe de cafe tem tanto que nem se pode contar... Entao riam e afastavam para longe, como improcedentes e falsas, as afirmacoes dos que voltavam. Tambem nem todo mundo pode se dar bem e ser feliz, prosperar e enricar. Alguns hao de ser pobres a vida toda. Esse era o raciocinio das mulheres mas cada uma se colocava entre os provaveis ricos e felizes. Era assim que esperavam o navio em Juazeiro.

Aquelas vidas que pareciam se extinguir pela caatinga, quando em determinado momento toda esperanca parecia perdida, voltavam a florescer no acampamento. Era um miseravel acampamento mas havia o que comer, agua nao faltava, nao estavam rodeados de cobras venenosas, novamente a esperanca surgia. No entanto ainda morria gente por ali. Os que haviam chegado mais quebrados pelo impaludismo, mais fracos do peito, crianas principalmente. Mas essas mortes nao conservavam aquele ar de agouro, de mais um antes de outro. Para eles os que morriam eram ainda vitimas da caatinga. Dormiam pelo chao, os que tinham algum dinheiro ajudavam os mais pobres, cedendo-lhes pedacos de carne, punhados de feijao, um pouco de farinha. O mercado era farto em Juazeiro mas todos eles chegavam com o dinheiro contado quando nao o traziam insuficiente para as passagens. Compravam apenas o essencial e escolhiam a carne mais barata, e feijao pior, a farinha menos fina. Ainda assim, apesar de toda a economia, que diferenca para a fome da caatinga! Ali havia leite para as crianas, pelo menos para aqueles cujos pais podiam comprar. Jucundina apertava na boia dos demais porem tinha leite diariamente -- meio litro -- para Ernesto. Ele se refazia, ficara barrigudo do angu de farinha, mas ja nao estava com os ossos tao a mostra e, se bem estanguido, chorava pouco, gatinhando pela sujeira do acampamento. Tonho e que continuava magro, avaro de toda comida, roubando pelas barracas vizinhas, levando surras de Joao Pedro e Jeronimo. Parecia

um rato, o rosto fino, os olhos atentos, as mãos rápidas. Juntavam-se em grupo as crianças maiores e não havia quem as suportasse, até nas vendas iam roubar, apareciam com aboboras, quiabos e chuchus tirados do mercado.

Assim iam crescendo e aprendendo. Aprendendo coisas desconhecidas no sertão de onde vinham, sabedorias de moleques da cidade, coisas referentes a vida sexual, palavras e respostas agressivas. Corriam atrás dos árabes que vinham mascatear no acampamento, tentando as mulheres com colares de vidro colorido, com pentes altos para o cabelo, com xales floridos, perfumes baratos. As mulheres olhavam os baús mágicos dos árabes, onde tanta coisa bela e desejada se acumulava numa tentativa. Contavam o dinheirinho que quase sempre tinham escondido para alguma necessidade e ouviam, como se fosse tentadora melodia, as palavras na meia-lingua atrapalhada dos sírios:

-- Baratinha... Baratinha... Ouro verdadeiro...

Eram anéis, aí que anéis mais lindos! Eram colares, azuis, vermelhos, cor-de-rosa! Eram pentes, com enfeites de estalactite, fulgindo ao sol que nem diamante! Eram quadros de santos, dos santos de maior devoção, Nossa Senhora do Bom Parto, Senhor do Bonfim, Santa Bárbara, São Cosme e São Damião e do Santo Padre Cícero da outra cidade de Juazeiro, a do Ceará! Eram perfumes, aí daqueles capazes de afastar essa catinga, esse bodum que está pegado nos seus corpos e que nem mesmo os banhos, agora possíveis no rio, podem liquidar! Eram cortes de fazenda, de todas as cores, fazendas de São Paulo, diziam os árabes, mais baratas que em São Paulo! Tinham de um tudo nos seus baús de mascate que abriam ante os olhos das mulheres.

-- Num tem dinheiro...

Mas os sírios sabiam todos os segredos:

-- Freguesa tem na ponta do lenço... Va buscar que e barateza... -- e exibiam as formosuras que levavam. Berliques e berloques nos baus abertos.

Os meninos rondando por perto, as maos avidas de levar alguma daquelas coisas, dar a mae ou a

irma, vender por um cruzado a um flagelado qualquer. O sirio maneja o metro, batendo com ele nas pernas ageis dos moleques:

-- Sai, moleque...

Mas sem perder o sorriso tentador para a freguesa:

-- Compra, freguesa, e dado de graca...

Apareciam de dia e de noite, nao tinham hora para comerciar. Ate de noite era melhor, estavam os imigrantes em geral reunidos, os arabes sabiam conversar, davam noticias de Pirapora, viviam, indo e vindo nos navios. Nao se furtavam a contar como era a vida naquelas bandas e so interrompiam para fazer o elogio das mercadorias que vendiam. Pediam um preco, deixavam pela metade, contavam o dinheiro miudo dos sertanejos, metiam no bolso. Com todo aquele sol, aquele calor do sertao, vestiam escuras roupas de casimira e nao dispensavam um colete em cujos bolsos colocavam mil coisas. E nao vendiam apenas. Tambem compravam, perguntando por moedas raras, aqueles dois mil-reis antigos, de prata, que eram comuns na mao dos sertanejos. Pagavam tres mil-reis por cada moeda, adquiriam brincos de ouro, objetos diversos, certas coisas que aos sertanejos pareciam sem valor e que traziam consigo apenas porque as haviam herdado de maes e avos, eram de estimacao. Os sertanejos iam-se relacionando no acampamento. As conversas noturnas, os empréstimos de lata e mantimento, o bisbilhotar das velhas, e aos poucos sabiam o nome uns dos outros, de onde vinham, o motivo por que resolveram imigrar. Entre as muitas noticias que Jucundina ouvira no acampamento uma

sobretudo a impressionou. Falavam, certa tarde, numa roda, no nome do beato Estevao. Ela ia passando em busca de agua, a lata na cabeça. Parou para prestar atencao, pois o que falava estava contando que, ao lado do beato surgira, nos ultimos tempos, uma santa:

-- Dizque milagreira que nem o beato... Ninguem sabe cuma chegou, apareceu num dia, so ela e

que entende tudo que o beato diz...

-- Entonces e nova por la... -- interrompeu outro. E declarou que ele tambem, ha coisa de tres meses, havia se encontrado com o beato que descia pelo sertao. Andou uns dias com ele, depois, separou-se porque eles subiam para o norte e seu caminho era para o sul.

-- Num tinha nenhuma santa... Muita mulhe mas tudo de trabalhador, rezando e fazendo penitencia...

-- Essa que tou falando faz pouco tempo. Quando ela apareceu o beato disse que foi Nossa Senhora que mandou ela pra alertar as mulhe... Dizque tem tamanha forza com os espirito que eles faz tudo que ela pede...

Jucundina retomou seu caminho mas ainda ouviu o homem contando:

-- E Zefa de nome... Ela mesmo foi quem disse quando chegou: -- "Eu sou Zefa, mandada por Deus Nosso Senhor."

Bem que podia ser, pensava Jucundina enquanto ia em busca da agua. As vezes tinha a gente uma santa em casa e nem sabia, tratava como a um qualquer, como uma doida, por exemplo. Bem que podia ser, ela passava o dia falando aquelas coisas atrapalhadas sobre o fim do mundo. Jucundina sempre achara que era um espirito que encostara na cunhada. Mas por que nao o espirito de um santo, por que nao o espirito de Deus Todo-Poderoso, capaz de milagres,

alertando os homens sobre o fim do mundo? Desde menina Jucundina ouve falar no fim do mundo. Um dia tem mesmo que acabar, assim como comecou, todas as coisas tem seu comeco e o seu fim. E os tempos andavam tao ruins, cheios de tanta desgraca que nao era de admirar que o mundo fosse acabar, que estivessem chegando aqueles tempos de que falavam os mais velhos. E como acabaria? Com fogo ou com agua? Ali, perto do rio imenso, Jucundina pensa que sera a agua que se alastrara sobre a superficie da terra e matara homens e animais, arvores e ervas. E

talvez entao todos eles sejam salvos por Zefa que virou uma santa no grupo do beato Estevao. Quando voltou, contou a familia a conversa que ouvira. Jeronimo naquele dia nao estava passando muito bem, a dor nas costas vetara e lhe dava aquela moleza, vontade de ficar estirado sem fazer nada. Nao teve animo nem para um comentario, mas Joao Pedro saiu a procura do homem que contara o caso para colher maiores informacoes e saber se era mesmo Zefa, a parenta deles que sumira na caatinga. No fim da tarde o mormaco pesava e Jucundina contava nos dedos os dias que faltavam para o navio sair. Chegaria naquela noite, demoraria tres dias descarregando e carregando, no quinto sairia e a bordo nao teriam que fazer despesas, a nao ser o leite para Ernesto, comida e casa de graca, Em Pirapora, segundo diziam, era so tomar o trem para Sao Paulo. Havia trem dia sim, dia nao, Jucundina calculava que, quando muito, teriam que passar dois dias na outra cidade. Isso no maximo se chegassem no dia da saida do trem, sem tempo para ir buscar o passe com o homem da imigracao. Porque se desembarcassem cedo, a tempo de preencher aquelas formalidades, podiam seguir ate no mesmo dia, o que ainda era melhor. Tudo o que almejava era chegar quanto antes, terminar aquela viagem, ver seu homem numa casa sua, tinha certeza de que ele ficaria logo bom. Aquela tosse e a dor nas costas eram da viagem, quando estivessem novamente parados, com a vida assentada, a doenca iria embora e eles voltariam a ter dias como os de antigamente. Agora e que Jucundina compreende que antes havia sido feliz, na sua terra, com sua casa, seus filhos, seus netos e seu marido.

Jeronimo esta deitado, os olhos perdidos no ceu azul. Faz um calor pesado e irritante. Aquele moco Vicente ja vem vindo para o lado onde eles se encontram. Anda arrastando a asa a Marta, Jucundina bem que percebe. Parece ser um moco direito mas nada tem de seu, nao pode casar. Ai quem dera que ja

estivessem em Sao Paulo, lavrando uma terra, plantando cafe. Ai quem dera! O suspiro se perde nos ruidos do acampamento. Jeronimo espia com o olho triste de doente.

4

Tambem Marta contava os dias que faltavam para o navio sair. Mas era para saber quantos dias ainda demorariam no acampamento, em Juazeiro. Vicente nao seguiria no mesmo vapor que eles, quando chegara para tirar passagem a lotacao ja estava completa. So conseguiu para o outro navio. Ficavam lado a lado na balaustrada junto ao rio. Falavam pouco, nao sabiam o que dizer, os sorrisos timidos substituindo as palavras. Olhavam as barcas, ouviam as cantigas dos marinheiros, Marta estirava o pescoco, baixava a cabeça para ver a cor do rio de noite. Sentia o ombro dele junto ao seu e a mao que vinha devagar e tomava da sua para logo solta-la, rapido, quando ouvia passos. Jeronimo e Jucundina sentavam-se num banco atras, Tonho corria com outros meninos pela rua, Joao Pedro e que ficava perto deles.

Numa rua paralela a gente da cidade fazia footing. Passavam mocas e rapazes, as senhoritas da sociedade local, os mocos do comercio, em conversas animadas e compridas, os namoros e os noivados. Na balaustrada Marta e Vicente nao achavam palavras, era aquele silencio respeitoso perante o rio, mas tao cheio de docura e de calor que podiam ficar assim a vida toda sem sentir. Uma palavra apenas, de vez em quando. Apontando um peixe que pulava nas aguas:

-- Ali...

-- Onde?

-- La ta ele pulando...

-- E e mesmo...

Riam. Ficavam esperando que o peixe pulasse de novo.

-- Aquele e grandao...

-- O outro era mais grande...

-- Hum! Acho esse...

Nenhuma palavra de amor, nenhum galanteio, so o calor dos ombros se encontrando, a mao calosa sobre a outra mao. E os olhos da moca que baixavam, o rosto quente de vergonha. E depois, quando deitada, aquela mesma angustia dos dias em que se recordava do doutor Aureliano e das suas ousadias. Um arfar dos seios, a respiracao mais rapida. Recordava entao os olhos de Gertrudes na caatinga, fugindo para os escondidos com Agostinho.

Corria uma aragem pelo cais sobre os barcos e os imigrantes. O navio apitava la embaixo, podiamse ver as luzes brilhando Joao Pedro falou em voz alta:

-- La vem o bicho...

Voltou-se para Jucundina e Jeronimo:

-- La vem ele... E o nosso...

Jucundina levantou-se, estava com Ernesto no colo. Jeronimo acompanhou, recostaram-se na balaustrada. A mao de Vicente fugiu, Marta sentiu-se abandonada, encostou mais o ombro. Era o navio, sim, e agora havia um movimento e um ruido de vozes entre os sertanejos. Muitos embarcariam nele e se alegravam de ve-lo, haviam passado dias e dias a espera-lo. Jucundina, num gesto

instintivo, meteu a mão pelo decote do vestido para constatar que as passagens continuavam ali, junto ao seio onde as tinha colocado.

O navio aumentava de tamanho, as luzes brilhando, apitou novamente. Vicente falou:

-- E o navio de vosmece...

-- Dizque sai depois de amanhã...

O silêncio agora era triste, estavam sem jeito, faltavam as palavras.

-- Vou sentir falta...

-- Logo se esquece...

-- Não sou desses...

Achavam o navio enorme se bem fosse um pequeno vapor fluvial, antigo e de casco remendado, vagaroso e sujo. Para eles era uma beleza, uma coisa de conto de fadas, com as suas luzes acesas e os sons de piano que a brisa trazia. Marta, apesar de que tinha o coração cheio de saudade, não pode deixar de sentir certa vaidade a vista do navio em que viajaria.

-- E bonito...

Vicente não respondeu. Seus olhares se encontraram e logo se desviaram.

-- Se não encontrar vance mais em Pirapora vou bater São Paulo de fio a pavio procurando...

-- Nãois viaja logo que chegue em Pirapora.

-- Pode não. Tem muita complicação, tive sabendo. Tem exame médico, tem que esperar o passe e o trem dos imigrantes. Dizque demora... E capais que eu alcance vances...

-- Tumara...

-- Tem vontade?...

-- Tenho sim...

O navio passava em frente deles. Viam os passageiros de primeira debrucados, a moça que tocava piano com um rapaz ao lado. E, no alto, o comandante com seu bone branco bem visível.

-- Eu queria ser comandante... Levava vance rio acima e rio abaixo, levava vance ate o mar... Ela sorriu. Os imigrantes movimentavam-se em direcao ao ponto onde o navio manobrava para atracar. Jucundina e Jeronimo iam tambem. Ao passar junto a eles, Jucundina disse:

-- Marta, vam'bora...

Joao Pedro ja estava na frente, Marta enxergou Tonho num grupo de moleques que se ofereciam para carregar as bagagens dos viajantes. Vicente saiu andando ao seu lado.

-- Vou sentir tanta falta...

-- Eu tambem...

-- No navio tem muita animacao, vance se esquece...

O olhar dela dizia que nao era das que se esquecem. Ele segurou-lhe a mao, enfiou os dedos entre seus dedos. Os velhos caminhavam adiante, Marta baixou os olhos para o chao. No cais havia abraços e boas-vindas. Um homem gordo saltava e beijava a mulher que o esperava:

-- Os meninos, como vao?

-- Tudo com saude, gracias a Deus...

Passaram sob um poste, depois era mais escuro, havia uma árvore que fazia sombra. Vicente virou a cabeça de lado, estendeu os lábios mas não chegou a beijá-la que já saíam novamente para a luz. Viram o comandante saudando sua esposa, acenando com a mão. Ela era uma moça frágil e bonita, sorria no cais. Marta disse:

-- Comandante não pode levar a mulher no vapor...

-- Se fosse eu levava vance e levava até chegar nas águas do mar... Juro que levava... Tonho passou depressa, conduzia um baú na cabeça. Uma mulher de preto o seguia e gritava:

-- Por aqui, menino! Por aqui, menino!

5

Na véspera da saída do navio chegou uma grande leva de imigrantes. Superlotou o acampamento, foi necessária intervenção das autoridades pois iam saindo brigas. Homens e mulheres que ocupavam lugares onde já outros estavam desde semanas, uma balburdia. O delegado esteve no acampamento, reclamou contra a sujeira, vinha acompanhado de dois soldados de polícia.

-- Vocês só com muita bainha de facão... -- declarou para os homens que o cercavam pedindo providências.

Mas estava preocupado. A chegada de grandes levas de flagelados representava sempre perigo de propagação de doenças. Sem falar no impaludismo que era endêmico por ali, havia a varíola muito comum entre os que chegavam da caatinga. O "alastrim", forma branda da varíola, assolava o sertão e o delegado mandou chamar o médico da Prefeitura e o prefeito também.

Da conferência que mantiveram no próprio acampamento, enquanto o médico fazia um exame superficial nos recém-chegados, ficou decidido que conseguiriam da Companhia de Navegação que fossem dormir no navio aqueles que iam partir no dia seguinte. A discussão

nos escritorios da Companhia se prolongou por mais de uma hora e so a tardinha veio ordem para arrumarem as trouxas e embarcarem. Foi preciso mandar Joao Pedro em busca de Tonho, andava sumido pelas ruas da cidade, nao havia mais quem o contivesse, quando aparecia para dormir trazia sempre alguns niqueis e coisas roubadas no mercado. Jucundina e Marta tratavam das arrumacoes, Jeronimo as ajudava. Nesse dia fora novamente ao Hospital, em busca de outros vidros de remedios, pois os que lhe haviam dado ja os tomara. Sentia-se melhor, se bem ainda corressem os arrepios de frio pelo seu corpo no fim da tarde. Esperava que aquilo passasse com a viagem calma no rio, e a chegada a Sao Paulo. Nao pensava muito em Pirapora, era apenas um lugar onde trocariam de conducao.

Um soldado de policia mandou que se colocassem em fila. Eram mais de cento e cinquenta, se bem a lotacao da terceira classe do navio fosse para cem pessoas. Seguravam malas de madeira, baús de flandres, trouxas. Uma familia levava um papagaio, alguns tinham cachorros. Mas, como havia uma taxa para animais, naquele ultimo momento ofereciam, aos que ficavam a espera de navio, os bichos que ainda possuíam:

-- Trate dele... dizia a mulher que dava um cachorro a um cearense.
-- Pobrezinho... O soldado de policia mostrou interesse em comprar o papagaio. Ofereceu cinco mil-reis. O dono disse que era barato, o papagaio>> ,era falador, sabia tudo quanto existia em materia de nome feio.

-- Foi criado em casa de rapariga, e por isso... -- explicava. -- Aprendeu tudo que era porcaria... E animava o papagaio repetindo ele mesmo grossos palavroes ate que o bicho mastigou as esperadas palavras de xingamento. Foi um sucesso e o soldado se decidiu a dar seis mil-reis. Sairam em fila do acampamento. Foi tao rapido que nem deu; para despedida. Veio uma ordem, o soldado gritou:

-- Em frente! Marche!

Marta voltou-se para ver mais uma vez a Vicente. Ele estava de pe, o cigarro apagado no canto do labio. Depois foi a entrada no vapor onde um homem conferia as passagens. Da cozinha chegava um cheiro de comida, de peixe fervendo.

-- Donde a gente fica? -- perguntou Jeronimo.

O homem fez um gesto com a mao mostrando o chao cheio de rolos de corda, de ferros, de objetos variados:

-- Por ai mesmo... Vao se arranjando...

E foram se arranjando, arrumando as trouxas pelos cantos vazios, procurando saber onde ficava a latrina, qual era a hora da comida.

-- Hoje voces nao tem direito a jantar aqui. So depois que o navio sair.

-- Nois pode cozinhar?

-- Aqui a bordo, nao... .

-- E cuma e?

-- Eu sei la... Voces deviam ter vindo amanha que e o dia de saida do navio... Ideia desse prefeito... Isso e burro como uma porta...

Ficaram olhando uns para os outros. Se nao davam jantar e eles nao podiam cozinhar, como ia ser naquele dia? Voltaram a discutir com o homem. Estava proibido sairem de bordo mas conseguiram permissao para que as crianas pudessem ir ao mercado comprar banana e pao. Um homem contou os meninos que sairam, depois de muito pedido consentiu que um homem -- um so -- os acompanhasse para fazer os pagamentos. Foi escolhido um mulato forte que sabia ler e escrever e que, durante a estada no acampamento, se relacionara com todos eles. Os que tinham dado dinheiro para trocar ficaram ansiosos, com receio de serem prejudicados no troco. O mulato fizera uma lista com os nomes, as quantias que lhe davam e as compras que desejavam.

Foi ate alegre a volta dos meninos, carregados de cachos de banana, cestas com pao, algumas melancias. O mulato prestou contas direitinho, o que o fez subir de muito no conceito geral. Comeram por ali mesmo, as cascas jogadas no rio. Tonho conseguira furtar dois paes, levou umas bordoadas de Joao Pedro. A mulher a quem ele roubara reclamava aos berros e Marta foi levar-lhe os paes.

-- Adisculpe, moca...

-- Nao sabe dar educacao, nao tenha filho...

Mas eram raivas passageiras, nao havia menino que nao roubasse, a nao ser os de peito como Ernesto. Xingavam na hora, depois sabiam desculpar. Naquela primeira noite estavam amaveis e confiantes. Ofereciam uns aos outros bananas e paes, aqueles que tinham comprado melancia repartiam, distribuiam talhadas.

Jucundina armou seu rancho junto a um enrolado de cordas. Colocou uma rede sobre as cordas, dobrada, fez ali a cama de Ernesto. O navio balancava suavemente e a criança dormia. Tonho metia os pes na agua, levava descomposturas do marinheiro que pescava na popa e cujo silencio ele interrompera:

-- Sai, corneta!

A noite caiu e do navio apagado eles viam os outros sertanejos chegando para o cais, no passeio costumeiro. Marta forcejava por enxergar Vicente mas nao o descobria entre os homens. Alguns vinham para o lado do navio, em breve estabeleceram-se conversas entre os embarcados e os que estavam em terra. Marta ja perdera as esperancas quando ouviu o seu nome, murmurado:

-- Marta! Marta!

Jucundina ouviu tambem. Marta ficou parada, esperando que a mae reclamasse. Mas, em vez disso, Jucundina falou:

-- Vai conversar com o moco...

Procurou entre os que estavam no cais. Ele sentara-se no cimento, sob a escada que subia da rua para a primeira classe:

-- Tou aqui...

-- Pensei que vance nao viesse...

-- Cuma nao havia de vir?

E depois numa voz triste:

-- Dizque meu barco vai demorar, nem chegou ainda em Pirapora, ta encaiado pelo caminho, depois ainda tem que voltar...

-- Cuma soube?

-- Fui hoje na Companhia... Mas se vance não tiver em Pirapora vou bater São Paulo todo pra lhe encontrar...

Agora as músicas dos imigrantes embarcados misturam-se com as dos homens das barcas e as vozes se perdem todas em meio ao ruído do rio. O soldado de polícia que ronda nas imediações já pensou duas vezes em botar Vicente para fora do lugar onde ele está sentado. Se ele quiser, é só um pulo e mistura-se com os que partem. Mas tem pena, acha que ele está se despedindo da noiva, para que atrapalhar? Ele também foi moco e sabe o que são essas coisas.

Ri uma risada gostosa, se pudesse ia ao botequim tomar uma pinga. Em vez disso vai ter que estar ali até de madrugada.

Sentiam mais que assistiam ao embarque dos passageiros de primeira classe. A saída do navio estava marcada para as nove horas da manhã e desde cedo começara o movimento. Haviam dormido profundamente, apesar do ruído que faziam os carregadores trazendo fardos para o navio, o balanço do barco ajudava o sono. Não lhes deram café pela manhã, comeram o resto de pão e de banana que sobrara da véspera. Porém, coisa de sete horas, um marinheiro avisou que o cozinheiro estava vendendo café a duzentos reis a caneca. Quase todos quiseram, levaram a caneca e os niqueis, o cozinheiro pedia:

-- Dinheiro trocado! Dinheiro trocado!

Debaixo iam chegar os passageiros de primeira e seus parentes e amigos que vinham despedir-se. Famílias com crianças, gente bem cuidada, lágrimas e risos. Logo depois do café houve o embarque dos porcos. Um homem vestido de caqui, um rebenque na mão, comandava as operações. Eram uns vinte porcos, grandes, de alguma raça pouco conhecida por ali. Iam para São Francisco, para um fazendeiro de lá. Deu trabalho metê-los a bordo. Os imigrantes riam vendo as peripecias do embarque e riam mais ainda quando

um porco caiu na agua e foi preciso que dois homens se jogassem para comboialo ate o navio. O do rebenque gritava:

-- Salvem o bicho que e do coronel Juvenal!

Foram amontoados na popa do barco, fizeram uma especie de cercado. Mas ali ja estavam varias familias arrumadas. Foi uma gritaria, protestos, xingamentos. Um marinheiro perguntava:

-- Quer que os bichos vao soltos junto com voces?

Outro, com um rosto moco e bom, acalmava:

-- E mesmo pro bem de voces... Pra nao ir misturado...

Mas os que se tinham alojado na popa nao se conformavam. Procuravam novos lugares na terceira superlotada onde ainda, no entanto, embarcavam novos passageiros e engradados com galinhas, malas e caixoes.

-- Meus Deus, onde a gente vai dormir?

Dormiriam por cima dos caixoes, de mistura com os bichos e as malas grandes do pessoal de primeira que nao cabiam nos camarotes. Alguns haviam armado redes, utilizando as vigas do navio e era necessario andar com a cabeça baixa. Mulheres lavavam roupa suja aproveitando a agua do rio. As nove horas o vapor apitou. Mas so foi sair as dez e meia, fazendo a volta no rio com cuidado; nao fosse encalhar logo na saida, como por vezes sucedia. Correram todos para a balaustrada de bordo, empurravam-se, lutavam por um lugar. Queriam ver as casas da cidade que iam ficando para tras, que pareciam andar, queriam ver conhecidos, outros imigrantes que estavam no cais. Marta esticava os olhos para o vulto de Vicente, ja nao o podia reconhecer, era apenas um ponto perdido ao longe. Os meninos admiravam o movimento das rodas. Ia uma algazarra pela terceira que so se acalmou na hora que a sineta anunciou o almoco.

De falta de comida não se podiam queixar. Haviam distribuido um prato de flandres para cada um e mais uma caneca e uma colher. Formavam fila em frente a cozinha onde os ajudantes de cozinheiro, ao lado de enormes painéis, distribuiam o peixe, pirarucu cozido com pouco sal, e o arroz. Davam farinha também e com o caldo grosso e gorduroso do peixe faziam um pirão amarelado, gostoso. Muitos abandonavam a colher, preferiam comer com mão e se atolavam no peixe. A graxa escorria entre os dedos, achavam saboroso.

Enquanto o barco corria não sentiam calor. A viração soprava e era agradável, depois do almoço muitos se estiraram para dormir. Jeronimo estava satisfeito. A dor das costas não o apoquentava, a brisa dava-lhe sono, o almoço fora bom. Jucundina levava os pratos para lavar. Varias outras mulheres já o faziam. Metiam os pratos na água do rio, passavam a mão em cima para tirar os grãos de farinha, viam os peixes pequenos saltando em torno. Tudo servia de diversão naquele primeiro dia de viagem. Outras mulheres traziam roupa suja, metiam na água, botavam para secar por cima dos rolos de corda, ficavam tomando conta. As crianças corriam, iam bulir com os porcos, enfrentando as iras do homem de rebenque.

-- Puxa, moleque descarado... Vai-te embora, se não, te arrebento... O problema para Jucundina era leite. Na vespera, com a confusão do embarque apressado, não pudera comprar leite para Ernesto. O que restava era pouco, mal dera para aquela noite, se bem ela tivesse misturado água. Pela manhã conseguiu um pouco do cozinheiro, na hora em que comprara o café. Mas já

tinha acabado e ele não lhe queria ceder mais. Se não ia faltar para a primeira classe e só na cidade próxima o navio se reabasteceria de leite. Aconselhou:

-- De um caldo de peixe...

E forneceu, tirando do caldeirao com uma concha, aquele caldo grosso e amarelo. A crianca o recebeu bem, estava esfomeada. Tomava avaramente, as colheradas, Jucundina ria. Disse para Jeronimo:

-- Talvez nao precise mais comprar leite...

-- A comida e boa... E muita...

Ate Tonho, que parecia insaciavel, que comia tudo o que estivesse ao alcance de sua mao, ate ele parecia farto apos o almoco. Tivera direito a repetir o prato, um dos ajudantes de cozinheiro simpatizara com o menino, com sua cara de rato, seu olhar ousado, seus gritos asperos. E lhe dera um bolachao que ele como nao conseguisse come-lo todo, levou para Marta.

Joao Pedro veio vindo para onde estavam Jucundina e Jeronimo. Sentou-se em cima das cordas, comentou:

-- Se a finada tivesse viva ia gostar desta viagem... Tinha vontade de conhecer um navio... Falava sobre Dinah e entao recordaram os mortos e os distantes, Gertrudes e Agostinho, Noca e Dinah, os tres rapazes que haviam ido embora, Zefa que virara santa, e tambem o jumento Jeremias que se envenenara e a gata Marisca que eles tinham comido.

7

O mais bonito de tudo era o reflexo das luzes sobre a agua. Marta ficava espiando, o pensamento distante, no moco Vicente. Sera que ela ainda vai encontra-lo algum dia? Tudo e possivel no mundo, mas bem que era dificil. Nem sabiam que destino haviam de tomar em Sao Paulo, um homem contara que ficariam na Hospedaria dos Imigrantes ate que algum fazendeiro os contratasse. Talvez ali ela fosse revelo quem sabe? As luzes brilham sobre a agua. Os jogadores nao tem olhos para a beleza dos reflexos das lampadas na superficie do rio. A terceira classe e mal iluminada e eles precisam

estar atentos aos manejos do marinheiro para não serem roubados na volta da carta. Marinheiro e bicho sabido, o baralho e velho e sebooso, e ronda e um jogo pra ladrao. Apostam os paus de fosforos, cada um vale 20 reis, mas e muito caro para o bolso deles. O marinheiro vira as cartas, as conversas se prolongam nos grupos, agora, que estão reunidos no navio, e como se fossem uma só familia, o mulato que saíra para comprar mantimentos adquirindo uma autoridade de chefe. E ele quem soluciona as brigas por causa de lugar, quem vai tratar com o cozinheiro e o comissario. Chama-se Aristoteles e nem parece imigrante. Dizque em São Paulo vai ficar e na capital, e fácil ser condutor de bonde. Alguns não sabem o que e isso e ele explica, ajudando as palavras com gestos largos.

-- E um trem pequeno que corre nas ruas, levando gente de uma banda pra outra...

-- Oxente... que coisa...

-- Já se viu... Esse mundo...

O mulato ria da ignorancia deles. Ele já viajou, conhece um pedaco de mundo, sabe palavras desconhecidas. Vao se reunindo em torno dele, as discussões estalam as historias vao surgindo:

-- Num sei cuma foi quando vi tava em cima do homem, o punhal nas costela dele... O júri disse que eu num tava nos meus sentido e e bem verdade...

Da primeira classe chegam sons de piano, vozes e risos. Marta sente que sobre a sua cabeça, no passadico de cima, um casal conversa. São noivos talvez, ele a beija repetidamente, diz palavras de amor em voz cariciosa. Marta espia o brilho da luz sobre a agua corrente. Sera que vai encontra-lo ainda? E

quando sera? Surge uma briga no grupo de jogadores. Correm homens e mulheres, um marinheiro grita, seguram o que está com a faca na mão:

-- Ta doido, rapaz?

Vem gente da primeira classe espiar. Mas os noivos nao se movem de onde estao, os beijos estalam, alguns sao longos, os labios dentro dos labios. Marta ve as sombras, que estara fazendo Vicente nessa hora? Estara no balaustre do cais, espiando o rio, as barcas, aquela que tem o nome de Marta. Nunca mais o vera, tem quase certeza. Um dia ele a ia beijar estavam na sombra da arvore, nao deu tempo. Por que nao a beijou? Sente-se como se tivesse sido roubada. A voz de Jucundina a procura:

-- Marta! Marta!

-- Ja vou, mae...

E so o tempo de espiar mais uma vez as luzes na agua, de ouvir o som de mais um beijo e a voz do homem dizendo a noiva:

-- Querida! Querida! Como te amo...

Marta anda devagar, tem vontade de chorar.

8

Do rio eles quase so viam a agua por onde o navio seguia, em marcha que lhes parecia rapidissima e aos viajantes de primeira classe se afigurava das mais lentas. Viam tambem a vegetacao nas margens, os camponeses de rosto amarelo, e as pequenas cidades onde tocavam. Escapava-lhes o misterio do rio, seus dramas, sua tragica geografia humana. Nem prestavam atencao a vida que os rodeava e so mostraram mesmo um interesse mais vivo quando o navio encalhou e os barqueiros do Sao Francisco empunharam as longas varas, as encostaram nos peitos e lutaram durante horas e horas contra o barco, a areia e o rio. Como nada sabiam de terras do outro lado do mar -- a nao ser precarias e falhas observacoes ouvidas ao acaso -- nao compreenderam a observacao literaria feita por um caixeiro-viajante que ia na primeira classe e que, com ela,

pensava impressionar os companheiros de viagem e principalmente a filha do coronel Menandro que viajava para a cidade da Barra:

-- Parecem os barqueiros do Volga...

Talvez parecessem, talvez não, o próprio caixeiro-viajante sabia pouco acerca do Volga, a não ser através da música e da letra da canção e de que por lá houvera uma revolução sangrenta e os barqueiros não mais empurravam os barcos com os ombros. Isso tudo ele explicou a Clarice na sua língua cheia de gíria, entremeada de anedotas:

-- Foi um fuzue brabo... Os barqueiros eram comunistas, mataram o rei e agora são o governo... Ela, que estudava numa faculdade, sabia mais que ele e riu. Não chegava a se emocionar com o espetáculo dos homens com a vara contra o peito, levantando o navio do leito traçoeiro do rio. Aquela era uma cena a qual se acostumara desde a infância. Os colegas de Faculdade, vindos de outras regiões gostavam de ouvi-la narrar aquelas coisas e falavam da sua vocação literária. Por isso sorria do caixeiroviajante e sentia-se ligeiramente incomodada com sua insistente presença. Os imigrantes ouviram a comparação, pois o rapaz falava sempre em voz muito alta e não compreenderam. Mas estavam todos presos pela visão daqueles homens de peito nu, enterrados no rio, manejando as varas entre gritos, ouvindo as ordens que o comandante transmitia do alto. Aquele era um trabalho duro, tão duro ou mais que o de lavrar a terra, de abrir-lhe sulcos profundos, de plantar e colher. Jucundina apontou um dos homens:

-- Já tem um calo no peito...

Todos o tinham, uma deformação no lugar onde apoiavam as varas. Viam quando mergulhavam, segurando logo depois os enormes varapaus, voltando a enfiá-los sob o casco do navio. Uma luta de horas inteiras, sem descanso.

O navio safava-se lentamente, e isso era o que mais os assombrava, pois não imaginava possível que ele se movesse sequer. Observavam os negros e os mulatos em torno ao barco. Eram homens como eles, da mesma estatura, de parecida cor, mas aos sertanejos afiguravam-se gigantes donos da força e do poder, senhores do rio, capazes de tudo. Quando finalmente, após quase uma tarde de trabalho, o navio retomou sua marcha e os barqueiros pularam para bordo, os imigrantes os cercaram, faziam perguntas, e vinham os meninos e tocavam nos calos que eles tinham no peito. Os barqueiros sorriam, aquele era o seu ganhapão, que de alguma coisa tem o homem de viver.

9

Ernesto não foi o primeiro menino a morrer. Outros morreram antes e até adultos ficaram nas águas do rio com a disenteria. Após a seca e a racionada comida da caatinga, charque assado e pirão de farinha, após a economia de Juazeiro, os tostões contados -- a comida de bordo, peixe abundante e gorduroso, parecia um sonho. Era a vontade. Homens comiam dois e três pratos de pirarucu, lambiam os beicos, esticavam-se na madeira do navio de barriga para cima, calentando o sol como as jiboias no sertão depois de devorarem um bezerro ou um cabrito.

Mesmo antes que a disenteria se declarasse, já a latrina se tornara inútil. Era uma só em toda a terceira classe e, já no segundo dia, a descarga não funcionava e o mau cheiro se alastrava. Os homens foram sujando por todo o espaço do pequeno quarto onde estava o aparelho e logo ficou inteiramente inservível, não era possível sequer transpor a porta. Aprenderam então a equilibrar-se nas bordas do navio, a bunda para fora, as calças arriadas. Defecavam no rio.

Todas as manhãs os marinheiros limpavam a latrina. Pelas dez horas já ninguém podia se servir. A descarga estava definitivamente rebentada e o único jeito era esperar a noite, com suas sombras, para fazer o serviço no rio. Ou então a chegada a qualquer porto

com a conseqüente corrida para os matos próximos. A princípio as mulheres recusavam-se a acocorarem-se nas bordas do barco, ante os olhares curiosos dos rapazes e as pilherias sem gosto dos meninos. Mas quando começou a disenteria perderam todo o resto de vergonha e já não esperavam a noite, os passageiros de primeira classe evitando olhar para baixo.

As crianças sentiram primeiro a mudança e a fartura da alimentação. Os detritos eram verdes, moles e malcheirosos. Quando o primeiro morreu foi um deus-me-acuda no navio. Não havia médico a bordo, se bem um esquecido decreto do governo exigisse sua existência. Apareceu um enfermeiro, um caboclo de cara feia e maus modos. Em todos os vapores onde iam imigrantes era sempre a mesma coisa: chegavam esfomeados, enterravam-se no peixe, morriam uns quantos de disenteria. Olhou o menino morto, espiou outros, perguntou se tinham dor de barriga. Cuspiu:

-- Começou a caganeira...

Não deu remédios nem explicações.

-- O único jeito é comer menos... Quanto menos -- melhor...

Impossível seguir o conselho. O peixe os tentava, era bem preparado com azeite de dendê, o seu cheiro atravessava o navio. Mas em breve foi dominado pelo mau cheiro que vinha de todos os cantos, pois os mais doentes nem podiam se aguentar de cocoras para defecar na água do rio e o faziam ali mesmo pelo barco, sujando calças e vestidos, uma porcaria.

Morreu outra criança, depois foi a vez de Ernesto a quem Jucundina, a falta de leite, dava o caldo de peixe. Quando estavam próximo a um porto, os cadáveres eram conservados para serem enterrados no cemitério. A família ficava em torno, chorando, não havia caixão nem flores. No porto entregavam a

policia, o vapor nao podia esperar. E, quando estavam longe de uma parada, entao o jeito era atirar no rio, deixar que as piranhas comessem. Assim aconteceu com Ernesto e eles viram o pequeno corpo ser arrastado pelas aguas, a suja camisola esvoacando como uma bandeira ou um lenço dando adeus. Aquele foi um rude golpe para Jucundina, No comeco da viagem, nos dias iniciais da caatinga, esperava ve-lo morrer a qualquer momento. A falta de leite, de um alimento mais substancioso que angu de farinha, a apavorava. Mas a crianca resistira, atravessara a viagem, emagrecendo dia a dia mas sem doencas, e aos poucos ela foi se convencendo de que ele nao morreria. E agora, quando tudo parecia proximo do fim, quando seus sofrimentos estavam -- no seu pensar -- para terminar, quando era a fartura de comida, quando ela ja se convencera de que ele se criaria e seria um dia um moco tao simpatico quanto Nenen, entao e que ele morria e o seu corpo nem enterrado era, ia ao sabor do rio servir de pasto para as piranhas. Se fosse na caatinga pelo menos eles o enterrariam, poriam uma cruz por cima, passariam uma noite velando o pequeno cadaver, rezando suas oracoes. Mesmo que os urubus viessem depois e cavassem o lugar, eles ja estariam distantes, nao assistiriam. Mas agora veem o corpo indo pelo rio, junto com os galhos de arvores, as folhas secas, a sujeira que jogam do barco. As folhas aderem ao cadaver e por vezes as aguas o cobrem, so conseguem ver os pes, os magros pes tao pequenos!

Mas sua dor nao e a unica a bordo. Sucedem-se as mortes e ate cadaveres de homens vao para as aguas desse cemiterio estranho. Quando a hora da comida se aproxima trava-se um drama dentro de cada imigrante: a fome, o desejo de comer o peixe gostoso, e o medo da disenteria. Num dos portos onde pararam, o comandante mandou comprar um boi e abate-lo. Durante dois dias serviram carne e foi assim que os efeitos da disenteria diminuiram. Mas dos olhos de Jucundina nao desapareceu jamais a visao do cadaver do neto sobre as aguas do rio. Muito tinha que contar aos tres meninos, a Nenen principalmente, quando os voltasse a encontrar. Muita tristeza que lhes narrar, muitas lagrimas que derramar sobre os ombros dos filhos. Por que se recordava deles a cada desgraca?

Agora quase que só eles lhe restavam na vida, sua família estava acabando depressa e ela já não lastimava que os três houvessem partido mesmo para serem soldado e cangaceiro, que pior era morrer naquela viagem para São Paulo. Já tomando ódio a essa terra de São Paulo, não sabia mesmo por que ainda marchavam para lá. Podiam ter ficado pelo caminho, numa fazenda qualquer, como agregados. Que importava que o salário não desse, que a terra não fosse deles, que lavrassem para um coronel e para ele colhessem? De qualquer maneira iriam vivendo e estariam todos vivos e juntos e ela os veria vir pelo fim das tardes com seus instrumentos de trabalho. Agora os via partir um a um, cada qual mais triste na sua morte. Foi bom que Agostinho e Gertrudes houvessem decidido ficar naquela fazenda. A essa hora estariam casados, dentro de um ano teriam um filho, seria talvez parecido com Ernesto, esse se criaria, com seu saldo Agostinho compraria uma cabra, leite de cabra sustenta criança, cria forte, ainda mais que leite de vaca. Deviam ter trazido a cabra... Por maior que fosse o sacrifício...

Vai um rumor de choros e gemidos pelo barco. Na primeira classe tocam piano e riem. Lá não servem apenas peixe. Há carne, pão com fatura, café com leite, ninguém adoeceu. Vida de pobre e assim mesmo e Jucundina não sabe para que nasce gente pobre se e para sofrer tanto. Sejam eles naquela viagem, sejam os barqueiros com as varas nos peitos sangrantes, aleijados de calos. Esse mundo é mal feito, tem muita injustiça, deve mesmo acabar. E vai acabar com certeza, está perto do fim, o beato está

dizendo, a santa está dizendo, e suas vozes são ouvidas em todo o sertão onde cegos violeiros, os cangaceiros mais valentes e as mulheres mais desgraçadas repetem que o fim do mundo está perto, o sofrimento vai se acabar.

"Tumara que acabe logo", é o que deseja Jucundina. Que acabe antes de Jerônimo morrer, ela tudo que deseja agora, além de rever os três filhos, e não assistir a morte do marido. Já viu morrer gente demais, gente que ela pariu ou que ela criou. Por que Deus não tem

pena e não a leva de uma vez? Por que a deixa vivendo se é apenas para sofrer? Morreria satisfeita se antes abraçasse os filhos. Já, que é

soldado de polícia, José que é cangaceiro e Nenen que é cabo do Exército. Se eles chegassem, os três juntos, e lhe pedissem a bênção... Mas chegar para onde se já não tem casa, nem terra, se já não tem quase parentes, se nem sabem onde vão parar?

As águas do rio correm para o mar, assim lhe explicaram, sabem para onde vão, qual o seu destino. Jucundina não sabe para onde vai, onde arrumara suas trouxas e descansara seu corpo. Quando chegarem a São Paulo que destino tomarão? Dizem que faz frio, que no inverno é tão gelado que racham as orelhas e os lábios. Morrerão todos de frio, os poucos que restam. Procura, com o olhar que já não enxerga o corpo de Ernesto, o resto da família. Jerônimo está deitado, Marta seca as lágrimas com as costas da mão, João Pedro fuma na balaustrada, Tonho corre com os meninos que não adoeceram. Quando partiram eram treze, cantando com o jumento e a gata, foi Dinah quem contou. Agora são apenas cinco, quantos chegarão?

10

A disenteria cedeu, porém alguns homens e mulheres continuaram arriados, com febre. Era o impaludismo. Aqueles que já não o traziam no corpo, do alto sertão, o adquiriram ali nas águas do rio das Sezes. Uma catíngia insuportável fizera-se habitual na terceira classe. As sujeiras dos doentes misturavam-se outros fetidos odores, provindo do chiqueiro improvisado dos porcos, dos engradados de galinha, da latrina sempre cheia. E os gemidos e as palavras soltas na febre, e as queixas tornaram-se também tão comuns que já ninguém ligava. Os passageiros de primeira iam apavorados, alguns ameaçavam até saltar com medo do impaludismo. Um caixeiro-viajante aparecera com febre e os passageiros exigiram providências

do comandante. Foi feita larga distribuicao de quinino entre os imigrantes.

Apesar de tudo a vida continuava entre os que nao cairam com febre e haviam escapado da disenteria. Jogavam baralho, perdiam dinheiro, tocavam violao, faziam projetos para Sao Paulo. Mais uns dias e chegariam a Pirapora, era quase o fim da viagem. Dali era so tomar o trem, com passagem de graca, e viajar dois dias para chegar onde havia abundancia e trabalho, dinheiro e alegria. Eram muitos os sacrificios mas valia a pena porque contavam tanta coisa desse Sao Paulo que mesmo se apenas a metade fosse verdade, ainda assim compensava.

Quando atiravam mais um corpo nas aguas do rio e viam as piranhas se aproximarem vorazes, apenas lamentavam que aquele nao tivesse aguentado um pouco mais. O impaludismo matava menos que a disenteria, apenas amarelava os homens e fazias as mulheres parecidas com fantasmas. O que acontecia era nunca mais largar o que adoecia. Ia embora para voltar no outro ano, Quando chegasse o inverno com suas chuvas. Porem como diziam que em Sao Paulo era tudo diferente, que nao chovia no inverno, era um frio seco com geada e neblina, as chuvas caindo apenas no verao, podia ser que la nem houvesse impaludismo.

O pior era que estava correndo a noticia, espalhada ninguem sabe como nem saida de que boca, que em Pirapora nao permitiam o embarque de doentes. Que os impaludados nao podiam seguir viagem para Sao Paulo, o governo nao dava passagem. Se quisessem ir teriam que pagar o bilhete de trem e nao levariam nenhuma garantia de trabalho. Que havia um medico do governo a examinar cada um e so os que conseguissem passar no exame, que era rigoroso, tinham direito a passagem. O desanimo invadiu o navio e era ainda mais concreto que o mau cheiro e os gemidos, e as lagrimas e a febre. Vinham de percorrer os caminhos da fome e da doenca, tao proximos da fartura sera que nao poderiam dar o ultimo passo e alcanca-la, prende-la nas avidas maos cansadas?

-- Mato um... -- dizia o mulato que fizera as compras em Juazeiro e que estava caído de impaludismo.

Jucundina ouviu a notícia, pouco se comoveu. Agora tinha fe nas palavras do beato, que ouvira repetir. O mundo ia acabar, estava perto do fim. Seria bom se acabasse logo, antes deles chegarem a Pirapora. Assim nenhum mal podia mais lhe acontecer.

11

O rio rugia na cascata, um barulho de ensurdecer. Ficaram vendo os passageiros de primeira desembarcarem. O caixeiro-viajante impaludado desceu carregado, diretamente para a casa de saúde. Na terceira todos se tinham posto de pé, mesmo os que ainda tinham febre, nenhum queria aparecer como doente, era o medo de não ganhar a passagem para São Paulo. Pediam notícia a toda gente que aparecia a bordo, como deviam fazer para conseguir os passes, aonde se deviam dirigir, que tal era o médico que fazia os exames, quando saíam os trens que levavam imigrantes.

Estavam novamente animados e, se bem ali fossem se separar para diferentes pensões, não faziam despedidas, esperando todos encontrarem-se no primeiro trem que saísse para São Paulo. O mulato das compras, que era conversador e bem falante, conseguia informações do carregador. Ficou sabendo onde poderiam se hospedar. Havia umas pensões baratas, nas ruas de canto, que aceitavam flagelados, desde que o pagamento fosse adiantado. Mas soube outras notícias também. Que havia na cidade de Pirapora mais de trezentos imigrantes à espera de condução para São Paulo. Isso sem falar nos doentes, nos que não tinham conseguido o visto do médico. Esses não se contavam mais, tinham virado mendigos pelas ruas, ou trabalhavam em paga da comida nas fazendas da vizinhança. Sempre na esperança de conseguir o visto, renovando o exame médico de quando em quando.

-- Vocês passam aqui uns dois meses quando nada...

Finalmente desembarcaram. Levavam suas trouxas na cabeça ou nos braços. Ficaram parados na ribanceira onde as canoas os deixavam, sem saber para onde se dirigirem. Carregadores mais caritativos indicavam os caminhos.

O sol era vermelho e queimava. Uma poeira cor de sangue subia pelas ruas, enchia os pulmões. A cidade de Pirapora dormia a sesta quando eles chegaram. Apenas os mendigos enchiam as ruas, dezenas e dezenas, pediam esmola aos raros passantes. E aquela poeira densa que avermelhava as coisas e dava uma cor carregada ao cuspo. Adiante, a cascata rugia sob uma ponte abandonada. Eles foram marchando, aos grupos, no caminho das pensões baratas.

O trem de ferro

1

Quando o cliente saiu, o doutor Epaminondas Leite ficou um momento sentado, antes de chamar a enfermeira. Sentia-se exausto. Olhou o bico do sapato sujo de poeira vermelha. Não adiantava engraxar, era dinheiro posto fora. Bocejou longamente, batendo na boca com as costas da mão. Sentia o calor que entrava pelas janelas do consultório, estava com a camisa empapada de suor. Terra desgraçada... Que jeito tinha se não levantar-se e continuar? Ali, em cima da mesa, estavam as papeletas. Um monte, diminuía devagar. Nessa tarde ele já examinara vinte imigrantes e apenas nove tinham saído com as papeletas que afiançavam a sua saúde e lhes garantia o passe para São Paulo na outra parte do prédio, onde funcionava a repartição do Serviço de Imigração do Estado de São Paulo. Quase todos com impaludismo, outros com verminose, uns tísicos, até um caso de lepra aparecera naquele dia. Por mais superficial que fosse o exame -- e um ano antes, quando chegara, Epaminondas demorava-se a examinar cada um, conversando, perguntando antecedentes, querendo saber dos pais e avós -- as marcas das doenças estavam estampadas em cada face. Muitos ainda queimavam de febre, a maleita aparecendo na palidez

acentuada do rosto, no tremor das mãos, no fundo das pupilas. Bastava olhar para o infeliz, para que demorar-se mais a examinar? Noutros era o abaulado das costas, os rostos covados, aquele ruído característico na respiração. Havia um aparelho de Raios X mas estava quebrado e, apesar de suas reclamações, nunca o haviam mandado consertar. Também não era preciso. Longe estava o tempo em que ia buscar as raízes, as causas de cada doença, de cada tuberculose. Também já conhecia de cor e salteado essas coisas: a viagem a fome, o trabalho excessivo. Nos primeiros meses, os imigrantes, quando saíam da pequena sala do consultório, diziam:

-- O doutor parece mais um padre confessor que um médico... Pergunta a vida toda da gente... Sentia-se esgotado. Não particularmente nessa tarde. Era um cansaço que vinha de longe, de semanas e meses, um ódio contra tudo aquilo que o rodeava: o calor de Pirapora com sua poeira entrando pelo nariz, pelas orelhas e pela boca, as conversas das comadres nas casas pacatas, o ruído do rio, as doenças dos imigrantes, os pedidos, as lágrimas, as histórias dramáticas. Cansado da enfermeira, cansado até de Filo, a rapariga com quem dormia a maioria das noites e que o esperava no cabaré. Só uma coisa desejava: ir embora, largar a cidade, o consultório, as papeletas quase inúteis, não ver mais a cara dos outros funcionários, não ouvir mais a voz da enfermeira Amelia comandando os imigrantes:

-- O próximo...

Besteira... O próximo... Eles lá sabiam o que queria dizer o próximo... Em nenhuma das suas significações. A Bíblia (seria mesmo a Bíblia?) falava que não se devia fazer mal ao próximo. O difícil é

estabelecer exatamente o conceito do bem e do mal. Aí daquele que o tentasse a sério: ficaria louco... Ele, Epaminondas, teve esse problema nos primeiros meses. Ficou sem dormir, foi um tempo terrível. O

melhor era não ligar, deixar que as coisas corressem. Esse mundo e mesmo errado, não seria ele, o doutor Epaminondas Leite, com dois anos de formado e um ordenado de um conto e quinhentos, quem iria conseguir consertá-lo... Não fora outra a conclusão a que chegara o doutor Diógenes. Apenas, em vez de se conformar, entregara-se a bebida, estava inutilizado para sempre. Epaminondas bem que tem sido tentado. Há noite que seu único desejo é beber até ficar inconsciente, sem pensar em nada, largado por aí, e limpo pelo álcool de toda a sujeira que o rodeia. Mas se guarda de fazê-lo, o que vira do doutor Diógenes valera como uma boa lição. O importante era aguentar até que os seus amigos de São Paulo conseguissem sua transferência. Mandava cartas, uma atrás da outra, seu pai não tinha descanso, largava a tesoura e a agulha, ia em busca dos amigos influentes, ouvia as promessas, tornava a voltar. A Epaminondas pouco importava que o chamassem de chato. Não sabiam o que era aquilo ali, aquele consultório, os imigrantes, as suas histórias, e os rogos, as súplicas que depois continuavam a ressoar nos ouvidos pela noite adentro, impossibilitando o sono... Se eles soubessem, não o chamariam de chato... Se pelo menos ainda aparecesse alguma imigrante que fosse bonitinha... Coisa rara... Uma que outra, levando meses a examinar velhas de peitos moles e homens magros como uma vara... Já sabia que era uma baixeza, uma quebra de toda a ética profissional, mas não resistia: quando aparecia uma cabocla bonita mandava que ela se desnudasse, a pretexto de exame, e apalpava nadeças e seios. Via as faces coradas de vergonha, os olhos baixos, as mãos cerradas sobre o peito. Depois lhe dava um remorso, um asco de si mesmo, mas aquela terra e aquele trabalho rebaixavam qualquer um, amesquinhava o caráter de quem quer que fosse. Recordava-se sempre da frase de um imigrante, logo nos primeiros tempos da sua chegada. O homem batia violentamente numa criança com um tamanco, o sangue escorria no lábio ferido do menino. Segurou o braço do imigrante, censurou-o:

-- Pare com isso. Que barbaridade...

O homem o olhou com maus olhos mas logo que soube que ele era o medico mudou de modos, ficou humilde, largou da crianca que nem saiu do lugar, choraminguenta e suja.

-- Seu doutor, nos semo pobre e tamo viajando pra Sao Paulo. Tamo sem comer que nois nao tem mais um tostao. Pois esse desgraçado ainda acha de ir roubar pao so pra me criar embaraco... E desfiou sua historia, ali mesmo, nos degraus da porta. Naquele tempo Epaminondas ainda ouvia com paciencia os relatos espantosos. Quando o homem terminou, deu conselho e fez uma pergunta:

-- Como e que voce, depois de ter sofrido tanto, voce e sua familia, ainda tem coragem de bater na crianca? Nao tem pena?

O homem levantou os olhos, falou com sua voz humilde:

-- O sofrimento nao faz ninguem ficar bom, seu doutor... O sofrimento so piora a gente, so faz ficar ruim...

Agora ele gostava de repetir para si mesmo a frase do imigrante e ate a escrevera numa das cartas semanais (antes haviam sido diarias) para Marieta, sua noiva que estava em Sao Paulo. Ele tambem ficara ruim, mas de uma ruindade pequena, covarde, incapaz de uma maldade grande, perdendo-se nessas torpezas de mandar as mocas se despirem, de negar licencas aos funcionarios que estavam sob seu controle e que sonhavam fugir por uns dias do posto de imigracao. Imigrante bonita era raridade. Deitara com algumas, andavam com fome, eram presa facil. Umas casadas, outras amigadas, havia viuvias cujos maridos tinham ficado pelo caminho. Dava-lhes cinco milreis, para elas era uma fortuna. Muitas sobravam pelas ruas de rameiras, ele por vezes reconhecia algumas que haviam passado no seu gabinete em busca da papeleta. Estavam doentes, nao serviam mesmo para nada, ele lhes barrara o caminho para Sao Paulo, acabavam nas casas de prostituicao onde morriam mais depressa. Era tudo muito nojento e ele sentia-se cansado.

Podia não vir ao consultório, se quisesse. Já o fizera algumas vezes, deixando-se ficar na pequena casa que alugara e onde residia só (durante o dia vinha uma negra arrumar as coisas). Comia no hotel e em certas tardes de maior calor e agonia em vez de dirigir-se, as duas horas, para o consultório, caminhava para casa, atirava-se na cama. Mas se não pegasse logo no sono (aquele sono pesado do qual acordava suado e com dor de cabeça), então ficava inquieto, pensando na fila de homens e mulheres que o esperavam, sentados ou de pé na sala, os olhos aflitos para a porta por onde ele entrava. Alguns já tinham vindo duas e três vezes, sempre calados, os olhos tímidos como os de um cão que ele tivera quando estudante. Revolvia-se na cama, terminava indo, e naqueles dias era ainda mais rispido, mais fechado e sóbrio. E para isso se formara...

Que jeito tinha se não levantar-se e continuar? A sala estava superlotada, quando ele chegara quase não pudera passar e depois não parou de entrar gente. Já atendera a uns vinte, rapidamente, era fácil ver logo os enfermos.

-- Por ora é impossível... Se você ainda está com febre do impaludismo... Dava caixas com cápsulas de quinino:

-- Tome isso e, quando a febre passar, volte pra gente ver o fazer...

Que morbida fascinação o levava a fitá-los quando já sabia de antemão que ia ver os mesmos olhos de espanto, a mesma boca torcida num pedido, o mesmo desespero?

-- Não adianta... Não posso fazer nada...

Ouvia ainda as lamentações lá fora. E a voz de Amelia mandando a família embora, aos gritos, brutal e feia Amelia! Ele fazia o mesmo ou quase o mesmo, fazia coisas piores como por nuas as mocas bonitas, mas tomara raiva da enfermeira devido aqueles seus modos, sua estupidez para com os imigrantes. Ela parecia não sentir toda aquela desgraça que a rodeava, ria e trocava pilherias com os outros funcionários.

-- Que gente... que asco...

Pensa que ele não é muito melhor. Também era bruto, ruim muitas vezes, usando palavras iguais ou muito semelhantes as de Amelia. Mas lhe tinha raiva e não a escondia. Espia pela janela. Com o cair da tarde a poeira diminui um pouco. Nos caixilhos amontoa-se o pó vermelho. Alguem passa na rua e o cumprimenta.

-- Boa tarde...

Como se pudesse haver uma boa tarde nessa cidade a examinar imigrantes... Olha o relógio. Felizmente está próximo o fim. Mais alguns e acabou-se por hoje. Depois é o jantar e a noite nos braços de Filo. Nem mesmo essa lembrança o entusiasmava. Estava cansado da cabrocha, só não a largara ainda porque não aparecera outra com uma cara razoável que a substituísse... E aquilo ali sem mulher... Grita:

-- Amelia!

-- Já vou...

Quando a enfermeira abre a porta que dá para a sala de espera, Epaminondas ouve o rumor de conversas.

-- Tem ainda muita gente?...

-- Muita... Hoje chegou navio...

-- Quais são os primeiros?...

-- Uma família, veio nesse vapor... Dois homens, a mãe, uma filha -- sorriu -- bonita, um menino...

-- Mande entrar um dos homens...

Quando ela se dirigia para a porta, resolveu:

-- Mande entrar todos de uma vez... E os demais podem ir embora... Que voltem amanhã... Esses serão os últimos...

Todos de uma vez, seria mais rápido. Afinal tratava-se de um exame superficial, o navio trouxera uma carga ruim. Quase tudo impaludado, fora um surto a bordo, ele já constataria. Esta de costas, olhando pela janela quando Jerônimo entra com sua família. Ouve os passos, a porta que a enfermeira fecha, o silêncio respeitoso. Desce a cortina sobre a janela, volta-se. A moça era bonita, Amelia tinha razão. Como aquela poucas ele tinha visto entre as imigrantes...

2

Quando Epaminondas Leite chegara a Pirapora, pouco mais de um ano antes, vinha disposto a grandes realizações, otimista e feliz. Aquele emprego custara-lhe muito trabalho e a viagem de trem, desde São Paulo, ele a realizara com uma sensação de verdadeira euforia. De Belo Horizonte telegrafara a Marieta: "Viagem ótima. Breve estarei aí de volta. Será para sempre". Pensava em passar uns seis meses, assim tinham-lhe prometido os amigos. E o chefe da repartição, um velho pernóstico que escrevera um livro sobre os bandeirantes e estava muito orgulhoso de si mesmo, dissera que ia se interessar para que "aquele exílio em Pirapora não demorasse demais". Depois lhe dissera, com seu jeito de falar como se estivesse fazendo discurso:

-- O meu jovem amigo, no entanto, não deve afligir-se. Vai se colocar em contacto com dois dos maiores problemas do nosso país: a imigração nordestina e o rio São Francisco. Esse último, em especial, é profundamente tentador. Eu o aconselho a aproveitar o tempo estudando os problemas da região. Há

um, sobretudo, que é fascinante. Por que, numa terra tão fértil e rica, e o homem tão indolente e incapaz?

Tenho para mim que é a mestiçagem... Mas o senhor vai ter oportunidade de examinar o problema in loco... Prometeu que estudaria o problema e enviaria suas observações ao chefe em cartas que seriam o início de "uma larga estima epistolar" como definiu o historiador dos bandeirantes. E quando prometera não o fizera por uma simples gentileza, para atender e ganhar a boa-vontade daquele homem de quem tanto dependia de ali em diante. E que levava todo um plano de estudos, de trabalhos, de realizações. "La

poderei me especializar em doenças tropicais, estudar muito, e uma especialidade que dá". Quando conseguisse remoção para São Paulo podia abrir um consultório. Via-se com dinheiro e fama, casa bem montada, Marieta feita uma grande dama, o pai largando o ofício deprimente de alfaiate. Mas ficou na primeira carta, que, alias, nem pôs no correio. Suas observações, dois meses depois de ter chegado, levavam a resultados que certamente não agradariam ao chefe e achou melhor deixar o assunto de lado. Que diria o historiador dos bandeirantes se soubesse que a indolência e a incapacidade queriam dizer apenas fome na terra rica e fértil?

No longo percurso de trem fizera toda sorte de projetos. Não vinha no ar, sem saber para onde ia, como acontecia com os imigrantes ao atravessarem a caatinga e o rio São Francisco. Aquele emprego, que devia sem dúvida a intervenção de Floriano -- chegara da Europa, da viagem de estudos, na hora em que ele já desanimara -- representava o fruto de um ano de pedidos, de esperas em salas frias de repartições, levando cartas, apresentações, humilhado, os sapatos rotos, o terno azul da formatura adquirindo uma cor fosca, as calças perdendo o vinco. Chegando a casa, a tarde, desanimado, sem palavras para a expectativa dos pais, indo noivar a noite com receio da invariável pergunta de dona Isolina:

-- Conseguiu alguma coisa?...

Fazia um gesto negativo. Marieta o arrastava para a rua, sabia que, se ficassem ali, dona Isolina comecaria a se lastimar, a dizer que noivado longo nao serve, que um anel de doutor abre todas as portas se a pessoa que o possui e tenaz e trabalhadora. Os nervos de Epaminondas ficavam fervendo, mais de uma vez respondera asperamente. Era melhor passear em frente de casa, cumprimentando as vizinhas, dando dois dedos de prosa com uns e outros.

O sonho do velho Leite havia sido formar aquele filho. Ja seu pai exercera a profissao de alfaiate e ele ainda era menino quando lhe puseram a agulha na mao. No entanto seu desejo era ser medico e ja que nao o pudera realizar jurou que formaria seu filho. Para isso fez os maiores sacrificios, trabalhando a noite ate alta madrugada, em servicos para fregueses roubados a alfaiataria. Durante o dia trabalhava para a grande casa de modas masculinas, a noite para a sua freguesia. Tinha ate etiquetas da casa, que pregava na gola dos paletos, os fregueses sabiam que o corte dos ternos era o mesmo, aquele que fizera a fama da alfaiataria. E o dinheiro para as despesas era no contado, comprando apenas o necessario para que nao passassem fome, mas o filho no ginasio, possuindo todos os livros, com uma boa pasta, a farda sempre limpa.

Quando fez o vestibular -- teve uma boa nota, plenamente 8 -- a alegria do alfaiate foi enorme. Saiu dizendo a vizinhanca toda, convidou os mais intimos para uma cerveja; ja olhava Epaminondas como a um doutor. E de doutor comecou a chama-lo logo, meio em brincadeira, meio a serio.

-- E para acostumar... -- dizia.

Comecou a juntar o dinheiro para o anel:

-- Quero um anel com esmeralda verdadeira e brilhante de fato... Nao imitacao como usam por ai... -- e ria satisfeito.

Cedo Epaminondas encontrou tudo aquilo um pouco ridiculo. Mas tinha suficiente bom coracao para compreender o sacrificio dos pais e a ingenua alegria do alfaiate que chegava a esconder sua paternidade aos fregueses da casa de modas que eram colegas do filho. Quando descobria, entre a freguesia, um estudante de medicina, arrastava a conversa de tal maneira que terminava falando em Epaminondas.

-- Conhece? E meu fregues...

O rapaz conhecia.

-- Inteligente, nao e? Vai ser um medico e tanto... Tem talento e vocacao... Tambem e um burro em cima dos livros.

Epaminondas nao escondia dos colegas a profissao do pai. E foi isso que o aproximou de Floriano, rapaz rico, filho de um senador, tratado com inveja e mimo por alunos e professores. Seu pai era trunfo na politica, empregava gente, mandava um bocado, todos procuravam agradar o filho. Epaminondas nunca tivera intimidade com ele, que possuia roda sua, rapazes com automovel e amantes, que iam a festas elegantes e jogavam nos cassinos, estudando pouco, os professores sem coragem de reprovar, contentes de receber o cartao do senador pedindo benevolencia para com o filho.

Certa manha de aula pratica Floriano puxou conversa:

-- Ontem conheci um seu admirador entusiasta...

-- Meu? -- admirou-se.

-- E, sim. Um alfaiate. Faco roupas no "Magazin Robles". E quem melhor corta em Sao Paulo. E ontem quando o alfaiate descobriu que eu era estudante de medicina foi logo falando em voce, contando sua vida, fazendo elogios. Disse que o conhecia.

Olhou bem nos olhos do outro, não tinha simpatia por Floriano, tudo o que lhe custava esforço desesperado era fácil a ele:

-- E meu pai...

-- Seu pai? -- era a sua vez de admirar-se.

Não falaram durante o resto da aula. Mas a franqueza de Epaminondas agradara ao rapaz rico, parecia-lhe uma coisa nobre e digna. Quando saiam da sala, aproximou-se novamente:

-- Vai para o centro?

-- Vou, sim.

-- Entre. Eu o levo.

Entraram juntos na barata de Floriano, um Packard marrom que deixava as molas doidas. Foram conversando, ficaram amigos. Epaminondas ingressou na roda de Floriano. Não o deixavam fazer despesas e aquilo a princípio o humilhava um pouco. Mas o que lhe ofereciam em troca daquela sensação de inferioridade era muito e ele não resistiu. Já namorava com Marieta naquele tempo, no terceiro ano ficou noivo. Floriano garantia-lhe que, mal se formassem, lhe conseguiria um bom emprego público.

-- E vamos montar consultório juntos... Eu não sei nada, você é bom estudante... Vou fazer nome às suas custas...

O alfaiate sentia-se feliz com aquela amizade. Agora conversava longamente com Floriano quando ele ia renovar os trajes, esmerava-se no trabalho para o estudante. Epaminondas jantava em casa do senador, acompanhava Floriano aos cassinos, as festas, as recepções. Até em Palácio já estivera, num baile. O próprio senador, de certa feita, indo provar uma roupa na alfaiataria, quisera apertar a mão do pai de Epaminondas e aquilo para o velho representou uma honra que ele nunca esperava merecer.

-- Quando ele se formar, eu cuidarei do futuro do seu rapaz...

O proprietario da casa acompanhava o senador e desse dia em diante tratou o alfaiate com mais amabilidade.

-- O filho e estudante de medicina, protegido do senador Nogueira... Esta feito na vida... Falam que e o senador quem lhe custeia os estudos...

Marieta tambem vivia aquelas esperancas, por vezes acompanhava Epaminondas no automovel de Floriano que levava ao seu lado a namorada accidental. Iam beber uisque em Santo Amaro ou dançar em Guaruja. Tudo isso aumentava os sacrificios do alfaiate, aquela vida custava dinheiro e ele nao desejava que a Epaminondas faltasse nada.

No dia da formatura, quando viu o filho com a beca sobre a roupa azul que ele mesmo cosera a noite em casa, com todo o carinho, nao pode conter as lagrimas. Ouviu, com desmesurada atencao, o discurso do paraninfo e o do orador da turma. Quando o nome de Epaminondas foi lido, bateu palmas ruidosas. Tambem quando o velho diretor pronunciou o de Floriano Nogueira. O senador estava no camarote de honra e saudara com a cabeça ao alfaiate sentado na plateia do Municipal, onde se realizara o ato da formatura.

Marieta fizera um vestido novo para ir ao baile. Foram de taxi, parecia um sonho, em casa o alfaiate nao tinha sono, comentava com a esposa todos os detalhes do ato:

-- Agora esta dancando...

Dera-lhe o anel e mais um relógio de ouro. E a caneta-tinteiro para assinar as receitas. Floriano havia presenteado o amigo com um rico termometro.

Seis meses depois tudo aquilo estava no prego. Nao quisera apressar Floriano na questao do emprego. Esperava que o amigo se

lembrasse, falasse com o senador. Mas, quinze dias depois de formado, Floriano, acompanhado de seus pais, embarcara para a Europa. Tres meses depois o senador voltara para os trabalhos legislativos, Floriano ficara fazendo um vago curso de especializacao. O senador esteve apenas dois dias em Sao Paulo, Epaminondas nao pode sequer avista-lo, voltou para o Rio que a politica estava complicada.

E comecou aquele tempo de angustia. Conseguia uma carta de apresentacao, ouvia promessas de pessoas importantes, pensava que nao era justo que o pai continuasse a sustenta-lo agora que ele ja estava formado. Via o alfaiate sobre a agulha ate de madrugada, tinha desejos de arregacar as mangas da camisa, tomar da tesoura, ajuda-lo. Notava tambem os olhares de dona Isolina quando ele chegava para noivar. Por vezes nao tinha sequer o dinheiro para o bonde, uma vergonha de pedir ao pai, era sua mae quem lhe dava cinco mil-reis para os cigarros e as despesas miudas. Demorou nas ante-salas das secretarias, as solas dos sapatos iam se gastando, eram longas aquelas horas de espera para ser atendido e foi ficando humilde e revoltado.

Durou um ano. Quando ja estava completamente desiludido, Floriano chegou da Europa com um novo automovel, um Fiat de corrida, uma francesa que era um amor de pequena e o atestado de que havia frequentado certas clinicas famosas. Epaminondas estava tentando clinicar no consultorio, que um colega lhe emprestara, duas vezes por semana, durante tres horas, mas sabia que aquilo nao resolvia. Era so para tapear, dizer que estava fazendo alguma coisa. A roupa azul estava no fio e dava-lhe raiva ver que seu pai preparava-se para lhe cortar outro terno, diminuindo as despesas com a casa. Foi o proprio Floriano quem o procurou. Quando soube que ele ainda estava desempregado, aborreceu-se:

-- Sera possivel? Recomendei tanto ao velho... E o diabo da politica, nao lhe deixa tempo livre... Mas vamos tratar disso em seguida... E um emprego que valha a pena. Coisa boa de fato... E tracou o

programa daquela noite. Iriam a Santos, o cassino... Epaminondas mostrou a roupa.

-- Vestes uma das minhas... E ficas com ela... Nao vais agora bancar orgulho besta, nao e?

Afinal, a culpa e minha...

Quando voltaram, Epaminondas lhe disse:

-- Quanto ao emprego, qualquer coisa serve contanto que nao demore...

Nao demorou realmente. Floriano lhe explicou que, com mais tempo, poderia conseguir coisa melhor. Mas, com aquela pressa, pegara a primeira vaga. Era de medico do posto de imigrantes em Pirapora.

-- Coisa para pouco tempo. Arranjo logo tua transferencia para aqui ou outra coisa melhor... Dessa vez nao vai acontecer como da outra...

Mas Epaminondas bastava com o emprego. Um conto e quinhentos ja servia. Nao disse nada em casa, nem a dona Isolina nem a Marieta, ate que a nomeacao foi assinada. Naquele dia levou queijo e vinho para casa, flores para a noiva. Floriano lhe emprestara dinheiro para tirar o anel, o relógio, a caneta e o termometro do prego e mais para as despesas de viagem. Entrou em casa com o "Diario Oficial" na mao. A alegria do alfaiate foi tanta que Epaminondas temeu que ele tivesse alguma coisa. Abracou o filho:

-- Nao disse... Mais dias menos dia...

A alegria de Marieta nao foi menor. Dona Isolina perguntou para quando podia marcar o casamento.

-- Logo que eu seja transferido para aqui. Coisa de alguns meses, cinco ou seis, no maximo... Ia substituir um tal de doutor Diogenes,

funcionario ha muito tempo, que passara quatro anos em Pirapora e agora conseguiu ser removido para Santos. Ouviu dizer dele que era homem muito capaz, medico de muito boa reputacao.

Durante a viagem fez projetos. Como seria essa cidade de Pirapora, tao distante, na margem do Sao Francisco? Recordava as palavras do chefe da reparticao sobre os problemas do grande rio. Nao conhecia cidades do interior a nao ser Campinas e Jundiai, Santos nao podia ser considerada como tal. Mas essa cidade mineira devia ser diferente. Apesar de que passaria ali poucos meses, pretendia montar consultorio para clinicar nas horas vagas e estudar o mais possivel.

Admirou-se de que o doutor Diogenes nao o estivesse esperando na estacao. Telegrafara de Sao Paulo e de Belo Horizonte anunciando a sua chegada. Um carregador arrebatou suas malas.

-- Onde e que mora o doutor Diogenes Mendes? Voce sabe?

-- Doutor Dioges? Mora no Hotel Internacional...

-- E longe?

-- Pertim...

-- Leve minhas malas pra la. Eu o acompanho para saber o caminho...

-- E ali... -- esticava o beico. -- So andar essa rua, sai em cima.

Deixou o carregador para tras. O calor era insuportavel, havia uma poeira que atacava os olhos. Precisava comprar oculos escuros Mas achava a cidade simpatica com suas casas brancas e se entusiasmou com a cachoeira rolando sob a ponte. Parou olhando o Sao Francisco. Um pobre lhe pediu esmola. Meteu a mao no bolso, buscando o niquel, espiou o homem. Firmou o olhar espantado. Nao havia duvidas, era leproso.

O hotel estava silencioso como se não houvesse ninguém. Bateu umas palmas inúteis. Foi o negro das malas quem foi acordar o proprietário que dormia a sesta. Outros hóspedes, chegados no mesmo trem, iam se juntando na sala.

-- Seu Juca, tem hospede...

Seu Juca não alterou seu passo vagaroso. Calcava chinelas e passava as costas dos dedos nos olhos sonolentos. Epaminondas adiantou-se:

-- O doutor Diógenes mora aqui?

O hoteleiro o examinou detalhadamente:

-- O senhor é o médico que vem pro posto?

-- Sou eu, sim...

-- Seu quarto está reservado... É o 19...

O negro foi indo com as malas. Mas Epaminondas queria era encontrar logo com o colega, conversar com ele. Talvez não tivesse ido esperá-lo devido a algum doente grave, talvez uma operação. Valia a pena indagar.

-- E o doutor Diógenes, onde está? Na Casa de Saúde ou no consultório? Ou visitando os clientes?

Seu Juca levantou um olho, era um gesto indefinido.

-- Quem? Doutor Diógenes?

-- Sim... -- disse Epaminondas já irritado.

-- Ahn! Doutor Diógenes... Visitando doente... Qual... Estendeu a mão, apontou o botequim do outro lado da praça:

-- Ta ali... Naquela mesa, de roupa branca... Bebendo cachaca...

3

Era uma desconsideracao. Pediu ao dono do hotel que avisasse ao doutor Diogenes que ele havia chegado e foi para o seu quarto. Tomou um banho, mudou de roupa, esperou encontrar o doutor na sala a

sua espera. Com o banho limpou-se da poeira do cansaco viagem. E foi lepidio e curioso que se dirigiu a sala onde Diogenes devia estar. Nao encontrou ninguem. Olhou para o botequim defronte, la

estava o medico, na mesma mesa e parecia-lhe que ate na mesma posicao. Chamou seu Juca. O hoteleiro veio sem pressa, ficou esperando o que ele dissesse com aquela cara inexpressiva que enervava:

-- Mandou avisar ao doutor?

-- Nao, senhor...

-- Mas eu nao disse que avisasse...? Tenho que falar com ele, e coisa importante...

-- Nao mandei, fui eu mesmo... Empregado aqui e saco de preguica, tive que ir eu mesmo...

-- Avisou?

Balancou a cabeça dizendo que sim.

-- E ele que foi que disse?

-- Que ja sabia... E me mandou a merda...

Completou:

-- E costume dele, manda tudo a merda... Tudo, menos a cachaca. Diz que e a unica coisa que presta nesse mundo, se tivesse uma filha botava o nome de Parati... -- riu e era um riso frouxo, sem forcas, "como seria o riso de uma lesma se ela risse", pensou Epaminondas. Encaminhou-se para a porta, ia dizer umas verdades aquele cachaceiro. Entao era essa a maneira de receber um colega? Tinha a obrigacao de ir espera-lo, de mostrar-lhe a reparticao, transmitir-lhe o cargo, apresenta-lo aos demais. Conversaria com ele e diria o que pensava da sua atitude. Voltou para buscar o chapéu, o sol era de arrebentar. Trazia o habito de andar sem chapéu, ali ia ser impossivel conserva-lo. E tinha que comprar uns olhos escuros, sem falta. Que sol... Admirou ainda uma vez o espetaculo das aguas sobre as pedras nas cascatas, a espuma branca subindo como franjas. Aquilo valia a pena. Mandaria contar a Marieta na longa carta que pretendia lhe escrever nessa noite. Mas nessa noite nao escreveu a Marieta, so o fez na manha seguinte, pois passou a noite no cabare com o doutor Diogenes, "conhecendo as meninas", como dizia o outro. Nao imaginava que isso aconteceria quando cruzava a praca em direcao ao botequim. Sua disposicao era dizer uns desaforos ao doutor, arranjar-se sozinho, informar depois a reparticao. E mandar um recado confidencial a Floriano sobre o tal medico. Pensava que ele nao valia nada, nao tinha suas relacoes? Talvez soubesse que era filho de um alfaiate e por isso...

O doutor Diogenes levantou uns olhos bacos. Devia estar com barba de uma semana pelo menos, pensou Epaminondas. Era uma barba avermelhada e rala que dava ao doutor um ar de louco. Os cabelos por pentear, onde ele metia as maos que tremiam. "Delirio alcoolico", murmurou para si Epaminondas, concedendo no entanto que podia estar em comeco. A roupa suja, queimada em varios lugares pelos cigarros, a cinza do charuto que o doutor fumava espalhando-se pela gola do paletó e sobre o peito cheio de manchas da camisa.

-- Boas tardes...

Os olhos mortos o fitavam:

-- E o meu substituto? Muito bem. Sente-se...

Puxou a cadeira com gesto brusco, sentou-se um pouco afastado da mesa. Diogenes era um homem de seus cinquenta e muitos anos, ao que parecia, gordo com umas maos redondas que tremiam levemente. Epaminondas ia falar, comecar sua catilinaria, mas o outro nem o olhava mais, batia palmas chamando o garcom. Na mesa estava uma garrafa de cachaca, mais da metade consumida,

-- Traz outro calice... E depressa, seu merda...

O garcom riu, devia estar acostumado aos modos do doutor.

-- E pra ja...

-- Veja se passa pelo menos uma agua no calice.

Tinha, no entanto, uma voz cheia e quente, voz de quem houvesse sido cantor em algum tempo. Epaminondas esperava que ele lhe oferecesse bebida, para recusar. O garcom pousou o calice, ia tomando da garrafa, um gesto do doutor Diogenes o interrompeu:

-- Da o fora, seu merda...

Encheu o outro copo. Levantou o seu:

-- Saude...

-- Nao bebo...

Os olhos bacos o fitavam novamente e pareciam sorrir sob a moleza que os envolvia, um resto de ironia naqueles olhos.

-- Nao bebe... Ahn... E bom que comece logo...

-- Que comece logo? Por que?

-- Vai saber depois... E tudo o que resta aqui... -- mostrava garrafa -
- Santa Cachaca, a melhor santa de Pirapora. Mais milagrosa que o Padre Cicero ou esse beato novo que anda pelo sertao, o tal de Estevao...

Aproximou o calice do outro, concluiu:

-- Deixe de orgulho, vire a cachacinha... Nao presta, e uma merda, mas e a melhor que ha por aqui... E de Januarica. Mas nao se compara com a pernambucana...

E como Epaminondas ainda vacilasse, repetiu:

-- Deixe de orgulho, jovem. Aqui se perde todo o orgulho...

Sua voz modulada tinha um acento profundo nesse momento:

-- E toda a decencia tambem...

Epaminondas suspendeu o calice.

-- A sua saude...

-- Obrigado -- esvaziou o seu de um gole, cuspiu, encheu novamente.

A cachaca era forte, Epaminondas sentiu queimar-lhe o peito. O suor corria-lhe na testa, o sol terrivel fazia fechar os olhos. Tirou um lenço do bolso (recordou-se que as iniciais haviam sido bordadas por Marieta), limpou o rosto:

-- Que calor...

-- Tem coisa pior... Ora, se tem... -- os olhos de Diogenes abriam-se novamente naquela expressao ironica.

-- A cachaca e bom pro calor... -- diagnosticou com meio sorriso nos labios moles. E, sem proposito, fez uma pergunta inesperada,

apontando com o indicador o peito de Epaminondas:

-- Que idade voce me da? -- apurava-se na cadeira para o outro poder examinar. Epaminondas calculou. Devia ter entre cinquenta e oito e sessenta anos. Diria cinquenta e cinco.

-- Anda ai pelos cinquenta e cinco... Pouco mais ou menos...

Diogenes riu:

-- Ta ai o que e Pirapora e o lugar de Inspetor Medico do Posto de Imigracao do Estado de Sao Paulo.

Virou o calice de cachaca, novamente o encheu e tambem o Epaminondas.

-- Faz quatro anos e pouco que cheguei aqui... Quando desembarquei na merda dessa estacao tinha trinta e oito anos... Devia estar agora com quarenta e dois se ainda sei fazer contas de somar. Estou com cinquenta e cinco, e isso mesmo... Dezesete anos e nao quatro... E ainda acho pouco, a mim parece que foram trinta...

Cocou a barba vermelha, Epaminondas estava preso da sua voz.

-- Trinta anos, e a pena maxima dos codigos dessa merda de pais, nao e? Cumpri trinta anos nos quatro que levo aqui...

Epaminondas disse que se admirava um pouco daquelas afirmacoes. Quase nao pudera ver nada da cidade e sofria o calor. Mas do pouco que vira nao chegara a conclusao de que fosse assim tao ruim. Para cidade do interior ate nao era das piores ao que parecia.

-- Hum! A cidade... Tem um aeroporto, tem um clube de danca onde jogam gamao, boas casas de comercio, em resumo e uma merda. Mas nao falo da cidade em si, nao e ela quem liquida a gente, apesar do calor e dos chatos...

Seus olhos agora estavam perdidos para além da praça. Epaminondas não sabia o que ele fitava por mais que acompanhasse seu olhar. Na praça deserta não havia ninguém. Na outra rua, em frente a uma loja, um árabe de colete bocejava. Talvez fosse para ele que o médico olhasse e Epaminondas comentou num sorriso:

-- De colete de casimira nesse calor... Que cavalo!

Mas Diógenes nem o ouvia. Pensava noutra coisa, com certeza, pois quando falou foi para dizer:

-- Espere até ver seus clientes, os imigrantes... Quantos anos você tem?

-- Vinte e sete...

-- Menino... Na sua idade eu estava no Rio de Janeiro, boas mulheres, não eram essa merda daqui...

Cocou a barba novamente:

-- Jurei que não fazia a barba até você chegar... Ficou muito brabo porque não fui à estação?

-- Bom. Esperava...

-- Eu ia... Mas logo de manhã...

Calou-se. Emborcou o cálice de cachaca, voltou a fazer o elogio da bebida:

-- Esquenta o coração da gente... -- e sem solução de continuidade contou: -- Eles tinham vindo do Crato, tinham andado mais de seis meses para chegar aqui. Pelo caminho tinha morrido quase tudo e os que restaram...

-- Imigrantes?

-- Os nossos clientes... Ha uma papeleta para encher. So se enche quando o cidadao esta sao, e com ela que ele vai buscar o passe na sala que fica do outro lado do predio. Quando tem alguma coisa nao leva a papeleta. Voce tem revolver?

-- Nao. Que lembranca...

-- Era melhor que tivesse para defender as papeletas... Ou pelo menos que tivesse um coracao de ferro... Boto cachaca em cima do meu para resistir, o meu e uma merda...

-- Sao violentos?

--Violentos? -- admirava-se do termo. -- Que violentos... O dificil sao os olhos, um olhar de bicho acuado... Quando botam aqueles olhos eu so tenho pena e de nao ter um revolver para atirar neles... Estou aqui e estou vendo os olhos do homem quando eu disse que ele estava com os pulmoes arrebetados. Posse a chorar... Ficou em silencio uns segundos, perguntou:

-- Ja viu homem velho chorando?

Epaminondas lembrava-se do seu pai no dia da sua formatura. Mas disse que nao.

-- Se prepare pra ver... E a maior das merdas... Como e que podia ir a estacao? Hoje de tarde nao vou la, sua chegada serviu de pretexto e amanha pela manha lhe entrego o cargo, arribo no primeiro trem... Minha pena terminou, vai comecar a sua...

-- Mas e assim tao terrivel? -- Epaminondas custava a se convencer que o lugar fosse aquela desgraca de que o outro falava. Afinal era examinar os imigrantes, encher a papeleta para os saos, despachar os doentes.

-- O que e que acontece aos doentes?

-- O que acontece? Pois nada... Não podem seguir, só isso... Depois morrem, quem é que não morre na merda desse mundo? ~~ apontava a praca. -- Ficam mendigos por aí... E o que sobra em Pirapora: mendigos. E voltam ao consultório todos os dias para novos exames, garantindo que já estão curados...

-- E o colega os examina novamente?

Diogenes pousou nele os olhos bacos:

-- Que importância tem? Tuberculose e lepra não se curam assim. Ainda quando e

impaludismo...

Estendia agora os dois braços num gesto que seria teatral em qualquer outro mas que nele era apenas triste:

-- Nunca vi tanta fome... E o que mata essa gente: fome...

E logo riu para contar:

-- Tem um poetastro por aqui, faz uns versos merdosos, num deles, mais passavelzinho, diz que eles percorrem -- os imigrantes... -- os caminhos da fome até chegar aqui... Foi a única coisa que presta que ele escreveu... Os caminhos da fome levam direito ao cemitério.

-- E o pessoal da repartição?

-- Uns merdas... -- mas achou a palavra inexpressiva e quase elogiosa e logo emendou. -- Não, uns miseráveis, uns filhos da puta... Negociam com os passes, fazem toda classe de bandalheira... Não me dou com nenhum...

Resumia tudo numa palavra:

-- Uns pustulas...

Esclareceu a Epaminondas:

-- Não adianta escrever a repartição em São Paulo, reclamando. Cada um tem um padrinho, não ligam para isso aqui. Há dois anos que peço a minha remoção. Na última carta mandei dizer que, se não me removessem, largaria o posto e mandava tudo a merda... Dei um prazo a mim mesmo: até o fim do mês que está correndo... Afinal vi sua nomeação, chegou um ofício. E se não larguei antes, foi porque tive pena dos desgraçados que, sem médico aqui, não viajava nenhum. Nem os poucos que chegam em estado de seguir...

-- Foi transferido para Santos...

-- Já sei... Mas foi tarde demais, não me levanto mais... Isso aqui me liquidou de uma vez... Pensa que eu bebia antes de vir para aqui? Bem, não era abstermeio, tomava um trago uma vez que outra, um aperitivo antes do almoço. Como outro qualquer...

Chamava o garçom:

-- Bote na conta, seu merda...

Jogou uma prata na mesa, o garçom murmurou um agradecimento.

-- Estou lhe chateando com essas conversas. Mas é melhor você saber logo como é a coisa por aqui... Não entrar naquele consultório com ilusões, como me aconteceu... Pensava em realizar uma obra de fundo social de assistência médica aos imigrantes... -- balançou as mãos -- ... planos... tudo deu em droga...

Levantaram-se. O sol brilhava sobre a cascata, andaram para aqueles lados. Epaminondas admirava-se de que Diógenes não fosse aos tropeços. Tinha bebido muito e ainda assim caminhava direito, apenas tinha o corpo curvado e as mãos tremiam. Mas notou que o outro o examinava com o rabo dos olhos:

-- Nao tenho ainda a minha dose... -- riu. -- De noite e que estou cheio. Riu ainda mais:

-- Nao ha outro jeito de conseguir dormir senao bebado...

-- O calor...

-- Que calor... Sao eles e suas historias... E os olhos... Da vontade de matar... E a noite Epaminondas viu o medico bebado, dancando no cabare. Conhecia todo o mundo, pareciam gostar dele, homens rudes do porto, rapazes do comercio, o tal poeta que era um mulatinho franzino, os marinheiros dos navios. Mostrou as mulheres a Epaminondas:

-- Nao va com nenhuma sem me falar. Sei as que tem gonorreia e as que estao sas. Sao minhas unicas clientes, fora dos imigrantes...

Pela tarde haviam estado no consultorio, Diogenes a lhe explicar as coisas, fazendo uma apresentacao humoristica de Amelia:

-- Esse hipopotamo e a enfermeira. O bicho mais bruto que Deus pos no mundo... Depois Epaminondas fora com Amelia ao outro lado da reparticao, falar com os demais funcionarios. Trataram-no muito bem, ele era a maior autoridade, recebeu convites para almocos, e puseram-se as suas ordens. Ninguem disse nada sobre Diogenes, tampouco ele estava disposto a tolerar que falassem do medico.

Comeram juntos no hotel, Diogenes o arrastou para o cabare. La apontava mulheres, cabrochas sem beleza:

-- Aquela eu examinei? Tava sa mas o resto da familia nao podia viajar. Andam ai pedindo esmola, ela caiu na vida... Agora e tao doente quanto os outros...

Sabia a historia de cada uma. E ate ali os imigrantes vinham procura-lo e foi no cabare que Epaminondas teve o primeiro contacto com aqueles que iam, do dia seguinte em diante, desfilar

no seu consultorio em busca da papeleta de saude. Chegou um homem, vinha com dois rapazes, aproximou-se da mesa do doutor. Diogenes o fitava com os olhos bacos, sua voz agora estava pesada da cachaca:

-- Que e que voce quer, Cardoso?...

-- Que vosmece me examinasse amanha de novo... Ja tou bom, nao sinto mais nada...

-- Tu pensas que caverna no pulmao fecha de um dia pra outro?

-- Num tenho mais tosse... Nem febre...

Ali mesmo Diogenes botou o ouvido nas costas do homem. Bateu nas costelas com as juntas dos dedos. Voltou-se para Epaminondas:

-- Veja voce...

Examinou tambem:

-- Os dois pulmoes...

Diogenes falava para o imigrante:

-- Ainda nao, Cardoso, mas nao demora... Passe amanha no consultorio para eu lhe dar um remedio...

-- Amanha o senhor examina mais melho, seu doutor...

O homem se afastava.

-- Nao demora a morrer...

Estendia novamente os dois bracos no mesmo gesto da tarde, resumia tudo na sua palavra predileta:

-- Uma merda...

E virava o calice de cachaca. Epaminondas tambem bebeu, daquela vez a cachaca nao lhe pareceu tao forte.

4

Por que diabo ordenara que entrassem todos de uma vez? Aquilo de mandar que as mocas bonitas se despissem, examina-las detidamente, tornara-se um habito poderoso. Nao passava do timido manuseio mas a noite, quando deitava-se com Filo, a imagem da moca vista no consultorio voltava-lhe a

imaginacao e ele parecia um animal em cio. Filo dizia:

-- Tu hoje ta com o cao...

A familia de Jeronimo estava em sua frente. Ouviu a tosse do homem, diagnosticou para si mesmo:

-- Tisico...

O plano se formou quase instantaneamente no seu cerebro. Amelia ainda estava parada ali, ele fez um gesto, ela saiu fechando a porta. Epaminondas sentou-se na cadeira, comecou a fazer perguntas, os olhos indo de um a outro membro da familia. Anotou os nomes, as idades, de onde vinham.

-- Chegaram hoje?

-- Inho, sim... Nois veio logo, dizque tem muita gente com passagem esperando o trem, nos quer ver se vai logo...

Balancou a cabeça num assentimento.

-- Pois vamos fazer esses exames... Se todos estiverem com saude ficarao livres de mim hoje mesmo... E receberao seus passes amanha... Agora, quanto a embarcar, tem que esperar ocasiao. E em ordem... Os que receberam passe antes viajam primeiro...

Fitou Marta:

-- Em todo caso pode ser que se arranje um jeito de meter voces antes de outros... Foi Jucundina quem respondeu:

-- Se vosmece conseguir isso que Deus lhe abencoe... Nois precisa chegar logo, ja ta no fim do dinheirinho que trazemo...

-- Vamos comecar o exame...

Do seu plano fazia parte examinar a crianca na vista de todos eles. Depois examinaria os demais, um a um, assim poderia espiar e apalpar o corpo da moca que estava de olhos baixos, maos cruzadas sobre os joelhos.

-- Primeiro o pequeno ai... Como e mesmo o nome? -- espiou suas notas, estava amavel e bondoso. -- Antonio...

-- Nos chama ele de Tonho... -- explicou Jucundina.

-- Muito bem, seu Tonho. Vamos ver. Tire a roupa toda...

Tonho encolhia-se num canto, agarrado as calcas do avo. Quando o medico se aproximou, comecou a choramingar:

-- Nao tenha medo, rapaz... Onde ja se viu homem chorar? Nao vai lhe acontecer nada de ruim... Mas foi preciso que Joao Pedro o arrastasse para o meio da sala, a forca, e que Jucundina o despisse em meio a ralhos e ameacas. Tonho chorava como um desesperado.

Deitou o menino na mesa de curativos.

-- Magrinho, hein?

-- Foi o unico que sobrou... -- a voz de Jucundina tinha um acento triste que Epaminondas nao pode deixar de sentir. -- Era tres, dois meninos e uma menina, de nome Noca... So restou esse... Era o mais velhinho, aguentou mais...

Aquelas historias... Repetidas a todo momento... Quem tinha razao era Diogenes, aquele trabalho liquidava qualquer um, ali se perdia todo o orgulho, toda a decencia tambem.

-- De que morreram os outros dois?... -- suspendeu a cabeca, retirando o ouvido das costas da crianca a quem auscultava.

-- Noca foi de um pe postumado. Rasgou no caminho, apodreceu, a febre matou. O outro foi no navio...

-- Disenteria ou impaludismo?

-- A tal de disenteria... Era de peito, nao aguentou o caldo de peixe... Se sujava o dia todo... Balancou a cabeca de novo. Continuou o exame meticoloso. Tonho ainda choramingava, movendo o corpinho sujo sob as maos do medico. Epaminondas via os piolhos andando na cabeca do menino. Magro mas sao. Aquele nao tinha nada...

Deu-lhe um tapa na bunda:

-- Pode mudar a roupa, seu rapaz...

Falou para Jucundina:

-- Nao tem nada... Precisa e comer muito... Talvez tenha vermes... -- voltou a chamar Tonho, examinou-lhe os olhos. -- Tem, sim. Quando chegarem a Sao Paulo de um bom purgante para vermes... E mande raspar o cabelo dele aqui mesmo para acabar com esses piolhos...

-- Inho, sim. Encheu a papeleta:

-- Esse ja tem direito ao passe. Agora vamos ver os outros... Saiam todos, basta ficar um... --

apontou ao acaso Joao Pedro.

-- Voce, por obsequio...

Abriu a porta, os outros sairam. Joao Pedro sentia quase tanto medo quanto Tonho.

-- Sente-se ai na mesa... -- foi buscar outros instrumentos.

-- Tire o paleta...

Joao Pedro botou o paleta em cima da cadeira.

-- A camisa tambem.

O torso riu do sertanejo tinha pouca carne e era de uma cor bronzeada. Impaludismo ele nao tinha, pelo menos nao era epoca de ataque.

-- Diga trinta e tres...

Nada nos pulmoes. Mas queria demorar o exame para que nao se surpreendessem quando ele estivesse com a moca.

-- Diga de novo... Va dizendo ate eu dizer que basta...

A voz de Joao repetia medrosa:

-- Trinta e tres... Trinta e tres...

-- Basta.

Levantava-se, examinava o coracao do imigrante. Fez uma cara feia, Joao Pedro assustou:

-- Que e, doutor?

-- Nada... -- sorriu. -- Nao tenha medo... Voce pode viajar...

Enquanto enchia a papeleta ordenou:

-- Pode se vestir... Entregava o atestado:

-- Manda entrar a senhora...

Jucundina ficou junto a porta. Epaminondas reparou nos pes, de sapatos furados, os dedos aparecendo.

-- Tire o vestido... Pode ficar de combinacao... Voltou as costas para esperar.

-- Esta pronta?

-- Inda nao...

Na realidade nem havia comecado, uma vergonha que lhe queimava o rosto. Ja lhe tinham dito que os medicos modernos punham a pessoa nua.

-- Vamos, dona, depressa... Nao precisa tirar a combinacao...

Mandou que ela sentasse na cama de curativos. Depois, que se deitasse. Via o corpo velho e flacido. Quantos anos ainda podia durar? Fazia daqueles calculos muitas vezes por dia...

-- Seu marido e o mais velho, nao e? O que esta tossindo?

-- Inho, sim...

-- O outro e seu cunhado? E a moca, sua filha?

-- Inho, sim. O menino e neto...

-- Muito bem...

Examinava lentamente para o tempo passar. O plano ia crescendo na sua cabeça. O velho estava tuberculoso, com certeza. Eles nao iam poder viajar...

-- Diga trinta e tres...

Escutava com o ouvido encostado ao peito da velha. Depois bateu com os dedos nas suas costelas.

-- Temos que fazer um exame de escarro... A senhora tem que voltar amanhã, vou falar com a enfermeira...

-- O que e, doutor? Diga pelo amor de Deus...

-- Nao e nada... So para garantir que a senhora nao tem nada...

Parecia aniquilada. Epaminondas procurou tranquiliza-la:

-- Nao fique aflita. E so uma exigencia, amanhã ou depois, no maximo, ja esta tudo resolvido... Perguntava:

-- Seu marido tem aquela tosse ha muito tempo?...

-- Faz uns dois mes... A gente parou numa fazenda, ele comecou a se queixar de uma dor nas costas...

-- Nunca cuspiu sangue?

-- Quando nois tava chegando em Juazeiro... Mas os medicos de la dero remedio a ele, ficou bom...

-- Esta bem... -- chamou enquanto ela botava apressadamente o vestido: -- Amelia! Amelia!

A enfermeira entrou.

-- Exame de escarro amanhã. Acerte com ela, la fora. -- E para Jucundina: -- Mande entrar seu marido...

Bastava olhar para Jeronimo. Mandou que ele tirasse o paletó e a camisa. O peito fundo apareceu. Aquele nao tinha jeito. Examinou mas sabendo de antemão o diagnostico.

-- O senhor tem que voltar amanhã para fazer um exame de escarro.
A enfermeira lhe explica a

fora... E coisa tola, não se impressione...

-- Não vai me dar o papel, doutor?...

-- Ainda não. Depois do exame...

Viu o homem pálido como um defunto, parecia alguém que tivesse recebido a notícia da morte do parente mais querido.

-- Animo... É questão de comprovar apenas que você não tem nada... Amanhã você leva a sua papeleta...

Nos primeiros tempos fazia assim. Levava dias enganando, só dava a notícia terrível quando não tinha mais jeito. Depois fora perdendo o sentimentalismo, dizia brutalmente. Mas a presença, na outra sala, da moça, o impedia dessa vez. Fez como quem não se lembrava:

-- Farta algum?

-- Farta minha filha... -- a voz era sumida.

-- Mande entrar.

Foi com ele até a porta:

-- Esse também, Amelia. Exame amanhã...

Marta entrou, Epaminondas sorriu:

-- Tire a roupa e deite-se ali... -- apontava a cama de curativos.

Voltou-se para a janela para deixá-la a vontade.

-- Quando estiver pronta avise...

O crepusculo caia, nao tardariam a se acender as luzes da rua. A sala, com a cortina cerrada, estava envolta em penumbra. Virou o comutador:

-- Pronta?

Nenhuma resposta, voltou-se, ela o olhava com o vestido na mao, sem coragem de tirar a combinacao.

-- Vamos, tire tudo... Nao tenha medo, e so para o exame... E pode se cobrir com aquele lencol, quando deitar...

Primeiro a examinou de fato. Nao tinha nada. Depois entao comecou sua ignobil tarefa. O desejo o enchia e suas maos tremiam iguais as do doutor Diogenes quando estava bebado. "Cada um tem sua miseria", pensava. Virou a moca de frente, baixou o lencol ate a barriga. Os seios eram altos e duros, lindos de ver. Encostou a cabeça, o ouvido tocava na carne macia. Era um prazer angustioso. E assim tocou e viu, conheceu e desejou o corpo de Marta. Quando disse: -- "Pode se vestir...", estava com os olhos injetados e os dentes apertados.

Marta encolhia-se botando as roupas, nao olhava para ele.

-- Sente-se ai, vamos conversar um pouco...

Ela sentou-se, o rosto baixo, as maos sobre os joelhos num gesto de protecao.

-- Nao quis falar com sua mae, nao quis dar-lhe um desgosto. Mas voce e uma moca e vou lhe dizer a verdade...

A confianca renascia agora, com certeza ele tivera mesmo necessidade de tocar tanto nela para o exame... Fitou-o pela primeira vez, era um moco bonito, de olhos bondosos.

-- Seu pai esta muito doente...

-- Que e que ele tem?

-- Tuberculose...

-- E doenca do peito?

-- E, sim... Como esta nao pode viajar...

-- Nao pode... E o que e que a gente faz?

-- Tem que se tratar primeiro... Depois, vamos ver... E sua mae, nao sei... Pode ser que nao tenha nada, pode ser que tenha... Vai depender do exame... E voce precisa de umas injecoes... Era muita responsabilidade para ela. E verdade que aos poucos fora se transformando na pessoa que mais trabalhava e resolvia na familia. Mas agora esta idiotizada, sem saber o que fazer.

-- Vou ajudar voces no que puder... Volte amanha com seu pai e sua mae, vamos ver os exames... E voce tomara sua injecao...

Fazia uma ultima recomendacao:

-- Nenhum de voces deve beber na mesma vasilha que seu pai... Nem comer no mesmo prato, esta

entendendo?

Pegou no queixo dela num gesto amigo:

-- Vou ajudar por sua causa... Gostei de voce...

Naquela noite tomou um porre no cabare, acabou dando umas pancadas em Filo que estava cheia de luxos, negaceando o corpo, fazendo-se de rogada.

Os mendigos enchiam a cidade. Assaltavam os passageiros chegados de primeira classe, faziam ponto na estacao e em frente aos hotéis, era uma espantosa multidao chagada e imunda. Um museu de doencas, dissera alguem, certa vez, ao desembarcar de Belo Horizonte. Eram as sobras dos imigrantes, os que nao tinham podido seguir para Sao Paulo nem voltar para o sertao. Ficavam por ali, os menos enfermos acabavam trabalhando nos sitios e fazendas proximas, tendo, como unica paga, a comida e a casa, esperando a morte. Os outros incorporavam-se a legiao de mendigos, juntando dinheiro para a passagem paga para Sao Paulo. Nem ali perdiam a ilusao do Estado rico e farto. Mal se encontravam com o dinheiro necessario tomavam o trem, iam morrer na capital de Sao Paulo. Outros voltavam para Juazeiro e retomavam os caminhos da caatinga, iam morrer no sertao.

Alguns ficavam para sempre em Pirapora. Dormiam na margem do rio, pelos matos, construiam choupanas no outro lado da ponte, roubavam e ate assaltavam.

Nao era facil no entanto, a nao ser pelos pedidos gritados numa voz suplicante, distinguir os mendigos dos demais flagelados. A cidade lembrava uma visao apocaliptica, com aquelas centenas de homens rotos e esfomeados, os que esperavam o trem, os que ainda nao haviam perdido a esperanca de conseguir a papeleta de saude, os que voltavam de Sao Paulo, os que faziam fila em frente ao posto de imigracao. As crianas soltavam-se pelas ruas, aderiam aos mendigos, as vozes finas misturando-se a voz grave dos velhos.

O tal poeta que falara nos caminhos da fome e que era um cetico -- pobre funcionario de uma das companhias de navegacao, amargo porque jamais conseguira que seus versos fossem publicados pelos jornais da capital -- dissera que em Pirapora podia-se fazer uma classificacao de cem diversos tipos de mendigos. Havia os permanentes, aqueles que ha anos perambulavam pelas ruas, as caras ja conhecidas, as doencas tambem. Cegos e aleijados que demoravam a morrer e tinham freguesia certa para as esmolas. E

havia os provisórios, nessa divisão inicial. Porém os provisórios subdividiam-se em vários grupos. Primeiro as crianças. Todas pediam esmola, mesmo aquelas cujos pais ainda tinham algum dinheiro. Quando chegavam, encontravam as outras estendendo a mão aos transeuntes e começavam a fazê-lo também como uma rendosa diversão. Em seguida as mulheres com filhos pequenos nos braços, vestidas de molambos, cujos maridos haviam morrido na viagem de navio ou após a chegada a Pirapora e que não sabiam mais o caminho a tomar, se seguir para São Paulo, se voltar para o sertão. Já ficando em Pirapora, as menos velhas dividindo-se entre a prostituição e a mendicância, as mais gastas sem poder sequer cair nas ruas de mulheres da vida. E os homens, por fim, em grupos diferentes. Os definitivamente doentes, aos quais Epaminondas roubara todas as esperanças de viajar e que procuravam esconder moedas para juntar com que pagar a passagem no trem que seguia ou no navio que voltava. Os que estavam com impaludismo e tomavam quinino, ainda confiavam em conseguir a papeleta e o passe. E os que chegavam de São Paulo, sem dinheiro para o navio. Roubando-se uns aos outros, empurrando-se na estação, no cais, nas portas dos hotéis. Tomando sol na praça, comendo restos de comida, catando coisas nas latas de lixo. No verão ainda se arrastavam melhor sob o sol inclemente. Mas, quando chegava o inverno com suas chuvas, que duravam dias e noites, então fugiam para as cabanas levantadas às pressas, escondiam-se, nas fazendas em torno, morriam as dezenas.

Era como uma cidade de mendigos e, se o poeta tivesse algum talento e menos amargura, talvez pudesse escrever um poema imortal. Mas ele, nos últimos tempos, preferia fazer sonetos de amor para as prostitutas, assim dormia de graça com as menos feias.

Na pensão, onde pagavam três mil-reis por dia, cada um, para dormir e comer (feijão e um pedaço de carne-seca), eles contaram o dinheiro novamente. João Pedro saiu em busca de trabalho, havia dezenas de homens procurando serviço. Tonho já estava entre os moleques, pedindo esmola. Jerônimo dera-lhe uma surra, nunca

pensara numa pessoa sua estendendo a mao a caridade publica. Mas agora via que talvez nao tivessem outro jeito. Interrogavam-se uns aos outros sobre o que dissera o doutor. Apenas Joao Pedro e Tonho tinham as papeletas.

Marta contou a Jucundina da doenca do pai:

-- Dizque vosmece parece nao tem nada... Mas pai esta mesmo doente... Mas que vai ajudar... No seu desespero, Jucundina ainda encontrava palavras de elogio para o medico:

-- E um homem bom...

-- Nois vai terminar pedindo esmola...

E recordava os tres rapazes, se eles estivessem ali seria diferente. Seria mesmo? Talvez fosse ate

melhor assim, como estava acontecendo. Pelo menos aqueles tres nao teriam de mendigar pelas ruas. Jucundina lembrou-se tambem de Gregorio, o que tinha atirado em Artur:

-- Tumara que nao tenha sido preso... Tumara... Foi bem feito o que ele fez... Pena que nao tivesse sido no doutor Aureliano...

Marta pensava em Aureliano que a apalpara como o fizera esse outro medico no consultorio. Sentia um arrepio no peito que afastava para longe a fome e a tristeza, deixava ver as luzes da cidade. E Vicente, onde andaria? Ele nunca a havia tocado, ele de quem Marta gostava.

6

Voltaram todos ao consultorio. Amelia mandou que esperassem. Ficaram na sala cheia, vendo a porta abrir e fechar, entrar e sair gente. Uns alegres, com a papeleta que possibilitava a obtencao da passagem gratuita, outros com um ar de desanimo, mulheres com

os olhos vermelhos de chorar. Afinal Jucundina e Jeronimo foram chamados para os exames. Epaminondas disse que eles teriam de voltar no dia seguinte, para resposta. Prometeu:

-- Faco o exame hoje mesmo...

-- Doutor, lhe peço pelo amor de sua mãe que ande depressa... Nós já tá sem dinheiro nenhum. Amanha vamos ter que sair da pensão, o dinheiro só dá pra pagar o dia de hoje...

-- Amanha mesmo terão o resultado... Agora mande a moça para tomar a injeção. Está muito anêmica mas com umas injeções ela se fortalece e eu poderei dar o atestado... Esperou impaciente que Marta entrasse. Fervia a seringa e a agulha, afinal a injeção só lhe faria mesmo bem. Ela deu boas tardes e sorriu timidamente.

-- Amanha terei o resultado dos exames de escarro dos seus pais... Desejo que tudo saia bem... Mas quero lhe avisar que duvido de que o velho não esteja afetado do pulmão...

-- Se tiver, não pode viajar?

-- Pelo menos por conta do Estado não pode... E se for por conta própria não terá nenhuma das facilidades para trabalho, hospedagem até ser contratado, ajuda, nada disso. Praticamente não resolve ele ir por conta dele, mesmo que tivesse dinheiro.

-- Se o senhor pudesse ajudar ele...

-- O que eu puder fazer, minha filha, farei... Você merece...

Sorria, ela baixou os olhos. Não entendia bem o que ele desejava mas percebia que as palavras e os olhares implicavam uma segunda intenção cujo significado mais profundo lhe escapava. Agradeceu.

-- Prepare-se para a injeção...

Nao sabia o que tinha que fazer. Ele explicou:

-- Tire as calcas e suspenda o vestido. A injecao e nas nadegas...

-- Onde?

-- Na bunda...

Passou o algodao com alcool, apertou a carne dura, enfiou a agulha. Ela gemeu levemente.

-- E uma pena machucar uma coisa tao linda...

Marta nao disse nada, sentiu a picada da agulha sendo retirada mas as maos dele continuavam dando massagem:

-- Para nao formar abscesso... tumor...

E as maos escorregaram por suas coxas, subiram novamente pelas nadegas, abracaram a barriga, tocavam no centro mesmo dela. Estremeceu, um calor subiu pelo seu rosto, movimentou o corpo desvencilhando-lhe dele.

Epaminondas levantou-se com medo de a ter espantado e logo levou a conversa para outro lado, enquanto ela se compunha sem o olhar:

-- Sua mae me disse que voces estao sem dinheiro para a pensao. Que so tem para o dia de hoje...

-- Tio Joao Pedro ta procurando trabaio...

Epaminondas remexia na carteira, puxava uma nota de cinquenta mil-reis, estendia para ela:

-- Isso e para ajudar voces se tiverem de demorar... Nao precisa dizer a sua mae que fui eu quem deu...

Ela queria recusar. Mas sabia que o dinheiro ia acabar e não tinham onde dormir nem o que comer. E com o pai naquele estado. Aceitou...

-- Vosmece e muito bom...

Ele arriscou:

-- Voce pode ter muito mais...

Mas Marta já estendia a ponta tímida dos dedos numa despedida.

Na pensão contou a Jucundina que o médico lhe dera aquele dinheiro. Mas silenciou sobre as mãos passadas nas coxas e na barriga. Jucundina comoveu-se:

-- Deus que lhe de sorte... Que moco bom...

-- Diz que não tem esperança em Pai...

-- Como vai ser, minha filha?

Jeronimo tossia aflitivamente. João Pedro não encontrava trabalho. Nem mesmo em troca de comida. Sobravam imigrantes na cidade e as fazendas da circunvizinhança estavam abarrotadas.

7

Apesar de que estava acostumado aquele espetáculo, Epaminondas o temia sempre.

-- Vosmece já fez os exames?

-- Já. A senhora não tem nada... -- dirigia-se a Jucundina. -- Agora voce, meu velho, está com o pulmão afetado. Nesse estado não pode viajar...

-- O senhor não vai me dar o papel?

Achou que nao era de boa politica cortar todas as esperancas:

-- Pelo menos imediatamente, e impossivel... Vamos fazer um tratamento rapido e rigoroso: injecoes diarias, descanso e alimentacao. Com algum tempo, talvez possa lhe dar o atestado...

-- E cumo a gente vai viver ate la?

Jeronimo levantou a cabeça...

-- Seu doutor, seja franco comigo... Se nao ha jeito me diga, porque assim eles -- mostrava a familia -- vao embora, eu fico sozinho. Depois que eles tiver la, Joao Pedro trabaiando, elas duas tambem, me mandam o dinheiro e eu embarco...

Naquele momento estive a pique de desistir de Marta, dizer ao velho que nunca ele poderia lhe dar a papeleta, arranjar na reparticao que Joao Pedro e as mulheres viajassem no primeiro trem, dar algum dinheiro para ajudar a passagem de Jeronimo. Mas sentia nas maos o calor das nadezas de Marta:

-- Talvez voce possa ir, com um bom tratamento que eu faco de graca... E, quanto a trabalho, posso arranjar para Marta. Se ela sabe cozinhar pode, durante o tempo que estiver aqui, ficar cozinhando la em casa... Ja e uma ajuda. E posso ver se arranjo um lugar onde voces ficarem. Penso que o melhor e

esperar... Logo que voce esteja melhor eu consigo que embarque no primeiro trem... Que acha?

-- Vosmece e bom demais... Foi Deus quem botou vosmece no nosso caminho pra ajudar nois... As palavras doiam-lhe como se o xingassem e esbofeteassem. Mas era a hora de aplicar a injecao em Marta e a cobica encheu seus olhos novamente. "Toda a decencia...", era Diogenes quem dizia.

Havia uns pretos num canto de rua que lhe deviam uns obsequios. Em realidade ele salvara a preta quando ela tivera tifo. Moravam num velho barracao e foi ali que Epaminondas alojou Jeronimo e sua familia. Os pretos estavam encantados de lhe fazer um favor e nem queriam receber os vinte mil-reis que ele lhes deu.

-- E uma gente que me foi recomendada por um amigo...

Os pretos nao pediam grandes explicacoes. E Marta agora ia todas as manhas para a moradia do doutor, preparar a comida, arrumar a casa. A negra que vinha antes ficara espantada com as ferias que o medico lhe dera, ferias era coisa que os domesticos dali nao conheciam. E, com o correr dos dias, Marta compreendeu os motivos por que Epaminondas os ajudava. Ele nao perdia occasiao de pega-la, apertar-lhe os seios e as coxas. Ela negaceava o corpo mas nao podia se furtar sempre, e, ao demais, havia a hora da injecao que ele passara a lhe aplicar em casa. Estava cada vez mais doido pela cabrocha, disposto a possui-la custasse o que custasse. Aquele interesse por Marta fez com que Filo ciuvasse e ele aproveitou para romper com a rapariga.

Passava em casa todo o tempo livre, rondando da sala para a cozinha, chamando Marta a pretexto de qualquer insignificancia, ficando em torno dela enquanto a moca varria a sala, puxando-a pela mao. Ela compreendia e a principio quisera fugir, largar tudo, contar a Jucundina. Mas refletiu e viu que entao nada mais restaria aos seus, nem a casa onde viver, nem aqueles quarenta mil-reis que o medico ia lhe pagar por mes e mais o que ele dava a Tonho para fazer a recados. E, pior que tudo, desaparecia qualquer possibilidade do pai viajar e, se o pai nao fosse, como iriam eles se arranjar em Sao Paulo?

Marta refletiu sobre tudo isso. Percebia que era impossivel escapar ao medico. Aos poucos ia gostando daquelas apalpadelas, Epaminondas era um moco bonito, sabia que nao resistiria por muito tempo. Resolveu entao tirar todo o proveito do caso. Sabia que, se

Jeronimo descobrisse, não havia de querer mais nada com ela e não se enganava quanto a Epaminondas: ele não tardaria a solta-la por aí, não iam nem casar nem mesmo amigar. Era um doutor, estava noivo em São Paulo, a fotografia de Marieta ao lado da cama, com uma dedicatória carinhosa que Marta soletrara: "Ao meu amado Epaminondas com toda a imensa saudade da tua noivinha, Marieta".

Resolveu então, quase friamente, entregar-se contra a autorização para o pai viajar e os passes para todos. Exceto ela, naturalmente. Mas a escolher entre ela e o pai, era melhor que viajasse ele. Seu instinto de mulher ensinava-lhe que a melhor maneira era excita-lo ao máximo. Foi o que fez. Tornou-se arisca e difícil, sorrindo de longe, deitando-lhe prometedores olhares, o corpo sempre distante, Epaminondas ficando cada vez mais louco.

Afinal uma tarde ele a agarrou, machucou seus lábios com beijos. Conseguiu livrar-se a custo, teve que vencer a sensação de calor e abandono que lhe invadia o corpo. Começou então a cacada. Ele a perseguiu-a a todos os instantes, ela a fugir, os dois sem se falar, Marta compreendia que o momento se aproximava. Por vezes chorava a noite, em casa, quando via o pai e a mãe, o sobrinho e o tio, e lembrava que não os acompanharia. Sabia seu destino: as ruas de mulheres, o cabaré que funcionava a noite. Mas estava decidida. Só tinha pena que Vicente não a houvesse possuído em Juazeiro. Assim para o doutor ficariam apenas as sobras, ele não merecia mais.

9

Tonho entrou em casa correndo:

-- Vo! Vo!

Jucundina apareceu, estava cuidando de Jeronimo, seguindo as recomendações do doutor. Tonho vestia farrapos, os olhos inquietos, os pés vermelhos da poeira da cidade.

-- O que e?

Riu um riso moleque:

-- Vi o doutor beijando tia Marta...

Ela o levou dali, que Jeronimo nao ouvisse. E o fez contar a cena toda, recomendando-lhe, depois, silencio.

-- Eu tava chegando, ia pedir um tostao a tia, o doutor estava agarrado com ela, beijando na boca... Sai correndo, eles nao me viu

Quando Marta apareceu naquela noite, tinha um ar cansado, andava como se sentisse dores, mas sorria. Na mao trazia a papeleta que dizia ser Jeronimo homem de perfeita saude, apto para embarcar. Jucundina pensava em conversar com ela, saber aquela historia dos beijos, mas, quando viu a papeleta, compreendeu o que tinha acontecido e estremeceu, o coracao partido de dor. Marta percebeu que a mae compreendera e ficaram as duas silenciosas enquanto os homens comentavam.

-- Agora a gente ja pode ir...

-- Tem muita gente na frente...

-- O doutor arranja pra gente ir antes...

Deitaram-se afinal. Dormiam todos na mesma sala cheia de goteiras, em esteiras. Jucundina esperou que todos estivessem dormindo. Tocou entao no ombro de Marta, a moca soluçava. Sairam as duas para a frente da casa. Marta baixava os olhos, nao precisava sequer falar. Mas Jucundina disse:

-- Conta!

E como ela nao respondesse, perguntou:

-- Ele fez mal a tu?...

Balancou a cabeça.

-- So deu a papeleta depois?

Olhou a mae com os olhos molhados. Ficou esperando as palavras de recriminacao, preparara-se para aquilo. Mas Jucundina nao disse nada. Ficou acocorada, as maos soltas, pensando. Depois tomou a mao da filha, puxou-a para seu lado, fez uma coisa que ha anos nao fazia: beijou-a na testa. E as lagrimas se confundiram.

Depois e que falou: \

-- Se seu pai chegar a saber e capais de matar o doutor... E bota tu pra fora...

-- Acaba sabendo...

Nao tinham duvidas:

-- Se a gente pudesse ir logo... -- disse Jucundina. -- Peca isso a ele. Nao sentia sequer odio a Epaminondas. Aquilo tinha que acontecer, era o destino. Ainda bem que os tres meninos nao estavam ali. Com o genio que possuiam eram capazes de uma desgraca.

-- Vai dormir, minha filha...

E ela ficou por ali. Ouvia o ruido do rio, o ceu estrelado deixava cair uma luz prateada sobre seu cabelo que embranquecera de todo na viagem.

10

Epaminondas queria rete-los o mais que pudesse. Nao saciara ainda seu desejo. Marcou o passe deles para o segundo trem de imigrantes, dali a vinte e tres dias. Agora que fizera a besteira de dar o atestado, entao era aproveitar o mais possivel da cabrocha. Era a primeira vez que ele dava um atestado de saude a imigrante doente.

Resistira a todas as suplicas, que moral poderia ter junto aos demais empregados da reparticao? Amelia sabia do resultado do exame, os funcionarios comentavam, nao era mais segredo. E logo chegou ao conhecimento dos imigrantes, e um deles, que teve um bate-boca com Joao Pedro, atirou-lhe o acontecimento ao rosto:

-- Vosmece nao vale nada... Dero a honra da menina pelo atestado pro velho... Jeronimo teve um acesso de raiva quando soube. Se Jucundina nao estivesse perto dele era capaz de matar a filha. Caiu em cima dela com um pedaco de tabua:

-- Puxa daqui, puta sem-vergonha! Desgracada! Desgracada! Eu, um homem velho, e essa desgracada sujando minha velhice...

Marta saiu, ferida no rosto, correndo pela rua. Era pela noitinha, havia imigrantes espalhados pelas proximidades. Os gritos de Jeronimo continuavam la dentro, Jucundina procurava acalma-lo. Afinal ele teve um acesso de tosse, foi obrigado a deitar-se. Entao Jucundina tentou defender Marta. Mas Jeronimo nao quis ouvir nada, declarou que nunca mais a desejava ver e proibiu qualquer contacto da familia com ela. Logo que melhorou da ansia que o tomara, com a tosse, mandou que arrumassem tudo para irem embora daquela casa. Nao demoraria ali nem mais um minuto, naquela casa que fora arranjada pelo medico, pelo amante da filha. Ficaram sob umas arvores proximas, onde outros imigrantes ja estavam acampados. Os negros olhavam tudo aquilo sem compreender. Os imigrantes espiavam sem palavras.

11

Marta nao pode ficar muitos dias em casa de Epaminondas. O caso era muito comentado na reparticao e mesmo fora dela (ate o poetastro ja falara ao medico sobre o assunto) e corria que ele pusera casa para a cabrocha. Por outro lado, seu entusiasmo passara. Ela era de todo ignorante das coisas sexuais e Epaminondas acostumara-se as mulheres da vida, sabias de todos

os vícios. Chegara uma rameira nova de Januaria, uma que viera da Bahia com um sargento e o largara para fazer a vida, Epaminondas andava de olho nela.

E Marta tomou o caminho do cabare e da rua de prostitutas. Como era nova por ali apareceu uma freguesia grande. Dias depois estava doente mas custou a sabe-lo, nada entendia daquilo. Foi Epaminondas quem a tratou (herdara aquela clientela de Diogenes), mas tao distante e frio que nem parecia o homem ansioso de quinze dias passados. Marta emagrecera e agora pintava a cara e os labios, fizera dois vestidos e comprara uns sapatos.

12

E era ela quem sustentava a familia. Jeronimo e Tonho pediam esmolas mas os mendigos eram muitos. Continuavam a viver sob a arvore, na promiscuidade de dezenas de outros imigrantes, todos a

espera do trem ou do passe. Jeronimo jamais voltara a falar na filha, mas cedo percebeu que o dinheiro com que Jucundina comprava farinha e feijao, acucar, cafe e carne-seca provinha dela, dos "homens que dormiam com ela. Naquela viagem nada o ferira tanto, nada o magoara de tal maneira. Amava aquela filha e mesmo agora, quando a repudiara, era a sua imagem que levava no coracao. Quando percebeu que o dinheiro era fornecido por Marta teve uma cena violenta com Jucundina. Mas depois deixou de protestar. Iria deixar que todos morressem de fome? A comida amargava em sua boca, estava com o peito cada vez mais cavado, a tosse aumentando.

Via quando Jucundina saia para encontrar-se com a filha. E quando voltava, com mantimentos, os olhos vermelhos de chorar. Nao dizia nada, aquilo tudo o matava mais rapidamente.

13

Afinal o trem chegou, iriam no outro dia. Pela noite Jucundina foi despedir-se de Marta na rua onde ela morava. Pela primeira vez a viu com os vestidos noturnos, aqueles com que frequentava o cabare, as faces pintadas e um perfume agressivo no cangote.

-- Nois vai amanha...

Abraçaram-se chorando. Jucundina tinha trazido Tonho e Joao Pedro a acompanhara. Convidara tambem a Jeronimo:

-- Nao quer se despedir da pobre?

Mas ele nem respondera. Ficara de coracao sangrando, a cabeça baixa, uma vontade de morrer logo, de que aquilo tudo acabasse.

Conversaram longo tempo. Marta contou que Vicente chegara no vapor da vespera e estivera no cabare. Mas nao contou que, mal a avistou bebendo com uns homens, retirara-se, sem querer sequer falar com ela.

Deu-lhes todo o dinheiro que tinha. Jucundina soluçava. Marta avisou:

-- Amanha vou na estacao. Quero ver Pai...

14

Olhavam o trem que botava fumaca. Os imigrantes chegavam aos grupos, os tres ultimos vagoes lhes estavam reservados, carros de terceira. Nao saltariam ate Sao Paulo. Finalmente chegariam la, naquela terra da fartura e da riqueza. Estavam todos contentes, pareciam esquecidos de tudo o que haviam passado. Os que nao podiam viajar olhavam com inveja, estendiam a mao mendiga aos viajantes de primeira.

Jeronimo sentara-se no banco de madeira ao lado de Jucundina. Ela estava junto a janela e o velho compreendia que a ansia dela era

para levantar-se. Marta devia andar pela estacao mas Jucundina nao tinha coragem de espiar, temia o marido. Joao Pedro e Tonho, no banco em frente, tinham o mesmo ar conspirativo e receoso. O menino ja tentara levantar-se umas duas vezes, mas Jeronimo o obrigara a sentar-se:

-- Fica ai, se nao, te quebro todo, fio da mae...

Imigrantes armavam redes pelo trem, outros, que ja tinham feito aquela viagem, ensinavam. O

vagao estava superlotado. Passava gente, saia gente, pessoas gritavam nomes, palavroes, havia conversas. E foi no meio dessa confusao que Joao Pedro (cujos olhos procuravam Marta) descobriu Gregorio entre os que andavam pela estacao:

-- Olha quem esta ali! Gregorio!

-- Quem? -- Jucundina quis levantar-se mas a mao de Jeronimo, pousada em seu ombro, a impediu.

Joao Pedro chamava aos berros:

-- Gregorio! Gregorio!

Gregorio os reconheceu, apertou-se entre os imigrantes, fez forca, penetrou no trem.

-- Cheguei ontem no navio. Nao sabia que vosmeceres tava por aqui... Senao tinha procurado. Observava o rosto magro de Jeronimo, notava que faltava muita gente da familia. Jucundina perguntava:

-- Nao lhe sucedeu nada?

-- Capei o gato, enfiei no mato, dei uma volta grande, ate chegar em Juazeiro. Tinha um dinheirim...

Contava que ja tinha feito o exame:

-- Já tou de passe, vou daqui um mês...

-- Procure a gente por lá.

O trem apitava. Antes de sair, Gregório perguntou a Jerônimo:

-- E o resto da família?

A tosse quase impede a resposta:

-- A fome comeu pelo caminho...

O trem resfolegava. A máquina começou a andar, vagarosa ainda. Aumentou a velocidade, Gregório saltara. Jucundina levantou-se então, afastou a mão de Jerônimo que a segurava, jogou-se para a janela. Jerônimo levantou-se também para obrigá-la a sentar-se. Mas em vez de fazê-lo debruçou-se sobre ela a tempo de ver ainda, no canto da estação, de vestido vermelho, a figura de Marta acenando com a mão. O

trem apitava na curva.

LIVRO SEGUNDO

AS ESTRADAS DA

ESPERANCA

Jose

1

Jose, a quem chamavam Ze Trevoada, jogou-se no chao. A bala passou zunindo, na altura de onde estaria sua cabeça se ele nao tivesse sido ligeiro. Havia deitado sobre espinheiros mas a roupa de couro protegia seu corpo e, ao demais, ja estava acostumado. Fez pontaria atraves dos arbustos, nao atirou logo, ficou de olho na mira do fuzil. Quando, finalmente, puxou o gatilho, soltou ao mesmo tempo um grito agudo de animal em furia. Outros gritos partiam atraves da caatinga, barbaros e estranhos. Ze Trevoada viu o homem estender-se, as maos agitando-se no ar, soltando a arma. Avisou a Lucas Arvoredos que se encontrava perto, deitado ele tambem...

-- Liquidei um...

Lucas Arvoredos sorriu. Estava preocupado com a arma, nao queria errar o tiro, muito menos agora que Ze Trevoada acertara num dos "macacos" desgraçados.

-- La vou eu... -- bradou e sua voz foi conhecida do outro lado, onde estavam os soldados de policia. O tiro partiu, o tenente escapou por milagre. Os soldados sentiram durante um segundo o desejo de largar as armas e correr. Mas foi um instante somente. A voz do tenente comandou:

-- Fogo!

E a fuzilaria recomeçou, as balas penetrando por entre os espinheiros, assustando as cobras e os lagartos. Os soldados novamente animaram-se na esperança de liquidar Lucas Arvoredo e o seu bando de jaguncos.

O ferido gemia surdamente, a bala penetrara na barriga, apareciam, sobre a farda, o sangue e pedacos de visceras. Um soldado velho, chamado Candido, deu-lhe agua. O tenente nao queria olhar para aquele lado, era quase um menino, o espetaculo do homem morrendo dava-lhe nauseas. Saira nao fazia muito da Escola de Cadetes da Policia Militar do seu Estado e como casara e nascera o primeiro filho, o comandante, que gostava dele pelo seu bom comportamento e sua aplicacao aos estudos, arranhou aquele jeito de comissiona-lo como tenente: mandando-o para uma cidade do interior com uma pequena guarnicao. Os soldados voltaram a atirar, os cangaceiros nao respondiam.

-- Sera que fugiram? -- pensou o tenente. Aquela era o seu primeiro combate, nada sabia dos metodos de luta dos jaguncos e foi o soldado velho quem lhe avisou que a coisa apenas comecara. O

tenente pretendia cerca-los, mandou que alguns soldados dessem a volta por uma picada que havia a

direita, para atacar Lucas por detras. Candido balancou a cabeça, mas nao disse nada, acostumara-se a obedecer. Largou o ferido que agonizava para comandar a patrulha que seguia pela picada. O tenente nao sabia se tinha tido sorte ou azar. Na tarde da vespera (chegara apenas ha uma semana na cidade e ajudava a mulher na arrumacao da casa, orgulhoso do filho pequenino), um caminhao carregado de cimento trouxera a noticia. O chofer contava que encontrara o bando de Lucas a umas quatro leguas dali. Tinham-no feito parar, ameacaram-no com armas, o tal de Ze Trevoada botara o punhal no seu cangote. Queriam informacoes sobre a cidade, o numero de soldados de policia, as armas que tinham. Ele contou, quem nao contaria? Tomaram-lhe entao o dinheiro que ele levava,

examinaram a carga do caminhão, quando viram que era cimento mandaram que ele fosse embora. Não podiam estar longe, quando o caminhão partiu o chofer ainda espiou, viu que eles se internavam na caatinga. O tenente não disse nada a esposa, foi conversar com o Prefeito. Achava que o melhor era ir ao encontro de Lucas, atacá-lo na caatinga, mata-lo ou prende-lo, pelo menos dar-lhe uma corrida que lhe tirasse a vontade de andar por aquelas bandas. O Prefeito concordou. O bando de Lucas em geral evitava uma cidade bem guarnecida. Se o tenente fosse com os soldados, Lucas pensaria que aqueles eram apenas a vanguarda da tropa acampada na cidade. E, mesmo que o tenente não prendesse nem matasse, ele com certeza fugiria. E, enquanto isso, o Prefeito reuniria os homens da cidade, os mais corajosos se armariam e, por acaso Lucas viesse eles o enfrentariam. Sugeriu também que mandassem gente com um recado a cidade vizinha pedindo que viesse a patrulha de lá. Só que, entre ida e volta, demoraria mais de um dia já que a estrada de rodagem estava interceptada por Lucas e o homem teria de ir a pé, pela caatinga. O tenente achou que não era preciso. Tinha dezoito homens, bastaria com eles. O Prefeito poderia armar uns trinta na cidade. O bando de Lucas não tinha, era voz geral, mais de vinte homens...

-- Menos... -- disse o Prefeito. -- Quando ele entrou em Grauna tava só com onze jaguncos...

-- E então...

Só na hora de partir é que disse a esposa. Viu-a empalidecer. Quando o comandante propusera sua transferência e promoção, ela não quisera aceitar. Aquela cidade distante, perdida no sertão, encontrava-se nos limites das terras dominadas por Lucas Arvoredó. O próprio Lucas se intitulava "governador do sertão" e há mais de dez anos atravessava pela caatinga, roubando, matando, estuprando. Sua fama corria mundo, nunca o haviam conseguido pegar. Uma única vez uma bala o acertou, ferindo-o na coxa, mas agora ele se sentia invulnerável depois que o beato Estevão fechara

seu corpo. Voltara ainda mais feroz desse encontro com o beato, em cuja companhia passara quatro dias. Deixara-o ha menos de dois meses e marchava pela caatinga.

O tenente nao sabia se tinha sorte ou azar. Podia ser a promocao a capitao, por merecimento, o retrato nos jornais, falado ate no Rio de Janeiro, se prendesse ou matasse Lucas Arvoredo. Podia ser a morte tambem, os cangaceiros de Lucas nao costumavam errar a pontaria. O tenente era jovem, tinha um fio de bigode sobre o labio, amava a farda que vestia e sonhava com a gloria. Seu nome era Ezequiel da Silveira. Os soldados gostavam dele e achavam que aquilo fora um azar.

Quando o tiroteio comecou, o tenente pensou no filho. Quando crescesse podia se orgulhar do pai, o tenente que abatera Lucas Arvoredo. Ficou de pe entre os arbustos, desatendendo ao velho soldado que o tratava como filho e que lhe suplicava que se deitasse. Mas ele nao respondia e de pe, aprumado e sorridente, dirigia o combate.

Saira na vespera pela noitinha e de manha encontrara o rastro de Lucas na estrada de rodagem. Afundaram-se na caatinga, os homens sabiam procurar ali as pegadas dos cangaceiros. Iam assim, estudando os galhos quebrados, as folhas amassadas, quando partiram os primeiros tiros. Nem puderam ver em seguida de onde provinham.

-- E eles... -- disse o velho soldado.

Entrincheiraram-se atras das moitas, localizaram os cangaceiros mais adiante no cerrado dos arbustos. De onde estavam partia uma picada que ia dar na estrada de rodagem, por detras de onde entrincheiravam-se os cangaceiros. Foi por ali que o velho soldado partiu com seis homens.

-- Quando chegar la de tres tiros seguidos, avisando. Depois espere cinco minutos e avance... --

foram as ordens do tenente.

O velho soldado fez continencia e seguiu. Considerava-se um homem perdido mas tinha pena era do tenente, tao bom rapaz, tao jovem ainda. Aquela tentativa de cerco era uma besteira, Lucas conhecia a caatinga como a palma de sua mao, ninguem ia cerca-lo ali e com tao poucos homens. Se fosse o tenente Miranda nunca faria isso. Apenas procuraria assustar os cangaceiros, bota-los para longe. Os homens de Lucas viram os soldados se movimentarem. Avisaram ao chefe. Lucas compreendeu o que o tenente queria:

-- Eles vai querer cercar nois.

Fez seu plano de combate:

-- Primeiro nois acaba com os daqui, quando os outros tiver na curva da picada. Dali nao adianta vir socorrer... Depois nois pega os outros, liquida esses macaco todo... Os tiros vinham de onde estava o tenente, as balas passando alto, os homens de Lucas nao respondiam. Haviam tomado posicao e esperavam o aviso de que os soldados comandados pelo velho Candido estavam no mais distante da picada. Ouviu-se um assovio, parecia um passaro chamando a companheira, era o aviso. Dispararam entao e comecaram a pular e gritar como demonios. Atiravam e jogavam-se no chao urrando como condenados, num barulho de causar panico aos mais corajosos. E

assim iam avancando para onde estava o tenente. Tres soldados ja haviam caido e os demais fugiriam a qualquer momento. O tenente percebeu o medo nos seus comandados e ainda teve uma leve esperanca de que Candido chegasse e atacasse Lucas pelas costas. Mas sabia que o tempo nao era suficiente nem para ele chegar nem para voltar em socorro. Os soldados o olhavam, um disse:

-- Seu tenente, vam'bora, se nao, nois morre tudo...

Os gritos dos cangaceiros estavam proximos, os tiros eram quase a queima-roupa. O tenente replicou:

-- Fugam voces se quiserem, seus covardes. Eu fico, nao vou abandonar Candido e os soldados que foram com ele...

Um se adiantou:

-- Eu fico com meu tenente...

Outro cocou a cabeça, levantou a arma. Mas os demais ja corriam, embrenhavam-se na caatinga, largando os fuzis.

Lucas Arvoredo teve tempo de fazer a pontaria com toda a segurança. A bala rasgou o peito do tenente. Os dois soldados, quando o viram cair, soltaram as armas e sumiram. Ze Trevoada foi o primeiro a chegar junto aos feridos. O tenente morrera mas ainda havia dois que estavam vivos. Acabou-os a punhal. Revistaram os homens. Lucas examinava os fuzis:

-- Boas armas...

Arrecadaram a munição abandonada, era assim que se municavam. Assim e através de certos coiteiros espalhados no sertão que compravam balas para Lucas e seu bando.

-- Agora vamos acabar com os outros.

A picada estava ali mas eles entraram pela caatinga. Qualquer outro não atravessaria. Mas os homens de Lucas estavam acostumados a romper entre os espinhos. Vestiam-se todos como vaqueiros, calcados de alpargatas, as cartucheiras sobre os paletos de couro. Iam silenciosos, pareciam oncas no seu passo sem ruído.

Acontece, porém, que Candido era um velho soldado e, quando ouviu o tiroteio, concluiu que Lucas soubera da sua partida e conheceu o plano do tenente. Ainda assim continuou a andar

porque voltar não podia. Se tivesse sorte ainda poderia atacar o bando antes que a resistência do tenente terminasse. Ia chegando ao ponto fixado quando o tiroteio silenciou. Adivinhava o que se tinha passado, ouviu um último tiro:

-- Tao acabando de matar um...

E marchou com seus homens para a estrada de rodagem. Ali Lucas não o atacaria. Andava o mais depressa que podia, gritava com os outros soldados. Se pudesse, voltaria para onde estava o tenente, iria ver o seu corpo.

Quando chegou a estrada já os cangaceiros de Lucas apontavam na caatinga. Mas, como ele previa, não atravessaram. Atiravam de lá, Candido tocou para frente. E então Lucas mandou que os seus homens os acompanhassem, paralelamente, por dentro da caatinga. Ainda derrubaram um soldado. Mas Candido teve sorte, encontrou um caminho que vinha, fez-lo voltar, levando-os a todos. A notícia de que Lucas marchava para a cidade chegou antes, deles. Os soldados que haviam abandonado o tenente já estavam na cidade e contavam os fatos. A população começava a fugir. Candido foi direito a casa do tenente. A mulher era uma jovem, de olhos grandes, delgada e com certo triste encanto.

-- O tenente não chegou?

-- Aconteceu alguma coisa?

Candido ia mentir mas o Prefeito apareceu em sua busca e, na certeza de que a senhora já sabia da notícia, adiantou-se para dar os pesames. Ela desmaiou e o Prefeito correu a socorrer-la. Dizia, atrapalhado:

-- E ainda mais essa...

Deitaram-na na cama, deixaram-na aos cuidados da empregada-. O Prefeito avisou:

-- O melhor e ir pros matos... Sair da cidade... E para Candido:

-- Reuna os soldados que restam, va me esperar na Prefeitura....

Gente corria pelas ruas, os comerciantes fechavam as portas, pessoas transportavam seus haveres para o campo que circundava a cidade. Os poucos automoveis existentes praticamente nao serviam de nada pois ninguem tinha coragem de seguir pela estrada de rodagem. Uns homens passavam armados em direcao a Prefeitura.

2

Lucas Arvoredado jogou a fotografia para um lado, apos olhar o rosto da mulher e a figura da crianca enrolada em cueiros. Ze Trevoada interessou-se, espiou a cara da mulher, depois limpou o retrato com o braco, guardou no bolso. A fotografia fora arrancada da carteira do tenente.

-- Boa egua... -- comentou Ze Trevoada.

Entraram na cidade dando tiros para o ar. As ruas estavam desertas, os homens armados, reunidos pelo Prefeito e pelo Pretor, haviam sumido como por encanto. Em realidade eles nao acreditavam muito na vinda de Lucas, pensavam que o cangaceiro, apos o tiroteio, houvesse tomado outro rumo. Os soldados que restavam resistiram um pouco. Uns dois conseguiram fugir, os outros foram logo mortos. Mesmo os tres que se renderam. Para nao gastar municao (nao tinha de sobra) Lucas mandou que os matassem a punhal. Ficaram estirados na rua, o sangue correndo das feridas. Cortaram a lingua de Candido, arrancaram-lhe os olhos. Ha muito que Lucas o procurava.

Um comerciante atrasado fechava as portas as pressas. Lucas meteu o fuzil.

-- Abra essa bosta...

O homem tremia atrás do balcão. Lucas exigia:

-- Abra todas as portas...

A luz invadiu a casa. Lá fora era uma dessas tardes sertanejas de sol claro e límpido céu azul.

-- Tá mais mio assim... A gente pode ver as coisas...

Antes de tudo foram pelos perfumes. Não havia muitos, uns quantos vidros, nem chegou para os que estavam dentro da loja, menos ainda para os que montavam guarda na porta. Desarranhavam os vidros de água-de-colônia, de extratos, de óleo para cabelo, e os derramavam sobre a cabeça e pelo corpo. Raramente tomavam banho, embrenhados pela caatinga sem rios, e desprendiam um cheiro de azedo que se sentia ao longe. De mistura com o perfume ficava ainda mais terrível, porém eles gostavam:

-- Tô cheirando que nem muie dama...

Abriu a gaveta onde o homem guardava dinheiro. Nem um tostão. Fez um sinal a Ze Trevoada, ele puxou o punhal. Cutucava a barriga do comerciante:

-- Solta o arame...

O homem tirou o dinheiro do bolso, um maço de notas, por cima uma de quinhentos mil-reis.

-- Pelo amor de Deus não me mate...

Ze Trevoada recebeu o dinheiro, entregou a Lucas. Saíram da loja, dirigiram-se para a Prefeitura. Estava vazia, nem uma pessoa. Lucas Arvoredo sentou-se na alta cadeira do Prefeito, riu uma gostosa gargalhada. Os outros riram também. Mas voltaram a sair e na rua prenderam umas quatro ou cinco pessoas.

-- Mato tudo se o Prefeito nao aparecer...

Atraves das venezianas cerradas olhos espiavam apavorados. Lucas deu uns tiros para o ar. Um dos presos se comprometeu a trazer o Prefeito.

-- E nao va fugir porque senao e pior...

O Prefeito veio com o Juiz Municipal -- o Pretor, como chamavam ali -- quase arrastado, fora encontrado debaixo da cama. Cumprimentou Lucas humildemente, apertou a mao de Ze Trevoada.

-- Por que vosmece fugiu? Tava com medo?

Explicou que nao, preparava-se para vir quando o homem o encontrou:

-- Sei que o senhor nao e malvado...

-- Num e cum palavra de agrado que vosmece me compra... Se nao quiser ver muita desgraca na cidade entao trate de levantar trinta contos e me entregar ate seis horas. Se nao, nao arrespondo pelo que acontecer...

O Prefeito achou que era muito dinheiro, o comercio da cidade era pequeno, gente de poucas posses, onde ia arranjar trinta contos? Choramingava, numa voz de falsete e se recordava da mulher do tenente. Ele a deixara desmaiada, teria fugido para o mato?

Lucas exigia:

-- Num quero saber de conversa nem de choradeira... E trinta contos se quiser... Se nao, nois vai percurar... E na passagem avise os comerciantes pra abrir as lojas que eu quero fazer compras. Eu e minha gente. Se abrir nois compra e paga. Se nao abrir nois arromba e nao paga... O Prefeito foi se retirando. O Juiz ia com ele, mantinha uns restos de pose no andar. Lucas chamou:

-- Seu doutor!

O Juiz voltou-se:

-- O senhor fala comigo?

-- E com vosmece mesmo... Pode ser doutor e saber muito mas pra mim nao vale nada, e capaz de nem saber dar um tiro... Faca um favor a Lucas se quiser viver: passe no hotel, diga pra preparar boia pra mim e meus homens que nois ta com fome, vai comer la...

Distribuiram-se entao pelas lojas. O grupo maior acompanhava Lucas, os outros iam com Ze

Trevoada que era uma especie de lugar-tenente. Ze Trevoada havia esquecido do retrato, so se recordou na hora do jantar.

Entravam nas lojas, compravam os objetos mais disparatados. Colares, tercos, aneis falsos, cortes de seda, presentes para amasias que tinham nos coitos distantes e em arraiais onde entravam de vez em quando.

Chico Gogo mostrava um broche com muito vidro:

-- Vou levar pra Nair, ela vai se babar...

Pagavam com dinheiro velho e sujo. Numa loja, Ze Trevoada achou que o turco queria rouba-lo e tinha razao. Zangou-se:

-- Rebenta com isso e ninguem paga nada...

O turco pedia pelo amor de Deus em sua lingua arrevesada. Mas os homens ja tinham comecado a beber e se divertiam rasgando pecas de pano, rebentando brinquedos, apunhalando chapeus.

Havia um pato de molas, pequeno, dava-se corda, ele andava, movia o bico e grasnava. Foi o que salvou o turco da morte. O brinquedo devia estar com um resto de corda porque ao bater no chão começou a funcionar. O pato deu uns passos, abrindo e fechando o bico, dando seu rito pequeno e engraçado. Ze Trevoada fitou-o arrebatado:

-- Que graça!

Mas o mecanismo logo parou, o bicho ficou de bico aberto. O arabe havia se metido debaixo do balcão. Ze Trevoada cutucou-o com o punhal:

-- Sai daí, gringo fio da puta...

O arabe apareceu, verde de medo.

-- Bote isso pra andar...

Procurou a chave da corda entre os destroços. Ze Trevoada estava ansioso, os outros reunidos em torno:

-- Vocês vão ver que beleza...

O arabe não encontrava a chave, de rastros no chão, procurando. Via o pano rasgado, os objetos quebrados, tinha vontade de chorar. Ze Trevoada dava-lhe pressa:

-- Anda depressa, gringo, se não, te mato...

Afinal encontrou. Deu corda no pato, ensinou ao cangaceiro. O brinquedo funcionou, eles riem em torno. Ze Trevoada meteu a mão no bolso, tirou cem mil-reis:

-- Isso é pelo patinho, o resto a gente não paga, gringo ladrão. E se de por feliz... Encontrou Lucas que vinha pela rua, os homens

carregados de coisas compradas. Deu corda no pato, botou para andar no passeio. Lucas ria, batia palmas...

-- Parece vivinho...

Ali, em torno ao pequeno pato de molas, não recordavam os cangaceiros terríveis, bandidos sem alma do sertão, jaguncos que matavam e roubavam. Eram novamente os ingenuos camponeses, puros como crianças, credulos e confiantes. A corda parou, Lucas explodiu com raiva:

-- Rebentou...

-- Que coisa... E só dar corda...

Saiu andando de novo. Os cangaceiros iam atrás, cutucavam-se com o cotovelo, chamando a atenção para os passos do pato, o bico que abria e fechava, o grito rouco. Vestidos de couro, armados até

os dentes, revólveres, fuzis e punhais, os rostos ferozes, as barbas crescidas, um odor fetido, mas inocentes e puros, rindo admirados, felizes como crianças ante o esperado brinquedo...

4

O pato de molas -- agora na bolsa de Ze Trevoada -- pusera Lucas Arvoredo de bom-humor. Quem ganhou com isso foi a cidade, pois, o Prefeito apenas conseguiu arrecadar dezoito contos. Lucas e os seus homens jantavam (dois guardavam as portas do hotel, armados e vigilantes) quando o Prefeito apareceu. Os hóspedes haviam tomado sumico, só um caixeiro-viajante, cuja curiosidade e desejo de brilhar na Capital foram superiores ao medo, se deixara ficar e agora compartia do jantar de Lucas, regado a cerveja e vinho, fazendo perguntas, puxando pelo cangaceiro que contava bravatas e grandezas. A conversa ia cordial e animada quando o Prefeito entrou. O dono do hotel, seu Clemente, servia ele mesmo porque o garçom -- um mulato efeminado -- se escondera no quintal e não

houvera quem o conseguisse trazer para a sala. O Prefeito ouviu ainda no corredor a pergunta do caixeiro-viajante:

-- Por que o senhor não junta o dinheiro que tem, não rumo para oeste, atravessa a fronteira, vai ser fazendeiro na Bolívia?

Já estava na sala quando Lucas respondeu:

-- Pra que, seu moco?... Tou nessa vida de bandido porque tomarei as terras de meu pai. E não se contentarei, ainda matarei o pobre velho que nunca tinha feito mal a ninguém. E era uma porquera de terra, num chegava a dois arqueiros... Lá quero terra pra me tomarem de novo... Sou bandido já vai pra mais de onze anos, vou morrer nessa vida. De morte matada porque nenhum macaco vai me pegar com vida, se Deus me ajudar...

O Prefeito ficara parado junto a cadeira de Lucas que estava na cabeceira da longa mesa do hotel, com o caixeiro-viajante a seu lado. Esperava que ele terminasse para falar:

-- Boa noite, seu Lucas...

Voltou-se na cadeira, sorriu, estava alegre naquela noite. E a cachaca que bebera pelas vendas a

tarde, o vinho que emborcava agora não tinham dessa vez trazido para diante dos seus olhos a imagem do pai assassinado pelos capangas do coronel, visava que o fazia raivoso e odioso. O pato andando no passeio, a conversa com o viajante, a amabilidade medrosa de Clemente, tudo o dispunha a ter boavontade. Os seus homens o acompanhavam nos seus sentimentos e mais alegre que todos estava Ze

Trevoada que levava o pato em sua bolsa. Quando terminassem o jantar daria corda no bicho, botaria para andar em cima da mesa. E ia levá-lo para Maricota, uma cabrocha desdentada que era seu amor e que vivia na fazenda de um dos coiteiros de Lucas: um

senador estadual. Lucas tinha coiteiros graudos. Um era o coronel Joao Batista, pai do governador de um Estado.

-- E vosmece? Tome assento, venha fazer uma boquinha...

-- Muito obrigado, ja jantei... -- era mentira mas o Prefeito queria resolver o assunto o mais rapidamente possivel.

-- Entao tome um copo de vinho. Ou quer cerveja?

Aceitou a cerveja, seria perigoso recusar, ele bem sabia. Lucas iria se ofender e sua vida entao nao valeria um real. Sentou-se ao lado do cangaceiro, bebeu a cerveja. Felizmente tivera tempo de mandar sua mulher e sua filha para a fazenda de um amigo. Se nao, Lucas era capaz de querer ser apresentado a elas. Ja ouvira falar no ferro que o jagunco trazia consigo e com o qual marcava as mulheres que forcava, como quem marcasse gado.

-- As minhas vaca... -- dizia.

O caixeiro-viajante silenciara, a espera de que o Prefeito falasse. Estava a par do dinheiro conseguido, ele mesmo concorrera com duzentos mil-reis. Pensava se devia intervir no caso de Lucas se aborrecer. A conversa na mesa teria lhe dado suficiente prestigio para isso?

O Prefeito pousou o copo. O dificil era começar. Lucas afastou o prato (tanto ele como os seus homens comiam com a mao, os talheres desprezados), chamou o dono do hotel:

-- Traga doce... De tudo que tiver... Esses de lata e que eu gosto... Olhou entao o Prefeito:

-- Trouxe os pacote?

Foi colocando o dinheiro na mesa. Estava separado em montes de conto de reis:

-- So consegui dezoito... A gente daqui e pobre, nao pode dar mais. O senhor vai ter paciencia e fazer a caridade de se contentar com isso...

Lucas olhou os homens na mesa, demorou o olhar no caixeiro-viajante, antes de responder deu uma ordem:

-- Borboleta e Joao Tainha!

Dois cangaceiros voltaram as cabeças para o seu lado.

-- Voces come o doce, vao tomar conta das porta, manda Arueira e Rubem vim comer... Seu Clemente retirava os pratos, colocava os de sobremesa. Suas maos tremiam e os jaguncos sorriam do seu medo...

-- Ta cum medo, meu tio? -- perguntou Ze Trevoada. -- Nois nao e bicho, e gente feito qualquer um...

Seu Clemente empalideceu, deixou cair um prato que se partiu em cacos. Lucas riu largamente:

-- Num assuste o home, Ze. Se nao ele e capaz de se cagar aqui mesmo na vista de seu intendente. Riram as gargalhadas. Batiam com as maos na mesa, jogavam as garrafas vazias pelo chao. Um gritou:

-- Mais vinho...

Lucas dirigiu-se ao Prefeito:

-- Conte vosmece... Aqui ta dezessete home, tem dois na porta, faz dezenove... Um conto pra cada um e mais seis pra mim sao vinte e cinco... Arranje os sete que falta e eu nao mexo com ninguem... Palavra de Lucas Arvoredado...

O Prefeito suplicou:

-- E impossivel. Nao tenho onde ir buscar mais sete contos. Talvez uns dois, ainda pode ser... Faca por vinte, seu Lucas, que nos somos pobres. E uma caridade...

O caixeiro-viajante interveio, pediu ele tambem. A gente dali era toda ela sem recursos maiores. Os fazendeiros, que podiam dar uma boa ajuda, viviam longe.

-- Desses eu tomo conta... -- disse Lucas. -- Como o senhor pediu, vou deixar pelos vinte... --

guardou o dinheiro na bolsa. -- Va buscar o que falta, eu espero aqui... Mas antes que o Prefeito saisse, perguntou:

-- Quem e o dono do cinema?

-- E o doutor Gentil, da farmacia.

-- Diga a ele que quero assistir cinema hoje. Uma fita bonita cum home dando tiro nos indio... Os cangaceiros bateram palmas. Lucas comecou a comer o doce de pessego, lambeu o caldo que ficara no prato:

-- Tem mais?

Seu Clemente serviu. Lucas cocou a cabeça. Os piolhos andavam ate pelo pescoco, enormes e negros. Interrogou o viajante enquanto comia:

-- Vosmece gosta de dançar?

-- Aprecio...

-- Num gosto muito mas os meus home gosta demais... -- volta-se para Ze Trevoada. -- Vamos fazer uma dancinha, Ze?

-- Hum! Hum!

Foi entao que Ze Trevoada lembrou-se do retrato. Meteu a mao na bolsa, apalpou o pato, buscou a fotografia. Tirou do bolso, exibiu aos presentes:

-- Vou dançar com essa dona...

O caixeiro-viajante reconheceu a mulher do tenente, haviam estado hospedados no hotel enquanto nao encontravam casa. Sentiu-se incomodado. Ze Trevoada continuava:

-- Mulher de macaco graduado... Ela hoje vai ver o que e um macho de verdade...

-- Onde pode ser? -- Lucas queria saber do viajante a melhor sala da cidade.

-- Boa mesmo, merecedora do senhor, nao ha nenhuma. -- O viajante tentava impedir o baile: --

Nenhuma que preste...

-- Qualquer uma serve pra gente arrastar o pe...

-- O senhor nao disse que queria sair cedo da cidade?

-- Seu moco, os rapaz precisa se adivirtir... A vida da gente e nos mato, escondido, andando na caatinga, se rasgando nos espinhos. A gente precisa aliviar o corpo, vamos aproveitar o dia de hoje... Seu Clemente servia cafe. Lucas continuava:

-- Vosmece vai se divertir com nois... Vai ver como nois sabe dançar que nem os rapaz da cidade...

-- E as mulheres? Onde vao arranjar...

Viera outra ideia e conduzia a conversa:

-- Tem poucas mulheres da vida mas sao aproveitaveis...

-- Nois nao quer muie dama... Nois hoje vai dançar e com as mocas e as dona da cidade. Tem que ir todo mundo... Nos vai buscar...

Ze Trevoada perguntava:

-- Onde mora essa dona?

O caixeiro-viajante calou-se. Foi seu Clemente quem informou com uma voz gaguejante, como se alguém apertasse sua garganta.

5

O viajante esperava ter tempo para avisar, durante a sessao do cinema. O Prefeito voltara com os dois contos que faltavam, disse que o cinema poderia funcionar dai a meia hora. O caixeiro-viajante fazia planos. A exibicao demoraria pelo menos hora e meia. Poderia avisar, os maridos e pais que tratassem de esconder as filhas, de levar para os matos. Ele iria buscar a senhora do tenente, sabia de um lugar onde os cangaceiros nunca a encontrariam.

Mas nao contava que Lucas resolvesse levar todo mundo para o cinema. Assim que o Prefeito deu a noticia, ele disse aos homens:

-- Vao reunir o pessoal da cidade para o cinema. Tudo que for mulhe e os homens graudo... Tudo, sem faltar nenhum... E vosmece -- ordenava ao Prefeito -- va dizer a banda de musica pra se preparar que Lucas Arvoredo quer dançar hoje.

O Prefeito tremeu, perguntou:

-- Mas o senhor nao disse que com os vinte contos ia embora?

-- Disse que nao matava ninguem e nao vou matar. Mas nao disse que nao ia me adivirtir... Ja

tao querendo me ver pelas costas?... -- e um brilho de raiva passou no seu olhar. Alguns homens ja estavam bebados, aos demais

faltava pouco. O Prefeito olhava para o caixeiroviajante mas esse estava acabrunhado com a impossibilidade de realizar seu plano. Falou sem conviccao:

-- Nao e isso...

-- Seu moco, cale a boca... Nao se meta onde nao e chamado, me responda a pergunta que lhe fiz: qual e o mio lugar pra se dançar aqui?...

-- O salao da Filarmonica...

-- Pois e nesse o baile... Va avisar, seu Intendente...

O Prefeito vacilava ainda mas um homem se aproximou dele. Saiu cambaleando como um bebado. Lucas chamou-o:

-- E leve sua famia...

-- Nao esta aqui. Estao fora, em casa de um amigo...

-- Fugiro?

-- Nao. Ja tinham ido ha mais de mes...

-- Pode ir e ande depressa...

Ja nao estava de bom-humor. Restavam apenas dois cangaceiros na sala, os demais tinham partido. Ficaram somente aqueles que haviam estado de guarda. Lucas esperou que eles terminassem de comer.

-- Quanto lhe devo? -- perguntou a Clemente.

-- O que o senhor quiser pagar...

Botou uma nota de quinhentos mil-reis na mesa.

-- Chega?

-- Ta ate demais...

-- Va botar o paleta pra ir pra festa. E sua mulhe, cade ela?

-- Ta doente... -- Clemente tremia.

-- Tava aqui quando nois chegou... Fale a verdade. Clemente se ajoelhou, estendeu as maos:

-- Seu Lucas, leve seu dinheiro, o jantar eu lhe ofereco... Mas dispense minha mulhe, a pobre e

doente, e capaz de morrer so de saber...

Lucas guardou o dinheiro, empurrou o hoteleiro com o pe, Clemente perdeu o equilibrio e caiu.

-- Some de minha vista... O que te vale e que tua mulher e um couro que nem macaco quer... Ainda restavam no armario umas garrafas. De cachaca e vinho. Lucas mandou que os homens as recolhessem:

-- Pra alegrar a festa...

Voltou-se para o caixeiro-viajante:

-- Vamos, seu moco. Vosmece e meu convidado... Nao precisa ter medo, vosmece e solteiro... Pode escolher a muie que quiser...

O viajante imaginava o que estaria sucedendo a viuva do tenente. Os musculos do seu rosto doiam quando ele fazia forca para rir das pilherias que Lucas Arvoredou ia dizendo no caminho para o cinema. Arrependia-se agora de nao ter fugido como os demais hospedes. Na rua viam-se passar, sob a guarda do fuzil dos cangaceiros, as familias assustadas, mulheres desgrenhadas, homens alarmados, em

direcao ao cinema. Um dos cangaceiros cantava uma velha moda do sertao que falava nos feitos de Lucas Arvoredo:

"La vem Lucas Arvoredo,

Armado com seu punhal.

Nos homem ele mete medo

Pras mulhe e um rosedal...

La vem Lucas Arvoredo,

Armado com seu punhal.

Menina nao tenha medo

Que eu nao vou lhe fazer mal..."

As mulheres e os homens eram empurrados para dentro do cinema. Alem da plateia havia uns camarotes laterais e foi no primeiro deles que Lucas se aboletou com um jagunco e o caixeiro-viajante. Na plateia umas cinquenta pessoas se encolhiam nas cadeiras. Lucas assinalou o Juiz que, ao lado da mulher e das filhas, perdera todo o resto da pose. Gritou por um homem, apareceram uns tres.

-- Traz o juiz pra um camarote...

A esposa do juiz era gordissima, e as filhas, tres mocas entre os vinte e trinta anos, a acompanhavam na largura do corpo. Uns seios enormes precipitavam-se para a frente. Choravam todas e Lucas fez uma careta ao ve-las:

-- Que zebus...

O caixeiro-viajante sorriu contrafeito. Sob a guarda de um homem, o Juiz ficou no camarote vizinho e minutos depois o Prefeito tambem era trazido para ali. Esperando que o filme se iniciasse, Lucas

examinava as mulheres chorosas da plateia. Fixou-se numa vestida com um "tailleur" azul-claro, as faces alvas, cabelos loiros. Não era bonita aos olhos dos rapazes da cidade. Mas o que encantou Lucas foi o cabelo loiro se derramando sobre os ombros, cortado em franjinhas na testa, emagrecendo e empalidecendo o rosto da moça.

-- Quem é aquela? -- perguntou ao caixeiro-via jante.

-- É a professora do Grupo Escolar...

Fez um sinal ao capanga que estava a seu lado:

-- Traga ela praqui...

A moça veio quase aos arrastões, entre os olhares apavorados dos demais. Os assistentes formavam um bando aterrorizado. Nenhum deles sabia o que lhe podia acontecer e aos seus. Consideravam-se felizes se pudessem escapar com vida. A crônica de Lucas Arvoredo era um suceder de crimes, de assassinatos, saques de cidade, estupros de jovens.

Quando a professora chegou ao camarote, Lucas disse:

-- Não chore, dona. Não sou bicho do mato... Se abanque na cadeira, pare com essa choradeira... A moça sentou-se na cadeira ao seu lado, encolheu-se toda num canto. Lucas adiantou a mão pesada e calosa, suja ainda de comida, segurou nos cabelos finos e doirados, macios como seda, afundou os dedos, num prazer que lhe andou pelo corpo todo até a ponta dos pés. Riu para ela, tinha poucos dentes, a moça encolheu-se ainda mais. Ele baixou a mão, descansou-a no seu cangote magro, voltou a brincar com seus cabelos.

Ze Trevoada entrava no cinema arrastando a viúva do tenente. Puxava-a pelos braços, já lhe dera umas bofetadas pelo caminho. Ela viera como estava em casa, de chinelas, despenteada, aos solucos.

Ele a atirou como um fardo em cima de uma cadeira: -- Fica ai, mula...

Os assistentes olhavam num silencio de odio e terror. Mulheres tapavam o rosto com a mao, que lhes iria suceder? Apenas Quinquina, uma solteirona de quase quarenta anos, nao parecia amedrontada. Quando o cangaceiro a tocara de casa em caminho do cinema, ela ate sorriu para ele, admirando sua juventude. Era Bico Doce, um dos bandidos de mais terrivel legenda apesar de nao ter sequer vinte anos. Lucas achou que a sessao estava demorando a comecar e temeu uma traicao. Mandou reforcar a guarda em torno ao cinema, botar um homem em cada esquina. Disse ao Prefeito e ao Juiz:

-- Se aparecer macaco por aqui eu liquido voce dois logo -- e mostrou a mulher e as filhas do Juiz.

-- E essas vaca tambem... F tem mais: se esse cinema nao comecar logo eu vou me entender com o dono...

O Prefeito levantou-se no camarote (o Juiz nao tinha mais forcas), balbuciou o nome de Gentil, o dono do cinema apareceu:

-- Seu Lucas ta querendo que comece logo...

-- Estava esperando que ele mandasse...

As luzes se apagaram. O caixeiro-viajante notou o movimento de Lucas, soltando o cabelo da moca, segurando o revolver. A professora aproveitou-se para afastar se o mais possivel na cadeira. Estava espremida contra as tabuas do camarote, nao via sequer os letreiros do filme. Era um filme de "cow-boy", do tempo do cinema silencioso. Ainda nao possuia o Cine-Teatro Rex um aparelho sonoro. Mas para Lucas e seus homens era indiferente. Gostavam era de ver os tiros, as corridas a cavalo, Tom Mix (de quem eles nao sabiam o nome) dominando os seus adversarios. Batiam palmas nas cenas mais heroicas, gritavam animando o "mocinho". Novamente eram as

crianças que antes haviam admirado o pato de molas. Lucas chegou a esquecer os cabelos de ouro da jovem ao seu lado. Houve uma cena de luta na qual Tom Mix enfrentou uns vinte homens e a todos venceu com seu braço poderoso. Lucas não resistiu, quis ver de novo, mandou que passassem devagar, bem devagar. Os assistentes seguiam mudos as aventuras na tela, aqueles bandidos que perseguiram a noiva de Tom Mix eram risíveis ao lado de Lucas e do seu bando, dessa presença terrível dos cangaceiros. No escuro não os viam bem, mas sentiam o odor que vinha deles, azedo e fétido. E ouviam os risos, os comentários:

-- Que fia da puta, aquele de bigode...

Quando a película terminou e as luzes voltaram a se acender, Lucas ainda não estava satisfeito. Deu ordens para que passassem a fita de cabeça para baixo. Aquela era uma das suas diversões prediletas. Quando entrava numa cidade onde havia cinema gostava de ver o filme das duas maneiras. E recomeçou a tortura para os assistentes. Apenas Quinquina riu ao ver os personagens com os pés para cima, andando ao contrário, a terra onde devia estar o céu.

Houve também uma fita de Carlitos e eles riram com as peripecias do vagabundo. O vilão era um gigante fortíssimo e, quando ele começou a bater em Carlitos, um dos cangaceiros não resistiu, mandou três balas na tela. Mulheres desmaiaram mas o vilão continuou sua tarefa:

-- Não bate no hominho, fio de uma equa...

Finalmente as luzes acenderam-se. A viúva do tenente estava desacordada, Ze Trevoada jogou-a no ombro, saiu com ela. Os cangaceiros enquadraram os assistentes, tocaram-se todos para o salão da Filarmonica. Lucas ia de braço com a professora, aproximou o nariz do seu cabelo de ouro, aspirava o perfume da moça, ria contente.

Uma filha do Juiz, alucinada de medo, quis fugir. Um cangaceiro derrubou-a com uma taponia, a mãe foi chorando levanta-la. O juiz também tinha lágrimas nos olhos. Os músicos, na Filarmonia, começaram a tocar quando eles apareceram na esquina. Do bar tinha vindo todo o estoque de cachaca e de vinho. No céu brilhava uma lua redonda e amarela, baixa sobre as casas, derramando sua luz sobre os cabelos loiros da professora, dando-lhe nuances novas e ainda mais belas. Animada não se podia dizer, com justa verdade, que a festa estivesse. Tampouco desanimada seria o termo perfeito para classificar o baile de Lucas Arvoredo na cidade invadida. Era como um enterro com músicas alegres, sambas e foxes. Mais ou menos metade dos músicos tinham sido reunidos, os que estavam na cidade, não tinham tido tempo de cair no mato. E umas trinta mulheres, entre velhas e mocas, moviam-se na sala, puxadas pelos cavalheiros, na sua maioria jaguncos do bando. Lucas queria ver todo mundo dançando, obrigara o Juiz, o Prefeito, o caixeiro-viajante. Mandara dar bebida aos músicos, fazia as mulheres beberem cachaca. A professora ia com ele, os pés pisados, incapaz de raciocinar, sua sorte entregue ao destino.

-- Seja o que Deus quiser... -- murmurava ela.

Tinha um noivo na cidade mas o sentia como uma coisa distante, sonho que se esfumava ante a nova realidade. Lucas beijava-a nos cabelos.

Era um baile infernal. Se o padre da localidade não houvesse sido um dos primeiros a fugir quando a vinda de Lucas se anunciou, poderia ter um bom assunto para um sermão naquele baile sem alegria mas de danças rápidas, de músicas entremeadas de tiros, de gritos, de garrafas se esvaziando rapidamente, mulheres sufocadas com cachaca.

Ze Trevoada arrastava a viúva do tenente. Ela ia como uma inconsciente, movendo os pés no ritmo da dança sem sequer dar por

isso. Seu pensamento estava no marido morto, no filho que deixara sozinho em casa, nada do que lhe acontecesse ali poderia ofende-la.

Quando a musica silenciou e todos ficaram parados, os homens da cidade espiando suas mulheres e filhas, essas tremendo nos bracos dos cangaceiros, Lucas pronunciou as palavras fatais, que os comerciantes e moradores da cidade temiam ouvir a cada momento:

-- Ta fazendo muito calor, vamos tirar as roupa...

Bateu palmas:

-- Todo mundo, sem faltar ninguem...

Dirigia-se a professora:

-- Tu tambem, cabelo de ouro...

Os homens e as mulheres ficaram imoveis. O caixeiro-viajante tentou intervir. Lucas fechou o rosto:

-- Tire a roupa tambem...

Sob o punhal dos homens comecaram a se despir. A mulher do Juiz era um elefante de gorda, os seios batiam na barriga. O marido, em compensacao, era uma vara de magro, os ossos das costelas aparecendo. Lucas os imaginou dancando os dois, nus no meio da sala. Deu ordens para a banda tocar uma valsa. Meteu o punhal na barriga da esposa do Juiz. A mulher tapava a cara com as maos, nunca pensara em sentir tanta vergonha:

-- Voces dois, vao dançar...

Os cangaceiros riam, um comerciante nao pode deixar de rir apesar de que sua esposa tambem estava ali, nua como as outras.

Juiz e a mulher andavam mais do que dancavam pela sala e era ridiculo espetaculo, a gordura dela sobrando por todas as partes, a

magreza do homem, os olhos de lagrimas dos dois. A valsa morria nas ultimas notas, veio um samba:

-- Danca todo mundo -- disse Lucas.

Tomou da professora, sentia o corpo nu desfalecer nos seus bracos. Ze Trevoada segurava a viuva do tenente, arrancara-lhe a, forca os vestidos, ela o olhava distante e silenciosa. E o baile se prolongou, os cangaceiros cada vez mais bebados, o desejo se avolumava dentro deles. Cada um foi escolhendo a sua preferida e quando Lucas arrastou a professora para a sala dos fundos, eles comecaram a tomar das mulheres ali mesmo, na vista de todos. Era uma cena inconcebivel, de gritos, alguns homens, tentando reagir mas logo encurralados num canto pelas armas de dois ou tres dos jaguncos.

O mais terrivel porem foi quando Ze Trevoada derrubou a viuva do tenente. Quando ela compreendeu o que se ia passar ficou; de todo louca e correu pela sala. Ele ia atras, estava muito bebado,, tropecava nas cadeiras, caia. Mas ela perdeu as forcas e novamente ele a segurou. Ela o arranhou e mordeu, virava o corpo, de outras mulheres vinham gemidos de dor na posse obrigada. Ze Trevoada segurava-a pelos bracos, as pernas em cima de suas pernas:

-- Mulher de macaco, tu vai ver o que e macho...

Ela ouvia agora o choro do filho, vindo de longe. E teve de subito um momento de perfeita lucidez. Libertou-se do cangaceiro que preparava-se para possui-la, olhou-o nos olhos de bebado.

-- Voce nao tem mae, desgracado?

A pergunta foi tao inesperada que Ze Trevoada quase nao a entendeu. Raras vezes se lembrava da velha Jucundina. Mas nao queria pensar nela naquele momento.

-- Deixa a veia em paz...

-- Se o senhor tem mae pense nela e veja que eu tambem tenho filho. Nao basta com ter matado meu marido? Deixe eu ir embora pelo bem de sua mae...

Estava seria e parada diante dele. Nao escondia nenhuma parte do seu corpo. Ze Trevoada via a velha Jucundina andando em casa,, ralhando com eles, olhando-os com amor. A mulher continuava:

-- Tou-lhe pedindo pelo bem de sua mae... Se nao quiser fazer que ela lhe amaldicoe... Nao vou mais correr, o senhor e quem sabe o que vai fazer... E pelo bem de sua mae... Ze Trevoada passou a mao nos olhos, nao podia afastar dali a visao da velha Jucundina.

-- Vai embora... Depressa, antes que me arrependa...

A mulher saiu pela porta, na passagem arrebatou um pedaco de vestido largado na sala. Cobriu-se com ele, precipitou-se na rua.

Ze Trevoada ficou parado, sem saber o que fazer. Via ainda a velha Jucundina e agora a viu nua no meio da sala. Afastou um homem do seu caminho:

-- Sai, peste ruim...

Agarrou uma garrafa de cachaca.

La dentro, da sala onde estava Lucas, veio um grito terrivel. E um cheiro de carne chamuscada penetrou na sala de baile. Um jagunco disse:

-- Lucas marcou a brancona...

O caixeiro-viajante sentiu uma tontura, sentou-se na cadeira, nao via nada em sua frente. Lucas surgia na sala, o ferro em brasa na mao, a moca arrastada pelos cabelos, um L de sangue no ombro alvo que nem leite. E ali atirou-se novamente em cima dela que nao se movia. Ze Trevoada espiava pela sala, so tinham sobrado as mais

velhas e as mais feias. Já estava arrependido de ter deixado a viuva partir. Em sua frente não via mais Jucundina e o desejo o tomava novamente. Ninguém quisera uma gorda filha do Juiz. Ze Trevoada gritou:

-- Vem cá, pata choca...

A moça quis correr, caiu, ele colocou o punhal no seu pescoco:

-- Se se mexer eu meto a faca...

O cheiro de carne queimada ia desaparecendo lentamente. Os músicos fugiam pela janela. A orquestra agora era de ais, de soluços e gemidos, o baile de Lucas Arvoredo terminava. Sairam de caminhão pela madrugada, o chofer com o revólver de Bico Doce encostado nas costelas. Muitas leguas acima, quando o sol já ia alto, mandaram parar, atiraram nos pneus, sumiram na caatinga.

8

Internaram-se no mais profundo da caatinga, sabiam que o assalto à cidade repercutiria, dando como resultado uma intensificação no combate ao bando de cangaceiros. Os jornais falariam, os deputados da oposição fariam discursos contra o governo, novos contingentes de polícia seguiriam contra Lucas Arvoredo. Quem sofria com isso eram os sertanejos. Não os fazendeiros ricos, respeitados pela polícia que lhes garantia as propriedades, respeitados também por Lucas quando eram seus coiteiros ou quando não se negavam a lhe dar o dinheiro exigido. Quando faziam negacas, Lucas entrava nas fazendas, queimava rocas e casas-grandes, matava alguns, impunha respeito.

Mas os pequenos lavradores, os sitiantes e colonos, os sertanejos pobres, esses sofriam, seja da passagem do bando de Lucas, seja -- e ainda mais -- da polícia. Os tenentes e capitães comissionados na perseguição a Lucas enriqueciam nos dois anos que passavam pelo sertão. Levavam dinheiro para pagar comida e cavalos mas os

requisitavam dos camponeses pobres, roubavam e violavam tanto ou mais que os cangaceiros. Os sertanejos tinham mais medo da farda da policia, farda que ali se modificava, os homens vestindo gibao de couro sobre as levitas, substituindo os quepes por chapheus de vaqueiros, do que mesmo da roupa de couro dos cangaceiros. A policia tinha direitos, roubava matava e deflorava baseada na lei. E nao passava de corrida como os cangaceiros. Onde havia bois e galinhas eles demoravam, os tenentes dormindo com as cabrochas mais bonitas, os soldados fazendo e acontecendo. Muitos daqueles soldados eram recrutados por ali mesmo, alguns ja tinham sido inclusive cangaceiros e eram os unicos realmente uteis na perseguicao ao bando, os unicos que sabiam se movimentar no intrincado da caatinga. Os tenentes e capitães, querendo conservar o maximo que pudessem da verba recebida para o reide, davam liberdade aos soldados para se arranjamem como pudessem. E eles caiam com furia sobre os sertanejos, suas posses, suas filhas, seu rebanhos.

Tampouco os cangaceiros perdoavam. Apesar de que haviam saído de entre os sertanejos mais pobres, vitimas quase sempre do latifundio, das lutas desiguais com os coroneis que tomavam suas terras, frutos do meio social, ainda assim nao guardavam particular simpatia pelos que sofriam o que eles ja

havam sofrido. Tambem os cangaceiros roubavam e defloravam, matavam e capavam. A unica diferenca entre cangaceiros e policia era que esta respeitava todos os grandes fazendeiros enquanto Lucas atacava tambem a esses.

Internaram-se pela caatinga, foram acampar no seu recesso mais escondido. Ali so chegavam os espioes, os que vinham trazer as noticias para Lucas. De todas as partes, das fronteiras de cinco Estados, movimentavam-se soldados. Os discursos da oposicao tinham sido dessa vez mais violentos, o caso do assalto repercutira ate na Camara Federal. Os jornais publicavam fotografias da professora que enlouquecera, com o ombro marcado a ferro em

brasa, o L de Lucas, sua marca para seu estranho gado: as mulheres que possuía. Publicavam também retratos da viúva do tenente, para a qual um deputado solicitou uma pensão especial do governo, e uma entrevista onde ela contava como se havia libertado das mãos de Ze Trevoada. O repórter, que amava o sensacionalismo (era um jovem ambicioso mas sentimental) deu um título que comoveu as famílias:

"O REMORSO PARALISOU AS MÃOS DO BANDIDO."

Os soldados de polícia atravessavam as estradas, cercavam o pedaço da caatinga onde Lucas estava com seus homens. Vinham de todos os lados, em breve o cerco estaria completo. Entregaram o comando da expedição a um capitão do Exército, comissionado em coronel, e ele, antes de partir para o sertão, deu uma entrevista aos jornais dizendo que aquilo era o fim de Lucas Arvoredo e do seu bando de cangaceiros. Até esse jornal trouxeram para Lucas, ele soletrou as declarações do capitão, espiou o rosto do homem para guardar bem. Reservou uma bala para ele.

Quando o capitão, com o grosso dos seus soldados, chegou a caatinga, Lucas já estava muito longe, descansando tranquilamente na fazenda de um dos seus coiteiros, um coronel que era trunfo na política, senador estadual que fazia discursos falando na defesa da civilização cristã e que se aproveitava de Lucas para expulsar das terras vizinhas das suas todos aqueles lavradores cujos bens lhe interessavam. Depois que os homens fugiam e não podiam voltar, ele adquiria as terras por ninharia. E no Senado do seu Estado ouvia os discursos contra o governo que não liquidava com Lucas. Dizia nas rodas do café:

-- Se ele tiver a ousadia de aparecer por minha fazenda, vai ser o fim dele... Votava as verbas para a polícia perseguir os jaguncos. Sabia que aquela perseguição só tinha um fim: enriquecer uns quantos tenentes e capitães.

E como não encontrasse Lucas Arvoredo, e não desejasse voltar, o capitão espalhou seus soldados pelo sertão, e roubaram, violaram e mataram. Os jornais atribuíam também esses crimes ao cangaceiro Lucas Arvoredo.

Quando o Senador chegou, Lucas foi cumprimenta-lo, acompanhado de Ze Trevoada. Estavam acampados sob um telheiro, próximo a casa-grande e tinham mandado buscar mulheres da vida no arraial, amantes que possuíam por aquelas redondezas. Era como uma festa na fazenda, todas as vezes que Lucas e seu bando acoitavam-se ali. Vinham violeiros, tocadores de harmonica, havia bailes pela noite, trabalhadores resolviam abandonar a enxada e a foice para seguir no bando de Lucas, para a aventura da vida na caatinga, livre e sem obrigações.

O Senador apertou a mão que o cangaceiro lhe estendia. Havia um banco de madeira na varanda, ali conversaram. Lucas tirou o chapéu de couro, colocou-o no chão, entre seus pés. Ze Trevoada acocorou-se em frente. O Senador fumava um charuto perfumado, Lucas aspirou a fumaça, era quase um pedido. O

Senador mandou buscar a caixa com certa má-vontade, cada charuto daqueles custava-lhe oito mil-reis. Deu um a Lucas, outro a Ze Trevoada. Este guardou o charuto no bolso:

-- Vou dar a Maricota... -- a amasia estava ali com ele.

O Senador queria reclamar. Daquela vez fora demais, Lucas se excedera. Aquilo poderia terminar por prejudica-lo, a ele mais que a qualquer dos outros coiteiros, pois nenhum tão altamente colocado quanto ele. E verdade que sabia que o coronel João Batista pai do governador de um Estado vizinho, também acoitava Lucas. Mas, em compensação, havia-lhe proibido que entrasse em qualquer das cidades do seu pequeno Estado. Lucas só se dirigia para a fazenda do coronel João Batista quando estava num aperto muito grande, ali nunca iria a polícia. Em compensação, em nenhuma parte se

acoitava tanto quanto na fazenda do Senador. Culpa do proprio Senador que muitas vezes o havia mandado chamar, precisando dele para tomar as terras dos outros. Na varanda o Senador pensa se nao teria usado demais a Lucas Arvoredo.

-- Seu Lucas, me desculpe a franqueza, mas voce esta abusando... Assim voce acaba mal e nao poderei fazer nada para lhe ajudar... -- o Senador erguia o dedo numa advertencia. Lucas pos nele uns olhos inocentes:

-- De que e que vosmece quer falar? Num sei de nada... Ando ate quieto, bem do meu nesses tempos...

-- Voce sabe do que estou falando... Que necessidade voce tinha de marcar aquela pobre moca com ferro em brasa... -- O Senador vira o ombro da moca, ainda nao se libertara de todo da impressao.

-- Tava um pouco bebido, a malvada se fez de besta, o senhor sabe o que e raiva, nao me guentei... O silencio reinou durante alguns minutos.

-- Foi muito malfeito. Assim, Lucas, voce ainda vai terminar mal... Um dia lhe pegam...

-- Vosmece bem sabe que ninguem vai pegar Lucas com vida. Esse caboclo que ta aqui nao vai bater com os costados na cadeia... Antes e mio morrer brigando... Nao sou bandido de se deixar prender...

-- E a consciencia? -- perguntou o Senador. Pouco se recordava da sua, mas seria exagero dizer que, por vezes, durante as noites, de insonia, cansado das mulheres jovens, ele nao sentia um estremeamento. Repetiu: -- E a consciencia? Nao lhe doi?

-- Se nao me alembro?... Seu Senador, vosmece bem sabe que vim pra essa vida nao foi por querer. Nois tava bem de seu em nossa terra, viero e tomara ela, assim como vosmece tambem taz... e dero

um tiro no veio meu pai, que necessidade tinha? Matei o homem, cai no cangaco... La vou sentir... Tou e me vingando, os outro tambem, vosmece sabe que essa gente do sertao e mais desgracada e mais sofredora que nem mesmo urubu que e bicho que so come carnica... Pelo menos tem carnica pra comer... O Senador nao gostara daquela alusao aos seus metodos. Lucas cada dia se tornava mais ousado, respondao, perdia-lhe completamente o respeito. Resolveu encurtar a conversa:

-- Vai se demorar por aqui?

-- So uns dias enquanto os home descansa e a policia assossega. Dizque tem mais soldado na caatinga que espinho nos mandacaru...

-- Tem muito soldado. Mas ja estao se dispersando, espalhando-se pelo sertao. O melhor era voce

atravessar o rio, ir para o outro lado... -- com Lucas no outro Estado, ele se sentiria melhor.

-- Talvez seja mio mesmo... Faz tempo nao vou praquelas bandas, tenho umas contas a ajustar por la... So demoro uns dias, o tempo dos macaco tomar sumico...

-- Muito bem, Lucas... Folguei em ve-lo com saude. Agora vou descansar um pouco, dar depois umas ordens a Licurgo -- falava do capataz da fazenda. -- Venha me ver antes de ir... Mas Lucas nao se levantou:

-- Queria falar um arrespeito com vosmece...

-- Que e?

-- Tou cum pouca municao, tava querendo ver...

-- Onde vou arranjar? -- estava de pe e ligeiramente colerico com o pedido de Lucas. -- Voce

sabe que nao e facil conseguir municao.

-- Licurgo me disse que vosmece tem pra cima de trezentas balas de fuzil guardada em casa...

"Aquele Licurgo saberia essa tarde quanto custa ser linguarudo..."
As balas o Senador as tinha reservado para uma necessidade qualquer, a politica no sertao se fazia tambem com tiros e lutas.

-- Nem me lembrava. Mas nao posso lhe ceder tudo... So uma parte... Preciso de ficar com um pouco de municao, ninguem sabe do futuro...

-- Em vosmece ninguem toca que Lucas nao deixa... Vou mandar dois home arrecolher as bala...

-- Esta direito. Vou descansar. Ate outra hora...

Lucas se levantou, Ze Trevoada ja estava de pe. O Senador estendia a ponta dos dedos. Vestia um pijama de seda, listado. Lucas ficou parado, esperava evidentemente alguma coisa. O Senador perguntou, ao ve-lo naquela atitude:

-- Que e mais?

-- Vosmece nao vai me convidar pra jantar? Todas as vez vosmece me convida, Lucas fica contente...

Forcou outro sorriso.

-- Venha amanha, vou mandar matar um capado para os homens

Ficou olhando os dois cangaceiros que caminhavam para os lados do barracao. Lucas Arvoredo estava se tornando incomodo. Enfim, ainda podia ser util se as coisas na politica se embaralhassem ainda mais, como estava parecendo que ia acontecer... O melhor de tudo, porem, seria se ele nunca mais voltasse a fazenda... Se a policia o

liquidasse, o Senador se sentiria satisfeito. E pela primeira vez pensou em trair o cangaceiro, em entrega-lo as forcas policiais. A ideia ficou crescendo no seu cerebro.

10

As noites no barracao eram de festa. Lucas mandava buscar tocadores de harmonica, violeiros de fama, dancavam ate de madrugada, as mulheres sabiam que, depois, os seus homens passariam meses e meses enterrados na caatinga e tornavam-se carinhosas, os ais de amor eram como musica tambem. Um dos trabalhadores da fazenda falou a Lucas de um tocador de harmonica que ele ouvira ha

algumas noites numa fazenda vizinha. O homem estava de passagem, ia viajando para o sul no rumo de Juazeiro, na Bahia. Ha uns dias que com sua familia, demorava na fazenda, pegando na enxada para ganhar algum dinheiro com que continuar a viagem. O trabalhador contou maravilhas do homem. Tocador tao bom ele nunca vira, dava gosto escutar, valia a pena Lucas mandar busca-lo.

-- A nao ser que ele ja tenha arribado... So tava de passo, ia era pro sul, no caminho de Sao Paulo... Lucas mandou um recado e naquela noite Bastiao apareceu com sua harmonica. Deixara a familia, viera so, era mais garantido. Muitas e muitas vezes ouvira contar acerca de Lucas, das suas malvadezas, mas tambem de sua generosidade quando alguem ou alguma coisa o agradava. E tinha ouvido dizer que Jose, filho de Jeronimo, andava no bando. Gostaria de ve-lo, de contar-lhe o que se tinha passado na fazenda do coronel Inacio. Chegou com a harmonica debaixo do braco, acompanhado pelo trabalhador que lhe levara o recado. Homens e mulheres esperavam pelo tocador de tanta fama. Ze Trevoada o reconheceu, imediatamente:

-- Mas se e Bastiao...

-- Tu conhece ele? -- perguntou Lucas.

-- Tou cansado de conhecer. Vive junto de minha gente, na fazenda do finado coronel Inacio... Onde tu passou daquela vez, quando eu vim pro bando... Se ar recorda?

Lucas se lembrava. Como poderia esquecer a figura de Zefa predizendo o futuro, ameaçando o mundo e os homens? Mas nao vira Bastiao, o negro fugira com a familia, so aparecera depois que o grupo de cangaceiros tinha ido embora.

Foi da boca de Bastiao que Ze Trevoada teve as noticias da fazenda e dos seus. Soube da venda pelo doutor Aureliano, de como haviam tomado as terras dos colonos, da viagem, do tiro que Gregorio dera em Artur e que nao matara o capataz. A ultima novidade que Bastiao tinha a respeito dos parentes de Jose, era a que lhe transmitiram uns homens com quem se encontrara e que voltavam do sul. Haviã estado com Jeronimo mais alem da caatinga e disseram que a familia estava reduzida a dois meninos, Marta, os velhos e Joao Pedro. Seis pessoas, tao magras que mais pareciam bichos do que gente.

-- E o resto? -- o rosto de Ze Trevoada estava sombrio e os olhos ficavam pequenos e maus.

-- Dizque morrero pelo caminho. Eu tambem ja perdi dois fio nessa viagem... E uma malvadez o que fizeram cum a gente...

Tocou a noite toda, os homens dancando, as mulheres felizes, que tocador! Lucas se entusiasmara, gostava da musica de harmonica, e Bastiao tinha uma voz agradavel, cantava modas do sertao, ABCs e desafios. Cantou aquela que falava nos feitos de Lucas Arvoredo, os homens do bando acompanhando em coro:

"La vem Lucas Arvoredo,

armado com seu fuzil...

O sertao treme de medo,

ja matou pra mais de mil...

La vem Lucas Arvoredo,

armado com seu punhal...

Os ricos caga de medo,

Tiro de Lucas e fatal...

La vem Lucas Arvoredo,

armado com, seu fuzil...

Menina, nao tenha medo,

Meu apelido e gentil...

La vem Lucas Arvoredo,

armado com seu punhal.. .

So os bichos nao tem medo,

comem em seu embornal...

"La vem Lucas Arvoredo,

armado com seu fuzil..."

As vozes atravessam sobre as rocas, acordam os passarinhos nos galhos, estremecem as arvores. O

nome de Lucas Arvoredo quer dizer sangue e morte, tristeza e luto. Os sons da moda, na voz rouquenha dos cangaceiros, e como um sinal de partida. Ao ouvir Bastiao, Lucas pensa que chegou o momento de marchar. Ja estao ali ha mais de dez dias. A caatinga os espera, se nao der que falar logo dele se esquecerao, outro mais

audaz tomara seu lugar na conversa dos sertanejos, na boca dos violeiros. A noite esta findando, varios ja se retiraram com suas mulheres para os cantos ou para os matos. O

proprio Lucas esta com sono. Bastiao prepara-se para partir. Vai abraçar Ze Trevoada que passou todo o tempo calado, encaramujado num banco, sem cantar nem dançar. Maricota não tem sequer coragem de chama-lo. Quando o convidou para irem dormir, ele a olhou com tais olhos que ela se afastou e o fita de longe. Que se passa com ele? Que lhe disse esse negro quando conversaram? Bastiao chega para se despedir:

-- Ate nois se ver, Jose...

O nome assim por inteiro, como ninguem por ali o pronuncia, ainda mais aumenta sua dor, como que o aproxima da infancia na fazenda.

-- Va descansado, Bastiao. Num vou deixar isso ficar assim. Vou falar com Lucas, nois vai la e ai dos que tiver na casa-grande. Num e por dinheiro que nois vai la... E so pra matar... Deu cem mil-reis ao negro velho. Lucas dera-lhe duzentos, Bastiao julgava-se rico. Bastaria para ele chegar a Juazeiro. De sobra. E, mais que o dinheiro, que os elogios de Lucas Arvoredo, aquela noticia que Jose lhe dava enchia o seu coracao. Desta vez Artur não escaparia. E quem dera que o doutor Aureliano andasse por la nem que fosse de visita... No caminho de volta ainda cantava e o fazia de pura satisfacao:

"La vem Lucas Arvoredo,
armado com seu punhal..."

11

Lucas reparou em Ze Trevoada num canto como se estivesse doente. Era o seu preferido. Nunca esquecera o primeiro tiroteio em que Jose tomara parte e que lhe valera o apelido. Quando vira os outros

saltando e gritando, na tática de luta que Lucas introduzira no cangaco, os urros e pulos amedrontando mais que os tiros, Jose soltara tais gritos e tao altos que pareciam mesmo trovao. Um dos homens disse:

-- Parece trevoada... Tu e Ze Trevoada...

E o nome ficou. Mas coragem e dedicacao estavam ali. Cedo Lucas o distinguiu dos demais, confiava-lhe missoes dificeis, mandava-o as fazendas receber a quota com que os proprietarios pagavam o direito de nao serem atacados. Confiava nele e o estimava. Por isso se dirigiu para seu lado quando o viu quase escondido no fundo do barracao. Ja durante a festa sentira a falta de Jose. Mas como o outro andava agarrado com Maricota pensou que estivesse com a mulher, dormindo pelos matos. Foi a propria Maricota que ele perguntou:

-- O que e que Ze tem?

-- Sei la que bicho mordeu ele... Ta cum cara de morte...

-- O que e que tu tem?

Ze Trevoada levantou a cabeça:

-- Quero saber se tu pode me atender um pedido...

-- E so tu falar...

-- Dizque mandaro minha gente embora das terra deles. Meu pai minha mae, meus tios tambem. Tudo que era vivente que tinha terra na fazenda, aquele tocador era de la, botaro ele pra fora tambem. Dizque minha gente desceu pra Sao Paulo, ta morrendo tudo pelo caminho. . . Tu sabe que esses fragelado num chega nem metade em Juazeiro...

-- Que e que tu quer?

-- Ir na fazenda, pegar o dono, o tal que comprou e mais o capataz. Dero um tiro nele mas nao matou...

-- Tua tia ta la?

-- Tocaro cum ela tambem. Mas dizque ja morreu no caminho, dizque nao ta mais cum eles, so

resta cinco...

-- Tocaro cum ela? Num devia ter feito...

-- E eles se importa?

-- Nois sai amanha. Discansa hoje que e pra poder andar bem depressa. Cum dez dias nois ta por la se num acuntecer maleficio nenhum... E mio tu drumir, ta decidido... Mas Jose nao conseguia dormir. Voltava a ver Jucundina andando pela casa, as vozes ressoando no curral, Marta tao nova ainda correndo no terreiro, Jeronimo na roca. E a casa, onde crescera e a qual pretendia voltar algum dia, nao sabia quando, mas nao importava. Importava, sim, saber que ela existia e que ele podia voltar se quisesse, abraçar a mae, pedir a bencao ao pai, pegar na enxada, partir para o mandiocal. Apertava o punhal, nao ia gastar bala com aquela gente...

12

Quando voltavam do assalto a fazenda, tiveram um encontro com uma patrulha da policia. Borboleta foi ferido numa perna e Lucas Arvoredado dirigiu-se para um dos seus coitos para ali deixar o jagunco, aos cuidados de um medico. Na fazenda eles nao encontraram Artur que andava de viagem, comprando gado, o novo proprietario estava convertendo grande parte da propriedade num criatorio. Deu-lhes raiva nao encontrar o capataz e entao puseram fogo na casa-grande, abateram quantas vacas puderam. Ze Trevoada botou fogo nos mandiocais e no milharal que rodeavam

sua casa. Entrou pela casa adentro, assustando a família de um trabalhador, olhou as paredes de barro batido, nada mais recordava ali a presença de Jerônimo e Jucundina. Pensou se devia incendiar a casa também mas os trabalhadores não lhe tinham feito agravo nenhum. Perguntou se as plantações eram deles ou do fazendeiro.

-- Nois e só alugado...

Botou fogo. A casa-grande ardia, Ze Trevoada não estava satisfeito. Mas não tardou a saber que o doutor Aureliano andava por perto, havia estado hospedado na fazenda há dois dias, viera numa comissão do governo. Ze Trevoada conversou com Lucas Arvoredado, combinaram planos, ele partiu sozinho, encontraria o bando num lugar determinado. Atirou em Aureliano naquele mesmo dia mas não tinha certeza se o havia matado. Ficou rondando pelas proximidades até que soube que apenas ferira o seu antigo companheiro de correrias quando meninos. Havia-no levado para o arraial e de lá para a cidade num automóvel.

Ze Trevoada praguejou. Pensou até ir a cidade, mata-lo mesmo para ser preso mas considerou depois que não valia a pena. Não faltaria ocasião. Nem que tivesse de voltar todos os anos por aquelas bandas como quem cumpre promessa.

Embrenhou-se nos matos, dois dias depois encontrou o bando. Naquela mesma noite deram com o piquete da polícia, o tiroteio foi no descampado, o que não agradava a Lucas. A sorte deles era que o grupo de soldados compunha-se apenas de oito homens. Mas ainda assim Borboleta ficara ferido e os soldados tinham fugido ilesos. Lucas se contrariara e estava espantado de encontrar aqueles soldados inesperadamente. Que faziam por ali? Não tinha notícia deles e andava sempre bem informado, tinha espiões por todo o sertão.

Resolveu sair para outro Estado, começaram a marcha acelerada. Dias e noites através da caatinga, parando apenas para renovar as

provisoes nas sedes das fazendas. Numa delas houve resistencia armada, o fazendeiro jurara que Lucas nunca tomaria nada em suas terras. Lucas enfureceu-se, matou a familia toda. Quando finalmente saiu da caatinga para atravessar o rio que demarcava a fronteira dos dois Estados soube o porque da policia e encontrara no caminho. Nao eram so aqueles soldados com quem tiroteara os que se dirigiam na mesma direcao. Eram dezenas e dezenas de soldados de policia e iam todos liquidar com o beato Estevao e sua gente, ao que diziam eram mais de mil sertanejos, que se haviam juntado em torno do profeta. E a policia resolvera acabar com aquilo de uma vez.

O sertanejo que contava tinha informacoes seguras. Lucas retirou da boca o pedaco de fumo de corda que mascava:

-- Mas o beato e um homem tao bom, por que e que querem fazer isso com ele... Ele so faz rezar, pregar pros que quer ouvir, porque tao mandando policia contra ele?

Nao compreendia. Que o perseguissem estava certo, ele matava e assaltava, era um bandido, um criminoso sem lei. Mas o beato nao fazia nada disso, apenas mandava que os homens se penitenciassem dos seus pecados porque o fim do mundo estava perto.

Mais adiante outro sertanejo deu-lhe mais noticias. Dessa vez porem nao se referiam ao beato e, sim, a ele mesmo, Lucas Arvoredado. Disse-lhe que todas as passagens do rio estavam tomadas pela policia, que os soldados o esperavam ja ha dias, alguem o traira.

-- Arguem que sabe que vosmece ia vadear o rio pro outro lado... Adivinha eles nao podia... Lucas despachou o homem, chamou Ze Trevoada e Bico Doce, conversaram longamente. Depois reuniu todos os demais e lhes falou:

-- Minha gente, nois foi traido e so pode ter sido pelo Senador...

Alguns se admiravam mas Lucas Arvoredado completou:

-- So ele e que sabia que nois ia atravessar o rio... Foi ate ele que me conseiou, dizendo que a coisa tava preta por esse lado... E so me deu uma porquera de municao... Juntava os fatos, a coisa lhe parecia clara:

-- Estive sabendo que logo que nois partiu ele viajou, foi pra cidade. Que ia fazer assim de carreira? Ia mandar os soldados...

Os jaguncos mantinham um silencio de expectativa. Apenas moviam-se no chao onde estavam sentados, desejosos de partir quanto antes. Lucas Arvoredo sentia a mesma coisa que eles:

-- Mas nois vai ensinar esse fio da puta... Nois nao travessa o rio, nois volta pra fazenda dele...

-- E se ele nao tiver la?

-- Nois espera ate ele chegar... Um dia ele tem que vim...

Retomaram os caminhos da caatinga, e iam depressa. Lucas Arvoredo recompunha os fatos em sua cabeça. O Senador sabia perfeitamente que, se ele atravessasse o rio para o outro Estado, seu destino seria a fazenda do coronel Joao Batista, que ficava bem na fronteira. Durante grande trecho da viagem lhe preocupara saber o que o Senador poderia ganhar ao entrega-lo. Agora ja descobrira: o Senador nao estava de muito boas relacoes com o governador do Estado vizinho. Se Lucas fosse preso ou morto na fazenda do pai do governador, acoitado ali, seria um escandalo, um deus-me-acuda. Nao era outra coisa, pensava.

Comecara a margear a estrada de rodagem ate que depararam com um caminhao. Viajaram nele um grande trecho para novamente internarem-se na caatinga quando a estrada se tornou mais movimentada. Iam de coracao cheio de odio, macabros projetos ruminados enquanto caminhavam. Lucas dizia para si mesmo que esperaria o Senador mesmo que tivesse de envelhecer na fazenda...

Mas não teve que aguardar. Quando se aproximou da propriedade soube logo que o Senador havia regressado, era o começo da safra. Demora de poucos dias, segundo constava, para dar ordens, ter certeza de que tudo marcharia bem durante os meses em que o Senado o prendia na capital. O bando chegou pela tardinha, as mulheres não esperavam. Foi uma correria, Maricota atirou-se nos braços de Ze Trevoada. Porém viram logo que acontecia algo de anormal, bastava olhar para a cara de Lucas.

Foram diretos a casa-grande. O Senador acabara de ser avisado da intempestiva chegada do cangaceiro. Veio para a varanda, vestia um robe-de-chambre elegante, no dedo brilhava um solitário.

-- Por aqui, Lucas? Alguma novidade?

Lucas se adiantou, subiu os degraus da varanda, ficou de pé ante o Senador. Antes mesmo que ele falasse o outro compreendeu que o cangaceiro sabia. Empalideceu, recuou um passo. Um pensamento atravessou sua cabeça: "Mariana que pensou vir com Jaime." Eram a mulher e o filho acadêmico de medicina.

-- Vosmece entregou a gente a polícia...

Protestou mas sua voz era fraca:

-- Eu... Sou seu amigo...

-- Amigo do cão, não de Lucas Arvoredado...

Levantou o parabelum. O Senador gritou:

-- Lucas, tá doido? Num faça isso...

-- Toma, fio da puta...

Descarregou a arma, o homem caiu, corriam de todas as partes trabalhadores, mulheres e agregados. Ficaram olhando de longe, contidos pelos cangaceiros.

Tomaram das suas mulheres, juntaram uns animais da fazenda, cavalos e burros, tocaram-se para outro coito mais distante ainda, mais garantido também. Viajaram sem parar, dia e noite, Lucas Arvoredo sabia agora que toda a policia se movimentaria atrás dele.

14

A perseguição amainou como as outras. O bando de Lucas passou sumido quase dois meses. O seu coiteiro, naquela emergência, era um pequeno fazendeiro a quem Lucas salvara a vida certa ocasião numa viagem. E foi ali que o emissário do beato Estevão o veio encontrar. Ele já se preparava para retomar o caminho, varar novamente o sertão, invadir vilas e cidades, ir buscar dinheiro nas fazendas, quando boquinha de certa noite sem lua, o homem chegou. Vinha apoiado num bordão, andara muita estrada, custara descobrir onde Lucas se metera.

-- A policia -- a que fora mandada para persegui-lo e a que buscava Lucas -- cercara o beato nas proximidades de Juazeiro. Mais de trezentos homens encontravam-se com Estevão mas quase não tinham armas e nenhuma experiência de luta. A única esperança que tinham era a ajuda de Lucas Arvoredo.

-- Meu pai Estevão manda dizer que vosmece leve quanto homem puder. E tudo que for arma que o barão e grande...

Lucas, antes de partir, enviou emissários para reunir gente, compadres seus, camponeses que o estimavam, gente que, de quando em vez, tomava parte no bando, outros que eles sabia se deixariam matar por ele. E veio muita gente, uns para servi-lo, outros porque era para defender o beato Estevão. Nunca tinham visto o beato, mas para eles era um santo, pela sua voz falava a voz de Deus. Na madrugada eles partiram, deixando as mulheres,

tomando nas fazendas onde passavam todas as armas que existiam. O enviado do beato, um preto cuja carapinha embranquecia, dava pressa. Mas eles andavam com tal rapidez que o proprio negro so com dificuldade os acompanhava. Durante seis dias e seis noites avancaram entre espinhos, ate que na setima noite enxergaram as fogueiras do acampamento do beato. O vento trazia um ruido de oracoes cantadas pelo povo que seguia Estevao. Lucas parou, dobrou os joelhos na terra, os demais cangaceiros o imitaram. Fizeram o pelo-sinal e so entao avancavam humildemente.

Jao

1

Joao, a quem chamavam de Jao, soergueu a cabeça, os olhos numa expressao interrogativa, escutando. Aquela cantilena nos fins da tarde, prolongando-se pelo comeco da noite, ja se tornara familiar. Tomava do fuzil, andava ate o alto de uma pequena elevacao, onde existiam grandes panelas de um formigueiro abandonado. Sentava-se ali, descortinava um amplo horizonte. Via as cabanas de barro dos "peregrinos", o movimento entre elas, a maior de todas cercada de gente, era a do beato Estevao. A brisa suave acariciava o rosto mulato de Jao, ele retirava o quepe para refrescar a cabeça. Sentia o agudo misterio do crepusculo mas o espetaculo que o comovia era o acender das fogueiras no acampamento dos sertanejos. Tambem no bivaque das forcas da Policia acendiam-se fogueiras, mas eram pequenas e serviam tao-somente para cozinhar e afastar as cobras. No acampamento elas tinham uma outra serventia, nao eram simplesmente pedacos de gravetos onde cozinham o jantar e ferviam a agua para o cafe. Tinham um significado religioso, oferendas de fogo ao Deus que ia destruir o mundo e castigar os homens, colocadas simetricamente, um determinado numero, sempre vinte e uma, so o beato sabia porque. A lenta procissao que, as sete horas, percorria as ruas do acampamento, parava ante cada uma das fogueiras, e as vozes que cantavam adquiriam maior volume, as sombras alongavam-se a luz vermelha. Diante da ultima,

colocada no centro da praça, em frente a casa do beato, Estevão predicava, repetindo quase sempre as mesmas palavras de ameaça e de humildade. Depois a procissão dissolvia-se, e Jão sabia que eram nove horas, não tardaria a sentinela a tocar na vibrante corneta o toque de recolher. Descia então do pequeno morro, vinha vagarosamente, trazia ainda nos ouvidos os sons merencórios da litania que os peregrinos cantavam. Quando havia vento conseguia distinguir também palavras do beato na sua predica, e em seu coração de campones elas ressoavam, ele acreditava nas novas por elas transmitidas. Era um bom soldado, cumpridor de seus deveres, obediente as ordens dos superiores, atiraria contra o beato se o tenente ordenasse fogo, mas o fazia na certeza de cometer o maior dos pecados. O beato era pessoa de Deus, por que cerca-lo como se ele fosse um criminoso? Todas as tardes Jão subia pela colina, algumas vezes outros soldados o acompanhavam. Ficavam esperando o acender das fogueiras. Percebiam depois o burburinho da gente se ordenando nas filas da procissão e o lamento das vozes nas orações:

"Pra sempre louvado..."

Mas naquela noite, quando mais de metade da procissão desfilara através das fogueiras, o beato na frente, como todos os dias, vestido com seu camisu branco, pareceu-lhe ouvir uns sons diferentes, vindos do outro lado, que se misturavam e se chocavam com a monotona cadencia da litania. Era outra melodia, parecendo festiva e orgulhosa, tao em contraste com a humildade da oração como um som de clarim que cortasse o grave acento de um órgão. A principio imaginou que se enganava, seria um ruído de animal no mato, um daqueles gritos das aves noturnas, mas a melodia persistia e ia aos poucos dominando as vozes dos peregrinos. Jão soergueu a cabeça, alçou os ombros, o ouvido a escuta. Seus olhos, acostumados a

treva da noite, perceberam outros vultos, que não os dos peregrinos, chegando por detras do acampamento. Eram eles que cantavam e a melodia foi se tornando mais clara e Jão começou a

entender palavras esparsas. Seu coração suspenso, parecia adivinhar o que estava se passando. Viu a sombra do beato, os braços agitados, viu a procissão tomar outro rumo, quebrando toda a tradição, as vozes que oravam silenciarem a um gesto de Estevão. E foi nesse súbito silêncio que ele pôde perceber as palavras da melodia que ganhara volume ao parar das orações:

"La vem Lucas Arvoredo,

armado com seu fuzil..."

Viu como a procissão, após um momento em que peregrinos e cangaceiros confraternizaram, novamente se ordenou, maior agora, e as orações continuaram. Viu como chegavam à praça, o beato subindo no caixão colocado à porta de sua cabana, o vento abanando o branco camisu de algodão. Estranhas emoções aninhavam-se no peito de Jão, sob a sua levita de soldado. Ao mesmo tempo em que pensava na transformação por que passava o cerco, com a chegada dos cangaceiros de Lucas Arvoredo --

deixando de ser uma cacada a homens desarmados para virar batalha contra os jaguncos mais temidos do sertão -- sentia uma satisfação inescandível. Sem deixar de ser, nem por um momento sequer, um soldado fiel às ordens recebidas, executando as patrulhas, montando guarda e pronto para avançar contra os sertanejos do beato, sentia-se preso ao outro lado, se não vestisse a farda de polícia seria um dos homens do beato, rezaria em suas procissões, lhe pediria a bênção, baixaria a cabeça ao ouvir suas palavras. E não podia deixar de sentir-se satisfeito ao ver que o beato já não estava abandonado, sem poder resistir ao cerco, tendo que se entregar para não morrer de fome. Agora que Lucas Arvoredo estava com ele a coisa mudava de figura, já os tenentes não podiam rir, o coronel perderia muito da sua arrogância. Esse coronel era aquele capitão do Exército que fora comissionado para perseguir Lucas. Agora chefiava o cerco ao beato Estevão e se divertia aproximando-se todas as noites mais uns metros, reduzindo

cada vinte e quatro horas o terreno onde ainda podiam os peregrinos buscar agua e cacar animais que comer. Resolvera reduzi-los pela fome, prender o beato e seus lugares-tenentes, espalhar o resto pelas fazendas.

-- Botar esses vagabundos pra trabalhar... -- dizia.

Que pensaria ele agora? Com Lucas haviam chegado mais de cinquenta homens, Jao calculava pelo movimento que vira. Havia oitenta soldados de policia mas varios deles eram rapazes da capital, gente que nao servia para brigar com Lucas Arvoredo. Jao sentia-se alegre, apesar de saber que aquilo talvez lhe custasse a vida. Nao pensava na morte, de qualquer maneira o mundo ia se acabar, o beato afirmava. Ouviu o toque da corneta, chamando. Desceu da colina de ma-vontade, os passos arrastados. O

sermao do beato terminava tambem. E novamente, agora entoada por centenas de vozes, a moda dos feitos de Lucas encheu os ares, desta vez ouvida por todos os soldados:

*"La vem Lucas Arvoredo,
armado com seu punhal..."*

Corria um vento de chuva, trazia as palavras inteiras, a melodia se espalhara no rumo de Juazeiro, se perdia na direcao do grande rio onde tambem mestres de barcas a cantavam, aprendida dos imigrantes que ficavam na amurada do cais a olhar os navios e a agua. Jao vem andando lentamente, seu coracao bate apressado. Os soldados correm ao som da corneta, a guarda foi reforcada. O coronel atravessa entre os homens, o passo agitado, dois tenentes vao a seu lado, discutem a situacao. O rosto mulato de Jao se ilumina num sorriso. Trauteia a melodia que chega com o vento.

Um dia, no fundo do agreste sertão, onde a fome mata os homens, os rios secos pelo sol ardente, os coroneis tomando a terra dos lavradores, mandando liquidar os que discutiam, os imigrantes partindo em levadas sucessivas para o Sul, os cadáveres ficando pelas estradas, quando morriam crianças as centenas, e as que cresciam eram doentes e tristes, quando o impaludismo se estendeu como um manto de luto e a bexiga negra deixou sua marca mortal em milhares de faces, quando a febre tifo se alastrou que nem grama ruim, quando já nenhuma esperança restava no coração cansado dos sertanejos, apareceu o beato. Ninguém sabia de onde ele vinha, quem era, quando chegara, nem sua idade, nem seu nome por inteiro. Chamava-se Estevão, sobrenome não possuía, o seu bordão, que parecia uma cobra cascavel, trazia poeira de muito caminho percorrido, as alpargatas velhas e rotas, o camisu salpicado de lama seca de muitos dias. A barba alva e revolta, não muito densa, descia-lhe sobre o peito, os cabelos compridos, brancos também, escorriam sobre o pescoco até o princípio das costas. Os piolhos baixavam dos cabelos para o camisu, e as aves, nas horas do meio-dia e do entardecer, pousavam nos ombros do beato e beliscavam suas orelhas que as mechas de cabelo escondiam.

Apareceu dizendo que o mundo ia acabar, a maldade dos homens chegara ao máximo, a piedade findara no coração de Deus. O limite de sua paciência se esgotara e agora viria o castigo terrível, era chegada a hora da penitência. Ai dos que não cobrissem a cabeça de cinza e não abandonassem tudo, casa e trabalho, patrões e colheitas, para rezar... Os que assim não agissem não teriam salvação possível quando a hora soasse implacável.

Sua voz era sugestiva e terna, parecendo mais a voz de uma criança que a de um velho, porém na hora das imprecisões se alteava violenta, doía como chicotada. Nesses momentos todos se esqueciam de que era um velho curvado sobre um bordão de caminheiro. Semelhava uma árvore majestosa, um rio caudaloso, uma cachoeira ruidosa. Quando os olhos azuis, comumente bondosos e quentes, olhos que chamavam e arrumavam, ficavam

parados, perdidos na distancia, vendo coisas que os demais não viam, quando davam medo e frio. Alto e tão magro que balancava ao vento como um bambu, tinha uma resistência de ferro e marchava leguas e leguas num passo rápido, difícil de acompanhar. "Come menos do que um passarinho", diziam as mulheres e circulavam histórias fantasiosas sobre a maneira como, pela noite, Nosso Senhor alimentava o beato e renovava suas forças.

Chamava-se Estevão mas todos o tratavam de beato Estevão, os peregrinos usavam a voz carinhosa de "meu pai". Curvavam a cabeça para receber sua bênção quando ele passava, a mão levantada, as palavras quase inaudíveis. Sua bênção era milagrosa, curava doenças, cicatrizava feridas, evitava pragas nas plantações, molestias nos animais, expulsava os maus espíritos e fechava o corpo dos homens às mordidas das cobras venenosas e às balas assassinas.

Como duvidar do seu poder sobrenatural, da sua santidade, se as cobras, as mais temidas -- a cascavel, o jararacucu-cabeça-de-platona, jararaca -- saíam do caminho ao seu passo e o acompanhavam na estrada e se deixavam pegar por ele e compreendiam a língua embrulhada que ele falava? Como duvidar, se ele falava da fome dos homens, de todas as desgraças que sucediam, se ele dizia que nenhum coronel, nenhum dos grandes fazendeiros se salvaria da ira de Deus, do castigo iminente?

Nenhuma palavra podia contra ele, nem mesmo a palavra dos padres que se levantavam para condenar o beato. Os sertanejos sabiam que os padres não batizavam nem casavam de graça, viviam pelas fazendas mas hospedados nas casas-grandes, comendo fartamente na mesa dos coroneis, e seus sermões nada adiantavam sobre as terras tomadas, sobre os salários que nem davam para pagar o armazém. Nos sermões dos padres, cheios do fogo do inferno, eles imprecavam era contra os amigos, os que tinham filhos por batizar, os que se punham nos animais por não ter mulher com quem dormir. O

beato falava outra lingua. Nenhuma palavra contra as raparigas, contra os homens que tinham mulher sem receber a bencao do vigario, contra os que usavam eguas e jumentas. Clamava, em compensacao, contra os pecados dos ricos, falava de como eles estavam matando os pobres de fome, e a eles, a sua usura e cobica, atribuia a colera de Deus que resolvera terminar com o mundo. Nunca parou para descansar numa casa-grande e as poucas vezes que se encontrou com algum coronel foi para lancar-lhe em rosto as mais violentas imprecacoes, para convida-lo a entregar aos colonos espoliados as terras tomadas, para pagar o roubado nas contas do armazem aos seus trabalhadores. E mais de um fugira de sua presenca, impressionado com a figura do velho se alteando no bordao, as barbas flutuando ao vento, aves canoras no seu ombro, cobras venenosas no seu rastro.

Quando surgiu estava sozinho e falava mesmo quando nao havia ninguem, como se os arbustos espinhentos da caatinga, os lagartos e as cobras, os urubus famintos, pudessem entender o que ele dizia. Mas logo sua palavra se espalhou, levada de ouvido em ouvido, e os peregrinos foram chegando e se reunindo em seu redor, a acompanha-lo em sua caminhada. Pouco ou nada tinham a perder quando largavam o machado ou a enxada, quando fugiam das fazendas para buscar nos olhos azuis do beato a sombra de unia esperanca. Apesar de que ele anunciava novas amedrontadoras, os sertanejos sentiam-se confortados ao seu lado, no calor da sua voz, sob a protecao diaria de sua bencao. O primeiro que veio era uma viuva e trouxe os seus cinco filhos pequenos. Mas, no mesmo dia, chegaram homens e o seguiram. Ele marchava sempre, parando apenas nos domingos quando realizava procissoes e cobria seus cabelos brancos com a cinza sobrada das fogueiras. Marchava em direcao ao mar, onde ficavam as grandes cidades, onde corriam os trens e das quais partiam os navios que eles nunca tinham visto e cuja forma, tamanho e cor amavam imaginar nas noites monotonas das fazendas. Eram uns poucos a comeco. Mas ao seu passo os homens iam deixando tudo, calcando as alpargatas, colocando o chapau de couro. E o acompanhavam, queriam ouvir mais uma vez

aquelas palavras contra a maldade dos coroneis, contra as tomadas de terra, contra os salarios miseraveis. Todas as noites o beato pregava, os homens abriam tambem seu coracao, lhe contavam suas historias dolorosas, recebiam sua bencao pacificadora. E uniam-se em torno a ele, cuidando da sua comida, acendendo as fogueiras nas noites de domingo, dormindo ao seu lado pelas estradas e descampados. E assim vinham, atraves do sertao, o numero aumentando sempre, sertanejos que deixavam o trabalho, como ele recomendava, para se penitenciarem, doentes de todas as doencas tambem que chegavam em busca de saude que o beato distribuia com sua bencao. E de ponta a ponta do sertao, nesse imenso pais de tanta miseria e tanta riqueza, por todos os caminhos da febre e da fome, correu o nome do beato Estevao e peregrinos partiam de todos os extremos em sua procura. Bandidos e cegos violeiros, capangas de muitos assassinatos, homens a quem haviam tomado a terra que lavravam, trabalhadores alugados que deviam nos armazens, velhos e mocos, mulheres com filhos e jovens que ainda nao conheciam homem, tísicos e impaludados, leprosos e loucos. Vieram todos, enchendo os caminhos, roubando para comer, marchando dia e noite, buscando o rastro do santo. So ele curava e consolava. E o beato seguia, indiferente ao numero de peregrinos que o acompanhavam, rezando suas oracoes, difundindo suas profecias. Mas para cada um tinha uma palavra diferente, para cada historia ouvida, uma solucao que acalmava como um balsamo sobre uma ferida.

Mais rapido que ele andava seu nome, chegara as cidades, aparecera nos jornais. Os coroneis se agitavam, trabalhadores abandonando as colheitas, colonos ficando rebeldes, os padres se levantavam contra ele, era a ameaca de uma seita supersticiosa que abalava o prestígio da Igreja. O beato continuava, indiferente, nao sabia sequer que seu nome provocava tanta discussao. As aves vinham pousar em seu ombro, os violeiros cantavam em sua honra, as mulheres beijavam a ponta do seu camisu, e as cobras enroscavam-se em seu braco magro, aninhavam-se em seu peito

cavado. Essas coisas se passaram no sertão, onde a fome cria bandidos e santos.

3

Longe de Jao pensar que seu irmão Jose, mais moço que ele um ano, estava no bando de Lucas Arvoredo, montava sentinela com uns cangaceiros em frente de onde ele, Jao montava sentinela com alguns soldados. Fora o primeiro a partir, abandonar a família e a fazenda, procurando suas melhoras que não via futuro ali, na pequena terra que o pai lavrara e que não era dele sequer. Quando Jose arribou com Lucas Arvoredo, na noite do ataque a fazenda, ele já era soldado de polícia numa capital distante e só

muito tempo depois soube que o irmão também partiria mas sem que lhe mandassem dizer qual o seu destino. Quando recebera a notícia, numa das raríssimas cartas que a tia Dinah escrevia, passou uns dias de olhos atentos pelas ruas da cidade na esperança de descobrir Jose. Mas o tempo foi correndo e ele desistiu daquela busca infrutífera. O irmão devia estar trabalhando numa fazenda qualquer, ou de assalariado na construção da interminável estrada de ferro. Inúmeros camponeses abandonavam a terra para virem ser "cassacos" no leito da estrada. Era um trabalho estafante mas sempre de melhor salário que os das fazendas.

Soubera depois que também Nenem, o mais moço dos três, o mais sabido, aquele que os dirigia nos brinquedos, havia partido. Ficou apenas Agostinho que era quase um menino e também ele -- pensava Jao -- partiria algum dia quando crescesse. Como ficar no pequeno pedaço de terra que mal produzia para os velhos e para as mulheres?

Lembrava-se da sua fuga, da caminhada até a cidade, do seu espanto ante as belezas da capital, andando nas ruas de boca aberta. O que o animara a largar-se foram as descrições ouvidas de trabalhadores que já haviam estado por lá. Contavam maravilhas e

Jao sonhava pelas noites com aquelas conversas, o trabalho na roca parecia-lhe cada vez mais estafante e sem futuro. Mais ia ficando, ajudando o pai nas plantacoes, sem coragem de se decidir. Tinha dezenove anos, era um caboclo forte e as prostitutas o disputavam quando ele ia ao arraial. Dormiam com ele mesmo quando Jao nao tinha dois mil-reis para lhes dar na despedida. Nesse meio-tempo comecou um namoro com a filha do velho Maneca, ia se encontrar com ela atras do curral. Teve entao aquele desgosto com Jeronimo, nao podia mais ficar em casa. Primeiro pensou em ir em busca da moca, rouba-la de casa, pedir a Artur um lugar de trabalhador ou buscar noutra fazenda. Mas o chamado da cidade com suas luzes imaginadas, era mais poderoso que o corpo da moca namorada. E partiu, trabalhando aqui e acoila para conseguir o dinheiro para a passagem do trem. Andando pelas noites, parando de dia nas fazendas, pedindo servico. Alugou-se mais de um mes no leito da estrada com os "cassacos", trabalho duro, de rebentar. Juntou um dinheirinho, partiu novamente. Ja as alpargatas estavam inuteis e os pes descalcos se rasgavam pelo caminho. Mas um dia atingiu a cidade e todo o sacrificio pareceu-lhe bem pago. O mar, que o tentava mais que tudo, era de uma cor variavel, ora verde, ora azul, branco de espuma na areia da praia. Beleza assim nunca vira e deixou-se ficar sentado num banco, espiando. Os navios colossais estavam amarrados no cais, pareciam uns bichos imensos, os mastros eram como arvores sem galhos e folhas, e quando um vapor apitou Jao se levantou com o susto, estremecendo. Sorriu depois e viu, emocionado, o navio afastar-se do cais, a gente que acenava adeus, os que respondiam e choravam. Viu como ele embicava para a frente, para a agua sem limites, e aumentava a velocidade. Pareceu-lhe tudo muito rapido e, quando o navio ja era um ponto perdido no mar, Jao ainda tinha nos olhos a sua imagem, parado no cais, botando fumaca pelo bueiro.

Ali nao havia crepusculo. Na roca era longo e triste, o fim da tarde demorado, a noite tardando a chegar, havendo uma bem profunda separacao entre as ultimas claridades do dia e as primeiras sombras noturnas. Mas ali nao havia crepusculo. Apenas o sol descambava e

o horizonte sobre o mar acendia-se em vermelho, as luzes eletricas brilhavam e a noite ja era. Como que as luzes a puxavam mais depressa e ela se confundia com os restos de claridade. Nao existia aquela hora misteriosa quando tudo parece se aquietar por um momento, quando se sente que mais um dia termina. Mesmo porque na cidade nada terminava, o crepusculo nao marcava as fronteiras de certas ocupacoes, a vida continuava tao ou mais intensa pelas ruas afaristas.

Jaο nao tinha onde dormir, nao possuia bagagem, todo seu dinheiro resumia-se em doze mil-reis. Sentia fome e abandonou o cais. Tomou pela rua mais movimentada, onde passeavam homens bem vestidos e mulheres lindas, e andava timidamente, parando ante as vitrinas, o chapau de couro na mao desde que vira que riam dele. Nao tinha coragem de entrar nos restaurantes e so se acalmou quando penetrou nas ruas de canto, parecidas com as do arraial proximo a fazenda. As mesmas mulheres da vida, negras e caboclas, pelas vozes de algumas, ele reconhecia sertanejas vindas, como ele, do interior. Encontrou onde poder comer por dez tostoos, onde dormir por tres mil-reis. Nessa mesma noite fez relacoes. Um sertanejo, que estava empregado numa padaria, ouviu sua historia num botequim. Beberam cachaca juntos, o homem prometeu-lhe um emprego. Marcaram um encontro para o outro dia e ele foi trabalhar em casa de um portugues, fazendo recados, limpando o jardim, encerando a casa lustrosa que fazia gosto. Aos poucos foi conhecendo a cidade, se dando com gente, com soldados de policia que iam beber a noite nas ruas de canto, fazer barulhos, dar nas mulheres. Entre eles encontrou conhecidos, vizinhos da fazenda mocos que haviam partido antes dele. Interessaram-se por sua sorte, apresentaram-no ao sargento. Assentou praca, fazia ginastica, ensinaram-lhe a ler direito, so entao escreveu para a familia contando onde estava.

Quando se viu com a farda sentiu-se outro homem. Timido ainda, desconhecendo muitos dos modos dos soldados, sem saber gritar com as raparigas, sem saber pegar o bonde andando e saltar na

maior velocidade do veiculo. Mas estava orgulhoso da farda e nao tardou em arranjar amasia que lhe dava dinheiro, em aprender tudo que os soldados tinham que lhe ensinar. A cidade o dominava lentamente, cada vez o sertao ficava mais distante. Ainda gostava, no entanto, de ouvir os sons de uma viola e a voz de um cego cantando qualquer moda sertaneja. Revia entao as cenas da fazenda, os velhos pais na labuta, a tia Zefa dizendo suas coisas trapalhadas, Marta correndo no terreiro, sua irma casada partindo com o marido. E tinha saudades, naquelas noites bebia mais cachaca, dava uns tabefes na rapariga, entrava com outros soldados em casa de mulheres, expulsando os paisanos a tiro.

Serviu em cidades proximas, porem conseguiu sempre voltar para a capital, arranjava um jeito, a protecao de um tenente. Mais que tudo era o mar que o prendia, os navios que chegavam e partiam, a visao da agua infinita, as cores variando.

Pegara cadeia, servira de bagageiro de um capitao, foram tempos de folga, a corneta do regimento nao valia para ele. O capitao mandava-o lustrar suas botas, a esposa mandava-o fazer compras no mercado, e a filha, que tinha dezesseis anos e era formosa, pedia-lhe que levasse recados para o namorado, um estudante de direito que escrevia versos nos jornais.

Assim passavam os anos, pensava em fazer concurso para cabo, mas ia adiando, nao gostava de estudar, a vida de soldado era boa. Tinha regalias, bonde nao pagava, impunha respeito com a farda. De quando em vez brigavam com os soldados do exercito, havia tiroteios nas ruas de rameiras, algum saia morto ou ferido. O caso era comentado, eles se reuniam, arquitetavam planos, a cidade vivia momentos de panico. Mas os superiores tomavam providencias, suspendiam as licencas, todo mundo no quartel na hora de recolher. O incidente era esquecido, voltavam as boas com os milicos do exercito. Ate que fora surpreendido com a noticia de que ia partir com a companhia para liquidar com o beato Estevao. O nome do beato nao lhe era estranho, fazia meses que penetrara no quartel,

atraves das noticias dos jornais e as historias contadas pelos sertanejos recém-chegados. Para ele era como um santo, mas ordens nao se discutiam.

4

Voltou a ver a caatinga bravia, as paisagens da sua infancia e adolescencia. Pouco depois havia abandonado o quepe e usava a chapeu de couro dos vaqueiros. Sabia-se movimentar ali melhor que na cidade, as botinas substituidas pelas alpargatas, o tenente chamando-o, de quando em vez, para pedir sua opiniao sobre as picadas que se entranhavam pela caatinga. Rindo dos homens que haviam nascido na cidade e que nao sabiam andar por entre os espinhos, que resmungavam e praguejavam o dia todo. Para ele era como se houvesse voltado para casa. So que agora levava um fuzil, a baioneta e a farda. E dirigia suas armas contra os sertanejos do beato.

Pensava nisso quando a hora do crepusculo chegava, solene e melancolica. Ali, sim, o crepusculo se estendia longo sobre a terra. As luzes eletricas nao apressavam a noite, as estrelas demoravam a subir no ceu sem nuvens. Para ele o beato era um santo homem, nao fazia mal a ninguem. O tenente ria das suas profecias, de que o mundo ia acabar e era necessario rezar e lancar cinzas sobre os cabelos. Mas Jao nao ria, era fragil a casca de vicios e conhecimentos com que a cidade o envolvera, rompia-se ao contacto com a caatinga, na hora do entardecer, ao grito agourento das corujas. Nao so Jao como muitos outros soldados, chegados ha anos do sertao, perdiam a cada dia que passava o ar de pracas e mais se pareciam com os trabalhadores das fazendas, os camponeses da caatinga. A farda ia sendo substituida pelos paletos de couro, as palavras aprendidas no quartel e nas ruas da cidade sendo esquecidas, a lingua, renovada nos anos passados longe, voltando a ser aquela lingua tropega e de poucos vocabulos dos sertanejos. O sertao recuperava seus filhos. Por que atacar o beato? remoiam eles. Era um pecado que iam cometer. Em todas essas coisas ele pensava

enquanto, de sentinela, montava guarda, sem imaginar sequer que seu irmão Jose estava do outro lado, no comando de um pequeno grupo de jaguncos, observando os movimentos dos soldados de policia. No ceu sertanejo sobravam as estrelas e Jao as olhava, reconhecendo-as. No ceu da cidade elas nao brilhavam tao intensamente, as lampadas electricas ofuscavam tudo, era um ceu para o qual os homens pouco se voltavam. Olhando as estrelas, sentindo o cheiro de terra que chegava com o vento da noite, ele recordava a casa da fazenda com o curral proximo, o milharal nos fundos. Onde andariam seus pais a essa hora? Antes de partir recebera a carta de Dinah com as noticias da viagem para Sao Paulo. Mais de vinte anos levara seu pai lavrando aquela terra, derramando sobre ela o seu suor, gastando ali a sua vida. Nada disso fora levado em conta, o beato e que tinha razao, e era um pecado o que eles estavam fazendo, apertando o cerco em torno de Estevao e dos romeiros que o seguiam. E agora tudo estava sendo preparado para o ataque final, o capitao decidira que, com a chegada de Lucas Arvoredo, nao podia mais haver contemplacoes. Esperava apenas completar o cerco, envolver os homens do beato num circulo, para liquidar com aquilo de uma vez. E a chegada do reforco pedido com urgencia.

Um sargento contara num grupo de soldados, onde Jao se encontrava, que o capitao e os tenentes, reunidos em conselho, tinham decidido atacar. Antes pensavam reduzir o beato pela fome. Como o cerco nao se tinha completado todavia, podiam os peregrinos sair pela noite em busca de mantimentos, comprados nas vendas ou roubados nos armazens da fazenda. O plano da policia era completar o cerco, impedir a saida dos que iam buscar generos, e esperar. Esperar que o beato se entregasse, prende-lo e aos homens mais ativos do bando, dispersar os demais, encaminhando-os para fazendas necessitadas de trabalhadores. Sabiam que assim o preco do trabalho baixaria, mas aquilo pouco lhes importava. Para o capitao tratava-se de malandros que usavam o beato e suas palavras loucas como um meio de nao trabalhar. E se alguem lhe falasse da fome, das terras tomadas, das doencas sem remedio, de todas as

desgracas do sertao, ele riria em sua cara. Para ele tudo se resumia em preguica. Com a chegada de Lucas ele resolvera mudar de tatica. Deixara de ser um bando de preguicosos, apenas. Agora eram cangaceiros temiveis e para estes so bala e que resolvia. E como um tenente levantasse timidias objecoes, perguntou-lhe asperamente por que o beato fizera vir Lucas Arvoredo, se nao queria ver o sangue dos seus homens correr. O tenente poderia replicar que o beato o fizera para se defender, ja que as patrulhas da policia matavam, sem do nem piedade, quanto romeiro encontravam na tarefa de procurar alimento. Mas o tenente nao disse nada, ouviu o resto do plano em silencio. Jao pensava compreender o que se passava com o capitao, tao orgulhoso de estar comissionado em coronel da policia! Prender o beato, dissolver os sertanejos, seria, sem duvida, um feito de repercussao. Mas terminar a carreira de Lucas Arvoredo, cangaceiro com doze anos de valentias e crimes pelo sertao, isso sim seria glorioso, faria seu nome conhecido em todo o pais. Jao nao criticava, nos seus pensamentos melancolicos, o seu capitao. Se ele estivesse em seu lugar agiria de identica maneira, mas ele nao era capitao comissionado em coronel, era um simples soldado, menos ainda: ali se sentia apenas um campones, credulo e ingenuo, solidario no fundo do coracao com o beato Estevao, crente nas suas palavras ameacadoras. Tinha medo de Lucas, e bem verdade, mas nao lhe tinha odio, era um deles, saira da mesma dor e da mesma desgraca que os demais sertanejos. E se matava e roubava, se violava e assaltava, e que haviam matado seu pai para tomar a sua terra e ele fora muito homem para se vingar e cair no cangaco. Jao talvez tivesse feito o mesmo se estivesse em casa quando puseram o velho Jeronimo para fora de suas terras e o empurraram para os caminhos que levam a Sao Paulo. A carta de Dinah contava que Gregorio dera um tiro em Artur, o capataz. Talvez andasse agora no bando de Lucas, fosse um daqueles cangaceiros que haviam entrado no acampamento, interrompendo na vespera a procissao com seus canticos.

O que Jao nao sabia era que seu irmao Jose era o falado Ze Trevoada, lugar-tenente de Lucas Arvoredo, e que estava em frente

a ele, numa distancia nao maior de quinhentos metros e que vigiava os passos da sua patrulha, pronto para lhe cortar o passo se eles avançassem. Mas nao se surpreenderia se o soubesse, nem lastimaria o irmao, nao abriria a boca contra ele.

5

O beato descera o sertao, atravessando a caatinga, varando os caminhos, acampando nas imediacoes dos povoados. O grupo crescia sempre, foram dez, foram vinte, chegou o momento em que eram cem e continuavam a chegar de todas as partes homens e mulheres em sua busca. Encontravam-no acampado e entao se prostravam a seus pes, diziam de suas necessidades e seus sofrimentos, contavam suas historias, pediam a bencao e conselhos, deixavam-se ficar, no outro dia partiam com ele para diante. Outros encontravam em caminho, marchando na frente de todos, apoiado no cajado como uma cascavel, murmurando frases soltas, os olhos fitando o horizonte. Sabiam ja que ele nao os atenderia durante a caminhada. E incorporavam-se ao grupo que o acompanhava, obedeciam aos rituais do acampamento quando paravam, ninguem fazia observacoes aos novos peregrinos, davam-lhes o que comer, agua para beber, nao perguntavam ao que vinham nem queriam saber os seus nomes. Eles e que, a noite, iam beijar o camisu do beato, pedir sua protecao. E nao o deixavam mais, presos pelos seus olhos azuis, pela voz mansa e morna, pelas palavras que aliviavam a dor.

O numero certo dos que haviam chegado as imediacoes de Juazeiro nunca ninguem soube direito. Seriam duzentos, trezentos talvez com os homens de Lucas. Certos jornais que noticiaram os fatos falaram que havia para mais de quinhentos, existia, no entanto, quem garantisse que nao chegaram nunca a mais de cento e cinquenta. Era uma suja multidao de doentes e desgraçados. Homens, mulheres e criancas, caboclos pardos, mulatos e negros.

Roubavam, e bem verdade. Os que traziam dinheiro compravam comida enquanto podiam. Quando o dinheiro se acabava não tinham outro jeito senão assaltar armazens de fazendas, já que a caca era magra e difícil pela caatinga. Roubavam galinhas, cabras e porcos, mantas de carne-seca, sacos de feijão. Onde eles passavam os assaltos se sucediam, arrancavam os aipins, as batatas-doces, os inhames, o milho quando as bonecas já estavam crescidas. Mas roubavam apenas o suficiente para comer, o beato proibira que tomassem qualquer coisa em excesso. Para Estevão não era roubo. Dizia que os frutos das árvores eram de todos, Deus os fazia nascer para a pobreza, todos tinham direito sobre eles. Não permitia no entanto que pusessem a mão em qualquer objeto, que furtassem um prato ou um copo, um paleta ou um níquel. "Isso era deles", dizia, "era pecado levar". A comida não, os animais se criavam soltos na terra, as árvores cresciam por si mesmas, alimentadas com a seiva da terra. A terra era a mãe farta e boa. Eles tinham direito, o beato não via as cercas delimitando as propriedades, não se preocupava com os títulos de posse registrados em cartório. "Aquilo tudo era fantasia, vaidades dos ricos", repetia. O mundo ia acabar, Deus estava cansado de assistir, do seu trono de nuvens, a tanta ruindade dos homens. E, se ia acabar, que importavam as cercas e os títulos, nada seria mais de ninguém a não ser o fogo do inferno para os maus, as delícias do céu para os pobres, aqueles que vinham fazendo penitência, que haviam largado suas foices e seus machados.

Nunca admitiu que tocassem em ninguém e quando soube que um dos peregrinos esfaqueara o empregado de um armazém que não lhe quisera vender fosforos, mandou-o embora, não o quis mais consigo. Não foi rude com ele, não lhe negou sua bênção. Mas o proibiu de seguir, ele havia derramado sangue de um homem depois que começara as penitências. E isso era pecado, estava proibido na lei do beato.

Que o tivessem feito antes, não lhe importava. Chegavam assassinos famosos, cabras de coroneis que haviam matado a troco de dez mil-

reis e uma garrafa de cachaca. Relatava seus feitos ao beato, mortes de arrepiar, malvadezas sem motivo, ele lhes deitava a bencao, proibia-os de matar dai em diante. Mesmo Cirilo, que com ciumes infundados matara a mulher e os dois filhos, fugindo depois para viver sozinho como um bicho, no meio do mato, indo ser posteriormente jagunco do coronel Braganca, de fama sinistra, com muitas mortes nas costas, nome que amedrontava crianas e assustava mulheres, ate

ele merecera o perdao do beato.

Chegara numa tarde e logo o reconheceram. Mas nada disseram e o deixaram marchar entre eles. Cirilo estava armado, um punhal e uma repeticao, seu punhal e sua repeticao, com os quais muita desgraca praticara. Quando acamparam, a noite, as mulheres trouxeram comida como faziam com todos os recém-chegados. Ele comeu silencioso e arredio, acompanhou logo depois a procissao em torno as fogueiras, procurando repetir as palavras das oracoes, ouviu a pregacao do beato no final da cerimonia. Era chegada a hora em que os novos romeiros se apresentavam, beijavam o camisu de Estevao, diziam-lhe o que desejavam dele. Cirilo nao foi o primeiro. Mas quando se ajoelhou todos o olhavam e todos ouviram o que ele disse:

-- Meu pai, vosmece que e santo bote sua mao na cabeça desse negro ruim e livre ele do mal. Meu pai, me perdoe que minha cacunda esta cansada de levar tanto pecado, de carregar tanta desgraca! Nao aguento mais o peso e se vosmece nao tirar depressa vou morrer penando, nao vou ter salvacao. Os olhos azuis de Estevao fitavam a carapinha do negro curvado ante ele. Pousou a mao em seu ombro, o negro levantou os olhos. E encontrou tanta piedade e tanta docura nos olhos de Estevao que teve forcas para abrir o coracao e arrancar de la toda a maldade, todo o remorso tambem, assim como quem arranca um espinho e com ele a dor que sua presença produz:

-- Meu pai, vou lhe contar que ja matei muito homem que nunca tinha feito desfeita pro negro Cirilo... Matei por dinheiro, por amizade com o coronel... Matei pra roubar, matei sem razao, matei por matar... Negro ruim, meu pai, negro malvado como nunca se viu...

E contava tambem da mulher:

-- E matei ela meu pai, nao tinha razao. Era direita, nunca olhou pra nenhum... Matei so de medo que um dia olhasse, que um dia largasse o negro ruim e fosse cum outro... Matei, meu pai, porque gostava dela, gostava demais, gostava tanto que tive que matar. E matei os meninos pensando que podia nao ser meu, podia ser de outro, tinha que ser de outro porque o negro era ruim e ela nao podia ser tao boa que suportasse o negro sem enganar... Era tudo mentira, ela era direita, mais direita nao havia. Matei de ruindade, porque gostava dela demais, via ela rindo, os dentes brancos, os beico fino, os oio que tambem ria e via ela rindo pra outro, botando os dentes pra outro, os oio em cima de outro... E pra ela nao fazer algum dia foi que matei. Fiquei cum tanta raiva de ter matado que cortei ela em pedacinho pra nao enxergar os oio se rindo, os beico se rindo...

Solucou alto, todos o ouviram e estavam suspensos do que diria o beato. Cirilo baixara novamente a cabeça:

-- Minha cacunda ta pesada de tanta desgraça que fiz, nao aguento mais cum o peso, me livra dele, meu pai...

-- Tu ja pagou o que fez e tu nao vai mais fazer ruindade, tu agora e que nem um passarinho de tao bom que tu e...

Levantava a mao e abençoava o negro. Cirilo saia de rastros, limpo de toda dor, feliz de toda felicidade. E se juntara aos homens do beato, andando atras dele, guardando seu passo, como um escravo seguindo a seu dono.

Outra noite de sensacao, quando os sertanejos que iam com Estevao ficavam parados e silenciosos, foi aquela em que Zefa apareceu. Chegou quando a procissao apenas se iniciara, e se incorporara sem que quase ninguem a notasse, misturada com outras mulheres que iam rezando. Quando o beato iniciou sua falacao ela ficou na primeira fila e se contorcia ao ouvir as palavras, e ria, abanava as maos, o corpo todo mexendo, a boca num ruido que recordava o som da agua num buzio. Os que estavam mais perto notaram a excitacao de Zefa e viram que era nova entre eles, devia ter chegado no decurso da tarde. O beato falava, parecia nao enxergar ninguem em sua frente, as chamas da fogueira o envolviam num halo vermelho. Para Zefa ele estava solto no ar, uma nuvem de fogo, baixada do ceu. Reconhecia-o, muitas vezes o vira em suas tardes de alucinacao. Agora estava descansada, todo o passado se esvaira da sua memoria, era como se houvesse estado ao lado de Estevao desde o comeco dos seus dias. Quando o beato terminou de falar e ergueu a mao para abençoar a multidao, ela pulou na sua frente, virou-se para os homens, os cabelos esvoacando, se enchendo de fumaca, a boca espumando, e disse:

-- Foi Deus que mandou ele, veio numa nuvem de fogo, quem nao obedecer a ele ta condenado... Ele e o santo de Deus, e a lingua de Deus, e os oio de Deus. Quem nao obedecer a ele ta perdido e vai morrer apodrecido e seu espirito nao sai do corpo, fica preso na terra. Ele e os ouvido de Deus, ouve dentro dos home, ouve, mesmo os menino na barriga da mae antes de nasce... Ele e os pes de Deus andando no mundo, ele e as mao de Deus perdoando os pecados. Quem nao obedecer a ele ta perdido... Ajoelhou-se na frente do beato, beijou-lhe a fimbria do camisu, depois se ergueu e colocou-se ao seu lado. Os sertanejos a fitavam e compreendiam de imediato que ela era diferente deles, superior a eles, estava mais perto de Estevao que qualquer um deles, mais perto ate que Cirilo que nao deixava o beato um so momento, que dormia aos seus pes com o

punhal sobre o peito. Estevão colocou a mão sobre os cabelos despenteados de Zefa e disse:

-- Tu não tem pecado, tu faz penitência e pelos outros, tu és santa, tudo tem que te respeitar... Eu estava esperando por tu, tu agora vai benzer a água que nós bebemos, a comida que nós comemos. Como é teu nome?

Ela fez um esforço para se lembrar:

-- Me chamo de Zefa...

Estevão falou para os homens:

-- Ela sabe as verdades, está na graça de Deus...

Então Zefa meteu a mão na fogueira, onde ainda as brasas crepitavam, encheu-as de cinzas, derramou sobre a cabeça. E acocorou-se em seguida ao lado do beato, as mulheres vieram e se prostraram em sua frente. Ela as benzeu, agora os santos eram dois.

7

A noite é comprida, larga de passar, dizem que existem países onde faz tanto frio que a água vira gelo, fazer sentinela em terra assim deve ser um sofrimento. Já anda de um lado para outro, seus olhos atravessam a escuridão perscrutando as sombras no acampamento do beato. Tudo é silêncio por lá, nessa noite o cerco será completado, os soldados tomarão todas as passagens e já nenhum homem poderá sair em busca de mantimento. Lucas Arvoredo chegou no último instante. Mais vinte e quatro horas e já não poderia passar, juntar os seus cangaceiros com os peregrinos do beato. A polícia estaria entre eles. E com mais alguns dias, avançando lentamente, passariam adiante dos poços e a água terminaria no acampamento. Soaria então o momento do ataque, o capitão seria promovido, em vez de coronel comissionado da polícia, seria major do exército mas efetivo e com elogio na ordem-do-dia.

Naquelas terras onde a água vira gelo no inverno como será que os soldados ficam na sentinela? Devem ser quentes os capotes, talvez acendam fogueiras, mas como poderá o fogo crescer em cima do gelo? Dizem que a terra fica toda coberta de gelo, chamam de neve, Jao viu no crômo de uma folhinha, um quadro tão lindo mostrando a terra mais alva do que algodão, do gelo do inverno. Na caatinga não faz frio, se fizesse os sertanejos teriam todos morrido porque vestem farrapos de roupas, calças de mescla azul, camisa de burgariana. Na caatinga faz calor, pelas noites corre a viração, nos invernos bons cai a chuva, noutros nem mesmo a chuva, e o sol de todos os dias, quente como brasa. Como as brasas que ainda brilham no acampamento do beato. Restos das fogueiras em torno das quais rezaram suas orações, donde tiraram as cinzas com que cobrir as cabeças. São vinte e uma fogueiras, há quem diga que aquilo é um feitiço do beato. Que no círculo por elas formado -- são dispostas no mesmo lugar diariamente -- os romeiros se acolherão no momento final. E que nem os soldados nem as balas atravessarão esse círculo enfeitado e que dali jamais poderão desalojar Estevão. Assim dizem e Jao acredita. O beato possui forças que estão acima do entendimento de simples soldados, onde já se viu andar com uma cobra no peito? Cobra é

animal traçoeiro e ruim. Jao cresceu tendo as cobras como inimigas, quando anda no mato seu passo é

vigilante, seu ouvido atento ao menor ruído. Sabe distinguir no silêncio da caatinga os sons de cada espécie de cobra, da jararaca e surucucu, da cascavel e da pico-de-jaca. E não tem piedade para com elas, se as enxerga esmaga-lhes as cabeças peconhentas, quebra-lhes os flexíveis espinhacos. O beato brinca com as cobras, trata-as com o mesmo carinho com que acolhe as aves tão belas que vêm pousar em seu ombro, beliscar sua orelha. Conduz por vezes, durante dias, uma cascavel nos cabelos do peito, aninhada ali, dormindo como se fosse bicho inocente. Jao não sabe de homem que faça tal coisa, não ficara admirado se não puder atravessar o círculo das fogueiras, se as balas voltarem-se contra os soldados.

Acontece muita coisa que parece mentira. Não há terra onde no inverno tudo vira gelo? Se ele não tivesse visto a folhinha não acreditaria em coisa tão espantosa. Anda de um lado para outro. E se o beato fizesse a água virar gelo em derredor, leguas e leguas de gelo, o frio matando os soldados, os tenentes e o capitão? Já sente um súbito frio. Só de pensar. Ou será

o impudismo que está chegando? Aquelas águas por ali, perto do São Francisco, dão maleita em todo mundo. Mas volta o calor da noite da caatinga. Não há neve em parte alguma, o beato sabe tratar e com o fogo, aquele círculo que eles não poderão atravessar. As balas voltarão para os peitos dos soldados, cada uma para aquele que a disparou. Já não cre que o beato possa ser morto. Ah do homem que levantar a arma contra ele... Onde já se viu atirar num santo, num profeta que traz a palavra de Deus? O capitão não acredita nessas coisas, dá ordem de fogo. Tudo que Já deseja e que não seja dele a mão que atire, a arma que faça pontaria no peito do beato. Antes morrer no combate, ferido por um homem de Lucas, antes morrer quando de sentinela de um tiro partido dos cangaceiros que estão do outro lado, de sentinela eles também. Talvez um deles seja Gregório, o que atirou em Artur. Não ficaria com ódio se ele o matasse, pra que foi feito cangaceiro se não para matar soldado de polícia, pra que foi feita a polícia se não pra cacar jagunco na caatinga? Era uma guerra sem fim, e sem razão, pensa o soldado Já de sentinela. Sem razão porque eram tão parecidos, eles e os cangaceiros, em verdade eram iguais, que diferença havia? Nem mesmo na farda que agora vestiam: gibão de couro e alpargatas que outra roupa e outros sapatos não resistem na caatinga. Não havia diferença nenhuma, mas o mundo era assim mesmo, cheio de coisas sem explicações. Por que uns eram ricos, tinham fazendas enormes, palacetes na cidade, automóveis e criados e outros tão pobres, não tinham nada, somente doenças? Já não procura explicar. Tudo que ele sabe é que a noite é comprida, larga de passar, e que é um pecado atirar no beato. Antes morrer com uma bala no peito.

Quando o beato chegou próximo a cidade de Juazeiro, depois de atravessar, numa viagem de mais de um ano, todo o sertão, centenas de romeiros o acompanhavam. A fama de seus milagres se espalhara por toda a caatinga e, mais que os milagres, aquelas palavras onde o desespero e a esperança se misturavam, que anunciavam o fim do mundo com suas desgraças e a vida no céu com suas belezas, atraíam os camponeses cansados de tudo. Vinham mais para ouvir que para pedir. Ouvir a narração dos fatos que iam se passar, narração que o beato repetia quotidianamente ao fim das procissões. E os que já

tinham ouvido uma e cem vezes não cansavam de escutar novamente e sentiam a mesma intensa sensação de medo e de alegria, de terror e de felicidade. Nada restaria do mundo, nem as choupanas de barro batido onde moravam nem as casas-grandes das fazendas com suas salas, quartos e oratórios, suas cozinhas imensas. Nem as plantações que eles plantavam nem as rocas de leguas dos coroneis. Naquela hora final seriam todos iguais, pois partiriam nus, nada levariam da terra, ninguém poderia distinguir o pobre do rico porque as doenças e a magreza teriam se acabado para sempre. Sobre a terra seria silêncio jamais interrompido, mais além da terra estavam céu e inferno. Nosso Senhor mandara o beato para avisar, chamar os homens para fazerem penitência. Aquela era sua missão, e os sertanejos derramavam cinzas sobre as cabeças, rezavam, caminhavam com ele. Roubavam nas fazendas, tinham choques com pelotões da polícia que andavam buscando Lucas Arvoredo. O próprio Lucas viera ao encontro do beato, conversara com ele, recebera sua bênção. E todos tinham visto que o Lucas o beato não proibira de continuar sua vida de bandido pela caatinga. Deixara que ele partisse sem lhe recomendar que nunca mais matasse nem ferisse. Durante algum tempo não compreenderam por que. Só muito depois, quando já estavam quase cercados, e que viram a razão: o beato adivinhara o que ia acontecer. Agora Lucas voltava, podia matar e ferir, era quem ia defendê-los contra a polícia.

Talvez que depois o beato mandasse que ele largasse o fuzil, soltasse o punhal, lancasse cinzas sobre a cabeça. Quando os soldados tivessem ido embora, sob o fogo de Lucas. O beato adivinhava, via o futuro, não havia segredo no tempo para ele. Dizia:

-- Não precisa ir buscar água hoje que de noite vai chover...

Nem uma nuvem no céu, nem uma ameaça de chuva, e de noite o aguaceiro caía, era só colocar os potes e as tinas, aparar a água chegada do céu, pedida por Estevão. Como duvidar então de que o mundo ia acabar, de que todos morreriam sem sentir para ir prestar contas a Deus dos seus malfeitos na terra? O

beato repetia todas as noites, envolto na luz da fogueira, parecendo pairar sobre a terra:

-- Num vai ficar pe de pau, nem capim rasteiro, nem limo molhado. Num vai ficar nem passarinho, nem bicho do chão, nem bicho da água, nem peixe nem sapo, num vai ficar vivente nenhum... Vai morrer tudo na mesma hora. Primeiro e eles, depois e o homem, os bons e os ruins, os ricos e os pobres, os sãos e os doentes. Foi Deus que mandou dizer...

E como um eco Zefa repetia:

-- Foi Deus que mandou dizer...

-- Tudo vai prestar conta, tim-tim por tim-tim, num pode esconder mesmo que queira, num pode mentir, quem pode mentir pra Deus que vê tudo ?

Zefa levantava os braços:

-- Quem pode mentir pra Deus que vê tudo?

Estevão esperava que a voz de Zefa morresse ao longe, continuava sua pregação:

-- Deus se cansou, seus oio se fechou aguniado, de ver gente tao ruim fazendo ruindade pros filho dele... Os oio de Deus espiavam o sertao, so via desgraca. Menino morrendo sem ter de comer, os homens morrendo sem ter tratamento. Os homem sem terra suando na terra dos outro... Gente cum tudo, gente cum nada... Deus achou ruim, num tava direito...

-- Deus achou ruim, num tava direito... -- aquela segunda voz ajudava a gravar a verdade no coracao dos homens.

-- Deus me chamou, mandou que viesse. Estevao, diz a eles que o mundo vai acabar. Quem fizer penitencia vai se salvar, quem nao fizer num tem salvacao... Quem num fizer nao tem salvacao, Deus foi quem disse...

-- Quem num fizer num tem salvacao, Deus foi quem disse...

-- Chama so os pobre, os rico ta tudo perdido, fizeram coisa de espantar, num quero ver eles. Os rico ta condenado, nao salva nenhum...

-- Nao salva nenhum...

-- Ja gozaro na terra, os pobre sofrero... Manda eles fazer penitencia que vou acabar cum mundo de vez, cum os bicho, os pes de pau, as borboleta e cum os homem... Assim falou Deus e estava cum raiva, cum raiva dos rico, cum raiva dos homem...

-- Estava cum raiva, cum raiva dos ricos, cum raiva dos home...

-- Meus filho, eu lhe digo que o mundo nao dura, seu tempo passou. Ta chegando no fim, ja vai se acabar. O dia ta perto, os homem nao pode empatar. Foi Deus que arresolveu, cansado de ver tanta miseria...

-- Cansado de ver tanta miseria...

-- Seus oio ate se fecharo de tanto que viu... Meus filho, eu lhe digo que ja ta perto e que e tempo de penitencia. Quem nao fizer nao vai se salvar... Foi por isso que vim, so falo pros pobre, nao falo pros rico, falar nao adianta...

-- Falar nao adianta...

-- Eles vai ser castigado, os que tomaro terra nesse mundo quando chegar la em cima vao dar suas terra pros que nao tem nada. Fica mais pobre que cego de feira... Os que mataro gente vao morrer todo dia de morte matada... Os que roubaro vao dar tudo que tem, dinheiro dos outro e o seu tambem. Eles vai ser castigado, nao escapa nenhum...

-- Nao escapa nenhum...

-- Deus ta cansado de tanta ruindade... Meus filho, a hora chegou, o mundo vai se acabar. Vamo rezar, fazer penitencia, limpar os pecado pra Deus perdoar...

-- Pra Deus perdoar...

-- Deus abencoe oces todos -- levantava a mao, os romeiros baixavam as cabecas sujas de cinzas, saiam silenciosamente para suas cabanas. Zefa andava entre eles, olhada com respeito e amizade. Tambem ela fazia milagres. So o negro Cirilo ficava ao lado de Estevao. Quando ele entrava na cabana o negro se estendia na porta, de peito pro chao, a repeticao ao alcance da mao, o punhal sob a camisa, o sono leve, o menor ruido o despertava. Despertava com a mao no punhal.

9

Os trabalhadores largavam seus instrumentos de lavoura, quando os fazendeiros reclamavam, eles diziam que o mundo ia acabar, nao adiantava se matar nas rocas para ganhar miseria. Soltavam as enxadas, fugiam de noite, em busca do beato. E olhavam os

coroneis sem aquele respeito costumeiro, sabiam o que sobre eles dizia Estevao em suas pregacoes. Estavam todos condenados, nem um so se salvaria. Nas igrejas dos arraiais diminuiam os batizados, nao vinham mais os pares pelos sabados para os casamentos sem solenidade. O beato tambem batizava e casava e nao cobrava nada, era de graca. Os jornais da capital publicaram artigos dizendo que o beato estava incitando os homens do sertao a desordem, que corria perigo a safra daquele ano por falta de bracos, que os mais saos principios da civilizacao crista que, com tanto sacrificio, os abnegados sacerdotes levavam pela caatinga adentro, perigavam, sucumbiam naquela onda de supersticao que tao rapidamente se alastrava por todo o sertao nordestino. Fazia-se necessaria e urgente uma energica providencia das autoridades. Jornais governistas e oposicionistas uniam-se contra o beato, e se bem um reporter houvesse publicado fotos e comentarios explorando o que havia de pitoresco em Estevao e nos seus ritos, os diretores, nos artigos de fundo, afirmavam que chegara o momento de colocar o beato num hospicio e reconduzir os camponeses as fazendas abandonadas, obrigando-os ao trabalho. Se nao os prejuizos da lavoura seriam totais naquele ano ja que a seca liquidara parte das colheitas. Os sertanejos nao liam os jornais, em geral nao sabiam ler nem escrever, mas ouviam as palavras do beato e como ja estivessem desesperados, continuavam, cada vez em maior numero, a largar as foices e as enxadas, os machados e as puas, so nao deixavam o facao porque era a arma que possuiam. E cortavam o sertao em busca dos passos de Estevao, nao queriam que o mundo se acabasse sem haver recebido a sua bencao.

Estevao acampou a algumas leguas de Juazeiro, ainda na caatinga, longe dos caminhos. Ali havia uns pocos de agua, os sertanejos cairam de facao nos arbustos, rocaram, levantaram cabanas improvisadas. Pelo visto o beato pensava em demorar ali, ninguem sabia dos seus planos, nem mesmo Zefa que era santa tambem. Iria ele descer sobre a cidade, assaltar um trem e rumar para a capital? Iria ficar ali para sempre, recebendo os romeiros, fazendo milagres, curando doentes? Se assim fosse nao tardaria que uma cidade se

levantasse naqueles matos. Nem para Bom Jesus da Lapa, nem para Juazeiro do Ceara, onde pontificava o Padre Cicero, caminhava tanta gente pelas estradas da caatinga. Voltaria sob os seus passos e se embrenharia de novo no sertao, percorrendo-o mais uma vez? O mais certo e que quisesse esperar naquele lugar o momento que anunciava, do mundo se acabando, ele dizia que havia um lugar no qual Deus ia descer para o julgamento final. Com certeza era aquele, com seus sete pozos. Estevao parava diante de cada um, acompanhado de Zefa, benzera as aguas para que elas nao secassem. Foi ali que a expedicao policial o veio encontrar. As romarias de sertanejos sucediam-se. Em certas ocasoes chegavam mais de cem de uma vez e era preciso conseguir comida fosse como fosse. Os armazens nao vendiam, havia uma ordem dos fazendeiros. O jeito era roubar, matar vacas no campo, carnear ali mesmo, trazer os quartos para o acampamento. Romeiros se especializavam em assaltos, os pedidos de providencia eram cada vez mais frequentes. A policia chegou finalmente, oitenta homens bem armados. O capitao estudou a situacao, concluiu que se os cercasse eles teriam que se render por falta de comida. Aquilo era uma brincadeira de crianas.

Mas comecou a ter atritos com os romeiros que chegavam. Queriam passar, tinham vindo de longe em busca da bencao salvadora do beato. A policia cortava o caminho de um lado, os romeiros insistiam, travavam-se pequenos combates, caiam sertanejos mortos e feridos. E os homens do beato continuavam a sair pela noite para roubar. Nunca atacavam a policia mas, quando eram atacados, se defendiam valentemente, ja houvera baixas entre os soldados.

Estevao durante algum tempo parecera nao se preocupar com a forca policial que o cercava. Mas quando as mortes comecaram e o cerco foi se apertando, ele pensou que os soldados podiam matar os sertanejos sem defesa. Foi quando mandou que Cirilo fosse em busca de Lucas Arvoredado. Aqueles eram os soldados mandados pelos ricos sem salvacao que nao queriam que sua palavra fosse ouvida,

que os homens fizessem penitencia. Nao era pecado lutar contra eles. Mas quem o poderia fazer senao Lucas Arvoredo, o cangaceiro?

O cerco se apertava e Cirilo nao voltava com Lucas, os sertanejos iam ate muito longe, buscando-os para lhes indicarem o caminho. Nao sera que eles se perderam nas voltas da caatinga, nos embrenhados de espinhos? Mas ninguem conhece os segredos da caatinga como Lucas Arvoredo. Ele vem vindo pelos caminhos, antes que a policia se de conta ele chegara.

Romeiros furavam o cerco pela noite, vinham beijar o camisu do beato. Vinham de cinco Estados diferentes; haviam andado leguas e leguas, a policia nao os podia impedir de receber a bencao de Estevao. Deixavam as mulheres e os filhos do outro lado, se arrastavam por entre a caatinga, atingiam o acampamento do beato. E nao voltavam a sair porque era preciso defender Estevao e eles tinham facao e garrucha, nao era pecado atirar nos soldados. O mundo ia mesmo acabar, que importava morrer?

A cada dia ficava menor e mais dificil a saida livre para os campos. Os soldados ganhavam a cada noite alguns metros, fazia-se necessario muita sutileza e malicia, um passo de gato, uma ligeireza de onca, para passar entre as patrulhas, ir as fazendas, trazer os bois abatidos, as cabras mortas, as mantas de carne-seca. Alguns ficavam com uma bala no peito. Mas a comida para os romeiros nao faltava no acampamento do beato Estevao.

10

Lucas Arvoredo nunca andara tao depressa. O negro Cirilo que o fora buscar e que pedia rapidez quase nao os pode acompanhar. Viram as luzes das fogueiras no principio da noite. Puseram os joelhos em terra, fizeram o pelo-sinal, comecavam a pisar em terra santa, sentiam-se aliviados dos pecados, defendendo o beato eles se redimiam dos crimes praticados.

Quando Lucas levantou-se, Ze Trevoada começou a cantar a moda dos seus feitos e todos acompanharam. Anunciavam ao beato a sua chegada:

"La vem Lucas Arvoredo,

armado com seu fuzil..."

O perfil do cangaceiro destacava-se na noite. Não era muito alto mas dava uma impressão de força descomunal com suas roupas de couro, seu cabelo comprido, o fuzil levantado. Estavam sobre uma elevação, não chegava a ser uma colina, dali descortinavam também as fogueiras dos soldados. Lucas disse:

-- Tem muito macaco pra gente queimar...

Ze Trevoada sentia-se alegre, nada lhe agradava mais que matar um soldado de polícia. E se fosse um graduado, melhor ainda. Andaram para diante, o canto ia dominando as vozes dos romeiros, era um canto de guerra, agora as coisas se modificavam no acampamento. Aquela foi a última noite de paz. Quando Lucas chegou, o beato o esperava de pé, em frente a fogueira, os romeiros em torno, a multidão silenciosa e suja, desgredada e enferma. Os quartos de vaca para o jantar estavam sendo assados nas fogueiras e um cheiro de carne chamuscada se elevava no ar. Ao lado de Estevão estava Zefa, Cirilo se adiantou, tomou seu lugar as suas espaldas antes que algum cangaceiro o fizesse. Lucas caiu de joelhos mas Estevão o levantou:

-- Meu filho, tu chegou bem chegado. Mandei buscar tu porque os homens ruim mandou os soldado atacar os filho de Estevão, os que vão se salvar. Tu também vai, mas com tu e teus homens e

doutro modo. Tu vai lutar, acabar com os soldados... Estevão não terminou com sua missão, não pode interromper... Eles não deixa os romeiro chegar pra vim fazer penitência, eles não deixa eles

passar, assim eles fica sem bencao, vai tudo se condenar... Deus num quer isso, tu vai acabar... A voz de Zefa repetiu num eco:

-- Deus num quer isso, tu vai acabar...

Aquela voz ressoou familiar aos ouvidos de Ze Trevoada. Procurou enxergar entre a fumaca negra em borbotoes. Quem seria que falava assim, com voz tao conhecida dele? Lucas Arvoredo respondia a Estevao:

-- Meu pai, sou teu filho pra obedecer tuas ordens. Dizque tem muito soldado, viero quarenta e sete homem comigo, municao nao tem muita mas nois arranja... Meu pai, onde tu for, Lucas vai tambem e seus homem com ele... Mu pai, e so tu mandar e a gente ta pronto...

-- Deus ta contente com tua chegada...

-- Deus ta contente com tua chegada... -- Zefa repetia.

Ze Trevoada tremia. Parecia-lhe a voz de Marta, era a mesma entonacao, so que mais aspera e menos cristalina. Quem seria, Senhor? Anda uns passos pra frente.

O beato mandava juntar, num monte, os fuzis dos cangaceiros. E os benzia, a mao levantada, os olhos perdidos, aqueles seus olhos azuis que davam medo e infundiam confianca. E a procissao recommecou. Mas antes que ela partisse, Ze Trevoada se aproximou e reconheceu sua tia Josefa. Nao era mais a sua tia, porem, maluca atacada dos espiritos, da qual eles riam e debochavam quando rapazes. Agora parecia outra, nem olhou para ele, o passado nao existia para Zefa. Agora era uma santa, quase tao santa quanto Estevao, era a segunda lingua de Deus, como diziam os romeiros. E Ze Trevoada se inclinou diante dela, contou orgulhoso aos outros cangaceiros que era sua tia, de nome Zefa, e que de ha muitos anos ela vinha tambem repetindo que o mundo ia se acabar e que era preciso fazer penitencia. Olhava para ela como hipnotizado e so descansou

quando Zefa pousou a mão cheia de cinza em sua cabeça e a derramou nos seus cabelos. Sentiu-se aliviado, perdoado até dos deboches que fizera com ela, do pouco caso com que a tratava quando ela ainda estava em sua casa, já era santa mas ele não sabia. Os cangaceiros apontavam Zefa com o dedo respeitoso:

-- E tia de Ze Trevoada...

Como se fosse uma parenta deles todos, uma espécie de santa ligada ao grupo, a que viera particularmente para os jaguncos de Lucas Arvoredo. Ze Trevoada não se animava sequer a perguntar a

tia pelo destino de Jerônimo e Jucundina, ela não era desse mundo. Alias, ali no acampamento, entre as fogueiras sagradas, os sete pocos bentos, ouvindo as profecias do beato, não pareciam estar mais no mundo de todos os dias. Era como numa alucinação, não havia limites entre a realidade e a imaginação. Lucas reuniu os seus, traçaram seus planos. Os soldados completavam o cerco.

11

E tudo depois foi muito rápido. Eles estavam cercados, dos sete pocos três já se encontravam pra lá

dos soldados. E tinham que romper o cerco cada noite. Agora os romeiros iam escoltados por homens de Lucas e os combates se repetiam, mortos dos dois lados. Mas vinha carne, as palavras do beato eram mais violentas cada noite, sua voz tinha novos encantos e espumava sua boca geralmente tão doce. Zefa repetia as frases, os sertanejos as guardavam no coração. Chegaram reforços para a polícia. Poucos dias se passaram e os soldados cobriram um pouco atrás do outro. Agora era a sede e Lucas resolveu fazer um ataque que os jogasse para fora. A boca da noite reuniu vinte homens. Durante o dia havia ele mesmo estudado, acompanhado de Ze Trevoada, a situação. Em frente a um dos pocos estavam apenas oito homens. Não era o poco maior mas nenhum de tão pura água

como aquele, era uma nascente, com ela chegaria para abastecer o acampamento.

Depois da procissão ele saíram. Eram vinte homens escolhidos, os melhores atiradores, os que não erravam a pontaria. Iam Bico Doce e Sabia, Borboleta e Chico Martins. Foram de mansinho, se arrastando entre os espinheiros, e não faziam mais ruído que as cobras. Levavam os fuzis sob o braço, tomaram posição. A fuzilaria rompeu, pegou os soldados desprevenidos, alguns deles conheciam já

aqueles gritos endemoninhados, gritaram pros outros: -- E Lucas Arvoredo... Eram oito soldados, ficaram oito cadáveres em torno ao poço, osromeiros vieram e levaram água para muitos dias.

Do outro lado o capitão ouviu o tiroteio. Cento e trinta homens não eram muito para aquele cerco. Mas com os reforços tinham vindo metralhadoras, seria melhor não esperar, atacar de uma vez. Se não o fizesse era possível que Lucas fosse ganhando as posições, guarnecidas com poucos soldados, abrisse caminho e se ele e o beato penetrassem na caatinga ninguém os pegaria mais. E adeus promoção, citação na ordem-do-dia, o nome com elogios nos jornais. Reuniu os tenentes para discutir. Na outra noite os soldados tentaram recuperar o poço. Mas os homens de Lucas reagiram, mantiveram a posição. O capitão tracava planos, inspecionava os soldados, conversava com os antigos sargentos envelhecidos na perseguição aos cangaceiros. E deles soubera que o melhor era o combate em campo aberto, ataca-los no acampamento, mais além dos espinheiros. So assim poderiam vence-los.

-- E o seu calcanhar de Aquiles... -- disse aquele tenente tímido para o capitão. Mas o capitão tinha raiva dessa gente literatizada que sabia frases e citações. Na hora da briga essa gente só sabe correr. Trinta homens atacariam por detrás, primeiro. Abririam fogo cerrado, chamando para lá os homens de Lucas. Os outros cinquenta penetrariam então no acampamento para o combate a descoberto.

Um sargento aconselhou que esperassem uma noite sem lua, facilitaria os movimentos. Com os reforços chegados tinham vindo também reporteres dos jornais da capital. Constava por lá que o fim do beato se aproximava.

12

O fim se aproximava, o fim do mundo, dizia o beato Estevão. Aquela era a noite de Santa Josefa e ele ordenara que a procissão desse duas voltas em vez de uma. Zefa trazia uns ramos de alecrim nos cabelos, os romeiros recebiam as folhas, botavam nas feridas, cicatrizavam. A Lucas Arvoredo não passara despercebido o movimento no bivaque dos soldados. Os romeiros traziam notícias, as patrulhas da polícia estavam deixando suas posições, os soldados se reuniam, em grupo grande, dezenas de homens marchavam para detrás do acampamento, escondidos pelas sombras da noite sem lua. Lucas chamou Ze Trevoada, entregou-lhe vinte homens, mandou-o para aqueles lados.

-- Eles quer atacar, já viro que num leva vantagem com os grupo pequeno... Quer ve se acaba cum a gente...

-- Tu pensa que nois pode aguentar?

-- A municao ta pouca... Mas, se nois manter eles distante, pode abrir caminho e atravessar cum o beato...

-- E ele quer ir?

-- Dizque vai... Ele e mais doze, os outro fica, vai depois se encontrar... Ze Trevoada marchou com seus homens. Os soldados vinham por entre a caatinga, Jao vinha com eles, sob o comando daquele tímido tenente que citava frases. O capitão esperava ouvir os tiros para ordenar que seus homens marchassem sobre o acampamento. Suas ordens eram que atirassem sem piedade, sem distinguir romeiros de cangaceiros.

Jao estava contente porque havia sido escolhido para vir por detras, assim nao teria que atirar contra o beato nem contra os sertanejos desarmados. Marchavam dificilmente por entre os espinheiros. Com passo sutil e manso os cangaceiros que eles pensavam surpreender chegavam do outro lado, estavam a poucos metros, viam o tenente de oculos, os soldados andando. Ze Trevoada nao viu o rosto de Jao, via apenas a calca caqui da farda odiada. Ordenou que seus homens deitassem e esperassem. Quando os soldados estivessem bem perto, entao sim...

Deitaram-se, o cano dos fuzis passando entre os troncos delgados dos arbustos. A noite era escura, sem lua, mas os olhos de Ze Trevoada sabiam enxergar no negrume da noite. Via as pernas do soldado marchando. Nao sabia que era seu irmao, Jao, o que tinha partido antes de todos. Pelo seu passo calculava o momento em que deviam pular e atirar, soltando seus gritos que amedrontavam, seus gritos de guerra de cangaceiros. E agora. Um sinal que passa de homem em homem. E os gritos cortando a caatinga, gritos de animais em furia, terriveis de parar o coracao. Ze Trevoada levanta o fuzil, no clarao do tiro Jao viu seu rosto. Era seu irmao Jose e ele murmurou o seu nome mas Ze Trevoada partia pra frente, os cangaceiros atiravam. Jao via os soldados correndo, ouvia a voz do tenente gritando ordens mas ouvia tudo baixinho e enxergava atraves de uma nuvem que cobria seus olhos. A unica coisa que via perfeitamente vista era a face de seu irmao Jose disparando o fuzil, a boca aberta num grito, os olhos apertados de raiva. E no momento mesmo de morrer Jao compreendeu que Jose era o falado Ze

Trevoada, lugar-tenente de Lucas Arvoredo. E ainda pode desejar que ele escapasse com vida e o beato tambem, ah! o beato tambem...

Os tiros continuavam e na parte fronteirica ao acampamento ressoavam os passos dos soldados no ataque decisivo. Ze Trevoada gritava seus gritos de guerra, Jao morrera sorrindo.

Agora a fuzilaria era cerrada no acampamento. Os soldados tinham penetrado, o beato se colocara com Zefa e os romeiros no circulo das fogueiras, comecara a pregar como se nada estivesse acontecendo. As balas derrubavam os homens, os gemidos se misturavam as palavras, Cirilo sustentava a repeticao por detras do beato. Lucas e seus homens, no descampado, faziam frente aos soldados, mas nao sabiam brigar assim. E quando Lucas caiu, ferido na cabeça, seus homens recuaram. Vieram vindo de costas para onde estava o beato, pararam diante dos romeiros. Os soldados avancavam, uns quinze ja haviam caido mortos ou baleados mas as baixas nos cangaceiros eram maiores. E no ardor do combate o desejo de matar crescia de cada lado. Os romeiros iam tomando das armas dos que caiam, ocupavam seus lugares. Os soldados atiravam indistintamente sobre cangaceiros e romeiros, aqueles que eram nascidos na cidade procuravam acertar no beato em torno ao qual amontoavam-se os cadaveres. Agora era um combate corpo-a-corpo, os cangaceiros puxavam os punhais, os tiros ouvidos vinham de longe, da luta de Ze Trevoada com os soldados que atacavam por detras. O soldado fez pontaria no peito do beato, o seu tiro partiu ao mesmo tempo que o de Cirilo, o beato rolou sobre os corpos dos sertanejos, o soldado caiu no chao onde as brasas se espalhavam. Entao Cirilo marchou pra frente, largara a repeticao, tomara do punhal. Um soldado segurou Zefa por um braco, ela se debateu, mordeu e arranhou, dava-lhe pontapes, cuspia-lhe na cara. Ele bateu no seu rosto com a coronha do fuzil, quando ela caiu, o soldado baixou a arma e atirou.

Ze Trevoada ainda veio dos fundos, apos haver liquidado os soldados. Mas ja encontrou os ultimos cangaceiros correndo para donde ele vinha, disseram que Lucas e o beato haviam morrido. Sua tia Zefa tambem.

Olhavam-no esperando ordens. Dos vinte homens que ele levara apenas quatro tinham sido postos fora de combate. E mais uns dez

chegavam do acampamento, nada mais havia que fazer. Voltaram correndo, os soldados já os perseguiam, mas Ze Trevoada alcançou a caatinga a tempo. Quando passou, pisou no rosto de um soldado. Disse um palavrão mas Jão sorria sempre mesmo da praga do irmão. O sertão se esqueceu do nome do beato Estevão, se esqueceu do nome de Lucas Arvoredo. Mas o nome de Ze Trevoada ficou cada vez mais famoso, sua malvadez e seus crimes deixaram muito longe os de todos os cangaceiros que o antecederam no domínio da caatinga. Dele diziam que não tinham mesmo coração, que homem assim tão ruim nunca surgira, nem mesmo Virgulino Ferreira Lampião. Nunca perdoou um soldado, nunca abateu um tostão nos tributos que lançava nas cidades assaltadas. As modas diziam dele:

"Trevoada já chegou,

muito sangue vai correr..."

14

Por ordem do capitão cortaram as cabeças do beato Estevão, de Lucas Arvoredo, de Zefa, dos outros cangaceiros, de alguns romeiros também para aumentar o número. Levaram como troféus, exibiram-nas na cidade, desfilaram centenas de curiosos. O capitão foi promovido, citado em ordem-do-dia, e, apesar de não gostar de literatura, escreveu um livro sobre a campanha. Pôs o título de "O NOVO CANUDOS". No acampamento, de madrugada, os cadáveres estavam amontoados. Com o calor começaram a apodrecer. Os urubus vieram de toda caatinga, cobriram o sol com seu negrume, foi tamanha escuridão que parecia que o mundo ia se acabar.

Nenen

1

Juvencio, a quem os íntimos chamavam de Nenem, ouvia em silêncio, a atenção concentrada, o homem alto que falava. Pouco sabia daquele companheiro, apenas que viera do sul, de Pernambuco talvez, e que era da direção. Assim lhe tinha dito o sapateiro quando viera avisá-lo da reunião:

-- E com um companheiro dirigente que chegou aí... Só leve os homens de absoluta confiança... Gente duvidosa, não! Não podemos por em perigo a segurança do companheiro... E o responsabilizara:

-- A responsabilidade e sua...

Enquanto escutava, atento porque desejava entender tudo que fosse dito, aprender bem o sentido das palavras de ordem, Juvencio examinava o dirigente. Havia no homem qualquer coisa que o fazia antipático a primeira vista, algo que impedia que entre ele e os que o ouviam se estabelecesse essa corrente de simpatia e compreensão

que tanto ajuda o entendimento. Juvencio procurava perceber que coisa seria essa, nao se sentia bem com aquele sentimento abrigado no peito. Como conseguir desligar as palavras justas que o homem dizia -- e dizia com certa enfase e alguma clareza -- da antipatia que sentia por ele? Talvez faltasse na enfase e na clareza do homem aquele fogo nascido da conviccao profunda e dai a frieza da sala. Naquele tempo nao era apenas o Partido que lhe parecia sagrado e intangivel. Eram os companheiros dirigentes tambem, Juvencio ainda confundia o Partido com os homens, e era neles, na sua sinceridade e capacidade de luta, que buscava encontrar a concretizacao do Partido. Nao o sentia atraves da luta e seus resultados e, sim, nos militantes e nas suas qualidades. Tinha pouco mais de um ano de Partido e alguns meses desse ano ele os passara na Amazonia, em meio a selva, sem nenhum contacto com os camaradas. O homem citava Lenine e Stalin, livros que Juvencio nao lera, frases dificeis para ele. Tudo quanto lera, alem de materiais clandestinos, fora um livro de Maria Lacerda Moura e com ele se entusiasmara. Admirava o homem, sem duvida. Parecia saber muita coisa e os esmagava -- aquele grupo de cabos e sargentos -- com as citacoes, as frases de Lenine e ate de Marx. Juvencio murmurou para si mesmo o resultado das suas observacoes:

-- Pernostico...

Muito tempo depois, na cadeia, ele iria ter oportunidade de conhecer de perto a Agnaldo -- que ali, na reuniao, usava o nome de guerra de Tadeu -- e de aprender uma palavra que melhor o definia: autosuficiente. Mas quando isso aconteceu ja o cabo Juvencio distinguia perfeitamente o Partido dos homens que o compunham.

A casa onde efetuavam a reuniao era nos suburbios da cidade de Natal, e atraves das frestas da janela fechada entrava a brisa da noite. O ar da sala estava empestado com o fumo dos cigarros baratos e houve um momento em que Juvencio se sentiu sufocar e nao pode acompanhar as palavras de Agnaldo. Perdera-se no estudo da sua fisionomia e implicava com aquela voz sibilante, que

demorava na pronuncia das ultimas silabas como um professor que ensinasse meninos a soletrar. Fez um esforco maior, concentrou novamente a atencao:

-- ... e cada companheiro deve estar preparado, consciente das suas responsabilidades, do papel historico da classe operaria, e apto a enfrentar a situacao...

O homem era inteligente, nao havia como negar. Tracava agora o quadro politico do pais e Juvencio foi ficando entusiasmado. As palavras de Agnaldo eram cheias de otimismo, pelo que ele dizia o poder estava quase nas suas maos, como uma fruta madura numa arvore, bastava alcar-se nas pontas dos pes e colhe-la. A palavra "baluartismo" ja era conhecida de Juvencio e ele mesmo a empregava, rudemente, quando recebia -- para transmitir a direcao local -- os informes dos cabos de cada companhia, dos sargentos e dos soldados. Quando as noticias lhe pareciam demasiado otimistas (Macedo sempre tinha que contar de um "oficial que e nosso, batuta") ele retrucava aspero.

-- Olha esse baluartismo...

Ouvira a palavra uns dois meses antes, noutra reuniao como aquela, apenas mais restrita, quando falara tambem um dirigente chegado do Sul. Juvencio nao podia se furtar a comparacao. O outro nao era tao fluente, parava procurando as palavras, a voz um pouco tropega como se ele nao estivesse afeito a longas dissertacoes. Mas nao so o entendiam completamente, percebendo o significado de todas as frases como as instrucoes que ele transmitia ficavam gravadas no fundo de cada um, saiam dali para cumpri-las. Era bem jovem aquele dirigente, tinha um sorriso timido e abracara a todos eles na hora da despedida. Perdera tempo explicando frases do material que trouxera, frases que realmente eles nao poderiam entender so com a simples leitura. Juvencio gostara dele. Agnaldo era desagradavel nos modos, se bem de palavra facil. Uma distancia se marcava entre ele -- o dirigente -- e os homens na sala. Olhava-os de cima, como que

havia uma leve ameaça em cada uma das suas afirmações. Mesmo quando tracava aquele quadro otimista parecia responsabilizar os sargentos e cabos do regimento por qualquer falha que houvesse ainda que ela acontecesse no Rio Grande do Sul e não no Rio Grande do Norte. O sapateiro, que era da direção local, olhava Agnaldo humildemente e aquilo incomodava igualmente Juvencio, de natural rebelde e pouco inclinado a bajulações.

Agora o dirigente iniciava o estudo da situação local. A atmosfera da sala ia se tornando insuportável. Há três horas já que eles estavam reunidos, a sala era pequena, não havia eletricidade e a fumaça do candeeiro ficava boiando sobre eles, misturada a dos cigarros sucessivos. Juvencio percebeu que Macedo deixara de prestar atenção, apesar de manter os olhos fixos em Agnaldo. Conhecia bem aquele olhar do companheiro, sabia o que ele significava: Macedo estava distante dali, imaginando coisas, cenas nas quais ele era o herói. No mínimo já estava pensando num levante, nas proezas que realizaria, nos tiros que dispararia, nas valentias que faria. Macedo era assim, mas, em compensação, nele se podia confiar, era homem para as horas ruins. Juvencio conhecia cada um daqueles cabos e sargentos como se houvesse nascido do mesmo ventre que eles e ao seu lado houvesse crescido. Ali estava Valverde, baixote e sorridente, capaz das maiores besteiras, mas um que nunca trairia, desses que morrem mas não falam. Já

em Francisco Conceição, tão meticuloso que nem uma rendeira com seus bilros, Juvencio confiava pouco. Não sabia o que ele podia dar numa situação difícil. Os outros gostavam muito de Conceição, achavam-no formidável porque ele era dos que mais intervinham, cheio de detalhes, com soluções próprias para cada coisa. Mas Juvencio tinha um palpite de que ele falharia quando chegasse o momento decisivo. Virou empalidecer, tremer e ficar com a testa cheia de suor, quando, certa manhã antes da instrução, lhe passara, sob as vistas do tenente, um papel com uma ordem. O tenente estava perto mas Juvencio escolhera o momento exato, e o único em que teria, nesse dia, contacto com Conceição. A tarefa era

urgente, para ser executada naquela mesma manha, tinha que arriscar e se o outro nao se revelasse tao medroso o tenente nada teria percebido. Mas Conceicao tremera, o tenente desconfiou, andou para os lados do cabo. Conceicao estava com o papel entre os dedos, Juvencio sentiu que ele ia deixa-lo cair, marchou entao para o tenente, propondo-lhe uma questao, cortou o rumo dos seus pensamentos e dos seus passos, deu tempo a que o outro escondesse o papel. Quando deixou o tenente, esse ainda olhou para onde estava Conceicao, mas ja sem aquela intuicao, achando que nao devia ser nada. Juvencio depois reclamara com Francisco Conceicao mas ele lhe respondera que ia engolir o papel, fazer e acontecer. Bravatas, pensava Juvencio, mas, na opiniao dos demais Conceicao crescia, se bem fosse a Juvencio que eles todos, sem excecao, respeitavam e seguiam. Sobre ele nao havia duas opinioes. Cutucou Macedo para que o cabo prestasse atencao:

-- Agora e com a gente... -- murmurou baixinho mas ainda assim Aginaldo percebeu, parou, olhou com certa censura e perguntou:

-- O Companheiro Juvencio tem alguma observacao a fazer?

"Sujeito besta." Pois aproveitaria para reclamar contra a atmosfera insuportavel da sala:

-- Queria dizer ao companheiro que seria bom se pudessemos parar uns minutos, para abrir a janela e deixar sair essa fumaceira. Assim a gente nao pode prestar atencao... E como visse que o outro ia reagir e achasse que nao valia a pena criar um caso e, sim, conseguir o que desejava, completou:

-- O informe do companheiro e muito serio. Nos nao somos instruidos como o companheiro, a gente e pouco politizada. A gente precisa estar bem atenta para nao perder nada do informe tao importante...

Juvencio via o sapateiro incomodado, fazendo-lhe sinais de reprovacao com os olhos e os labios. Sorriu, derramou mais uns

elogios na "capacidade do companheiro Tadeu", este estava satisfeito. Alias ele mesmo gostaria de descansar um pouco, beber um copo de agua, a lingua estava seca, falava ha bem mais de uma hora. Concordou e todos se levantaram e foram para a sala dos fundos. So ficou o dono da casa, um sargento, que abriu as janelas e respirou o ar puro da noite.

Na sala dos fundos eles se espreguicavam, trocavam comentarios. Uma crianca chorou no quarto, acordada talvez pela voz gritante de Macedo que dava sua opiniao entusiasta:

-- Formidavel! Formidavel!

Agnaldo bebia agua, sem se misturar com eles, levando o sapateiro para um canto, numa conversa cochichada. Nao se tratava de nada importante. Agnaldo queria apenas saber detalhes sobre as ruas da cidade que nao conhecia para nao se perder quando andasse sozinho, mas o sapateiro punha uma cara de misterio para que os cabos e sargentos pensassem -- como pensavam -- que ali altos problemas do Partido estavam sendo resolvidos. Juvencio gostava do sapateiro, era um bom homem, e respeitava-o como a dirigente do Partido. Aquele respeito, porem, que inicialmente, logo que ele chegara a Natal, fora grande, ia diminuindo a proporcao que o tempo passava e que o contacto entre eles se tornava maior. Juvencio era um ser ansioso de aprender, vivia fazendo perguntas e a muitas o sapateiro nao sabia responder. Se dissesse isso francamente, nao se diminuiria perante Juvencio. Porem nunca respondia "nao sei". Embrulhava as palavras, numa conversa comprida, a explicacao nao vinha. Por vezes, dias depois, num novo encontro ele trazia a solucao e Juvencio ficava satisfeito:

-- Esse bruto teve que estudar...

Certo domingo almocara em casa do sapateiro, conhecera sua esposa e seus tres filhos, vira a pequena estante feita de tabuas de caixao onde repousava meia duzia de livros. Juvencio olhou-os com

inveja. Via os títulos, alguns em espanhol, eram obras de Lenine, folhetos, um resumo de "O Capital". O

sapateiro, ao seu lado, sentia-se orgulhoso. Retirou da estante um volume em espanhol, era o "Que fazer?", de Lenine.

-- Isso é que é livro. "Que hacer?", quer dizer "Que fazer?" É de Lenine... Explica tudo... So

nao lhe empresto porque voce nao sabe espanhol...

Mas nao quis lhe emprestar tambem os folhetos em portugues. Juvencio podia perde-los e eram livros dificeis, nas livrarias nao havia, chegavam por meios ilegais. E como Juvencio garantisse que tomaria todo cuidado, se responsabilizaria pela devolucao, o sapateiro usou de outro argumento. Era perigoso um livro daqueles em maos de um cabo do Exercito, no regimento, ou mesmo em casa. E se um reacionario visse? A provocacao que resultaria... E logo agora... Nao, nao podia emprestar. O argumento pesou sobre Juvencio, nao teve o que dizer. Mas durante dias a visao daqueles livros o perseguiu, quando poderia ler tudo que desejava? Quando saira da roca em busca da cidade, antes de entrar para a policia militar e seguir para Sao Paulo, mal sabia soletrar e desenhar o nome. Aplicou-se ao estudo com uma vontade de ferro. Nao lhe custou muito aprender a ler correntemente, a escrever com desembaraco. Tinha ate uma letra bonita, uma assinatura que parecia de doutor, com uns floreos embaixo. Em S. Paulo, o camarada Tavares, Ze Tavares, um sujeito de sua terra que imigrara e era guarda-civil na capital paulista, dera-lhe a ler o livro de Maria Lacerda Moura e um romance sobre a vida de trabalhadores do campo. E depois o convidou a ingressar no Partido, contando-lhe, enquanto andavam pelas ruas trocando pernas, qual a missao dos comunistas, como lutavam e o que pretendiam. Entusiasmou-se:

-- Mas era isso que eu tava procurando...

Nunca mais conseguira ler um livro. Chegara a estar de posse de um, logo que desembarcara em Natal. Fora Valverde quem aparecera com ele no regimento. Título mais sugestivo não podia haver:

"ABC do comunismo." Lera avidamente as primeiras páginas quando o sapateiro apareceu e, ao ver o volume, tomou-o de suas mãos, avisando-lhe que aquela edição não merecia confiança, estava toda deturpada, obra dos trotskistas. Juvencio o entregou, agradecido do aviso do outro. Viu-o rasgar o livro:

-- Pra não envenenar outro companheiro...

Falava-lhe depois sobre Trotsky e o mal que ele fizera à revolução. Como os trotskistas sabotavam o esforço do Partido e traíam a classe trabalhadora. Ali pelo Norte eles eram raros, felizmente. No Sul é que havia muitos, infiltravam-se no Partido só para destruí-lo. Juvencio ficava pensando as palavras de Ze

Tavares. E concluía que ele não podia ser trotskista.

-- Trotskista é policial e a mesma coisa... -- resumia o sapateiro, rasgando as últimas páginas do livro condenado.

Na cadeia, muito depois, Juvencio teria tempo para ler e ter sua opinião sobre os trotskistas -- tão arraigada nele devido à paixão com que o sapateiro falava -- iria se reforçar diante das provas e dos fatos. Leria também o "ABC do comunismo", desta vez uma edição merecedora de fé. E pensava que se tivesse tido livros naquela ocasião talvez muita coisa tivesse sucedido de maneira diferente. Dez minutos haviam passado desde que a reunião fora suspensa. Agnaldo achava que era tempo de voltarem à sala. O fumo saía pela janela aberta, eles sentavam-se nas cadeiras e no banco com outra disposição. O sapateiro, que presidia a reunião, disse:

-- O camarada Tadeu vai continuar seu informe...

A voz pedante do outro:

-- Pois, companheiros, como ia dizendo agora vamos analisar as condicoes do nosso Partido e da Alianca aqui... Comecaremos pela Alianca Nacional Libertadora...

O cabo Juvencio sorriu para si mesmo do espanto de Macedo e Valverde quando ele lhes falara da Alianca Libertadora. Quando Juvencio chegara da Amazonia, com certa lenda a rodear-lhe o nome devido os acontecimentos da fronteira, e sua personalidade se impo ao grupo de cabos e sargentos do regimento, logo um oficial o procurara e o sondara sobre a possibilidade de um golpe para o estabelecimento de uma

"ditadura republicana", golpe que seria chefiado pelo general Manuel Rabelo. Juvencio nao discutiu.

-- Topo...

O oficial o encarregara de aliciar os sargentos e cabos, estabelecer ligacoes. Juvencio tinha por aquela epoca vinte e um anos e numa autocritica posterior, sobre o movimento de 35, realizada na cadeia, nao tivera duvidas em reconhecer que por aquele tempo entao era golpista, so acreditava mesmo na forca das armas e dos levantes militares. Ao demais perdera completamente o contacto com o Partido, desde que fora transferido de Sao Paulo, e agia por conta propria.

Alguns dias depois, porem, um musico de la classe, Quirino, o procurara, exhibira uma credencial do Partido Comunista, e lhe fizera algumas perguntas. O companheiro nao era membro do Partido? Nao tivera ligacoes em Sao Paulo? Juvencio sentiu uma alegria de adolescente que encontra a primeira namorada. Seu prestígio entre os cabos e os sargentos crescia a olhos vistos. Gostavam de ver como ele tratava com os oficiais, sem arrogancia, mas sem nenhuma inferioridade, altivo. Os meses na Amazonia, em Leticia, haviam ensinado a Juvencio que os oficiais eram feitos da mesma carne que

ele e que nos momentos difíceis e que se pode conhecer perfeitamente os homens. Ali, na selva espantosa, oficiais, soldados e cabos apareceram uns diante dos outros como realmente eram, despidos de todos os artificios, nus na sua verdadeira personalidade. Aprendera ali, durante a luta contra os paulistas em 32, a tomar resoluções rapidamente, assumir responsabilidades, não temer as situações. Com pouco mais de um mês em Natal já era ele quem resolvia os assuntos da maioria dos cabos e sargentos, seu consultor para as coisas mais variadas. Um grupo se formara em torno dele, com Macedo e Valverde a frente, e estavam todos com ele na conspiração para a "ditadura republicana".

Quirino, e mais uns três, eram dos que não se aproximavam muito de Juvencio, o olhavam de longe, com certa prevenção. Até que chegara do Sul aquela informação. A direção local tinha resolvido conversar com Juvencio, sabia do seu prestígio, e, se bem ainda não confiava muito nele, resolvera ver se podia aproveitá-lo ganhando assim aquele enorme grupo de cabos e sargentos. Quirino, naquela primeira conversa, esteve misterioso e reticente. Perguntou muito, disse pouco. Juvencio queria logo contacto com o Partido e saber das diretrizes, das palavras de ordem. Quirino cortou a conversa dando-lhe um número da "Classe Operaria" e prometendo procurá-lo no outro dia. Mas no dia seguinte Juvencio não conseguiu falar com ele. Quirino não lhe deu possibilidade de nenhuma conversa, arredo e esquivo. Juvencio ficou matutando sobre aquilo. Que estaria acontecendo?

Leu as quatro páginas da "Classe" repetidas vezes. Já ouvira falar na Aliança Nacional Libertadora, uns amigos de Quirino pertenciam a ela mas eram uns poucos, a gente da "ditadura republicana" era em muito maior número. Uma semana se passou assim, ele em busca de Quirino, o outro evitando conversa, escapulindo quando o via, dando desculpas que não convenciam. Finalmente num sábado aproximou-se risonho e disse:

-- Queria lhe levar a um lugar hoje...

Juvencio estava por conta:

-- Hoje estou ocupado... Já estive as suas ordens a semana inteira...
So outro dia... Quirino falou serio e foi essa frase que fez com que
Juvencio o ficasse estimulando:

-- São ordens do Partido... Não é para discutir. Se eu não conversei
com o companheiro antes e

que não tinha ordem para isso... É o Partido quem está chamando o
companheiro...

-- Não se discute... Pode marcar...

Quirino marcou um encontro num suburbio distante. As nove horas
da noite. Estava conspirativo e avisou: ,

-- Espere só cinco minutos. Se eu não chegar, de o fora, espere
outro aviso... Juvencio gostou daquilo, bulia com sua imaginação.
Apertou a mão do companheiro. Depois foi uma luta para convencer
a Valverde que não podia sair com ele naquela noite, ir, como ele
queria, visitar Conceição, cuja amasia fazia anos.

-- Talvez eu apareça mais tarde... Se tiver tempo...

-- Onde você vai?

-- Num lugar...

-- Mas, onde?

-- Por aí...

Valverde era cheio de suscetibilidade:

-- É segredo?

Pos a mão no ombro do outro:

-- Depois tu vai saber...

Valverde se lembrou da "ditadura republicana". A conspiração marchava lentamente mas, de quando em vez, Juvencio tinha uns encontros com oficiais comprometidos. Devia ser uma coisa dessas. Apenas pediu:

-- Ve se dá um pulo lá... Se não, Conceição vai ficar aborrecido ... A turma toda vai, tem arrastape e mesa de doces... Era pra você levar Lurdes...

-- Vou dizer a Lurdes pra ela ir... E, se eu tiver tempo, apareço... Mais tarde, lá pras onze ou meia-noite...

As nove horas estava no ponto. Fumava um cigarro, olhava a rua deserta. Apenas, numa esquina, um casal de namorados encostados a parede. O sino de uma igreja bateu as nove horas e logo depois Quirino apareceu no escuro, assobiando. Quando chegou a seu lado disse:

-- Vamos...

Passaram pelos namorados, Juvencio notou que a moça virava o rosto para não ser vista. Seria bonita? -- pensou. Quirino ia calado e pouco adiante dobraram uma esquina, entraram num beco sem calcamento, onde a lama se acumulava. Um vulto era visível um pouco adiante. Quirino voltou a assobiar, agora um pouco mais alto. O homem diminuiu o passo até que eles o encontraram. Não houve apertos de mão. Quirino apenas disse numa rápida apresentação:

-- O companheiro Juvencio... O companheiro Pedra...

Nome de guerra, refletiu Juvencio, enquanto procurava examinar o homem ao seu lado. Teria uns cinquenta anos, era careca, o rosto avermelhado, um ar de pessoa pacata e modesta. Sorria e era simpático o seu sorriso, mostrando as gengivas na boca desdentada. Quirino, quando chegaram sem palavras na outra esquina,

resmungou um boa noite em voz baixa e desapareceu. Em silencio andaram mais uns passos para diante e o homem falou:

-- Por que o companheiro nao se apresentou ao Partido quando chegou? Um comunista...

-- E como diabo eu ia adivinhar onde estava metido o Partido?

-- Nao trouxe nenhuma ligacao?

-- So se fosse dos indios. Cheguei foi da Amazonia -- narrava. -- Quando sai de Sao Paulo para Mato Grosso me deram ligacao para o pessoal de la. Em Campo Grande me apresentei mas a reacao estava dura, mandaram que eu esperasse. Fiquei zanzando, nunca me deram uma ordem. Quando apareciam, era para buscar dinheiro, sempre arranjei algum no batalhao. Mas demorei pouco tempo la, vim pro Amazonas. Me deram ligacao pra Manaus mas eu fui parar na fronteira com a Colombia, em Leticia...

-- Ja sei da historia...

Juvencio ficou um pouco desconcertado pensando que o outro imaginara que ia lhe relatar os acontecimentos da fronteira. Continuou sem muita vontade:

-- De la vim praqui... Como e que podia procurar o Partido, se nao sabia de nenhum comunista?

Acrescentou e o outro sentiu a sinceridade na sua voz:

-- Doido pra encontrar eu estava...

-- O companheiro esta envolvido na conspiracao para a "ditadura republicana", nao esta?

-- Estou. Ja disse a Quirino...

-- E um erro. Admito que o companheiro não pudesse procurar o Partido, não era realmente fácil descobri-lo... -- riu um risinho de satisfação, orgulhoso da perfeição da ilegalidade. -- Mas um comunista se meter numa conspiração burguesa, de caráter aventureiro, isso, não sei como o companheiro poderia explicar. ..

-- Nem procuro explicar. Pode ser um erro, nem discuto. O caso é que eu estava de braços cruzados, bestando... Me convidaram, topei. Burrada...

-- Gosto de sua franqueza. Não vem com desculpas tolas... O comunista deve saber fazer autocritica... Agora o que você tem de fazer, quanto antes, e pular fora dessa besteira...

-- E uma ordem?

O careca balançou a cabeça. Andaram mais uns passos, ele voltou a falar:

-- O companheiro tem influência junto a vários cabos e sargentos. Segundo o Partido esta

informado, o companheiro é o cabo de mais prestígio no regimento...

Primeiro pensou em fazer modestia mas de imediato respondeu:

-- E verdade... O pessoal gosta de mim...

O outro sentiu também que ele não dizia por vaidade, comprovava apenas um fato. O sapateiro, pois Pedra era apenas o sapateiro Luis, ia se deixando influenciar também por aquela sinceridade e pelos modos bruscos mas naturais do cabo.

-- Você pode fazer um bom trabalho... A cela no regimento é pequena -- abanava as mãos numa explicação: -- O trabalho apenas

comeca. Voce, com seu prestígio, pode trazer muita gente para o Partido... Ou pelo menos para a Alianca...

-- A Alianca Nacional Libertadora?

-- Ja ouviu falar, nao? E um movimento que esta empolgando... Com Prestes a frente, vai que e

uma beleza...

Juvencio queria saber a diferenca entre o Partido e a Alianca e quais as ligacoes entre um e outro organismo. O sapateiro explicou longamente, o assunto era-lhe familiar, muitas vezes tivera que dar aquela mesma explicacao. Juvencio ouvia em silencio.

Deixou o sapateiro (para ele ainda era o companheiro Pedra, desconhecido, cuja autoridade no Partido nao sabia qual era, apenas percebia que tratava-se de alguem responsavel) ainda a tempo de ir a

casa de Conceicao. La estava a turma toda. Foi recebido com gritos e aclamacoes, trouxeram-lhe cachaca e cerveja, Lurdes sorria sentada numa cadeira na sala, vendo os pares na danca. A barriga começava a crescer e, ao demais, ela so dancava com Juvencio. Foi a ela que se dirigiu primeiro:

-- Tu trouxe uma lembranca pra Alzira? -- era a amasia de Conceicao que aniversariava.

-- Trouxe uma caixa de sabonete...

-- Ta bom... Vamos dançar...

No meio da festa chamou Valverde e Macedo num canto, disse-lhes em voz baixa:

-- Aquele negocio da "ditadura republicana" acabou-se...

-- Acabou-se? Desistiram da brincadeira? -- Valverde estava aborrecido. Macedo reclamava:

-- Ora essa... E eu que já contava ser promovido... sonhava com as divisas de sargento, esperava consegui-las com o golpe.

-- Não desistiram, não... Não é que desistimos...

-- Nois? -- Macedo não entendia nada.

-- Nos, sim... Com eles, nada mais... É aventura... E nós não nos metemos em aventuras... Acabamos com eles...

-- E o que é que vamos fazer?

-- Agora somos da Libertadora...

-- Libertadora? Que troco é esse?

-- A Aliança Nacional Libertadora...

-- Ahn! -- fez Valverde. -- Tem um tenente que é dela... É um bom sujeito...

-- Mas por que isso? -- quis saber Macedo.

-- Você não é comunista? -- todos eles se diziam comunistas, desde que haviam sabido que Juvêncio era comunista. O cabo, desde que se ligara ao Partido, jamais deixara de se apresentar como comunista, mesmo quando sem nenhum contacto com o organismo.

-- Sou, e claro...

-- Pois os comunistas estão e com a Aliança. E é se preparar porque a revolução vem aí e não tarda...

-- Quer dizer que a Aliança...

-- A nao ser que algum de voces queira logo entrar para o Partido. Para o Partido Comunista. Ai a coisa e mais perigosa...

-- Eu quero e o Partido... -- disse Valverde.

-- E eu tambem...

Conceicao vinha chegando:

-- Que e que ha?

Juvencio ia mudar de assunto mas Valverde, que era falador, foi logo dizendo:

-- A gente acabou com a "ditadura republicana".

-- E agora?

-- E a Alianca Nacional Libertadora...

Os que lhe mereciam mais confianca, Juvencio os levava para o Partido. E comecaram o intenso trabalho no regimento. Quirino era a pessoa mais responsavel e o foi pelo menos nominalmente, ate o levante. Mas na realidade foi o cabo Juvencio quem passou a dirigir a celula e o organismo aliancista. Agora, na sala apertada, ouve o informe daquele camarada vindo do Sul. O homem fala de coisas que ele conhece, do seu regimento e suas palavras nao correspondem a realidade. Ha evidente exagero no que ele esta dizendo. Juvencio fita Quirino, seria ele o responsavel por tais afirmacoes? Ou seria o proprio Tadeu, para melhor impressionar os homens? Se assim o fosse nao era justo, nao ganharia nada escondendo dos companheiros a verdadeira situacao. Eles tinham forca no regimento, muitos cabos e sargentos estavam com eles, mas nao eram tantos como o homem dizia. Juvencio conhecia bem os oficiais e nao sabia que mais de metade simpatizasse com a Alianca. Ao contrario, sabia da forca dos integralistas.

O homem terminava o informe. Dizia que eles não deviam provocar o levante. Mas se os soldados e cabos, insatisfeitos com a situação que só tendia a agravar-se, mostrassem tendências a revolta, então eles deviam apoiar. Dizia de tal modo que parecia, nas entrelinhas, desejar o golpe. Quando terminou, Luis, o sapateiro, que presidia a reunião, franquiou a palavra. Houve um silêncio cheio de olhares de um para o outro. Afinal Quirino tomou a palavra:

-- Todos ouviram o informe do companheiro Tadeu. Ele expos muito bem a situação. Todos nos aprendemos muito e sabemos agora como devemos agir. Eu também acho que a coisa está madura e que, se quisermos, levantaremos o regimento e dominaremos o Estado em dois tempos... Acho o informe dele formidável... O companheiro mostrou que é mesmo um dirigente...

Calou-se, os outros apoiavam com as cabeças. Luis disse:

-- Se ninguém quer mais usar da palavra, então...

-- Eu quero falar, camaradas...

Todos olharam para Juvencio. Agnaldo apertou as sobrancelhas, esse cabo era um bocado impertinente...

Juvencio começou a falar. Disse que havia aprendido muita coisa com o informe. Porém que o companheiro Tadeu estava mal informado quanto a Natal.

-- Pelo menos no regimento não é essa beleza que ele diz... Temos força, e verdade. Mas eu acho que o companheiro deve ter recebido uns informes baluartes. Esses oficiais nunca vi por lá... Não é

verdade que os cabos estejam todos com a gente... Menos ainda os sargentos... Demais eu não entendi direito: é ou não é pra gente fazer o levante? O companheiro não explicou direito. . . Se é para a gente levantar o regimento, então vamos tratar disso para fazer uma

coisa bem amarrada... Como o companheiro falou não é peixe nem carne...

Agnaldo não estava gostando. Mas a Juvencio pouco se lhe importava. Assim ele compreendia sua lealdade para com o Partido: abrir o peito e dizer o que sentia. A atmosfera na sala voltava a ficar abafada. A luz vermelha do candeeiro alongava as sombras dos conspiradores.

2

Quando chegou em casa naquela noite, cansado da reunião, encontrou Lurdes passando mal. Ela era fraca, o rosto caboclo, de longos cabelos negros e escorridos, tinha uma certa palidez e a gravidez aumentava o seu ar doentio.

-- Tu demorou... Tou que não me aguento...

Zangou-se de repente, trazia aquela irritação consigo, descarregou na mulher:

-- Besteira... Deixa de luxo que pobre não tem isso...

Ela não disse nada mas o olhou com os olhos espantados, uma ponta de tristeza no canto do lábio. Ele logo se arrependeu:

-- Não te importe... Tou cansado pra burro... Pensando num bocado de coisa... Que é que tu tem?

Estava novamente solícito e carinhoso. Os olhos -- ele os tinha travessos, olhos de criança risonha e brincalhona -- estavam cheios de atenção e de remorsos. Deitou-se ao lado dela, beijou-a:

-- Que é que a negra tem?

E repetiu aquela brincadeira de que ela tanto gostava:

-- Tu e negra, ruim, escura... (ela era apenas cabocla, de tracos finos, mais finos que os dele que, se bem que fosse claro, o mais claro dos irmaos, tinha bem pronunciadas ainda as marcas do mestico). Tu pegou num branco mas tem que andar direita...

Ela ria:

-- Tou ruim, de verdade... Ja vomitei... A cabeça tonta, nao posso ficar em pe...

-- Tu trabalha muito... Trabalha demais... Nois nao pode ter empregada, nao sei como vai ser, tu com essa barriga estufada...

Perdeu-se em pensamentos. Como iria ser? Sempre dizia a Macedo e a Valverde:

-- Comunista nao deve casar...

Os outros dois eram solteiros, se morressem pouco importava. Ele tinha mulher e ela levava um filho na barriga. E nem casado era, achara que nao devia casar, era um preconceito. So na prisao, ao contacto com outros companheiros, compreendeu que o preconceito era nao casar e casou-se por procuracao. Lurdes romperia com a familia para vir morar com ele. O namoro nascera numa tarde de sol, ele de folga, alinhado na farda bem passada, ela de azul, vindo do trabalho no atelier de costura. Ele a seguira pelas ruas dizendo piadas, localizara a casa onde ela morava, viera a noite passear por ali. Lurdes estava na janela, ria para ele, depois saira para dar uma volta no passeio com umas amigas. Ele se aproximara, puxara conversa, voltara na outra noite.

Quando deu de si estava apaixonado. Sonhava com ela pelas noites, parava no quartel para espiar o retrato que ela lhe dera e que ele colocara na caderneta. Ainda nao havia conversado com Quirino, estava metido no golpe para a "ditadura republicana". Mas casar era contra seus principios. Um comunista nao faz concessoes a esses preconceitos. .. explicara a Lurdes entre beijos. Recordava o livro de

Maria Lacerda Moura, não sabia que nem ela o fora nem ele era ainda, naquele tempo, comunista. Lurdes previa a oposição da mãe. Era orfa de pai, vivia com a mãe e os irmãos. Fugiu de casa certa noite. Juvencio, que havia desarranchado e alugado uma pequena casa, deu-lhe um verdadeiro ultimato:

-- Se tu quer, é bom decidir...

Ela passou os primeiros dias chorando. Mandou recados para a velha, não obteve resposta. Soubera, no entanto, por uma vizinha que a velha proclamara em voz alta:

-- Só me entra aqui, nos batentes dessa casa, com a certeza de casamento... Se não, pra mim não passa de uma puta...

A velha era disposta e, quando o marido morreria, se atiraria ao trabalho sem vacilações. Lavava roupa para fora, trouxas enormes, que o filho mais moço, de onze anos, levava às casas dos fregueses. No entanto não manteve aquela opinião. Quando Juvencio foi preso e a filha ficou nos dias de ter menino, ela deixou o orgulho de um lado e a foi procurar. Xingou-a muito, e verdade, mas quando chegou a ocasião do parto e Lurdes não pôde mais ir ao Hospital levar comida para Juvencio, ela botou o xale na cabeça, marmitta no braço e tomou o caminho do Hospital Militar onde Juvencio, preso, restabelecia-se lentamente. Ele se admirou de vê-la. Seus olhos burlescos a fitaram e riu seu sorriso de menino travesso:

-- Vosmece por aqui... Ela não deu o braço a torcer:

-- Vamos ver se quando tu sair toma vergonha e casa. Agora é pai de filho...

-- Nasceu? Homem?

-- Mulher pra sofrer como eu minha filha...

Sentou-se no tamborete frio:

-- Tu nao tem mesmo juizo... Pra que tu se meteu nessa revolta?

-- Para melhorar a vida da gente que e pior que a de cachorro... Vosmecece acha que fiz mal?

Ela o fitou de frente:

-- Nao.

Foi assim que fizeram as pazes.

Mas, nos meses que precederam o levante, muitas vezes Juvencio pensou no que seria da mulher se ele morresse de repente. Voltar para a casa da mae ela nao podia. Mesmo que a velha nao fizesse objecoes, Juvencio conhecia Lurdes, possuia um certo orgulho obstinado, nao voltaria. Com aquele filho no bucho nao poderia tomar costuras, e com que iria pagar parteira, alimentar a crianca quando nascesse?

Os companheiros sem duvida a ajudariam. Mas o dinheiro era escasso, o Partido lutava com dificuldades imensas...

"Comunista nao deve casar...", dizia ele a Valverde e Macedo nas horas de conversas no quartel. Pode morrer de uma hora para outra, naquela vida ilegal, num conflito com a policia, num comicio onde saisse bala, numa revolta como a que eles preparavam. No entanto nao se arrependia nem um momento de ter trazido Lurdes para junto de si. Ela lhe dava animo e confianca. Quando chegara ainda rezava, ainda frequentava a igreja pelos domingos. Mas fora deixando, a nova fe de Juvencio passou tambem a ser a sua, lendo os materiais que ele trazia para casa, silenciosa e pouco perguntadeira, compreendendo que ele podia ter seus segredos. Alias, ele, desde que novamente se ligara ao Partido, lhe dissera:

-- Tem coisa que nem a tu eu posso dizer... E e melhor tu nem me perguntar... Lurdes fizera-se muito amiga do sapateiro Luis, que por vezes aparecia. Preparava um cafe bem quente para o careca, pedia

noticias da esposa e dos filhos, ensinava-lhe receitas de chas para resfriados e catarros das crianças. Juvencio atalhava a conversa com seus modos bruscos mas ela sentia a ternura escondida atrás daquelas palavras rudes:

-- Da o fora que agora a conversa e seria...

Ia saindo, por vezes puxava a orelha dele, Juvencio repelia a sua mao, mas o seu dedo minimo fazialhe uma caricia pequena e doce no pulso, ao mesmo tempo. Deitado na cama, Juvencio fita a face palida da mulher. Os cabelos negros tem o cheiro de um oleo barato, solto sobre o travesseiro. Aquilo tudo era fraqueza, pensava ele. Gravida como estava, ela devia se alimentar melhor, mas cade o dinheiro para comprar comida?

Dedicava-lhe pouco tempo, ela devia ressentir-se disso tambem. Pobre Lurdes, que seria dela quando a revolta estourasse? Nao devia te-la tirado de casa, trazido para a sua vida que nao lhe pertencia... E pusera-lhe um filho na barriga. Sorria ao pensamento do filho que ia nascer... Seria homem, desde cedo aprendendo com o pai a nao suportar as injusticas, a se revoltar contra as miserias desse mundo. Ele o ensinaria a fechar o punho e a dar vivas ao Partido. Como o filho de Luis, o mais moco que responde quando lhe perguntam o que ele e:

-- Comunista... -- com sua voz gaguejante no soletrar da palavra longa. Lurdes geme baixinho. As ansias de vomito a assaltam novamente. Juvencio, que voltara a pensar na reuniao, a recordar o informe de Agnaldo, se curva para ela:

-- Que e?

A palidez aumenta no rosto da mulher. Ela vira a cabeça para o chao, ele corre, traz o urinol, ela vomita. Que sera dela se ele morrer de uma bala, se acabarem com ele no levante? Nem por um minuto sequer aquele pensamento o faz vacilar. Teme por ela e se preocupa, mas sem que isso, em nenhum instante, faca-o pensar em desistir.

Sustenta a cabeça de Lurdes, coloca-a sobre o travesseiro. Ela cerra os olhos:

-- Tou tonta...

-- Vou fazer um cha...

Amanha precisa falar com aquele tenente da "ditadura republicana". A conspiração morrera inteiramente, quem sabe se ele não toparia a Libertadora?

Acende o fogareiro. Do quintal, com o vento da noite, chega um cheiro de terra. E ele se recorda, subitamente, do sertão, da fazenda, de sua casa, com o terreiro na frente e o curral um pouco adiante. E

pensa em sua mãe, na velha Jucundina. Ela gostaria de Lurdes, se a conhecesse... E do Partido, será que ela gostaria? Bastava que fosse uma coisa dele, ou de qualquer dos irmãos, para ela gostar. Seu irmão José era cangaceiro de Lucas Arvoredo e jamais Juvêncio ouvira da velha Jucundina uma palavra contra o bando de jaguncos que levava seu filho.

A voz de Lurdes chega do quarto:

-- Nenen! Nenen! Não precisa mais... Já estou melhor...

3

Também ele poderia a estas horas estar no grupo de Lucas, vestindo a roupa de couro com que os jaguncos andavam pela caatinga, em vez da farda de cabo do Exército. Quando fugira de casa, seu pensamento não era outro senão buscar Lucas Arvoredo, apresentar-se a ele, pedir um lugar no seu bando. Ouvira falar que Lucas andava por perto, levou dias e dias a procura-lo pela caatinga. E quando concluiu que não era verdade, resolveu busca-lo onde ele estivesse. Disseram-lhe, numa feira, que o bando se encontrava num

Estado vizinho e eis ai por que Nenen, em vez de entrar para a Policia Militar do seu Estado, assentara praca na de outra terra. Porque, buscando Lucas, ele se aproximara do mar, apos atravessar as fronteiras do seu Estado natal. Lucas Arvoredo desaparecera como por encanto, devia estar acoitado no fundo do sertao ao mesmo tempo que as noticias o assinalavam em cinco ou seis partes diferentes. Alias ele usava por vezes dessas taticas: mandava grupos de cangaceiros, de dez e doze homens, assaltar fazendas em uma direcao, grupos que arrastavam atras de si as forcas policiais, enquanto o grosso do bando entrava numa cidade importante.

Seu irmao Jose partira porque a visao dos cangaceiros, da sua barbara e ruidosa alegria, da sua liberdade defendida a tiros todos os dias, fora irresistivel. Como poderia ficar na fazenda depois de te-los visto? Ja antes partira Jao, o irmao mais velho. Nao via futuro na roca, naquele pedaco de terra que o pai lavrava. E tivera aquela briga por causa da filha de Ataliba. Juvencio, quando desses acontecimentos, era um rapazola apenas. Mas o desejo de ir embora ja botara sementes em seu coracao ante o exemplo dos irmaos. Quando partia pelas manhas para a roca, a foice ao ombro, era como um escravo que levasse cadeias nos pes. Aquela terra nao era deles, nao lhes pertencia, e mesmo o seu direito sobre as plantacoes de mandioca e milho poderia ser discutido pelo coronel a qualquer momento. O dia de trabalho gratuito para a fazenda parecia-lhe demasiada exploracao. Nao bastava a obrigacao de vender os produtos da roca ao coronel, pelo preco que ele fixasse, e ter de comprar no armazem tudo de que necessitasse? Ouvia historias de tomadas de terra, de crimes, camponeses matando fazendeiros, fugindo pelos matos, outros condenados a largas penas, indo para Fernando de Noronha. Uma sede de vinganca e de justica foi o que o impulsionou. Lucas Arvoredo, com seu bando de jaguncos, parecia-lhe o destemido vingador da gente sertaneja. A razao estava com ele. Se haviam de trabalhar dia e noite, para uma fazenda, nascer e morrer em cima da enxada, sem nenhuma outra perspectiva, entao nada restava a nao ser largar tudo, tomar de uma repeticao, e ir cobrar nas fazendas e nas cidades o que -- segundo

Nenen -- lhes era devido. Teria sido cangaceiro se encontrasse Lucas na sua ansiosa busca pela caatinga. Despertava nele, como em outros filhos do sertão, aquela revolta sem direção contra a vida que levavam. Se o beato Estevão já houvesse iniciado sua pregação quando da sua fuga, Juvêncio seria talvez um dos seus homens. Ali, na caatinga, a revolta contra a fome levava os homens ao cangaço ou ao misticismo desesperado. Mas Nenen, em vez de encontrar o bando de Lucas, deparou com a estrada de ferro e o apito do trem o tentou, meteu-se num vagão, desembarcou na capital. Tinha então dezoito anos, um pouco menos. Entrou para a Polícia Militar -- destino quase obrigatório dos camponeses recém-chegados -- quase por acaso. Envolveu-se numa briga de rua, ao lado de um cabo e um soldado da polícia, contra uns inspetores de trânsito e guardas-civis. Não sabia o motivo da briga mas viu que eram quatro contra dois. A verdade é que o soldado e o cabo não tinham razão, estavam bebidos, fazendo tropelias, os guardas tiveram que intervir e os inspetores chegaram para ajudar. A coisa só terminou com a intervenção da patrulha da Polícia Militar que levou todo mundo preso: cabo, soldado, guardas, inspetores e o rapazola que já estava sangrando.

O comandante da Polícia Militar orgulhava-se dos seus soldados, costumava dizer que não via homens para eles na cidade, nem mesmo os soldados do Exército, sequer os marinheiros da Escola de Aprendizes. O comandante da guarda-civil enfureceu-se com a prisão dos guardas, metidos no xilindro da Polícia Militar, alvos dos desaforos dos soldados. O incidente criou um pequeno caso político e a melhor maneira que o governador achou para sanar tudo foi mandar passar uma esponja sobre os acontecimentos. Os guardas e inspetores foram restituídos a sua corporação. O cabo e o soldado receberam uma descompostura meio sorridente do comandante. Sobrava Juvêncio. Enquanto preso fizera-se amigo de soldados e cabos, contavam sua história, sua participação na briga, pelos patios do quartel. O comandante chamou-o:

-- Por que se meteu na briga?

Um sargento o havia industriado para as respostas:

-- Era dois soldado da Pulica contra quatro guarda... Num queria ver soldado apanha...

-- Gosta da Policia Militar?

-- Inho, sim...

O comandante tinha uma especial estima por aqueles sertanejos. Eram bons soldados, valentes, os unicos que serviam para a perseguicao aos cangaceiros na caatinga, incapazes de roubar, cheios de um certo sentimento de honra dificil de encontrar entre os homens recrutados na cidade.

-- Quer ser soldado?

-- Queria, inho, sim...

Estava com a farda ha pouco tempo quando estourou a revolucao constitucionalista de Sao Paulo. Juvencio nada sabia de Politica mas se metia nas discussoes no quartel e, por uma inclinacao natural, era pelos revoltosos contra o governo. Sentia-se contra a ordem estabelecida mas de maneira inconsciente e anarquica. Apesar de suas simpatias, embarcou satisfeito no navio que os levava para o Rio. Iam lutar contra os paulistas e o gosto da luta superou nele as vagas preferencias pelos contitucionalistas. Ao demais haviam-lhe dito que eles iam lutar contra os italianos que queriam dominar o Brasil e escravizar os brasileiros.

Revelou-se no front! Destemido como poucos, em breve era cabo e terminou a campanha como primeiro-sargento. Entrara vitorioso na capital de Sao Paulo, desfilara em suas ruas, e, como sucedeu com muitos, ficou preso pela cidade, pelo seu movimento, aquela vida estuante tao diversa das cidades do Nordeste. Durante toda a sua infancia e adolescencia, na roca, aquele nome de Sao Paulo ressoara em seus ouvidos como uma palavra magica. Para ali se dirigiam

anualmente milhares de camponeses em busca de uma vida melhor. Ali havia riquezas sem conta, um mundo imensamente maior. Na Policia Militar, com um afinco que admirava os superiores, ele se dedicara ao estudo primario e lia e escrevia corretamente, passara na frente de muitos outros que haviam comecado primeiro. No front, nos tres meses que passara lutando, ganhara experiencia de alguns anos e, com pouco mais de dezoito anos, sentia-se homem feito, capaz de enfrentar qualquer coisa. Aquela sua instintiva revolta nao desaparecera, agora sabia de certas coisas, vivia sempre metido na eterna conspiracao de cabos e sargentos de cada batalhao. Insatisfeito sem saber mesmo por que, contra tudo e todos. Nas antevésperas do embarque para Santos, onde o navio que os traria para o Nordeste os esperava, o sargento Juvencio desapareceu sem deixar rastros. Como os paulistas matavam, nas ruas escuras da prostituicao, os soldados vitoriosos, pensaram que assim havia acontecido com ele e o comandante lamentou o fato. Gostava de Juvencio, pensava ate em conseguir um lugar para ele na Escola de Cadetes da Policia, faze-lo oficial.

Foi Ze Tavares, a quem ele encontrou por acaso (e a quem reconheceu apesar da farda de guardacivil e de so have-lo visto ha uns oito anos quando Ze Tavares era trabalhador assalariado da fazenda), quem impediu que ele morresse de fome. Levou-o para sua casa, deu-lhe comida. Ficou de ver se lhe arranjava um lugar na Guarda Civil, mas nao estava facil, e Juvencio terminou engajado no Exército. Foi quando se ligou ao Partido.

De Sao Paulo mandaram-no para Mato Grosso. A luta na fronteira, entre o Peru e a Colombia, fervia. Um destacamento foi enviado para Leticia, sob o comando de um primeiro-tenente. Juvencio, que acabara de ser promovido a cabo devido a seus conhecimentos militares aprendidos na Policia e na luta, foi incorporado para seguir. O Partido deu-lhe uma ligacao para Manaus mas eles nem passaram em Manaus, foram pelo interior. O sertao ia ficando cada vez mais distante na memoria de Juvencio. No entanto, por vezes se recordava da roca, da casa, da tia louca, do velho Jeronimo com seu

grito de boiadeiro. E em meio a selva amazonica, quando, com a chegada da noite, os coracoes se apertavam naquele medo ao desconhecido, ele, repetidas vezes, encontrava-se pensando nos seus. Quando rapazinho, na fazenda, com a rebeldia que o lancara em busca de Lucas Arvoredo para entrar em seu bando, pensava que nada de mais desgracado podia existir no mundo que a caatinga de secas e de fome. Na Amazonia, no coracao da selva, ao lado dos grandes rios, vendo o povo nu, camponeses sem ter o que vestir, cortando os seringais, compreendia que a miseria era comum a todos eles, era a unica coisa que existia com fartura em toda parte.

4

O primeiro-tenente morreu de febre. O sargento Vicente e alguns soldados morreram de flechadas dos indios. Cada dia caia um, morto pelos indios invisiveis na floresta, ou derrubado pela febre. O

impaludismo habitava ali, mais tremendo ainda que o da caatinga, e eles pareciam abandonados do mundo. O segundo-tenente, agora no comando, enviava radios sobre radios. Nem uma unica resposta, era como se houvessem esquecido completamente aqueles soldados que guardavam a fronteira. Os indios vinham pela noite, roubavam os poucos mantimentos que restavam, destruiam e matavam. O

impaludismo estava presente dia e noite. Quando o radio-telegrafista morreu, o segundo-tenente se apavorou. Resolveu ir com alguns homens em busca de socorro. Ficou um sargento no comando. Restavam uns vinte homens. O tenente partiu pela madrugada, levava seis homens consigo, grande parte das municoes e das latas de conserva. A selva o tragou para sempre, nunca mais tiveram noticias. A ordem era gastar poucos tiros, nao tinham muitos e fazia-se necessario cacar para economizar a comida. Durante o dia, na margem do rio, os soldados pescavam. Mas sal ja nao havia e a comida ficava insossa e sem graca. Os indios, ante a timidez da resposta dos soldados, tornavam-se mais agressivos e chegavam cada vez mais perto. A estacao de radio escangalhada provava-lhes

diariamente que eles estavam separados do resto do país. Quando o fumo faltou eles pensaram que iam enlouquecer. Os doentes eram cada vez em maior número. Durante dias e dias esperaram a volta do tenente. Mas uma tarde um soldado, que se afastara para cacar apareceu com umas perneiras, um quepe e a notícia de que havia ossos espalhados em torno de um lugar onde existira uma fogueira. O desânimo tomou conta dos homens.

Uma noite, quando os índios estavam bem perto, o sargento foi tomado de uma crise de loucura. E

ordenou que todos atacassem. Mataram alguns índios mas ficaram reduzidos a doze homens sob o comando do cabo Juvencio já que o sargento fora o primeiro a morrer, saiu correndo para o lado onde os índios se encontravam.

O medo chegava com a noite. As grandes árvores da selva, tão diversas da vegetação de arbustos da caatinga, escondiam mistérios mortais. Os passos dos índios eram mais leves que os dos animais e por detrás de cada uma daquelas árvores a morte podia estar acoitada. Os soldados, os saos e os doentes, se reuniam num grupo denso. O frio dos impaludados era terrível mas tinham receio de acender fogueiras que mostrassem sua localização aos silvícolas. Juvencio pensava que iriam morrer todos ali e sentia um ódio profundo pelo abandono em que os haviam deixado.

A falta de fumo desesperava mais que a de sal e de feijão e farinha. Comiam carne de caça, chamuscada nas brasas, os corpos se enchiam de feridas. Os mosquitos já não incomodavam. Nos primeiros tempos tinham sido um horror, os homens de braços e pernas inchados da picada do poto. Mas se haviam acostumado e agora não ligavam. Pior eram as flechas dos índios, aquele silvo ouvido tarde demais, quando já era impossível furtar-se.

Juvencio refletiu a noite toda. No outro dia reuniu os homens. Saos e doentes, dispensou apenas dois que não se podiam mover.

Foram derrubar arvores, fizeram uma palicada em torno do acampamento. Dividiu os tiros que ainda restavam, escalou os homens em turmas para cacar animais fora da palicada. E comecou a resistencia organizada aos ataques dos indios. Os homens obedeciam-lhe mais pela sua capacidade e bravura que mesmo pelas divisas de cabo. Ali o respeito havia desaparecido. E a fuga (assim consideravam) do segundo-tenente nao havia concorrido para que divisas e dragonas pusessem respeito. Mas com Juvencio era diferente. Ele era o primeiro a se expor, nao se furtava ao trabalho, ia cacar com os grupos designados, passava noites acordado, os olhos vigilantes nas frestas da palicada. Quando os indios se aproximavam -- os ouvidos agora mais experimentados ja distinguiram os sutis ruidos de seu passo -- ele tratava de localiza-los e nao deixava que se perdessem balas. Passou cinco dias sem ter um morto, durante tres noites os indios nao atacaram. Alguns soldados pensavam que eles haviam desistido e ja queriam sair, abrir caminho em busca de socorro. Mas Juvencio adivinhava, no inesperado recuo dos indios, a preparacao de um ataque em regra. E preparou-se para ele. Reforcou a palicada, mandou cavar trampas em torno do acampamento. E quando os indios vieram, como ele previra, foram recebidos com um tiroteio violento. Afundavam-se nas trampas, quebravam pernas, caiam baleados, os homens ja

havam ganho experiencia e nao desperdicavam bala. Ainda assim os indios chegaram junto a palicada e a tentaram escalar. Morreram tres soldados na luta mas eles conservaram a posicao e puderam, pela primeira vez desde que estavam ali, capturar prisioneiros, indios que haviam caido nas trampas. Mataramnos porque nao os podiam alimentar e tambem por que estavam com odio. Quando o socorro chegou, seis dias depois, Juvencio, com cinco homens, dois dos quais feridos, ainda sustentava a posicao.

5

O sapateiro o mandou chamar, com urgencia. Estava com dois outros companheiros, ambos da direcao. Agnaldo ja havia Partido de

volta, novos dirigentes tinham passado por ali, sentia-se que o momento se aproximava.

A conversa foi na casa do sapateiro, as janelas trancadas, a porta encostada, eles silenciando a cada ruído de passos que ouviam na rua. Um dos outros dirigentes, comerciante, falava:

-- Estão demitindo os guardas-civis em massa... A situação se agravou ao máximo... É possível que os guardas se revoltem...

-- Não creio... -- disse Juvêncio.

O outro fez um sinal que ele esperasse:

-- Tem mais... E é com vocês do 21. Vão começar as transferências de cabo e sargentos e as baixas de soldados... Nós estamos seguramente informados de que quase todos os sargentos vão ser removidos. E os cabos também. Você inclusive. Nossas notícias são concretas... E se isso acontecer...

-- Levantar?

-- Acho que eles mesmos se levantarão...

Quirino estava também presente, fez um relato da situação no quartel. Juvêncio não teve nada que discutir, o músico falava a verdade, a situação chegara a um ponto morto. Os cabos e sargentos só

esperavam a ordem. E, se comessem as transferências, não havia quem os pudesse conter... O companheiro continuava:

-- Estamos informados de que as transferências começarão depois de amanhã... Juvêncio fazia cálculos mentalmente.

-- Mesmo que a gente queira não pode impedir que eles se levantem. E se a gente não apoiar, a Libertadora se desmoraliza...

O outro concordou com um grunhido. Parecia já ter pensado naquilo tudo, pesado todas aquelas possibilidades. E, quando falou, foi para perguntar em meio ao silêncio:

-- Que e que vocês acham da noite de 23?

E acrescentou:

-- Recife se levantara em seguida. E depois todo o resto do país. Posso informar aos companheiros que o general Luis Carlos Prestes assumira o comando da revolução... A atmosfera era tensa, Juvencio sentia os nervos em ponta. Estava com os lábios apertados, os olhos pequenos, mas conservava a calma e sentia como se tivesse o coração gelado. Um dia pensara em ser cangaceiro. Já aprendera apesar do pouco que sabia ainda, que aquilo seria uma revolta sem solução. Os cangaceiros não iriam resolver os problemas tremendos do sertão. Só o governo popular revolucionário que a Aliança pregava: "Terra para os camponeses." Juvencio gostava de rabiscar nos muros do quartel a consigna da Aliança: "Pão, terra e liberdade." Mais que o pão e a liberdade era a palavra terra que tocava seu coração sertanejo. Via a alegria no rosto dos colonos, dos meeiros e dos trabalhadores quando aquelas terras que eles lavraram lhes fossem entregues, com papel de cartório e tudo, como pensava Juvencio.

O companheiro desenrolava detalhes, explicava como deviam agir, dava as consignas políticas.

-- Lembrem-se de que a revolução não é comunista. É da Aliança e a Aliança não é o Partido... As últimas palavras rolavam na sala:

-- Os companheiros Quirino e Juvencio ficam desde agora em ligação permanente com a direção do Partido...

Juvencio lembrava-se de ferozes discussões entre cabos e sargentos, perguntava:

-- O que e que a gente faz com os oficiais?

-- Evitar mortes... Nao somos assassinos... E claro que o momento e que vai indicar como se tera que agir. Mas nada de violencias... Aos que se renderem, garantir as vidas. Voces serao responsaveis perante o Partido pelo que suceder...

Na rua, Juvencio via Quirino andar com seu passo pesado. Era o musico quem ia comandar o levante. Em voz baixa, Quirino comecou a rememorar as ordens da direcao. Juvencio ia esclarecendo, notava que nem tudo o outro compreendera. Mas naquele momento nao podia conceber que a revolucao fosse dominada. Para ele a causa era tao justa e bela que a sua vitoria teria que vir fatalmente. E com paciencia ajudava Quirino na analise das palavras do dirigente.

Chegaram na rua onde o cabo morava. Quirino estendeu-lhe a mao, estavam proximos a casa de Juvencio:

-- Te manha...

Juvencio olhou quase com raiva:

-- Quem lhe disse que vou pra casa? Agora o lugar da gente e no quartel. O outro concordou:

-- Vamos...

A cidade dormia, as casas fechadas, mas no quartel havia uma onda de boatos, nos dormitorios os homens cochichavam. Quando Juvencio e Quirino chegaram, cabos e sargentos saltaram dos catres, vieram cerca-los:

-- Que e que ha?

Macedo anunciava:

-- Tao dizendo por ai que vao transferir a gente...

Outra voz confirmava:

-- Um tenente garantiu... Disse que e coisa resolvida...

-- Nos se levanta... -- falou um sargento. Dirigiu-se a Juvencio: -- O que e que tu acha?

-- Se voces se levantarem eu estou com voces... Mas nao se faz um movimento so com querer... E preciso acertar tudo...

As primeiras claridades da aurora rompiam sobre o quartel e a cidade de Natal.

6

Era um pressentimento, nada mais alem disso. Mas, apenas soube da noticia das primeiras transferencias, alguma coisa comecou a comprimir seu peito, Lurdes sentia-se como se tivesse um peso sobre o coracao. Naquela rua moravam varias familias de cabos e sargentos, amasias de soldados, e aquele era o unico comentario de todas as casas. Mulheres que temiam ser abandonadas -- soldado bota casa e mulher nova em cada cidade onde serve... -- mulheres que arrumavam as bagagens para a viagem que se anunciava proxima. O prestigio de Juvencio refletia-se sobre Lurdes e as esposas e amasias dos primeiros transferidos corriam a sua casa, numa pequena romaria, querendo saber de mais noticias, que impressao ela tinha dos acontecimentos, que ia ser delas... Algumas pediam que ela interferisse junto aos amantes para que nao as largassem, mostravam os filhos pequenos:

-- Nao e por mim, e pelos menino, se nao vai crescer sem pai, como filho de rapariga... Sabiam todas como Juvencio era ouvido e respeitado:

-- Peca a seu Juvencio... Diga pra ele falar com Manuel..

Outras não o chamavam de Juvencio, davam-lhe o apelido familiar para assim ainda mais comover Lurdes:

-- Seu Nenen é tão bom... Se ele disser a Antonio pra não me largar, ele não faz... Pra ele é Deus no céu e seu Nenen na terra...

Sucediam-se na distante casa suburbana. Umas tinham vindo do outro extremo da cidade, arrastando suas chinelas, os vestidos pobres, os filhos pela mão. Algumas já vinham se despedir:

-- A gente não sabe quando vai. Talvez não tenha mais ocasião... Diga a seu Nenen que eu agradeço por tudo...

A muitas delas ele não havia feito nenhum favor mas todas e todos se sentiam obrigados a ele, era o seu jeito, a sua palavra nunca em vão, o seu sorriso terno de criança.

Lurdes consolava, prometia, ajudava, sentia-se cansada com a barriga de oito meses estufando o vestido, as pernas inchadas, o rosto pálido. E aquele aperto no coração como se alguém o comprimisse. Uma tristeza que vinha das despedidas e do temor das mulheres, mas que vinha também de algo indefinido, sem explicação. As mulheres sabiam perfeitamente que ela jamais havia saído de Natal. Mas ainda assim perguntavam-lhe sobre as cidades para onde os maridos e amos tinham sido removidos. De algumas Lurdes tinha imprecisas informações, por elas Juvencio passara em suas viagens e delas lhe falara nos tempos de namoro. Porém alguma coisa fazia Lurdes pensar que nenhuma chegaria a viajar, que pior do que imaginava as que temiam ser abandonadas, um tempo ruim ia se iniciar para todas elas. Não tinha ideia nenhuma formada, era apenas um pressentimento, uma tristeza sem motivo nascida no fundo dela mesma, como que adivinhava tudo que iria suceder.

A criança movia-se na sua barriga. Ela sentia o minúsculo pé bater-lhe contra as paredes do seu ventre como se o menino já quisesse nascer, olhar a luz do mundo, viver a vida dos homens. As mulheres

iam e vinham, a manha tardava a passar. Ela esperava Juvencio numa impacencia que aumentava a

proporcao que o sol caminhava para o meio-dia. Manha de lagrimas e projetos. A tristeza, era geral, de umas sem saber o que lhes ia suceder, de outras -- cuja vida se normalizara em Natal, casa posta, moveis, meninos na Escola Publica -- tendo que recommear numa cidade desconhecida. Lurdes ouvia umas e outras pacientemente, sentando-se de quando em vez na cadeira espreguicadeira que Nenen comprara quando a sua barriga comecara a aumentar. Esperava que ele chegasse, numa ansiedade. E ao mesmo tempo pensava que o mais certo era ele nao lhe dizer nada, se alguma coisa estivesse sendo preparada. Nao era segredo dele, Lurdes compreendia. E se ela soubesse, sera que choraria e se lamentaria, sera que se dependuraria no pescoco dele pedindo-lhe que nao o fizesse?

Em Lurdes nada e consciente nem resulta de uma analise ou de uma profunda conviccao. Tudo nela e intuitivo, nasce de uma intuicao. Nenen estava metido nessas coisas, correndo todos aqueles riscos, porque desejava mudar a vida dos pobres. Ela achava que isso valia a pena mas principalmente tinha uma certeza de que ele nao se envolveria em nada que nao fosse justo e correto. Sobre muita gente ele tinha influencia, porem sobre ninguem tao grande como sobre a companheira.

Ele chegou com sono. Ha tres noites que nao dormia, aparecendo em casa rapidamente, saindo logo, numa atividade que Lurdes nao procurava explicar. Alguma coisa extraordinaria se preparava, isso ela sentia no ar e no coracao. Juvencio estava silencioso e preocupado, seu riso tao franco era forçado, nao chegava a desanuviar totalmente seus olhos nem a liquidar todas as rugas de sua testa. Chegou, comeu, atirou-se na cama. Lurdes veio e deitou-se a seu lado.

Com a cabeça fora do travesseiro, como era o seu jeito de dormir, ele espiava de baixo a barriga enorme da mulher. Chegaria a ver aquele filho? Se não o visse nunca, se jamais voltasse a fitar a face pálida de Lurdes, desejava que eles soubessem que o pai e marido havia morrido pelo bem deles, para que no futuro não fossem tão desgracados quanto agora. Eles e todos os demais pelas cidades e pelos sertões, esses antes de tudo porque eram os mais pobres e sofredores, aqueles cuja dor Juvencio sabia pesar e medir. Suspendeu a cabeça, lia nos olhos de Lurdes -- Lurdes de lábios fechados para perguntas -- uma interrogação ansiosa. Mas não lhe podia dizer, nem na mulher devia confiar, não era sua vida nem sua sorte que arriscaria, era a vida de muitos, a sorte da revolução. Lurdes era boa, dedicada e firme, mas "o segredo não era dele". Sorriu para ela, pinicou o olho num gesto carinhoso, sentiu o esforço que ela fazia para rir. E para não perguntar. "Mulherzinha valente", pensou. O sono pesava-lhe nas pálpebras, sono de três noites seguidas. A ordem que ele tinha era descansar naquela tarde, dormir, estar preparado para a noite. O embarque dos cabos e sargentos já estava marcado. Chegara o momento. Ainda a olhou uma vez, abriu a boca para falar, fechou os olhos. Foi um sono pesado, durou toda a tarde e quando ele despertou as primeiras sombras entravam pelas gretas da janela, o quarto estava envolto numa penumbra morna e triste. E Lurdes continuava a seu lado, velando seu sono, a barriga sobrando para cima, a face angustiada.

Saltou da cama, foi molhar o rosto na torneira dos fundos. Lurdes ouvia o ruído da água nas mãos de Juvencio, levantou-se com esforço, dirigiu-se para a cozinha. Esquentou o café, enquanto ele vestia o dolma onde se destacavam os galões de cabo. Ele entrou na cozinha, o cabelo, de onde escorria água, ainda despenteado:

-- Tenho que sair logo... Vai demorar?

-- Tá quase pronto...

O pao ja estava na mesa, ele comecou a passar manteiga num pedaco. Via a toalha com manchas de cafe, o guardanapo, o paliteiro que Valverde lhe dera de presente. Sentou-se na cadeira de palhinha furada pensando que talvez aquela fosse sua ultima refeicao em casa e olhou todas as coisas com carinho e saudade, como numa despedida. Lurdes servia o leite e o cafe.

-- Hoje teve aqui as mulheres de quase todos que foram transferidos...

Juvencio a olhou de soslaio, iriam comecar as perguntas? Era como um duelo onde os adversarios se estudassem. Mas ela apenas acrescentou:

-- Maria, de Antonio, ta com medo que ele nao leve ela... Tem tres filhos, a pobrezinha... E

Elvira...

-- Quem e?

-- Aquela mulata gorda, amiga de Manuel... Tambem...

-- Que e que eu posso fazer? -- achava aquele medo tao absurdo e sem motivo diante do que ele sabia, do que se preparava, que nao encontrava o que dizer.

-- Elas quer que tu peca a eles... E pra levar elas...

Juvencio olhou a mulher, de pe ao lado da mesa, cansada e abatida. Por que ela lhe dizia essas coisas se ele tinha certeza de que Lurdes nao acreditava na viagem dos homens, se ela sabia que alguma coisa ia se passar? Sabia, ele nao se enganava. Ela adivinhava, lia nos seus olhos. Nao queria perguntar, fazia bem, ele tampouco podia responder. Achou que devia dizer alguma coisa:

-- Diga a elas...

Mas as lagrimas desciam pela face de Lurdes, e ela apertava os labios para nao solucar. Ele nao continuou. Que adiantariam aquelas palavras que ela adivinhava mentirosas, vagas de significado, simples palavras ditas por dizer, como quem beija uma mulher a quem nao mais ama, por simples obrigacao?

Levantou-se, bebendo o cafe aos goles.

-- Ja tou atrasado...

Deu uns passos, voltou, passou a mao na cintura de Lurdes, sentiu o tremor que a percorria. Beijou-a:

-- Nao tenha medo...

E saiu rapidamente. Na rua acendiam-se as primeiras lampadas eletricas.

7

De todos os feitos do cabo Juvencio, no movimento de Natal, um ficou, sobre todos, gravado na memoria dos que de qualquer maneira se viram envolvidos nos sucessos daqueles dias. E menos que um feito era uma frase, mas passou de boca em boca, e quando, nas cadeias espalhadas pelo pais, nos navios e ilhas-presidios, na ilegalidade, alguem falava no nome de Juvencio, logo relatavam a historia com a qual pretendiam fixar a medida da sua calma nos momentos mais terriveis.

Sucedeu antes de que o movimento estourasse. Por volta das onze horas da noite. Quando ja todos os preparativos estavam completos, o inicio do levante marcado para as duas horas da manha, Juvencio resolveu aproveitar aquelas horas para dormir, imaginando que dali por diante nao lhe seria facil encontrar tempo para deitar-se. Pensava assim acalmar tambem um pouco os companheiros que movimentavam-se inquietos, podendo chamar a atencao dos oficiais mais ou menos de sobreaviso. Deitou-se, de tao cansado, dormiu.

Antes pedira a Macedo que o chamasse a uma e meia da madrugada, trinta minutos antes da hora marcada. E, quando sonhava com Lurdes e o filho que teria nascido e que já falava, andava e ria para ele, sentiu-se sacudido. Abriu os olhos e saltou da cama certo que já era mais de uma e meia e que chegara o momento de agir. Olhou o relógio de pulso (comprado a prestações a um sírio) e viu que marcava doze e meia. Pensou que houvesse parado e o aproximou ao ouvido. Soava o tic-tac do relógio e Juvencio perguntou a Macedo que o acordara:

-- Meia-noite e meia?

-- E...

-- Há alguma novidade?...

-- Bem... Haver, não há...

-- É pra que diabo você me acordou? Me deixa dormir, homem de Deus...

E deitando-se novamente retornou o fio do sonho agradável, só despertou quando Quirino lhe disse ao ouvido.

-- Uma e trinta e cinco...

Os outros tinham estado inquietos a noite toda, gastando energias naquele nervosismo da espera, espiando os ponteiros dos relógios baratos, indo urinar de minuto a minuto, um frio na bexiga. Apesar do calor que fazia, Valverde soprava dentro das mãos em concha, como se sentisse frio. Enquanto isso Juvencio dormia, ouviam o seu roncar tranquilo, um sorriso nos lábios. Mais do que tudo que ele fez no decorrer do levante, essa história ganhou popularidade e servia para defini-lo. Na Ilha Grande, Valverde gostava de repeti-la com seu comentário invariável...

--Sujeito tão calmo nunca vi... Nem Tourinho...

No entanto se esta historia dava a medida da calma do cabo nada dizia da rapidez de raciocinio, do senso de oportunidade, da bravura, da lealdade, do sentido de responsabilidade por ele demonstrados no decorrer da luta. E especialmente depois, quando chegaram as horas amargas da derrota, quando o panico dominou os homens antes entusiastas e seguros de si.

Qualidades que novamente se revelaram na prisao, quando dos depoimentos. Assumiu a responsabilidade do movimento e nada mais disse, em resposta as perguntas e as provocacoes que lhe fizeram, apesar dos castigos e das torturas. O seu depoimento ficou reduzido a seguinte frase: "Nada declarou." O jovem sertanejo que fugira de casa para entrar no grupo de cangaceiros de Lucas Arvoredo, aprendia na cidade e se fazia lider de homens revoltados. Por vezes, na cadeia, pensava no sertao, nos camponeses, em Lucas Arvoredo e em Jose, seu irmao que acompanhara o jagunco. Fora o mesmo impulso de revolta, a mesma sede de justica que o arrancara da roca. Apenas ele tivera mais sorte e em vez do grupo de cangaceiros, encontrou o Partido e a direcao justa para sua rebeldia.

8

Quando os primeiros tiros espoucaram, muitos oficiais nao acreditaram ainda que fosse a revolta. Houve resistencia, mais seria do que eles pensavam, o sangue correu sobre os patios e corredores do quartel. Varios oficiais ja estavam presos na sala do cassino, mas alguns ainda resistiam, tendo em torno a si soldados armados de metralhadoras. Juvencio havia ido prender o comandante do regimento que se entrincheirara numa saleta, armado com seu revolver e prometia mandar bala em quem atravessasse o corredor. Macedo fora encarregado da prisao mas como a ordem era procurar nao matar os oficiais, enquanto isso fosse possivel, preferiu nao atirar contra a sala. Tomou as saidas do corredor e voltou. Juvencio resolveu ir ele mesmo. Quirino assumiu o comando do regimento, a resistencia diminuia. Todo o 21o B. C. estava revoltado, apenas uma companhia, sob o comando de um tenente, mantinha-se lutando,

num fogo cerrado. Os cadaveres e os feridos atrapalhavam o passo dos soldados em manobras pelos patios. Juvencio subiu as escadas acompanhado de Macedo. Soldados guardavam o corredor. O comandante botava discursos para eles, lembrando-lhes a obediencia que lhe deviam, o castigo que os esperava pela revolta. Quando Nenen chegou os soldados ja estavam comecando a ficar abalados. A voz do comandante era forte, Juvencio fez-lhe justica em pensamento:

-- Bicho destemido...

Foi se aproximando ao longo do corredor, encostado na parede, os passos leves. Mas a sombra, sob a lampada eletrica, prolongou-se alem da porta, o comandante gritou:

-- Quem vem la?

Juvencio parou, respondeu:

-- E o cabo Juvencio, comandante. Tenha calma que eu ja chego...

O comandante gostava dele, sabia-o cumpridor dos seus deveres, correto, pouco dado a cachacadas e a brigas em casas de mulheres, com uma caderneta limpa. Ao demais ouvira falar tambem daquelas historias na fronteira, quando Juvencio mantivera a disciplina em meio a selva, as molestias e aos indios. Os tiros rareavam no quartel, apenas do patio a esquerda vinha cerrado tiroteio. O comandante imaginou que a revolta estava abafada e que Juvencio chegava em seu socorro. Ja nao ouvia no corredor o movimento dos soldados nem a voz de Macedo que lhe dava ordem de prisao. Juvencio voltou a andar, mas agora ia pelo meio do corredor, escondeu o revolver nas costas. Atravessou a porta, o comandante estava de pe, segurava a arma pronta para disparar. Mas nao se encontrava mais em guarda. Juvencio foi entrando, suspendendo a mao direita para continencia mas de imediato a abaixou sobre a do comandante, tomou-lhe a arma, disse:

-- Não adianta reagir, coronel. A revolução está vitoriosa em todo o país... O comandante empalidecia de raiva. Os soldados se aproximavam, comandados por Macedo.

-- Levem para o cassino... -- E, para o comandante: -- Va sossegado, coronel, que nada vai lhe suceder... A não ser que o senhor tente fugir ou levantar os homens... Voltou-se para os soldados:

-- Se algum tentar isso, bala nele sem pena...

Desceu as escadas, correndo. Chegavam notícias de que a revolta na Polícia Militar fracassara e que ela marchava contra o batalhão. Conferenciou com Quirino e Conceição. A Guarda Civil levantara-se também, a luta se travava pelas ruas da cidade. Corriam notícias de que o governador já havia fugido para bordo de um navio, mas de nada tinham certeza. O importante era silenciar as metralhadoras da companhia que ainda resistia. Juvêncio chefiou o assalto. Valverde ia ao seu lado, exposto às balas.

-- So a unha, Nenen...

Juvêncio já o compreendera. Tinham que assaltar a posição, liquidar com aquilo quanto antes, se não, iriam ficar entre o fogo da Polícia Militar e o da companhia. Olhou para os homens que o acompanhavam. Pela porta viam o tenente no patio, no ângulo final do muro, entrincheirado atrás de caixões, e as metralhadoras apontadas para a porta. Era um pulo, uma carreira, cairiam sobre os soldados e o tenente. Mas naquele pulo e naquela carreira muitos iam morrer. Examinou de novo a situação. Não tinha outro jeito. Virou-se para seus homens, disse:

-- A gente tem que tomar aquelas metralhadoras... Quem for homem que me acompanhe... -- e atravessou, num salto a porta, sem olhar para trás. Quando caiu, varado de balas, Valverde estava a seu lado e se curvou sobre ele. Juvêncio murmurou:

-- Pra frente, filho da puta, se não, os outros recuam...

E o viu avançar, os soldados correndo, o matraquear das metralhadoras, logo depois um silêncio total que durava ainda quando ele abriu os olhos e gemeu. Depois, semi-inconsciente, foi jogado na maca, levado pelos outros. Abriu os olhos com esforço e viu que a bandeira vermelha tremulava no mastro do quartel. Sorriu antes de desmaiar de novo.

9

Por volta de uma hora da tarde o sapateiro veio visita-lo no Hospital onde as freiras silenciosas fitavam aterrorizadas aqueles homens barbados que traziam lenços vermelhos no pescoco. Estendido na cama, um braco e uma perna enfaixados um pedaco do couro cabeludo arrancado, Juvencio ameaçava a cada momento levantar-se e sair. A freira (era ainda moça e possuía um sorriso bondoso com que suavizava as ordens que ditava) ralhava com ele:

-- Fique deitado e não se mova... São as ordens do medico.

Afinal pode mandar um recado:

-- Se não vier ninguém eu me levanto e vou para o quartel.

O sapateiro veio cheio de notícias e com muita pressa. Tudo marchava bem, segundo ele, a revolta explodira em Pernambuco, onde o 29o B. C. havia se levantado as nove da manhã. Também o Q. G. se revoltara, estava chefiado pelo sargento Gregorio. E em Natal tudo ótimo. Haviã constituído uma junta governamental, da qual o sapateiro fazia parte, o governador fugira, tinham retirado dinheiro do Banco do Brasil para qualquer emergência, a cidade estava calma.

-- E o interior?

-- Já temos prefeitos em várias cidades...

-- Não partiram colunas para o interior?

-- Ainda nao, mas estamos tratando disso...

-- E o quartel?

-- Tudo bem... Quirino comandando... Voce trate de descansar que o medico disse que suas feridas sao graves e necessitam tratamento rigoroso... Depois eu volto e conversaremos mais... Sozinho no quarto do Hospital sentia a febre crescer. Mas seus pensamentos estavam no quartel. Apesar de todo o otimismo do sapateiro. Juvencio nao estava satisfeito. Duas coisas, principalmente, o alarmavam. Primeiro era que a revolucao nao houvesse explodido em todo o pais como ele esperava e lhe haviam dito que aconteceria. Depois a demora da partida das colunas de soldados para o interior. Temia os homens no quartel sem ter o que fazer. Lutava contra a modorra da febre, tentando pensar, raciocinar. Pareceu-lhe em certo momento ouvir a voz de Lurdes no corredor. Prestou atencao, forçando o ouvido, mas era apenas o silencio e ele pensou que o delirio chegara. So depois soube que Lurdes fizera tudo para ve-lo e as freiras, cumprindo as ordens do medico, nao permitiram.

O sono, apesar de inquieto e leve, fez-lhe bem. Acordou ouvindo novamente vozes no corredor. Mas desta vez distinguia perfeitamente o vozeirao de Macedo e o acento incisivo de Valverde. A freira discutia, escutava Macedo:

-- Entro de qualquer maneira, dona... E melhor a senhora sair da frente... E logo depois estavam no quarto e paravam diante dele. Juvencio sorriu, levantou o braco enfaixado.

-- Me maltrataram...

-- A gente pensou que tu tinha morrido... -- disse Valverde. E acrescentou: -- Morreram sete naquele ataque...

Juvencio quis perguntar quais, mas ficou calado, que adiantava naquela hora saber os nomes dos que haviam morrido? Perguntou

por Lurdes:

-- E Lurdes?

-- Ta cozinhando pros soldados. Ela e as outras... Quis vim te ver, as freiras nao deixaram... Nao queriam deixar a gente tambem... Foi preciso...

-- Ouvi a conversa no corredor...

Notou que os dois estavam irresolutos como se tivessem resolvido, ante a contestacao do seu estado, nao dizer a que tinham vindo. Inquietou-se e semi-ergueu-se na cama, cuidando de nao, gemer para nao alarma-los mais:

-- Que e que ha? Vamos, desembucha...

Valverde disse:

-- Nao e nada... Vai tudo bem... -- olhava o braco enfaixado, a perna envolta em gaze na altura da coxa, a cabeça de cabelos chamuscados. Que adiantava contar a Juvencio? Apenas iriam incomodalo, ele nao poderia dar jeito. Mas o vozeirao de Macedo o interrompia:

-- E melhor contar de uma vez... -- e, antes que o outro tentasse impedi-lo: -- A coisa pelo quartel vai muito ruim... Se continuar assim nao sei como vai terminar... Juvencio havia sentado na cama. A freira, restabelecida do susto no corredor, aparecia na porta, soltava um pequeno grito de espanto ao ve-lo naquela posicao:

-- Vamos deitar-se ja, ja... -- Nao sabe que esta muito ferido? Que ainda esta com uma bala na coxa?

Olhou-a com raiva:

-- Saia daqui... -- mas logo arrependeu-se, -- Desculpe, madre... Mas estou conversando coisa importante, peço que a senhora se retire... Depois, garanto que deito... Conta... -- ordenou, dirigindo-se a Valverde.

-- Ninguém se entende, essa é a verdade. Cada um quer mandar mais do que o outro, no quartel. No resto da cidade a coisa vai bem, a Junta tomou várias providências. Mas, no quartel. . . Ta uma confusão. . .

-- O que é que está acontecendo?

Valverde contou nos dedos:

-- Primeiro: falta de comando... Quirino tem pouca autoridade. A nossa gente obedece a ele mas os outros...

-- Que outros?

-- Os que aderiram... Muita gente... E cada qual mandando mais, dando ordens a torto e a direito. . . A discutir uns com os outros... Cada qual querendo ser mais. E não é só eles, gente nossa também... Conceição a brigar com Quirino, até na frente dos soldados discutem...

Para esticar o outro dedo:

-- Segundo: cachaca. Foi proibido mas apareceu, agora é o que sobra por lá... Tem gente que já

não se aguenta...

-- Gente nossa?

-- Um que outro... Quase tudo é adesista...

-- Que mais?

-- Roubo... Assaltaram o contencioso... E a despensa...

-- Gente nossa?

-- Nao... Andaram vendendo coisas pra gente da cidade...

-- Estao saindo?

-- E quem pode empatar?... -- Valverde desistira de contar nos dedos.

Juvencio pensava:

-- Isso pode ser ate o inimigo instigando... Para desmoralizar...

Valverde concordou com a cabeça, depois completou:

-- O pior... -- e silenciou. Que adiantava dizer aquelas coisas ao outro que estava amarrado na cama, nao podia dar jeito? So ia trazer-lhe aborrecimentos. Se ele estivesse la, a coisa seria outra.

-- Conte...

-- Tem uma porcao que quer matar os oficiais...

-- Matar os oficiais?

-- E. Tao bebendo e dizendo que oficial so morto... Se ja nao mataram. Deixei Quirino discutindo com eles. Mas Conceicao acha que o melhor mesmo e liquidar...

-- Provocacao -- disse Juvencio.

-- Tambem acho...

Fez um esforco com o corpo. O pior era a perna ferida:

-- Me ajuda...

-- Voce vai levantar?

-- Vou no quartel -- avisou: -- E ninguem vai me empatar...

Ajudaram-no a vestir a farda. Pos o revolver, so podia mover a mao direita, o dolma atirado sobre os ombros, o peito descoberto. Felizmente a mao ferida era a esquerda.

-- Vam'bora...

A freira que se aproximava da porta, para fazer um apelo a Valverde e Macedo, recuou ao ve-lo:

-- Onde vai, meu filho? N

-- Tenha paciencia, irma. Tenho que ir...

Ela moveu a cabeça num gesto de censura:

-- Assim voce vai morrer, meu filho...

-- Nao faz mal, irma. Ha coisas mais importantes...

Macedo e Valverde baixaram a cabeça ante o olhar da freira, sentiam-se culpados. Juvencio ia na frente, capengando. No meio do corredor nao pode mais, pediu:

-- Macedo, me da o braco...

Valverde disse:

-- Nao e melhor voce voltar?

-- Vam'bora...

Quando atravessou a porta do Hospital empunhou o revolver. Macedo sentia o peso do corpo de Juvencio no seu braco. Mas em Macedo e Valverde, Juvencio confiava.

Ao atravessar o portao do quartel compreendeu que a coisa ia mal. A balburdia reinava, nada ali restava que lembrasse a disciplina dos soldados, a ordem de uma corporacao militar. Distinguiu o vulto de Quirino no patio, discutindo, agitando os bracos. Alguem, que o vira entrando, tocou no ombro de Quirino, apontou para o portao. Juvencio nao pode deixar de sorrir ante o grito de alegria do companheiro que veio correndo. Chegou esbaforido, tinha um ar de alarme:

-- Eles foram matar os oficiais... Acuda depressa...

-- No cassino?

-- E...

-- E voce nao e comandante? Cade sua autoridade?

Quirino confessou:

-- Isso aqui esta uma esculhambacao...

Apoiou-se em Macedo mas apenas para se firmar, logo saiu andando num esforco que lhe contraia o rosto. Levava o revolver engatilhado. Macedo e Valverde seguraram tambem suas armas. Os homens acabavam de chegar ao cassino quando eles apareceram. Alguns estavam bebedos, outros eram arrastados apenas pelo sucesso da revolta. Homens sem partido, que haviam aderido e acreditavam que nao deviam obediencia a ninguem. Os oficiais, desarmados, juntavam-se num canto. Alguns estavam palidos, outros mantinham-se firmes. Um deles falava para os homens, mas os bebedos riam e os demais gritavam. Juvencio chegou por detras.

-- Sai da frente...

Olharam para ele como se fosse um espectro. Estava com o rosto branco como cal, como se não tivesse mais nem uma gota de sangue. Abriam alas para ele passar. Os oficiais pensaram então que havia chegado a sua última hora. Tinham tido notícias de que era o comunista Juvencio que estava a frente da revolta, prendera o comandante, atacara a companhia de metralhadoras e pensavam que ele havia morrido. O tenente que comandava as metralhadoras sorriu tristemente. O comandante adiantou-se:

-- Cabo Juvencio, pense bem no que vai fazer...

Juvencio olhou sem odio e sem piedade:

-- Coronel, cale a boca e não se meta... -- os soldados aplaudiam, um bebedo gritou um palavrão.

-- Cale-se, seu estúpido! -- Juvencio voltou-se, fitou o soldado. -- Esta preso. -- Valverde, meta esse tipo no xilindro. Depois veremos...

Silenciaram todos. Os bebedos ainda tentavam rir mas já não encontravam solidariedade nos que estavam pouco tocados. Juvencio falou-lhe:

-- Vocês vinham matar os oficiais...

-- Só pregar um susto...

-- Seja homem e não minta, que é pior... Vocês o que é que são? Revolucionários ou assassinos?

-- dirigiu-se aos oficiais. -- Fiquem sabendo os senhores que desses nem um só é comunista nem aliancista. Um comunista não assassina... -- novamente falava para os soldados. -- Vocês não veem que é isso que os inimigos querem? Dizer que soldado, cabo e sargento só serve para matar? Para comandar um quartel, manter a ordem e governar, só oficiais ... E vocês em vez de provar que isso é mentira...

-- Que me importa a ordem... -- disse um bebedo. -- A gente ganhou, agora tem direito de descontar o que esses nos fez... Tem direito... -- ia arengar para os outros.

-- Com que autoridade voce discute minhas ordens? Sou o comandante do quartel e voce vai responder por crime de indisciplina. Esta preso...

-- Quem e que me prende?

-- Eu... -- disse Macedo andando para ele. O soldado bebedo tentou reagir, Macedo deu-lhe um soco, estendeu-o no chao.

Os oficiais olhavam aquilo tudo achando que, afinal, o quartel voltava a ter comando. E nao se enganavam porque a mais perfeita ordem voltou a reinar. Era Juvencio quem se enganava ao afirmar-lhes:

-- A revolucao esta vitoriosa em todo o pais... A vida dos senhores esta garantida. Garantida pelo comando do quartel. Os senhores serao julgados depois. Agora, quero avisar uma coisa. Aquele que tentar fugir ou aliciar algum soldado sera fuzilado sem julgamento... Dirigiu-se a Valverde:

-- Leve os presos e mande quatro homens de confianca.

Os outros soldados ainda estavam por ali:

-- O que e que estao esperando ai? Vao para o patio, desco neste instante... Os homens obedeceram. Os oficiais comecaram a mudar de opinioes sobre o destino da revolta, que antes pensavam perdida. O capitao medico aproximou-se, viu o sangue escorrendo da coxa do cabo:

-- Assim o senhor morre...

Disse a Macedo:

-- Arranje gaze e algodao...

Juvencio afastou o medico com a mao:

-- Dos senhores nao quero nada... Deixe estar que eu me arranjo...

Valverde voltava com alguns soldados. Juvencio disse-lhes:

-- Cuidem das entradas. Metam fogo em quem quiser fugir e metam fogo em qualquer um -- seja quem for -- que apareca por aqui sem ordem minha ou de Quirino... Nao discutam, metam bala... Saiu. Mas, no corredor, Macedo teve que ampara-lo novamente.

11

Ao chegar ao patio, antes de falar com os soldados, ele desejava poder conversar com Quirino, ficar bem a par da situacao, combinar com ele (que era politicamente a pessoa mais responsavel) a melhor maneira de agir. Mas, apenas deixou o braco de Macedo, para atravessar sozinho a porta que dava para o patio, viu que nao podia faze-lo. Quirino estava nos fundos, ao lado de soldados, carcado pelos cabos e sargentos comunistas. Do outro lado, separados como se fossem um grupo de adversarios, juntavam-se tambem soldados, cabos e sargentos, e com eles estava Chico Conceicao. Os dois grupos mais ou menos se equivaliam em forcas e Juvencio olhou para uns e outros, durante uns momentos. Ganhava energias para poder andar, a mao quase nao podia sustentar o revolver. Temia cair a qualquer momento. Ainda assim recusou o auxilio que Macedo lhe oferecia num sussurro, marchou para diante, colocou-se entre os dois grupos. Olhou para Chico Conceicao longamente e virando-se para Quirino, falou com voz pausada e grave:

-- Estou as ordens, comandante -- bateu continencia sem largar o revolver, voltava a olhar para os que estavam com Conceicao.

Quirino se adiantou, veio andando para ele. Nao sabia o que ele ia fazer mas, desde que o vira atravessar o grande portao do quartel,

descansara. Com Juvencio ali, ele tinha certeza de que tudo iria bem. Macedo murmurou:

-- Cuidado com Conceicao, Nenen... Ele...

Mas a voz de Chico Conceicao cobria as palavras murmuradas:

-- Comandante, por que? Quem o elegeu? A gente e menino ou mulher-dama pra aceitar o que qualquer um quiser dar a gente? Nos -- apontava para os homens que o rodeavam -- nao aceitamos Quirino de comandante.

Os soldados que se encontravam em torno e por detras de Conceicao olhavam para Juvencio mas sem hostilidade. Apesar de toda a conversa macia e aliciadora do outro, confiavam no cabo, conheciam-no e sabiam que era um deles. Juvencio tambem os olhou, estudando-os um a um. Conceicao estava quase a sua frente, como dera uns passos se separara dos seus homens. Juvencio passou a seu lado, sem responder-lhe, colocou-se em frente dos soldados, serio e quase severo:

-- Companheiros, estou chegando do Hospital e o que e que encontro? Encontro soldados da revolucao guarnecendo seu quartel, cumprindo suas obrigacoes? Nao... encontro tudo esculhambado, parecendo que os soldados so sabem se governar quando tem os oficiais para mandar neles, dar ordens, meter na cadeia... Nos nos revoltamos porque o povo esta passando fome e os soldados, cabos e sargentos sao perseguidos. E agora vamos provar que nao valemos mesmo nada? Por mim digo que estou envergonhado... -- olhava-os e eles baixaram a cabeça.

Conceicao quis replicar qualquer coisa mas Juvencio nao consentiu:

-- Depois voce fala... Depois fala quem quiser. Mas agora falo eu e tenho o direito de falar porque vim do Hospital para nao deixar que voces morram atacados pelas costas a qualquer momento...

-- dirigia-se aos soldados que formavam com Conceicao.

-- Posso ou nao posso falar, companheiros?

Um negro destacou-se dos outros:

-- Pode falar, oce e um homem direito... Nos acredita em oce...

-- Companheiros, a revolucao foi feita pela Alianca Nacional Libertadora com o auxilio do Partido Comunista. O Estado tem um governo popular, formado por aliancistas e comunistas. E a esse governo que os soldados da revolucao tem de obedecer... Foi esse governo que nomeou o camarada Quirino comandante do Regimento. Por que entao nao obedecer? Por que essa bagunca aqui dentro? Ou sera que os soldados nao sao capazes? Queriam matar os oficiais, por que? Onde arranjam cachaca, com que licenca? Voces sao revolucionarios ou sao integralistas?

Estavam sem jeito. Juvencio sorriu:

-- Muita coisa eu compreendo. O entusiasmo, a liberdade, mas tudo tem seu basta, companheiros. E agora eu digo: chegou. Isso vai entrar em ordem... Estamos de acordo?

Houve um sussurrar entre eles, logo o negro disse:

-- De acordo...

E os outros comecaram a repetir, e um gritou:

-- Viva o cabo Juvencio!

Quando as aclamacoes iam morrendo, Conceicao exaltou-se:

-- Voces estao bancando os trouxas...

Juvencio chamou:

-- Ricardo! Damiao! -- e vieram o negro e um mulato baixo.

-- Prendam o cabo Conceicao. Ele e inimigo da revolucao. Queria arrasta-los a cachaca e a

desordem para melhor vender nos todos ao inimigo. Vai ser julgado e fuzilado... Conceicao puxou o revolver. Mas o braco de Macedo se abateu no seu ombro:

-- Solta essa arma, seu filho da puta...

Juvencio tomava do braco de Quirino, saia com ele. No corredor desmaiou. Os soldados ainda viram quando ele caiu, correram de ambos os lados, viram o sangue sobre as gazes do braco, manchando tambem a calca na altura da coxa. E aqueles que promoviam a desordem foram os primeiros a obedecer as ordens que Quirino repartia.

12

O medico deu-lhe uma injecao para que ele dormisse:

-- Assim voce se mata... -- era um simpatizante e sabia da importancia de Juvencio no movimento. Lurdes viera, aflita mas sem lagrimas, ajeitando os travesseiros da sala improvisada em enfermaria. Juvencio pediu que ela se retirasse:

-- Isso aqui estava cheio de mulheres que ate parecia cabare em dia de sabado... Botei tudo pra fora... Se tu ficar, eu nao tenho mais moral para dar ordens... Nao se preocupe, amanha ja estou de pe

de novo...

Ela compreendeu e partiu. Soldados se ofereceram para acompanhala ate em casa, agora, a ordem imperava no regimento.

Juvencio adormecera preocupado com a formacao das colunas para o interior. Durante o resto da tarde nao tivera tempo de pensar naquilo, as horas tinham sido pequenas para arrumar as coisas dentro do proprio quartel, discutir com Quirino, formar um comando, distribuir postos pelos homens de confianca. Pensava em tratar a noite, com Quirino e alguem da direcao, Luis ou outro, daquele assunto. Era urgente que as colunas partissem. Ja tinham perdido quase vinte e quatro horas e nao chegavam boas noticias do Sul... Mas, como desmaiase novamente, foram em busca do doutor que, ao ve-lo em atividade (havia-o deixado apos o desmaio da tarde com ordens expressas para deitar-se e repousar), alarmou-se. Obrigou-o a ir para a cama que improvisaram numa sala ao lado do comando, e, sem dizer de que se tratava, deu-lhe aquela injecao que o fizera dormir.

Despertou com Luis e outro companheiro da direcao ao lado de sua cama. Olhavam-no como se estivessem com medo que ele acordasse. Viu a claridade do sol alto:

-- Que horas sao?

-- Nove e vinte...

-- Como e que dormi tanto? -- a cabeça pesava, o estomago doia mas nao tinha febre. Quirino explicava:

-- Foi a injecao que o doutor lhe deu...

-- E as colunas? Ja partiram?

-- E tarde... -- disse o sapateiro.

-- Tarde? Por que?

-- A coisa em Recife esta preta... Nao marcha bem... E nao houve mais nada no resto do pais...

-- Nao e motivo para a gente ficar parado -- levantava-se, andava para a pia, comecara a lavar o rosto.

-- E que o 22 da Paraiba parece que esta marchando para aqui... O importante e defender a cidade... Garantir Natal ate que a coisa estoure pelo Sul... Deve ser de um momento para outro... Juvencio voltava a sentar-se na cama.

-- Tem cafe?

Quirino deu um grito, apareceu um soldado.

-- Arranje cafe pro camarada Juvencio...

-- Bem quente... -- pediu Juvencio.

-- Como e mesmo com Pernambuco? -- perguntava a Luis.

-- O pessoal parece que teve de abandonar a cidade... Ja nao usam o radio...

-- E aqui, como vai a coisa?

-- Na cidade, bem.

-- E no quartel? Alguma novidade?

-- Nao -- disse Quirino. -- So que de noite fugiram um cabo, o Bonifacio, e quatro soldados... Andaram levando uma coisas...

-- E fuzilar o primeiro que for pegado fugindo... Na vista de todos... O soldado chegava com o cafe. Mexeu o acucar, tomou em pequenos sorvos. Refletia sobre a situacao. Encontrava o sapateiro pessimista e o outro companheiro demasiado silencioso. Riu:

-- Vamos tocar para diante...

Aquele dia transcorreu sem maiores novidades. Juvencio percorreu a cidade de automovel, examinando os melhores lugares para trincheiras, mandou soldados prepara-las. Quando voltou ao quartel, encontrou um ambiente de cochichos, as noticias mas se propalavam. Sabiam ja que o movimento estava perdido em Pernambuco, contavam detalhes alarmantes. Do carcere onde estava, Conceicao agia, conversando com os soldados que o guardavam, espalhando noticias tenebrosas. Juvencio reuniu os comandantes, estudou com eles a situacao. Mais alguns homens haviam fugido. Um deles tinha sido preso. Quirino perguntou:

-- Vale a pena fuzilar?

-- Vamos ver...

Desceu para o patio, o esforco da tarde fora demasiado, sentia-se tonto, a cabeça pesada, os olhos turvos. Mandou buscar o soldado. Era Joao Inacio, um campones de certa idade. Falou-lhe como se estivessem na roca:

-- Seu Joao, que foi que lhe deu que fugiu? Vosmece teve medo?

-- Homem, seu cabo, medo de morrer na hora da briga eu nao tive. Mas o cabo Conceicao me disse que nois tava perdido e ia ser tudo metido na cadeia e depois matavam a gente na borracha... Nao sou homem pra apanhar, seu cabo...

-- Joao, voce fez uma coisa feia e eu devia mandar-lhe fuzilar. Mas voce foi enganado por esse traidor. Seu Joao, pode ser que nos morra tudo mas e de arma na mao se batendo pela revolucao. Voce ta

com medo?

-- Assim nao. Assim ta direito. Agora, de borrachada...

Deixou o campones, falou para os soldados:

-- Quem estiver com medo pode ir embora. Não quero covardes aqui... A luta vai ser dura, teremos que sustentar o quartel e a cidade até que a revolução vença pelo Sul... Quem estiver com medo, de logo o fora... Vamos ver...

Ninguém se moveu. Continuou a falar:

-- Porque agora não há desculpa para desertor... Não vai ninguém embora?

Esperou. Os homens mantinham-se silenciosos.

-- Muito bem. Agora vamos tratar de Conceição. Soldado Ricardinho, vá buscar o preso... Fez o julgamento ali mesmo:

-- Esse homem espalhou a desordem no regimento, aconselhou a que matassem os oficiais, esta

espalhando o pânico, inventando mentiras, fazendo os soldados traírem a revolução, fugirem como desertores e covardes. O que é que merece?

Conceição tremia, os olhos esbugalhados, desmoralizado:

-- Pelo amor de Deus, Nenen... Pelo bem de sua mulher...

O pelotão formou junto ao muro. Conceição foi arrastado. Juvêncio se retirava quando os tiros soaram.

-- Temos pouca munição... -- Disse a Quirino mas estava pensando em Chico Conceição. Da porta espiou, viu o cadáver de brucos, o sangue em torno.

13

Era inteiramente impossível controlar os fugitivos. As esperadas notícias do Sul não chegavam, a descrença ia dominando a todos. Juvêncio notava que mesmo os cabos que lhe obedeciam cegamente

procuravam evita-lo, olhavam-no como se ele os houvesse defraudado. Mas conseguira que a ordem se mantivesse, que os homens nao bebessem, que nao tentassem contra os oficiais presos, nao desacatassem os companheiros que tinham sido nomeados para postos. Juvencio sentia que tudo aquilo podia estourar de um momento para outro. Na cidade tampouco as coisas marchavam bem. Agora os reacionarios ja

sabiam que o movimento de Recife tinha sido sufocado e que em nenhuma outra parte houvera levantes. Estavam a 25 de novembro e so dois dias depois o 3.o R. I. e a Escola de Aviacao se levantariam no Rio, quando ja os soldados do 22o B. C. chegavam em Natal. A junta governamental encontrava dificuldades enormes. O primeiro entusiasmo dos simpatizantes e o oportunismo dos adesistas cediam e os revolucionarios, ainda no poder, comecaram a ser hostilizados.

Juvencio, na tarde daquele dia, concluiu que a defesa da cidade era inexequivel com os soldados que restavam. O exemplo de Conceicao fora esquecido no decorrer da noite e as fugas aumentavam. Ate

mesmo oficiais tinham conseguido fugir, comprando a cumplicidade dos homens que os guardavam com dinheiro e promessas de perdao.

A febre voltara e Juvencio temia nao aguentar ate o fim. O corpo reclamava cama, as feridas continuavam abertas, a cabeça doia-lhe constantemente. Ainda assim conferenciou com Quirino, depois foi a Palacio entender-se com o pessoal da Junta. Sua ideia era organizar os homens mais leais e conscientes, aqueles que eram comunistas e aliancistas ou que, pelo menos, guardavam fidelidade a

revolucao, em colunas de guerrilheiros que fossem pelo interior, se internassem pelo sertao, na caatinga, e ali levantassem os camponeses, a espera do movimento no Sul que eles consideravam inevitavel. Voltariam depois sobre a capital. Os dirigentes concordaram e naquela mesma noite Juvencio fez partir colunas de

guerrilheiros, dando-lhes o melhor da municao. Reservava-se para ir com a ultima, quando ja

nao houvesse nada a fazer na cidade. Nao podia, no entanto, deixar que todos os homens partissem, porque entao os reacionarios tomariam conta de Natal.

Viu Macedo pela madrugada seguir a frente de uma coluna. Aquele homem grande e conversador, de vozeirao escandaloso e vaidade facil, era em verdade, um menino. Corajoso e leal, forte mao que nao traia, coracao apaixonado e punho rude. Abracou-o e recebeu comovido a recomendacao do outro:

-- Se cuide, Nenen...

Valverde ficara a seu lado e Quirino crescia na sua admiracao. Politicamente era fraco e fora responsavel por muita coisa acontecida. Mas mantinha-se ali, disposto a tudo, a morte nao lhe importava. A madrugada do quarto dia raiava sobre Natal, os homens tomavam o caminho da caatinga onde dominavam Lucas Arvoredo e o beato Estevao. Iam como guerrilheiros, outros como fugitivos. Juvencio olhava-os ate que se perdiam ao longe e, ao aspirar o ar da madrugada, recordava-se das manhas da fazenda quando partiam para lavrar a terra, aquela terra que era dos coroneis e que ele desejava que fosse dos camponeses. Por isso se levantara com seu regimento. Agora iam comecar tempos duros, mas o sertao continuava e algum dia os demais pensariam como o cabo Juvencio...

14

O ultimo dia decorreu devagar, os homens saindo pela porta da frente do quartel, ja nao precisavam pular os muros para fugir. Juvencio via-os partir. Nao eram mais boatos, eram noticias verdadeiras. Os soldados do 22.o B. C. da Paraiba, aproximavam-se da cidade. Os fuzis revolucionarios haviam silenciado em Recife. Os soldados partiam, alguns vinham se despedir dele:

-- Ate outra, cabo... Conte comigo...

Nao tinha febre, apenas cansaco, um cansaco terrivel, nao havia parte de seu corpo que nao doesse. A Junta governamental transferira-se para o Quartel. Os dirigentes mantiveram longa conferencia com Juvencio e Quirino e decidiram abandonar a cidade antes da chegada dos soldados. Valverde queria ficar com ele, mas Juvencio obrigou-o a partir. Quirino tinha um ar de parente de defunto ao abraça-lo.

Tinham proposto leva-lo mas ele recusara. Nao podia andar dois quilometros, so iria servir de empecilho aos demais. Mentira:

-- Eu me arranjo... Tenho onde me esconder...

No fim da tarde o preto Ricardo veio se despedir:

-- Cabo, oce vai ficar?

-- Vou...

-- Fico com oce...

-- Praque, Ricardo? Eu vou ficar porque alguem tem de ficar. Fico eu que tou baleado, eles nao vao fazer malvadez com um homem quase morto. E sou responsavel, fui um dos chefes. Se eles pegarem voce viram pelo avesso... Va embora enquanto e tempo...

Ouviram o longinquo ruido da marcha dos soldados do 22.o no rumo da cidade. Ricardo ainda teimou:

-- E bom eu ficar com oce...

-- Tu e soldado, eu sou cabo... Alem disso ainda sou o sub-comandante. E dou uma ordem: va

embora.

O soldado Ricardo, negro alto e feio, deu um passo para a frente, perfilou-se, fez a continencia. Saiu marchando como se fosse para um combate. Juvencio acompanhou-o com os olhos, viu-o desaparecer na esquina.

Ficou sozinho no quartel. Na cidade padres e politicos se movimentavam para receber o 22.o B. C. com festas e flores. Os passos estavam mais proximos, agora soavam sobre os paralelepipedos da rua. Restava-lhe ainda alguma coisa que fazer. Desceu a bandeira vermelha do mastro onde ela tremulara quatro dias sobre a cidade de Natal. Meteu-a sob o dolma, saiu do quartel. Juvencio ia num passo vagaroso, as feridas impediam-lhe de andar mais depressa, a cabeça doendo, um cansaco em cada musculo e em cada nervo, um cansaco que nao lhe permitia pensar. Para onde podia ir? Nao tinha uma casa que lhe servisse de esconderijo. Para o mato, so se quisesse morrer mais depressa. Tinha dinheiro no bolso, muito dinheiro, nunca vira tanto. Nao lhe servia de nada naquele momento. Fez um esforco para recordar um lugar onde guarda-lo. "Servira ao Partido algum dia". Andou para casa. Desde a vespera pela manha nao via Lurdes. A tarde caia sobre os suburbios silenciosos. Os passos dos soldados estavam proximos, nao tardariam a penetrar no quartel deserto. Nao encontrariam a bandeira para arrancar do mastro. Sorriu.

Entrou em casa, havia um sofa na sala, umas cadeiras pequenas e incomodas. Lurdes estava sentada no sofa, a barriga subia-lhe pelo peito... Quis se levantar, ele fez um sinal para que ela ficasse ali mesmo. Arrancou as botinas, nao teve forcas para tirar as meias. Estendeu os pes sobre o braco do sofa, colocou a cabeça no colo da mulher. Vinha dela um calor, uma paz, um descanso, e no seu ventre uma crianca se preparava para nascer. Juvencio fechou os olhos. Agora nao pensava em nada, sentia apenas aquele calor vindo da esposa, e parecia que tudo havia terminado, que aquela paz e aquele sossego eram para todo o sempre. Lurdes passou as maos no cabelo chamuscado, ele sorriu levemente. As sombras do crepusculo desceram sobre a sala.

Epilogo

**

A Colheita

Tonho

1

-- Varda! Que bel toso e Tonho... -- disse a italianinha no seu dialeto dos camponeses de Veneza. E a velha vizinha concordou:

-- Bel giovanoto, si...

Tonho passava pela estrada, em caminho da cidade, e talvez houvesse exagero nas palavras elogiosas da moca italo-paulista que ja acostumara os olhos na visao dos mulatos e caboclos nordestinos. O frio crestara os cabelos rebeldes do menino sertanejo e lhes dera um tom alourado. O organismo que resistira a viagem atraves da caatinga, a fome e a sede, a disenteria no S. Francisco, que se formara em meio a todas as enfermidades dos imigrantes em Pirapora, imunizando-se ao contacto com elas, crescera forte, assentado nessas raizes de uma primeira infancia de tanto sofrimento. Como uma planta ressecada pelo sol que floresce e se alteia com as chuvas do inverno, assim ele cresceu no campo paulista. Sua infancia terminara com a viagem de trem, naquele vagao de imigrantes vindo de Pirapora. Na estacao, sua tia Marta ficara dando adeus e nunca mais voltaram a saber dela. Tonho pensava nela de quando em vez, ao olhar as mocas mais bonitas da regio, as caboclas nascidas dos sertanejos, as italianas de face rosada. A recordacao que lhe ficara da tia era a de uma beleza surpreendente e se bem jamais pronunciassem em casa seu nome amaldicoado, Tonho a tivera na memoria durante muitos anos. E essa lembranca renovouse, floriu em recordacoes que ja iam se apagando, quando, tres anos apos a chegada na grande fazenda de cafe, onde eram trabalhadores assalariados, seu avo Jeronimo

morreu botando sangue pela boca. Jeronimo, nos anos de Sao Paulo, era uma sombra do sertanejo que partira certa madrugada de suas terras tomadas pelo novo fazendeiro. A tísica ia-lhe comendo as forcas e as carnes. No ultimo ano quase nao podia mais trabalhar na colheita do cafe e foi uma sorte que Agostinho chegasse naquele inverno em companhia de Gertrudes e de dois filhos, tocados pela fome que grassava no sertao. Joao Pedro envelhecera tambem. Na noite da chegada de Agostinho ficaram em torno ao fogo, encolhidos de frio, aquele frio que tanto os fazia sofrer. O que chegara desfilava noticias, foi entao que souberam da prisao de Nenen e da morte de Jao. Jeronimo ouvia deitado, a tosse persistente interrompendo, a cada instante, as palavras do filho. So teve um comentario para aquilo tudo:

-- Quem me dera poder voltar...

Morreu poucos dias depois e, mais que a chegada de Agostinho, foi a agonia do velho --

prolongou-se por toda uma terrivel noite de frio, quando a geada caia sobre as plantacoes -- que trouxe a lembranca da tia para junto de Tonho, pois Jeronimo, cuja boca jamais se abria para dizer o nome da filha, agora, na hora extrema da morte, parecia nao conhecer outra palavra e chamava por ela, baixinho:

-- Marta... Marta...

Jucundina, sentada ao lado do catre, chorava, e Tonho percebia que ela misturava na sua dor as duas saudades: do marido que se finava e da filha que estava em terras distantes nas ruas de mulheres perdidas. Relembrou entao, naquela noite de agonia, o rosto belo e terno de Marta, sua silenciosa bondade, seu devotamento a familia. Via-a nos bracos do medico, comprando com seu corpo o atestado de saude para o pai tuberculoso. Era como um drama a que ele assistira no teatro da cidade uma vez que fora com Joao Pedro. So que no teatro era de mentira e ainda assim as mulheres choravam.

Com eles havia sido de verdade e nenhuma notícia Agostinho trouxera de Marta. Jucundina arrastara o filho para um canto, na noite da chegada, quando Jeronimo adormecera e perguntara:

-- Tu soube de Marta?

-- Num sube nada... Num ta por Pirapora... Dizque viajou faz tempo... E acrescentou:

-- Vosmece sabe que muie dama num tem pouso certo... E que nem urubu voando pra onde tem carnica...

Naquela outra noite, quando se reuniram no quarto onde estava o velho doente para ve-lo partir, Tonho recolhia as palavras que o avo murmurava no estertor da morte:

-- Deus te abencoe, minha filha...

Deitava a bencao em Marta, talvez ele a estivesse vendo e ela naquele momento, quem sabe?, pensaria nele e lhe pediria a bencao antes de deitar-se, o corpo cansado do seu comercio, o coracao cansado tambem.

Botou uma golfada de sangue que misturou-se ao nome de Marta pronunciado com uma voz rouca por todos ouvida. O enterro foi concorrido, vieram os trabalhadores da fazenda, colonos vizinhos, italianos em sua maioria. Os caboclos falavam do sertao, recordavam cenas da viagem que cada um fizera para Sao Paulo. Tonho pensava em Marta, sua tia.

Era a lembranca mais profunda da sua infancia que terminara com a viagem de trem. Ali, em Sao Paulo, ia para o trabalho com o avo e Joao Pedro. Frequentou uns meses a escola, o suficiente para aprender a ler e a escrever. Mas, depois ja rapaz, voltou a queimar as pestanas sobre a cartilha, tinha desejos de saber mais.

Poucos fatos importantes lhe haviam sucedido, além da chegada da Agostinho e da morte de Jerônimo, no decorrer daqueles anos. O mais significativo de todos foi a viagem que fez ao Rio de Janeiro, em companhia de Jucundina, pra visitar seu tio Nenen, preso na Ilha Grande. Juvencio viera, com outros condenados políticos, de Fernando de Noronha. Na Ilha Grande estudava. Para ele a prisão foi a universidade. Os nove anos que levou de cadeia em cadeia, em Natal, no Recife, na Correção e na Detenção no Rio de Janeiro, em Fernando de Noronha e, por fim, na Ilha Grande, foram de aprendizado. Os companheiros mais esclarecidos ajudavam-no. Leu, finalmente, aqueles livros que cobicava nos dias anteriores a revolução de 35. Em Engels aprendeu que a "liberdade e o conhecimento da necessidade" e pensou que o sertão estava aprendendo, com sangue e dor. Tanto falava no sertão, nos camponeses explorados, que até faziam pilherias com ele. Mas, tanto eles como os de fora, os que lutavam na ilegalidade, sabiam que deviam cultivar no moco sertanejo o interesse pelo problema do campo. E lhe enviavam todos os materiais, livros e folhetos que tratavam da questão camponesa. Ele os devorava nos dias longos da prisão.

Jucundina, ao saber que o filho mais querido estava relativamente perto e que as visitas eram permitidas, não descansou enquanto não pode vê-lo. Juntou dinheiro, moeda por moeda, para as passagens. Informou-se sobre o Rio, a polícia, como ir a Ilha Grande. E um dia embarcou, levando Tonho que já estava um rapazola.

Quase não viram a cidade do Rio. Jucundina meteu-se num hotel barato nas proximidades da estação e passou o dia seguinte na polícia, enviada de um canto para outro pelos investigadores que se divertiam com ela. Só no fim da tarde, quando se cansaram de enganá-la, fazer-lhe perguntas tolas e rir dela, deram-lhe a ordem para visitar o filho. No hotel lhe ensinaram que trem devia tomar, o preço da passagem do naviozinho. Tinham que esperar dois dias mas quase não saíram, o movimento da cidade amedrontava

Jucundina e Tonho espiava da janela do quarto os automoveis e os bondes, o carro da Assistencia com sua ruidosa campainha.

O trem ia cheio de familias de presos, Jucundina foi pedir uma informacao, logo lhe perguntaram quem era e o que ia fazer na Ilha Grande.

-- Vou visitar meu filho que ta preso la...

Como nunca a tinham visto naqueles dez meses em que faziam semanalmente a viagem, imaginaram que fosse a mae de algum preso comum. Perguntaram-lhe:

-- Ele esta preso por que?

-- Era cabo em Natal, brigou numa revolucao... Condenaro ele, dizque foi um crime muito feio... Mas eu cunheco meu filho, num sei dele se meter em coisa ruim... Num credito... Aquelas mesmas coisas dissera na vespera na policia e tinham rido dela, tinham-lhe dito que Nenen jamais seria solto. "Ele e comunista, pior que assassino e ladrao." Mas ela nao acreditava e agora aquela boa gente que ia no trem dizia-lhe que ela tinha razao, ele nada fizera de mau.

-- Como e o nome dele?

-- Juvencio... A gente chama ele de Nenen...

-- Juvencio?

E entao foi um entusiasmo. Havia pessoas que ate o nome dela conheciam sem que ela o houvesse dito. Eram todos amigos de seu filho, o coracao da velha encheu-se de orgulho. Tonho, com suas calcas no meio das canelas, e espantoso chapau vermelho, espiava sorridente e tambem ele, foi alvo de palavras amigas e de apertos de mao quando souberam que era sobrinho de Juvencio. O resto da viagem a velha passou narrando as peripecias da travessia pelo

sertao, quando lhes tomaram as terras que trabalhavam. Em redor ouviam espantados e ate um gaúcho, guarda do Presidio, na Ilha, sentiu-se comover com aquela narraçao sem adjetivos e sem lagrimas.

2

A imagem do tio Nenen juntara-se a de Marta na sua memoria. Via-o na ilha, um livro sob o braco, andando com Jucundina pela praia. Ficava com ela todo o dia, ouvindo as historias que a velha contava, enxugando as lagrimas que ela deixava rolar, lagrimas de alegria de rever o filho e lagrimas de saudade dos que haviam morrido ou sumido, como Marta.

Juvencio estava diferente e nao a esperava. Tambem Jucundina parecia outra, o cabelo totalmente branco, os olhos bacos, o rosto cheio de rugas. Maria Barata, quando a camioneta chegou, dissera a velha:

-- Espere aqui que eu quero dar a noticia...

E explicara a Agildo:

-- E a mae de Juvencio...

O capitao condenado ficara conversando com ela enquanto Maria ia em busca do cabo. Encontrou-o lendo:

-- Tenho um presente pra voce...

-- Cigarro ou doce?

-- Venha comigo...

Ficou emocionada com o encontro. Via a velha apalpando os bracos e as pernas do filho, o seu grito de alegria ao constatar que ele nao estava aleijado como lhe haviam dito. E o proprio capitao que tinha

fama de nunca ter sentido medo, de ser bravo ate o exagero, afastou-se porque seus olhos ardiam e nao gostava de chorar...

Passaram quatro dias na ilha, quatro dias durante os quais Jucundina so deixava Juvencio quando chegava a hora dele transpor as grades do edificio e recolher-se ao cubiculo. Tonho conversava com um e com outro, falavam-lhe coisas estranhas e sedutoras. Foram dias cheios, para Tonho era a revelacao de um mundo. Aqueles prisioneiros em nada se pareciam com os que cumpriam pena na cadeia da cidade paulista, proxima a fazenda onde eles trabalhavam. Eram homens alegres e confiantes, tinham a face voltada para o futuro. Tonho gostaria de ficar ali, entre eles, e aprender com o tio e com os demais aquelas coisas que eles sabiam. Uma, principalmente, gravava-se em sua cabeça: "a terra pertence aqueles que a trabalham". Porque o diziam, eles estavam presos. Mas valia a pena. Tonho tambem nao se importaria se fosse preso por aquele crime.

Quando regressou, Jucundina desfeita em lagrimas, so falava no tio e nos seus amigos, companheiros de prisao. Nao haviam deixado que a velha e ele voltassem para o hotel, a espera do trem para Sao Paulo. Parentes de um dos presos os levaram consigo, para sua casa, nao permitiram que embarcassem na manha seguinte, passearam com eles pelo Rio de Janeiro. E foram coloca-los de automovel, na estacao, no trem noturno. A moca, ao apertar a mao de Tonho, disse-lhe:

-- Ate outra vez comunista...

Ele riu:

-- Um dia vou ser...

Jucundina mandava abraços para o filho:

-- De um abraço nele, bem apertado...

Os amigos prometiam, ela chorava ante tanta bondade. E não sentia mais aquela pena do filho condenado, tirando sentença. Agora o seu sentimento era de orgulho. Seu filho não era um criminoso, seus amigos uma gente direita. Enquanto o trem corria, eles recordavam os dias na ilha. Quando Tonho chegou na fazenda, de volta, tinha muito o que contar. E pelas noites, quando o frio descia, e ele se deitava, ficava vendo, de olhos fechados ora a tia Marta acenando a estação, ora o tio Nenen falando na Ilha Grande aquelas coisas que ele repetia para não esquecer jamais.

3

Um dia, sob a pressão dos acontecimentos nacionais e internacionais, veio a anistia. O Partido, numa semi-ilegalidade, realizou um Pleno Ampliado ao qual o ex-cabo Juvencio esteve presente. Depois foi visitar os parentes em São Paulo. O Partido alcançava a legalidade, os primeiros Comites Municipais iam sendo fundados.

Ao voltar da fazenda onde estivera uma semana com os seus, Juvencio encontrou, na cidade próxima, um velho amigo. Tonho o acompanhara, e iam os dois pelas ruas quando o cabo gritou:

-- Ze Tavares!

O cabelo do sertanejo começava a pratear mas era o mesmo rosto enxuto e sorridente. Sentaram-se num café a conversa se prolongou por toda a tarde. Ze Tavares, andara fugido pelo interior de São Paulo, desde que fora solto a última vez. Agora estava ali levantando o Comite Municipal. Vivera pelo interior e seu desejo era trabalhar com os camponeses. Repetia as palavras de Prestes sobre a questão camponesa no primeiro grande comício:

-- Nos que somos do sertão e que sentimos isso de verdade...

Juvencio disse a Tonho:

-- Foi esse mulato quem me botou no Partido...

E para Ze Tavares:

-- Agora tome conta do sobrinho... Esses -- batia no ombro de Tonho -- e que vao levantar o campo.

Pensavam ambos no sertao distante. Ze Tavares falou:

-- Agora vai se acabar os cangaceiros e os beatos... Vai ser a nossa vez... Levantaram-se, Juvencio deixou umas moedas na mesa. O sol era leve, quase caricioso, diferente daquele sol de fogo do Nordeste. Ze Tavares ia contando um caso para mostrar como os camponeses comecavam a compreender e Juvencio repetia mentalmente as palavras lidas em Engels. A voz de Ze

Tavares ainda conservava aquela moleza cantante da caatinga:

-- O campones era meu amigo, me conhecia de muito tempo. Quando soube que eu tava em Rio Preto, fundando a sede legal do Partido, veio me ver. "Seu Tavares, me diga vosmece que sabe, o que e

esse tal de comunismo..." Expliquei, falei no problema do campo, da terra para os trabalhadores, expliquei, troquei em miudo. Ele escutando. Quando acabei ele disse: "Seu Tavares, esse tal de comunismo me arrecorda assombracao." Quis saber por que. "Num ve o senhor que aparece uma luz na estrada e vao dizer pra gente que nao chegue perto, que aquilo e assombracao que mata a gente so de espiar. Mas tanto falam que a gente fica se roendo de vontade de ir espiar. Um dia nao arrisiste, vai, chega la e ve que e o pai da gente..."

Juvencio riu, entraram na pequena sala. Na rua uma tabuleta recém-pintada anunciava aos olhos curiosos dos passantes:

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Comite Municipal

Operarios e homens do povo trabalhavam e conversavam na sede. Tonho reencontrou aquele mesmo ambiente e aquelas mesmas conversas da Ilha Grande. Sorria o mais amplo sorriso dos seus dezenove anos. Ze Tavares aproximava-se com um ficha:

-- Sabe ler e escrever?

-- Sei...

-- Entao encha sua ficha de inscricao... E vamos depois conversar sobre como trabalhar em sua fazenda... Sabe o que e uma celula?

-- Nao, senhor...

Sairam para levar Juvencio a estacao:

-- Creio que o pessoal vai me mandar para o sertao, Ze.

-- Tinha vontade de ir tambem.

-- Voce ja esta ambientado aqui... Mas eu, apesar de tudo, e como se nao tivesse saido de la... Vou ficar contente se me mandarem...

Abracavam-se, o apito do trem cobria as vozes:

-- O menino fica com voce... Esta em boas maos...

-- Deixe ele comigo...

Apertou Tonho contra o peito:

-- Ate outra vez, companheiro... Seja um bom comunista...

Vontade de poder escrever uma carta contando a tia Marta tudo aquilo, toda aquela alegria em torno. Mas onde estaria ela, em que lugar do mundo, chorando que lagrimas? Tonho sai da estacao, vai respondendo as perguntas de Ze Tavares.

-- Quanto ganha um trabalhador por dia na fazenda?

O apito do trem na estacao, onde andara Marta nesse mundo tao grande? Quem dera que o tio Juvencio a encontrasse e lhe dissesse que Jeronimo a perdoara na hora da morte e que ela podia vir, Jucundina e Joao Pedro estavam de boa saude, Agostinho e Gertrudes ja tinham dois filhos, e ele, Tonho, ingressara no Partido Comunista para lutar contra o sofrimento e a fome.

4

Alguns meses depois, o camarada Vitor, secretario nacional de organizacao mandou chamar Juvencio. O ex-cabo ficara mesmo no Rio, trabalhando para o Partido. Vitor acabara de chegar de Sao Paulo, andara pelo interior. Vinha entusiasmado com um ativo de camponeses:

-- Cada campones que faz gosto. Vieram de oitenta municipios ... Conscientes e capazes... Te digo que uns dez a quinze dirigentes sairao dos cem homens que reunimos no ativo... Bateu no ombro de Juvencio:

-- E um deles e teu sobrinho... O menino vai longe... Tome cuidado, se nao ele lhe passa a perna...

Depois entrou no assunto. Juvencio esperava com ansiedade aquela resolucao.

-- O trabalho é difícil mas você conhece bem o sertão. Tem o exemplo do que estamos fazendo em São Paulo. Ligações camponesas, células de fazendas, levantar as reivindicações... Juvêncio contou-lhe o caso acontecido com Ze Tavares e os camponeses. Vitor deixou de sorrir para dizer:

-- Ele tem razão. Os beatos e os cangaceiros acabaram no dia em que os sertanejos tiveram consciência política. E trabalho teu...

Voltou a ser o camarada brincalhão:

-- Toma vergonha se não seu sobrinho te passa, boa vida...

5

Certa noite escura, Militão andava pelo caminho da fazenda, vinha do arraial. Pareceu-lhe ouvir passos na estrada e pos-se de sobreaviso. O homem andava apressado e passou a seu lado. Onde já havia visto aquela cara? O caminhante voltou-se, também ele reconheceu Militão. Olharam-se por um segundo, a luz do fogo que o trabalhador levava:

-- Nenen!

-- Militão...

Militão estava casado e quatro filhos enchiam a pequena casa de barro batido. Juvêncio aspirava o ar da noite sertaneja, profunda e densa. Filhinha não o reconheceu. Era menina quando o cabo partira em busca do bando de Lucas Arvoredo. Quiseram saber notícias de todos, mais uma vez lhe narraram aqueles acontecimentos de anos atrás quando o doutor Aureliano vendera a fazenda e o novo proprietário exigira a entrega das terras dos colonos e meeiros. Será que Juvêncio sabia alguma coisa de Bastião, o tocador de harmonica?

Filhinha comentou:

-- Deve ter morrido, ja era bem velho...

A frase de Militao era um lamento:

-- Tocador tao bom nunca mais apareceu...

E de Gregorio, tinha alguma noticia? Mas Juvencio queria saber era de Militao e dos demais que permaneciam na fazenda. Quanto ganhavam por dia, atualmente? Havia colonos? Meeiros? Continuavam obrigados a comprar no armazem?

Depois pediu que ele reunisse, naquela mesma noite, todos os trabalhadores que pudesse. Ali em sua casa, sem que o capataz soubesse. Partiria manhazinha e antes queria conversar com os homens. Tinha muito que lhes dizer, ia ensinar-lhes como mudar aquela vida que levavam, tao desgracada. Militao fitava-o, se nao fossem aqueles olhos de crianca travessa ele nao reconheceria no homem que falava explicado, sabendo tanta coisa, o moco que um dia fugira de casa e do qual apenas vagas noticias haviam chegado a fazenda. Militao perguntou, com respeito, antes de sair para chamar os outros:

-- Tu aprendeu isso tudo na capital? Tu nao perdeu tempo e o que tu diz e cuma luz que alumia, abre um clarao nos olhos da gente que tava no escuro...

Os homens vieram, reuniram-se na sala, Juvencio falou. Eles ouviam num silencio apenas interrompido por. uma ou outra exclamacao:

-- E isso mesmo...

-- Ta dizendo a pura verdade...

E pela madrugada, quando as sombras ainda envolviam os campos umidos de orvalho, e no ar se elevava aquele cheiro poderoso de terra, Nenen partiu para a caatinga pelo mesmo caminho seguido um dia por Jeronimo e sua familia. Os brotos de dor e de revolta

creciam naquela seara vermelha de sangue e fome, era chegado o tempo da colheita.

Pegi de Oxossi (Estado do Rio), junho de 1946.